

ANDRESSA RAQUEL

como ganhar seu
CORACÃO?

Família Brown - livro 2



EDITORA ANGEL



ANDRESSA RAQUEL

como ganhar seu
CORACÃO?

Família Brown - livro 2



Copyright © 2018 Andressa Raquel

Copyright © 2018 Editora Angel

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte dessa obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma, meios eletrônico ou mecânico sem a permissão por escrito do Autor e/ou Editor.

(Lei 9.610 de 19/02/1998.)

1ª Edição

Produção Editorial: Editora Angel

Capa e projeto Gráfico: Débora Santos

Diagramação digital: Débora Santos

Revisão: Isie Fernandes

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Sumário:

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Capítulo 54](#)

[Capítulo 55](#)

[Capítulo 56](#)

[Capítulo 57](#)

[Agradecimientos](#)

[Biografia](#)

[Editora Angel](#)

À minha tia Alcina e às minhas amigas Melissa e Bruna Fabris.

Capítulo 1

LUIS BROWN

Dizem que o vício começa aos poucos, como uma maré se levantando lentamente com a aproximação da lua, e quando menos imaginamos, estamos totalmente submersos pelo pelas águas do vício. Não sei dizer o momento exato em que meu gosto pelas apostas começou, só sei que agora é tarde demais para voltar atrás. E de certa maneira não quero olhar para trás. Gosto da sensação que cada jogo me dá, aquela vibração no pé do estômago quando estamos próximos da vitória é prazerosa, aquele pequeno sudor que surge de repente quando o medo de perder grita mais alto e finalmente o prazer extremo ao conseguir a almejada vitória.

E foi exatamente isso o que aconteceu comigo, quando eu menos esperava, estava me afogando nas minhas próprias decisões. Aos poucos as apostas com Theo não estavam sendo suficientes para alimentar meu vício, até que encontrei um lugar onde poderia jogar quanto quisesse, sem nenhuma interrupção.

O Club ficava em um lugar afastado da cidade e poucas pessoas sabiam que ele existia, aliás, a casa de festa que havia no térreo disfarçava o que rolava nos dois andares acima.



Apotei a minhas últimas notas, coloquei tudo sobre a mesa de bilhar e fiquei observando os integrantes da Alfa se entreolharem e logo um sorriso se alargou nos rostos deles, me fazendo arrepender de ter apostado um valor tão alto.

Bebi um gole da minha cerveja e tentei ignorar a mulher sentada na mesa tentando me desconcentrar com algumas frases obscenas no meu ouvido.

— É uma aposta alta, Brown — disse Edmund, arrumando as bolas para o início do jogo.

— Pensei que gostasse de dinheiro, Edmund — falei alisando a coxa da minha acompanhante dessa noite.

— Ah, sim, eu gosto. Principalmente de dinheiro fácil como o seu — disse ele com sorriso vitorioso nos lábios.

— Posso ganhar essa — eu disse, tirando a mulher da mesa e beijando

rapidamente seus lábios. — Estou me sentindo com sorte.

— Você disse isso nas últimas rodadas — disse Jack do outro lado da sala, sentando no sofá com uma mulher no seu colo.

— Vamos mesmo ficar conversando? Quero jogar e ganhar — eu disse, tomando o último gole da minha cerveja.

— Essa será mais fácil que as outras rodadas — disse Edmund, já batendo nas primeiras bolas.



Edmund pegou com orgulho as notas e me deu leves tapas nas costas. Joguei o taco sobre a mesa e peguei minha bebida.

— Não estou nem aí — eu disse, sentando no sofá ao lado do Jack.

— Vá para casa, Brown, pare, descanse e amanhã vamos à pista.

— Uma coisa eu sei que posso ganhar com vocês.

— Nem sempre — disse Allan, colocando o cigarro na boca.

— Não quero ir para casa.

— Não tem dinheiro para apostar, você não fuma, apenas bebe e aproveita das meninas. Diga-me, irá pegar a Paola novamente? — perguntou Allan.

— Ele sempre está conversando com ela, a garota arrumou um amiguinho — Jack disse, jogando o cigarro no chão.

— Outro Brown foi fígado — Allan disse com um sorriso amarelado. — A loira do seu irmão parece apetitosa... Nossa! Ela deve ser quente como o inverno.

Tive que desviar o olhar antes que me esquecesse de que ele era dono e líder desse lugar e quebrasse a cara dele. Fechei os olhos e contei mentalmente tomando um gole da minha cerveja tentando ignorá-lo ao falar da mulher do meu irmão.

— Se gostasse de loira, a pegaria com vontade — disse, jogando a fumaça do cigarro na boca de uma morena que estava se esfregando no seu colo. — Adoro uma boa morena com a pele branquinha.

— Vou indo, até amanhã na pista. — Levantei-me, acenei para eles e segui até a saída morrendo de vontade de me afastar dele com esse papo.

Desci as escadas que levavam aos Alfes e entrei no Club me desviando entre as pessoas que estavam no local. De longe, avistei Paola debruçada sobre uma das mesas inalando um pó branco.

Droga... Literalmente.

Essa garota queria me matar de tanta raiva.

Aproximei-me dela, que estava com a cabeça deitada na mesa, a puxei

pelo braço e a fiz se levantar.

— Ai, bonito... me... deixa... em paz — disse ela, tentando se afastar.

Apertei minha mão em torno do seu braço e a puxei para fora daquele lugar, sem me importar com seus protestos. Empurrei-a para que entrasse no carro, coloquei seu cinto e dei a volta. Depois que entrei, coloquei meu próprio cinto, peguei um lenço que estava no carro e limpei seu nariz.

— Que merda, Paola! Sou muito jovem para ser pai, e tenho que tirar você dessa zona todo os dias.

— Não quero que seja meu pai, já tive um, obrigada.

— Ele não pode ser chamado de pai, e você já está bem grandinha pra ficar vivendo no passando.

— Falou o cara que nem sei o nome.

— Você nunca está limpa o suficiente pra isso. E esse cara é o único que se importa de verdade com você.

— Você é um idiota por me ajudar.

— Penso sempre a mesma coisa. Fazer o quê? Sou um cara idiota, mandão, bipolar e cafajeste.

— Obrigada por me ajudar, bonito — disse, encostando a testa na janela.

— Vamos para casa, maluca.



Verifiquei se ela estava dormindo e fechei a porta do seu quarto. Respirei aliviado por ela estar em segurança, drogada, porém viva.

Entreí no meu quarto, tirei minha roupa enquanto seguia em direção ao banheiro e logo entreí no boxe para tomar uma ducha gelada.

Paola Bittencourt não era uma garota fácil de lidar. Porém ninguém era. Minha vontade de ajudá-la sempre foi maior que outros sentimentos, não importava o que pensassem. Ela era como uma irmã rebelde de quem eu tinha a necessidade de cuidar. Tirei-a do chiqueiro em que morava com a mãe viciada que a agredia fortemente. Ela não precisava viver aquela vida, não precisava sofrer tudo aquilo, assim, tão nova. Prometi cuidar dela e até hoje nunca quebrei uma promessa, e quem ousasse tocar nela se arrependeria.

Fechei o registro e encostei a cabeça no azulejo azulado do banheiro, ainda sentindo meus músculos contraídos e tensos.

Um sorriso surgiu nos meus lábios quando me lembrei de que amanhã veria minha doce e maravilhosa princesa.

O único motivo de eu ainda estar na faculdade era ela. A diaba com longos cabelos negros que me enfeitiçou como uma bruxa.

Ah! E eu adorei ter sido enfeitiçado por ela.

Não havia como definir Melissa Crawford, ela era uma mistura inimaginável, nenhuma combinação seria capaz de defini-la. Princesa, diaba e bruxa eram apenas minhas descobertas. Não duvidava que, por debaixo daqueles longos cabelos negros, ela escondesse algo mais. E eu teria o prazer, muito prazer, em descobrir cada qualidade ou defeito da minha doce e maravilhosa princesa.

Enrolei uma toalha na minha cintura e peguei outra para que pudesse secar meus cabelos. Entrei no meu closet, vesti uma cueca boxer e logo pulei na cama, ansiando por ter meus sonhos consumidos pela minha doce e maravilhosa Melissa Crawford.

Capítulo 2

MELISSA CRAWFORD

Abracei minha bolsa na frente do meu corpo, juntamente com alguns livros, e segurei firme a barra de ferro para que eu não caísse. Odeio essa parte da rotina, odeio me sentir uma sardinha aqui dentro, odeio as mãos bobas e, principalmente, odeio o cheiro de final do expediente dos funcionários da fábrica de alumínio.

Depois de quase meia hora, finalmente saí do metrô, arrumei minha roupa amassada, passei a mão em meus cabelos desgrehados, apertei os livros contra meu peito e segui para a faculdade.

A pequena caminhada até o campus levou menos de quinze minutos. Verifiquei novamente as horas no meu celular, eu tinha menos de cinco minutos para entrar na sala. Correr até lá nessa neve seria tolice, e se não corresse, não tinha dúvidas de que o professor me daria uma advertência. Então parei de pensar e corri até o prédio de Direito, e acabei esbarrando em alguém.

— Ops... — bufei quando meus olhos se fixaram em Luis, com seu sorriso debochado de sempre.

— Calma aí, princesa, ainda não é meia-noite. Por que essa presa toda?

— Você é muito engraçado. Por que não faz faculdade Circense em vez de Direito?

— Porque provavelmente perderia toda a graça, não tê-la por perto — disse, afastando alguns fios do meu cabelo.

O toque das suas mãos me fez brevemente fechar os olhos aproveitando ao máximo a sensação que seu toque me proporcionava, uma sensação tão boa que atravessava meu corpo. Quando abri meus olhos e os fixei em seu rosto, o vi abrir um sorriso admirável.

Prometi a mim mesma que nunca me deixaria levar por esse sentimento, que me daria o valor que ele nunca deu, que esqueceria seus beijos, seu sorriso, seu rosto e, principalmente, o tom da sua voz.

E esse era o único problema. Sua voz, o delirante e excitante som da sua voz me conquistou desde o início e ouvi-lo me fazia esquecer de que qualquer coisa.

— Você tá bem? — perguntou, me fazendo sair dos meus pensamentos.

— Estou.

— Não parecia.

— Olha, adoraria manter nosso diálogo amigável, mas estava indo estudar antes de você me atrapalhar — falei arrumando minha bolsa e me afastando dele.

— Até amanhã, princesa. — Mesmo sem olhar, eu podia jurar que ele está novamente com aquele sorrisinho.

Revirei os olhos e bufei novamente, ainda teria que ver esse palhaço na empresa. A única coisa que me fazia aturá-lo era Nathan, que graças a Deus era um homem bondoso e casado com Bruna. E agora que Austin nasceu, eu duvidava que Nathan aparecesse na empresa tão cedo, o que fazia de Luis o responsável por tudo.

— Segundo atraso essa semana, Srta. Crawford. Na próxima, melhor nem entrar — disse o professor assim que entrei na sala, me tirando dos meus pensamentos.

— Me desculpa, Sr. Liam, não vai se repetir.

— Assim espero.

Baixei minha cabeça e me sentei no primeiro lugar vago que achei.



Na hora do intervalo, sentei-me em lugar afastado de todas as mesas do refeitório e abri meu livro e meu caderno enquanto comia uma salada de frutas.

— Você não se cansa disso? — perguntou Vivian se sentando ao meu lado com seu lanche médio e batatas fritas.

— Canso — disse, soltando um suspiro cansado. — Entretanto, se não me esforçar nessa matéria, o Sr. Liam irá me reprovar, ele tá pegando pesado esse ano.

— Peça ajuda, alguém deve ser bom na matéria dele.

— Não tenho tempo de ter aulas fora da faculdade. Mal tenho tempo para respirar, imagine para estudar ou pagar aulas com um tutor. E a prova final? Ainda tem a prova final dele.

— O ano logo acabará, você não vai mais precisar se preocupar com ele.

— Não acredito que falta apenas mais um ano.

— Preciso das férias, urgente. Odeio o inverno, nunca tem festas interessantes.

— Já pensou em estudar um pouquinho?

— Não — respondeu me fazendo sorrir.

Peguei duas das suas batatas, fazendo com que ela brigasse comigo, e voltei a ler meu livro.



Prestei atenção em todas as aulas, e quando finalmente a última havia acabado, soltei um suspiro de alívio.

Comprei um sanduíche natural e sai rumo ao metrô novamente. A caminhonete do meu pai estava na oficina, o que me obrigava a usar o transporte público da cidade. Arrumei o meu cachecol e esperei que um carro passasse para que eu pudesse atravessar a rua.

O carro foi diminuindo a velocidade e parou na minha frente, quando o vidro do passageiro baixou, me mostrando o Luis.

— Entra, eu lhe dou uma carona.

— Não preci...

— Não pedi, Melissa. É quase meia-noite e andar de metrô a essa hora não é recomendado. Não lê os jornais?

— Não.

— Percebi... Vamos, entre. Tá muito frio aí fora, entre e eu te levo — falou calmamente.

— O que vai me garantir que você não vai me agarrar?

— Não confia em mim, princesa? — perguntou com a testa franzida.

— Quer que eu responda?

— Está me magoando, Melissa, meu coraçãozinho não vai suportar isso.

— Posso confirmar que seu coração é forte o suficiente — disse, abrindo a porta para entrar em seu carro.

Ele fechou o vidro do carro e logo se encurvou para o meu lado. Virei o rosto pensando que ele fosse me beijar, mas senti o grosso tecido do cinto passar pelo meu corpo e vi Luis me lançar um sorriso.

— Sua segurança em primeiro lugar — disse assim que voltou para seu lugar, colocando seu próprio cinto.

— Obrigada.

— Não vou fazer isso.

— O quê?

— Não vou te beijar, vou esperar você me beijar.

— Ainda bem que está sentado, assim não se cansa de esperar.

— Sou paciente, esperarei ansiosamente pelo gosto dos seus lábios — disse com um sorriso de lado, olhando para frente. — Algo me diz que valerá muito a pena esperar.

Eu não respondi, apenas abracei meus livros novamente e olhei para a paisagem durante o caminho da minha casa. Respirei fundo e tentei focar no que havia prometido a mim mesma: não me render aos encantos dele.

Só tinha um problema. Quem em pleno juízo gostaria de ficar longe dele?

Capítulo 3

LUIS BROWN

— Tá em casa, princesa, e o mais importante, em segurança — falei quebrando o silêncio, que durou todo o trajeto todo até sua casa.

— Obrigada, Dora — diz ela, abrindo um amplo sorriso.

— O quê?

— Você tá parecendo a Dora Aventureira, sabe? Do desenho. A menininha irritante com o um mapa e uma mochila.

— Não sou de assistir desenhos, e você também não devia, já tá muito grandinha.

— Não vejo o desenho.

— E posso saber o motivo de eu ser comparado a esse desenho? — perguntei cruzando os braços e a encarei.

— Bom..... Vocês dois são irritantes — ela disse colocando o cabelo atrás da orelha e sorriu.

— Deixa-me vê — disse e fiz uma expressão pensativa, ainda a encarando ela. — Nós dois somos famosos?

— Não, com certeza ela é mais famosa que você.

— Opa, minha popularidade tá sendo ultrapassada por uma menininha de mochila e com um mapa. Isso é terrível pra minha imagem na mídia.

— Você vai superar isso.

— Então?

— O quê?

— Não vai me dizer o motivo de eu ser comprado a um desenho?

— Até que ia — ela disse tirando o cinto e abrindo a porta. — Mas... decidir deixá-lo na curiosidade — disse com um sorriso lindo, antes de fechar a porta.

Ah, Diaba!

Olhei-a enquanto fechava o pequeno portão branco de madeira e se aproximava da varanda iluminada por uma luz fraca. Comecei a sorrir sozinho com a ousadia dela e toquei no meu queixo sentindo o toque áspero da minha barba. Segurei firme o volante e buzei duas vezes, apenas para o Alberto saber quem trouxe sua filha, e quando vi sua sombra aparecer através da janela, acelerei, antes que ele me mandasse aquele olhar fuzilador, e gargalhei alto.



Parei no acostamento quando escutei o meu celular tocar e vi que ela havia me mandado uma mensagem.

Diaba 00:57 AM

Meu pai ainda vai te matar.

Luis Brown 00:57 AM

Ele, no fundo, me ama, assim como você e sua mãe.

Diaba 00:58 AM

Você é um palhaço.

Luis Brown 00:58 AM

Sou o que você quiser, princesa.

Esperei sua resposta por um momento, e quando eu já estava pronto para ir embora, meu celular vibrou novamente. Foi quando um sorriso se formou em meus lábios, pensando que fosse ela, mas o sorriso desapareceu rapidamente quando percebi que não era.

Matthew 01:03 AM

Brown, sua garota tá chapada. Ela tá insistindo para os Alfas, quer mais drogas. Allan já está ficando impaciente.

Inferno!

Paola ainda ia me fazer ficar careca antes do tempo. Joguei o celular no banco do passageiro e pisei forte no acelerador.

Esperava que o Allan não a matasse, pois eu mesmo faria isso.



Cumprimentei Matthew, que estava ao portão, e entrei no local passando por todos e seguindo até os gritos histéricos da minha maluquinha. Suspirei fundo quando vi Allan a puxando pelo braço.

— Você é uma piranha atrevida — ele disse, a puxando para a área onde ficavam os quartos.

— ALLAN! Eu cuido dela.

Ele me olhou por um tempo e logo a jogou aos meus pés. Peguei-a no colo e logo ela afundou o rosto em meu peito, chorando baixinho.

— Não quero vê-la por aqui tão cedo, Brown. Não importa a idade dela, quero essa merdinha longe do meu Club.

— Não se preocupe, ela vai sumir por um tempo.

— Acho bom, senão eu mesmo sumirei com ela.

Não respondi, apenas abracei Paola no meu colo e a levei para fora daquele lugar. Pedi ajuda a Matthew e ele abriu a porta do meu carro para que eu a colocasse com cuidado.

— Valeu, Matthew.

— Fica tranquilo. Sabe o que deve fazer com ela, não sabe?

— Sei, internação em uma clínica.

— Bom, eu desistiria e a esquecia, porém seu plano parece melhor.

Ignorei seu comentário desmotivador e disse enquanto olhava para ela através da janela do meu carro:

— Não posso abandoná-la.

— Brown... — chamou ele ganhando minha atenção. — Ela tá aqui desde os 15, e desde esse tempo ela consome a droga do Allan. Você acha que é o primeiro a tentar ajudá-la?

— Você acha que ela tem alguma dívida com ele?

— Não ficaria surpreso se estivesse — disse ele dando os ombros.

— Tenta descobrir algo, eu pago a dívida dela. — Olhei para ela novamente por um tempo e a vi limpar o nariz com insistência, repetidas vezes.

Agradei novamente a Matthew e entrei no carro. Passei o cinto por ela, que logo virou o rosto para a janela me ignorando.

Liguei o carro e tratei de sair o mais rápido possível daquele lugar.

— Vamos, fale logo — disse ela com uma voz embriagada, enquanto secava as lágrimas.

— Falar o quê? — perguntei, olhando-a rapidamente.

— Diga que sou um nada, fraca e que sou uma viciada.

— Você é fraca e uma viciada, porém discordo que você seja um nada.

— Não vai brigar comigo? Me proibir de ir ao Club?

— Já disse que aquele lugar não é pra você. Se eu te proibir de ir lá, vai adiantar?

— Não.

— Pois tentarei mesmo assim. Allan não quer te ver, e você não vai provocá-lo.

— Ok, papai.

— Odeio quando me chama assim, nunca quis ser seu pai, mas parece que terei que assumir esse papel.

— Não quero que seja meu pai, não quero nada de você — bradou ela, irritada.

— Você não precisa querer, vamos começar pelo meu nome, você tem que saber.

— Já disse que não quero saber.

— Me diga o motivo de você ser assim Paola?

— Você vai se cansar, assim como os outros, e eu não quero odiar você, não quero saber seu nome ou qualquer coisa que possa me prender a você.

— Você não acha tarde demais? Você tá morando na minha casa.

— Não quero voltar pra casa da minha mãe — confessou ela, tristonha.

— Então pare de ser indecisa. De bipolar aqui já basta eu. Você não pode ficar sozinha, só tem 19 anos, e eu duvido que sua mãe sinta sua falta, então sugiro que aceite que eu sou a sua melhor opção.

Ela suspirou, fechou os olhos encostando a cabeça no banco e finalmente disse:

— Ok, pai.

— Ótimo. Quando eu tiver uma mulher e ela estiver grávida, vou torcer para que seja um menino, pois você já serve por umas sete filhas.

— Quer se meu pai? Agora aguenta.

— Vou ser, vamos começar por você fazer exames e começar um tratamento.

— Ah, não!

— Sem discussão, Paola, você vai e ponto.

— Tá interpretando o papel muito bem.

— Isso é só o começo. — Respirei fundo e completei: — Filha.

Capítulo 4

LUIS BROWN

Deixei Paola dormindo na sua cama e depois que tive certeza de que ela estava em segurança, eu deixei seu quarto. Entrei no meu quarto, tirei minha camiseta e me sentei na ponta da cama.

Não me imaginei assim, nunca me vi com tanta responsabilidade.

Eu não sou responsável.

Não para cuidar dela. Ela que provavelmente já viveu de tudo neste mundo. O que eu poderia fazer por ela?

Pai. Não imaginei me tornar um pai assim. Imaginei-me como Nathan, casado, feliz... E eu teria 9 meses de preparação. O problema é que não era o Nathan, e não tive 9 meses de preparação. O distinto simplesmente me mostrou o que eu deveria fazer. E farei.

Prometi que cuidaria dela e era exatamente o que eu pretendia fazer. Mesmo não estando preparado psicologicamente ou fisicamente.

Toquei na minha barba, apoie meus cotovelos nas pernas e logo cobri meu rosto com as minhas mãos.

Precisava cuidar dela. Antes, já estava focado em protegê-la como uma irmã, e agora como filha. Todo tipo de pensamento vinha à minha cabeça. Quando ela arrumasse um namorado...

Oh, droga! Não quero ser pai de uma menina.

Quando escutei a campainha tocar, olhei para o relógio digital ao lado da cama, que marcava 2h13 da madrugada. Levantei-me da cama reclamando do porquê de o porteiro não ter me avisado que tinha alguém subindo.

Segui para a porta, e quando olhei no olho mágico, não acreditei em quem vi parada na frente da minha porta com um casaco escuro. Abri a porta e lá estava minha mãe. Ela simplesmente jogou a bolsa para que eu a pegasse e me empurrou para o lado a fim de que pudesse entrar no apartamento.

— Seja rápido, estou com sono e cansada — disse, se sentando no meu sofá e me encarando.

— O quê? — perguntei confuso enquanto fechava a porta.

— Me diga por que de você precisa de mim.

— Eu preciso?

Ela me observou por um tempo e logo entendi. O radar Cloe nunca falhava, sempre estava ligado 24 horas.

Coloquei sua bolsa sobre a mesa de centro e me sentei ao seu lado, encarando a parede marrom.

— Anda, Luis, estou perdendo o meu sono da beleza.

Soltei um sorriso e logo recebi um tapa na nuca.

— Não ria, eu preciso me sentir jovial.

— Ai, mãe, isso doeu — disse tocando o local.

— Era essa a intenção. Agora fale de uma vez.

— Eu sou pai.

— Ai, caramba! Sabia que isso ia acontecer... Droga, Luis, quantas vezes falei pra você se proteger. Quem é a moça? Você a conhece, né? — Ela colocou as mãos na boca e me olhou surpresa. — Foi a Melissa?

— O quê? Não! Eu não engravidei ninguém, não que eu saiba.

— Então não estou entendendo. Como você vai ser pai se não...?

— Ela é tipo uma filha adotada.

— É uma menina? — disse com um sorriso largo no rosto. — Eu vou ser avó de uma menina! Parabéns, filho — disse ao me abraçar.

Minha bipolaridade era de família.



Minha mãe escutou atentamente toda a história. Claro que tive que cortar a parte que sou sócio de um Club de apostas. Apenas omiti o lugar em que conheci a Paola e contei um pouco da vida que a minha filha levava na casa da mãe biológica.

E agora estávamos no quarto da Paola, que dormia tranquilamente e nem se mexeu quando a minha mãe se sentou ao seu lado e tocou seus cabelos loiros. Ela olhou cada detalhe de Paola, e quando se sentiu satisfeita, deixamos o quarto em silêncio.

— Vai contar pro Nathan? — perguntou ela enquanto entrávamos na sala.

— Terei que contar. Só vou esperar um tempo, preciso ter certeza de que ela tá bem e que não terá uma recaída. Quero pensar na saúde dela primeiro.

— Quer dizer que serei obrigada a esconder isso dele?

— É por pouco tempo, mãe, ele tá focado no Austin, Arthur e a Bruna agora. Hoje é madrugada de véspera de Natal e o aniversário da Bruna. Vamos anunciar a Paola de outra maneira.

— Ela ficará sozinha na véspera de Natal?

— Não, nunca deixarei minha filha sozinha na véspera de Natal. Ela se tornou uma pessoa importante na minha vida e duvido que ela já tenha tido um Natal descente.

— Vai levá-la? — perguntou com um sorriso no rosto.

Se dependesse dela, isso não seria segredo por muito tempo.

— Vou.

— Oh! Vou comprar um presente pra minha neta. Um não, três ou quatro. Ai, tenho que organizar um lugar na mesa pra ela.

— Mãe, é um segredo. Ela é tímida ao redor de novas pessoas.

— Pare de bobeira, sei interagir com pessoas e sei guardar segredos.

Olhei para ela por um tempo e dobrei os braços sobre o meu peito.

— Você disse pra todo mundo que Bruna estava grávida.

— Isso foi sem querer. — Olhei ela por um tempo e logo ela bufou.

— Ok, não vou falar nada. Ela será apenas sua convidada.



Não consegui dormir essa noite, se passava de tudo na minha cabeça. Pesquisei sobre “viciados em substâncias químicas” e os principais modos de ajudá-los, quando percebi, Paola estava descendo os poucos degraus da escada, com seus cabelos presos em um rabo de cavalo. A maquiagem pesada se destacava, como sempre. Ela olhou para mim e puxou suas blusas de mangas longas tentando esconder as marcas em seus pulsos.

— Não foi trabalhar hoje? — perguntou indo à cozinha para pegar uma garrafa de água da qual bebeu direto do bico.

— Existe copo.

— Assim é mais gostoso.

— Pega um copo, Paola.

— Você é um chato, bonitão.

— Sou uma pessoa legal. E pra provar isso, vamos começar o seu tratamento e te colocar em uma clínica.

— Eu não vou a uma clínica.

— Você tem que colaborar, filha, como vou te ajudar se você não quer?

— Você quer mesmo persistir nessa brincadeira de pai e filha?

— Quem aqui tá brincando? — perguntei fechando o notebook e me levantando para ir na sua direção.

— Você quer dizer...

— Não vou dizer nada, já disse tudo ontem. Vou ser responsável por você, como um bom pai deve ser.

— Por que você quer fazer isso por mim?

— Por que não fazer?

— Não quero ir pra uma clínica, não agora. Ainda não me acostumei com a ideia de ter um pai. — Ela me abraçou, me pagando de surpresa, e disse: — Obrigada, bonitão.

— Me chama pelo nome ou de pai, já sei que sou bonito.

Recebi um tapa de leve no meu peito e logo a abracei novamente.

— Não quero saber seu nome ainda, talvez você mude de ideia e...

— Não vou mudar de ideia, mas respeito sua decisão.

— Obrigada, pai.



Eu a obriguei a fazer todos os exames possíveis e, apesar de todos os olhares que recebi quando estava com ela no laboratório, tentei ignorar cada um.

Nunca me importei com o que as pessoas pensam, nunca liguei para o que a mídia falava sobre mim, porém sempre tentei ser discreto quando o assunto era a minha vida pessoal. Agora entendia a preocupação do Nathan quando o assunto era o Arthur e, agora, o Austin.

Não gostaria de ter Paola exposta em nenhum meio de comunicação. Imaginava as prováveis manchetes sem saber de toda a história ou de qual seria a minha verdadeira relação com ela.

Então apenas me mantive firme e fingi que não estava acontecendo nada. Quando tudo terminou e ela saiu do consultório médico de cabeça baixa e me encontrou, apenas a abracei. Pedi que todos os exames fossem mandados para o meu escritório e a levei para casa.



— Você não vai de Preto — eu disse, calmamente, enquanto olhava para seu vestido rodado preto e suas botas no estilo militar.

— Por que não?

— Porque é uma festa de Natal, não um velório.

— Quer que eu vista o quê? Não tenho roupa.

— Não me venha com essa, Paola, seu closet está cheio de roupas, e eu acho que você deveria usar algo vermelho.

— Sério? Vermelho no Natal? Que novidade... — ironizou e se sentou na cama.

— Olha, use qualquer cor, menos preto. Já estamos atrasados — disse saindo do seu quarto.

— Pai! Espera. — Parei no corredor e ela me analisou de cima a baixo. — Uau! Tudo isso é pra garota dourada? Vou conhecê-la hoje?

— Provavelmente, e pare de chamá-la assim.

— Ah, tá! Só você pode inventar apelidos? Já ouviu aquele ditado “tal pai tal filha”? Aceita que dói menos, pai — disse ela ao entrar no quarto e logo fechou a porta.

Como ela poderia ser tão parecida comigo em somente alguns meses de convívio?

Ótimo! Eu tinha uma mini Cloe dentro de casa.



Olhei novamente o relógio no meu pulso e percebi que estávamos muito atrasados e que provavelmente eu ouviria as reclamações de Noemi e da minha mãe.

Olhei para frente quando ouvi seus passos descendo as escadas e me surpreendi ao vê-la com um vestido roxo, na altura dos joelhos, seus cabelos soltos, usando um par de luvas pretas rasgadas no local de cada dedo e com as mesmas botas.

Dei um sorriso e logo ela me olhou com atenção.

— Não tem nada claro no seu guarda-roupa?

— Tem, as minhas meias são brancas.

— Engraçadinha. Vamos, você está linda, e nós estamos atrasados.



Ela desceu do carro olhando a casa com atenção, me fazendo parar para observar com ela. Mart havia se superando esse ano na decoração do telhado e da frente da casa, os dois pequenos bonecos de neve me davam a certeza de que Arthur o ajudara.

Toquei no ombro dela e logo a direcionei até a escadaria de pedras que levava até a porta.

— Pai, eu acho... — disse ela tentando parar de andar.

— Acha nada, você tem que conhecer sua nova família.

— Nunca tive família pra ter uma nova, e nenhum deles sabe que estou aqui como sua filha.

— É por pouco tempo, filha, já conversamos sobre isso.

— Tá, já sei, vamos acabar logo com isso, duvido que algum deles goste de mim.

Beijei sua testa e empurrei a grande porta de madeira. O clima quente dentro da casa, graças ao aquecedor, fez com que eu e Paola tirássemos nossos casacos e os colocássemos no local exato. Quando terminei de tirar as luvas, a voz de Arthur ecoou no local.

— Tio! — gritou correndo na minha direção.

— Ei, garotão! — Eu o peguei no colo e o abracei. — Sentiu saudades do tio?

Ele confirmou.

— Papai disse que vamos patinar logo.

— Vamos, sim, só temos que esperar o lago congelar.

— A mamãe falou a mesma coisa. — Ele olhou Paola. — Oi!

— Oi — disse ela, o olhando também.

— Arthur, essa é a Paola, uma amiga do tio.

— Gostei das suas luvas.

— Gostei da sua camiseta dos Vingadores — disse ela sorrindo e logo ele sorriu também.

— Arthur, deixe que o seu tio e sua convidada entrem na sala — falou Bruna ao se aproximar do filho segurando Austin com cuidado.

— Ei, loirinha, como está o novo membro da família?

— Agora dormindo, de madrugada ele faz a festa. — Ela arrumou a roupinha do Austin e encarou a minha filha. — Olá, sou Bruna Brown, cunhada deste mal-educado.

— Prazer, sou Paola Bittencourt. — Ela olhou para mim e sorriu. — Amiga do mal-educado.

— Falando mal do meu irmão e nem me chamaram? — Nathan chegou, pegando Arthur do meu colo e se aproximou da esposa, que cumprimentava a Paola. — Sou Nathan, irmão do bastardo que está quase duas horas atrasado.

— Ótimo, vamos nos sentar e começar o debate sobre as minhas mancadas. — Eu disse, levantando os braços em rendição.

— Ficaríamos a noite toda falando, irmão. — Bruna e Paola começaram a rir e logo me senti tranquilo ao vê-la tão bem.

— Vem, Paola, vou lhe apresentar ao restante da família, pois, se depender desse aí, você ficará no corredor a festa toda.

Minha filha olhou para mim por um tempo, afirmei com a cabeça para

lhe transmitir tranquilidade, e ela seguiu Bruna até a sala. Quando ela sumiu da minha visão, vi Nathan colocando Arthur no chão, e o pequeno saiu correndo até a sala. Nathan tocou em meu ombro e fomos juntos até a sala.

O grande pinheiro com milhares de enfeites, iluminado pelos famosos “pisca-pisca” azuis que se destacavam entre os galhos da árvore, estava no canto da grande sala e no chão, próximo aos pés da árvore, estavam alguns dos presentes que seriam abertos apenas na manhã de Natal.

— Bem-vindo ao time — falou Nathan, apenas para que eu pudesse ouvir.

— Que time?

— Dos pais — disse com um sorriso nos lábios. — Foi tolice dizer isso pra nossa mãe.

— Não sei se agradeço ou se me preocupo. Quando ela contou?

— Assim que chegou do seu apartamento, Austin estava inquieto e Bruna estava cansada, então eu estava na sala tentando fazê-lo dormir quando ela chegou e anunciou a novidade.

— Ela nem ao menos se esforçou... — falei com desgosto. — Mulheres. Estou surpreso de ela não ter anunciado esse assunto nos jornais.

— Não quer saber o que eu penso sobre minha sobrinha? — disse ele, olhando na direção em que Bruna apresentava Paola para minha mãe, que a recebeu com um abraço. — Finalmente tá assumindo um pouco de responsabilidade, pensei que não o veria responsável por alguém ou formando uma família tão cedo. De certa forma, estou feliz por você.

— Isso foi uma maneira gentil de dizer que eu era irresponsável, e não falou nada da Paola.

— Ela parece ser uma boa menina, apesar de não tê-la conhecido muito bem, e só pra deixar claro, você era irresponsável. Talvez agora assuma alguma responsabilidade.

— Sou muito responsável e já falei que vou cuidar dela.

— Pelo que vejo, Theo também vai ajudar — disse, me fazendo olhar na direção da minha filha, que conversava com Theo, afastados de todos.

Ah, NÃO! Ele não ficou satisfeito em pegar a Melissa? Agora queria se jogar para cima da minha filha.

NÃO! ISSO NÃO IRIA ACONTECER.

— Oh! Alguém finalmente tá sentindo o que Alberto passa.

— Quietos, Nathan, vou acabar com a festa dele — falei, me afastando do meu irmão e indo até eles. — Paola, você poderia ajudar minha mãe na cozinha?

— Oh! Claro — disse ela colocando o cabelo atrás da orelha e olhando para Theo. — Foi um prazer conhecê-lo, Theodoro.

— O prazer foi meu — disse, galanteador.

— Vá agora — falei com raiva. Quando percebi que ela se assustou, respirei fundo. — Me desculpa, você poderia ir? Ela quer servir a ceia.

Ela me olhou novamente e saiu sem dizer nada. Eu me senti um idiota

por tê-la tratado daquela maneira, mas não poderia deixá-la cair na lábia do Theo. Fomos criados juntos, tínhamos apenas um ano de diferença, e ele, definitivamente, era muito velho para minha filha. E ela, com certeza, não se envolveria com ele.

— Relaxa, Luis, eu nunca iria pegar uma menina de que você goste — disse, tocando em meu ombro. — Sou leal.

— Não foi muito leal quando dormiu com a Melissa. Não se passou pela sua cabeça que talvez eu gostasse dela?

— Espera... o quê? Se você gosta dela, por que não foi atrás?

— Não seja ridículo. Qual é a chance de eu ir atrás dos seus restos? Todo maldito dia eu imagino você e ela na mesma cama, vocês dois...

— Ei, pera aí, cara, eu nunca fiquei com a Melissa, nem ao menos nos beijamos. Não sei quem inventou essa história, mas estava mentindo. Olha, a Melissa chegou, ela pode confirmar que estou dizendo a verdade — disse, me fazendo olhar na direção da porta, de onde Melissa entrava com seus pais.

Ah, diaba! Você me fez esperar por mais de um ano, me fazendo acreditar em uma mentira.

Agora eu teria que correr atrás dela de qualquer maneira.

BÔNUS PAOLA BITTENCOUT

“Você vai fazer isso, porque sou sua mãe!”

“Você me ama? Então prove.”

“Sem perguntas, Paola, sua voz me irrita, apenas faça.”

É natural você querer provar o amor pela sua mãe quando se tem 11 anos e é inocente. Não entendi o motivo de ela querer que eu fizesse tudo aquilo, eu simplesmente queria provar que a amava. Então apenas deixei que alguns homens me tocassem e me machucassem.

E ainda em lágrimas tentava lhe mostrar que, depois de tudo, eu realmente amava.

“Viu, mamãe? Eu te amo. Posso parar?”

Ela simplesmente sorria, tomava um gole da sua bebida e saía do quarto com a frase:

“Eu acho que a prova não foi suficiente.”

Com o tempo aprendi, da pior maneira, que não importava o quanto que eu a amava, ela nunca me provou que o sentimento era recíproco.

Aos 15 anos, conheci o Club. Era uma maneira fácil de fugir da minha mãe e dos homens que ela insistia em me apresentar.

Claro que aos poucos comecei a experimentar as drogas, seria estranho passar horas dentro daquele lugar e não experimentar o gosto de um cigarro de maconha. A sensação era incrível, era como se todos os meus problemas desaparecessem e tudo na minha vida se tornasse normal. O lado negativo era que o efeito passava rápido e os monstros da minha vida sempre ressurgiam para me assombrar. Comecei a provar drogas mais fortes, e que provavelmente me dariam a paz que eu tanto ansiava.

Com o tempo minha mãe descobriu o meu pequeno vício e forçou para que parasse, o que era ridículo, ela bebida sempre que tinha a oportunidade e o dinheiro sujo que vinha dos programas nojentos que ela me forçava fazer, usava para sustentar seu porre.

Comecei a rejeitar todos os homens que ela me apresentava, e para me castigar ela me batia, dizendo que eu era igual ao meu pai. Eu ainda guardava suas palavras.

“Você é uma merdinha igual ao seu pai, apenas me traz desgosto, eu devia ter te abortado enquanto tive tempo.”

Ela tinha razão, não escolhi nascer idêntica ao meu pai, e se pudesse escolher, na época, também escolheria o aborto.

Suas palavras eram repetidas freneticamente, acabei remoendo cada frase que ela dizia e desisti, facilitei sua vida cortando meus pulsos.

Lógico que ela não me deixaria morrer, eu era seu pote de ouro e ela necessitava de mim viva.

Os remédios para a depressão e as visitas constantes ao psicólogo eram inúteis. Toda vez que eu me cortava, a antiga Paola morria e uma nova renascia das suas cinzas. Não como um forte e imponente fênix, mas sim uma criatura sem vida e sem esperanças.

Meus amigos foram se afastando aos poucos, não os culpo, quem gostaria de ser amigo de uma garota que tentou se matar diversas vezes? Eles estavam melhor longe de mim.

Por algum milagre, sobrevivi até os 19 anos com apenas alguns hematomas e uma lista enorme de erros e loucuras cometidas, o Club acabou se tornando minha casa, minha mãe sempre tentava me forçar a desistir das drogas

e me firmar no seu antigo trabalho em um bordel próximo ao nosso conjunto habitacional no subúrbio de New York, o que me fez sair de casa aos 17 anos e ir morar definitivamente no Club.

E sempre que eu aparecia em casa apenas para provar para mim mesma que ainda valorizava a pessoa que me deu a vida, no final, sempre saía machucada ou com algum hematoma que ela fazia questão fazer.

Sim, eu sei, sou uma tola. No final acho que acabei provando que sou exatamente como ela, uma garota cheia de vícios e problemática.

E quando o encontrei, o doce e gentil moreno com sua pele bronzeada me fez acreditar que existia bondade dentro de algumas pessoas.

Quem diria que eu teria uma segunda chance, ter uma família e de alguma maneira uma ajuda para sair do buraco no qual me enterrei todos esses anos. Ele me transmitia segurança e ver sua família feliz e perfeita fez com que eu acreditasse que um dia poderia viver entre eles.

Afastei-me de todos depois que Bruna fez questão de me apresentar a cada membro da família e agora estava aqui, olhando através da grande janela de vidro no canto da sala o lago coberto por uma camada de gelo, e pensava que não demoraria para que o pequeno Arthur pudesse patinar no imenso lago da fazenda. O inverno rigoroso esse ano com certeza ajudou para que ele ficasse rapidamente congelado.

A neve caía lentamente sobre a grande propriedade do irmão do meu pai.

PAI, ainda tenho que me acostumar com isso.

O mais importante era que eu nunca tive um Natal e que certamente o meu primeiro deveria ser perfeito, e a neve caindo lá fora me dava um ótimo ânimo.

Toquei meu dedo no pequenino floco que grudou na janela e escutei uma voz suave atrás de mim, me obrigando a olhar para trás e encarar o loiro alto e com ombros largos que estava, agora, na minha frente.

— A vista é magnífica, não é mesmo? — perguntou ele colocando as mãos no bolso e mudando o peso do seu corpo para sua perna direita. — Não acha?

— Ah! Sim, é linda.

— Você deve ser a convidada do...

— Sim, sou. Ele realmente me convidou — falei antes que ele completasse a frase e revelasse o nome do meu pai. — Sou Paola Bittencourt, e você?

— Theodoro Grohl, conhecido como Theo. — Ele pegou a minha mão com firmeza e automaticamente encarei seus olhos cor de caramelo, fazendo-o me fritar com atenção assim como eu o encarava. — É a época do ano que mais gosto.

— O inverno não costuma agradar muito as pessoas, geralmente só as crianças.

— Me chamou de infantil, senhorita Bittencourt?

— Não, de maneira nenhuma, apenas prefiro a primavera.

— Primavera sempre agrada as menininhas que ainda acreditam em contos de fadas, e isso não parece sua cara — disse, me olhando de cima pra baixo.

— Tem razão. Mudei de ideia, gosto do inverno, deve ser prazeroso matar minhas vítimas e fazer meus rituais de bruxaria no aconchegante e delicioso inverno. Minhas roupas ou meu modo de agir não mostram o que tenho por dentro. Idiota.

— Eu sempre pensei que a maneira como as pessoas se vestem fosse exatamente pra mostrar o que elas são por dentro.

— Não sou como as outras pessoas.

— Percebi — disse tirando uma mão no bolso e a passou em seus cabelos loiros.

— Paola, você poderia ajudar minha mãe na cozinha? — disse meu pai quando se aproximou.

— Oh! Claro — disse, colocando uma mecha do meu cabelo para atrás da orelha e voltei o meu olhar para o loiro à minha frente. — Foi um prazer conhecê-lo, Theodoro.

— O prazer foi meu — disse com um sorriso galanteador.

Idiota.

— Vá agora. — Encarei meu pai, arrastada, e logo ele respirou fundo tentando buscar um pouco de calma. — Me desculpa você poderia ir? Ela quer servir a ceia.

Não me atrevi a responder, apenas saí de perto deles e tentei me lembrar de onde ficava a cozinha que Bruna havia me mostrado.

Talvez fosse melhor eu me afastar do Theodoro, não sei por que, mas ele me faz sentir um pouco diferente.

Não seja tola novamente, Paola, o que está sendo normal na sua vida? Exatamente nada, e com ele não será diferente.

Capítulo 5

MELISSA CRAWFORD

PERIGO! 00:58AM

Sou o que você quiser, princesa.

Eu encarava a sua mensagem fazia algum tempo e, sinceramente, não sabia se valeria a pena responder. Não duvidava que ele tivesse dito isso para todas as garotas que já pegou, e esse fato me fazia sentir raiva. Eu nunca seria a única na sua vida, e esse era o principal motivo de eu ter feito a minha promessa.

Não importava o quanto eu gostasse dele, ele sempre seria o mulherengo cafajeste que todos conheciam. A fama dele na faculdade era grande, cansei de ouvir no vestiário as histórias da noite mágica que ele proporcionava.

Então apenas coloquei meu celular na cômoda, afundei minha cabeça no travesseiro e suspirei fundo.

Luis Brown nunca seria capaz de mudar.

— Filha — chamou minha mãe da porta do meu quarto. — Desculpa te acordar.

Sentei na cama, passei as mãos em meus cabelos e lancei um sorriso para ela.

— Não estava dormindo, mãe. Precisa de algo?

— Você pode ficar de olho no seu pai? Tenho que ir à farmácia comprar um analgésico pra ele, aquelas dores de cabeças o estão incomodando novamente.

— Fico mãe — disse, empurrando as cobertas e me levantando da cama.
— Vou ficar com ele no quarto.

— Ok, não vou demorar. Tente convencê-lo a ir ao médico quando amanhecer. Dio, ele não tem mais 20 anos.

Minha mãe nunca abandonou as raízes italianas e deixava isso muito bem claro quando estava estressada com o meu pai.

Ela me deu um beijo na testa, pegou a sua bolsa e desceu os degraus com pressa. Caminhei até o quarto dos meus pais, empurrei a porta lentamente e o vi deitado na cama. Ele sorriu e bateu no lado vazio da cama.

Deitei ao seu lado e senti os seus braços me envolverem com carinho e logo senti seus lábios no topo da minha cabeça.

— Sua mãe é uma teimosa.

— Não venha com essa, senhor Alberto. Ela tá preocupada, você sabe que dores frequentes na cabeça não é normal.

— Não é normal aquele Brown ficar buzinando na frente da minha casa. Isso é uma afronta.

— Ele faz isso apenas pra implicar com você, pai.

— Você acha que não sei?

— Sem estresse, pai, já tem o suficiente no seu trabalho.

— Eu cuido da cidade e daquele Brown abusado.

— Você tem que cuidar da sua saúde, pai.

— Estou saudável, Melissa, muitas pessoas têm enxaqueca.

— Muitas pessoas não tem a mesma rotina que você. Não acha que já está na hora de se aposentar?

— Quando eu estiver velho, me aposento, até lá, continuarei fazendo o que gosto.

— Teimoso.

Eu o abracei, senti sua mão em meus cabelos e ficamos em silêncio até que minha mãe chegasse.



Dei leves batidinhas no meu ombro para retirar a neve que havia se acumulado e entrei acompanhada dos meus pais na casa dos Brown. Estávamos atrasados graças à caminhonete que novamente nos deixou na mão, o que fez minha mãe cuspir todo o vocabulário ofensivo em italiano contra meu pai. Não tirava a razão da minha mãe, aquela velha caminhonete já viveu o que tinha para viver, e o meu pai se recusava a vendê-la simplesmente por ser herança do meu avô.

Tirei os protetores de orelha, o cachecol e o casaco quando senti a sensação térmica mais agradável dentro da casa. Meu pai pegou a mão da minha mãe e seguimos até a sala de estar, onde percebi que todos os convidados já

estavam presentes.

Uma corrente diferente atravessou meu corpo quando senti o olhar de Luis na minha direção. Seu olhar era desconhecido para mim, geralmente ele sempre tinha brilho ou uma sedução no olhar, porém esse estava sem brilho e sem vida, seu olhar estava mais frio que a temperatura lá fora.

Engoli em seco e tentei ignorar seu olhar por um momento. Meus pais seguiriam até Bruna e Nathan, e me quando pensei em os seguir, a voz de Luis me fez congelar no local.

— Srta. Crawford — seu chamado formal me fez perder o fôlego brevemente.

Ele nunca havia me chamado assim. Desde que nos conhecemos, sempre fui a sua princesa, e agora, sentir meu sobrenome pesava uma tonelada, foi como uma bola de demolição atingindo o meu peito.

Theo se aproximou, me deu um abraço apertado e se afastou, ficando ao meu lado.

— Preciso que você prove a minha inocência — Theo disse passando as mãos em seus cabelos dourados.

— Inocência? — perguntei tentando ao máximo não olhar para Luis.

— É, alguém inventou pro Luis que nós dois dormimos juntos, o que é ridículo. Todos sabem que somos amigos. Quem inventaria isso?

Dizem que a mentira tem perna curta, porém essa durou muito mais que eu pensava. Cheguei a pensar que ele nunca descobriria a verdade. Senti um frio em meu estômago e, automaticamente, virei o rosto para encarar o moreno com

seu olhar acusador, que me fez tremer por pensar no que ele diria.

Sabia que era tolice dizer que fiz *aquilo* com o Theo e devia ter desmentido na época, porém, quando senti minha autoestima chegar ao céu, quando vi seu rosto no dia, apenas quis alimentar a mentira e provar que ele não dominava cada canto do meu corpo. O que visivelmente era uma mentira.

— É, Melissa, quem inventaria isso? — perguntou ele, me fazendo sair dos meus pensamentos. — Afinal, todos sabem que vocês são amigos.

— É... que... loucura — eu disse dando um sorriso sem graça.

— Viu, Luis? Sou inocente. — Theo beijou minha testa. — Obrigado, morena. Vou ajudar minha mãe a pôr a mesa — disse se afastando, me deixando sozinha com Luis.

— Vou ver onde meus pais estão. — Tentei me afastar quando senti sua mão quente pegando meu cotovelo para que eu parasse.

Respirei fundo, olhei para sua mão, que me segurava firme, e subi lentamente olhando seu antebraço, seu peito, pescoço e, finalmente, fitei em seu rosto com a barba bem-feita e o olhar furioso me fazendo imediatamente pensar em pedir desculpas.

Ele me puxou para um corredor próximo à entrada da sala e me empurrou para um pequeno cômodo, um closet para casacos.

Ótimo, eu começaria a ficar claustrofóbica por estar em lugares pequenos com ele.

Ele estava próximo e eu podia ver seu peito levantando e abaixando rapidamente, como se tivesse corrido uma maratona.

— Luis... — tentei dizer.

— Espero que tenha algo melhor pra dizer do que um simples pedido de desculpas, porque vivi o inferno esse tempo todo. Você me fez sentir raiva do Theo por dias, o cara que considero um irmão, e você me fez sentir vontade de matá-lo só por ter tocado em você.

— Eu...

— Eu não terminei — me interrompeu. — Sabe por quanto tempo fiquei pensando no quanto fui idiota por ter deixado você escapar e tive que engolir que Theo tinha nas mãos a coisa que mais desejei: você? Como você pôde inventar isso? Não venha me dizer que não gosta de mim, porque é ridículo negar algo que é tão cristalino quanto a água, e que todos provavelmente já perceberam. Agora me responda, Melissa, por que fez isso?

— O que você quer? Que me ajoelhe e lhe peça perdão? Eu errei, tá ok? Mas quem é você pra falar de erros? Não venha me dar lições de moral sendo que não as pratica. Você tem razão, eu gostei de você, fui uma dentre milhares de tolas do mundo que sente algo por você. Só que esse sentimento acabou.

— Você está mentindo.

— Não, não estou. É tolice alimentar um sentimento que não é cultivado e cuidado, pelo contrário, cada vez que o via com uma garota nova ou ouvia as conversas delas sobre você, era como se cada pedaço desse sentimento acabasse. Nunca poderei sentir alguma coisa por você, sendo que você não será capaz de sentir o mesmo por mim.

— Eu sinto o mesmo por você — disse, dando um passo na minha direção. — Já disse milhares de vezes que eu sou capaz de mudar por você. Apenas por você. Por que não acredita em mim?

A porta se abriu, me dando a visão de uma loira com um vestido roxo e um sorriso nos lábios.

— Oh! Me desculpe, sua mãe quer servir a ceia — disse ela olhando para Luis, quando olhou para mim, seu sorriso aumentou. — Você é a Melissa, né? Sou Paola, amiga dele — ela completou apontando para Luis.

— Ainda pergunta por que não acredito em você? — Eu o empurrei forte e passei pela loira que estava na minha frente.

A lágrima quente rolou em meu rosto e rapidamente a limpei.

Eu deveria escrever um manual sobre como ser trouxa.

Não acredito que ia cair naquele seu papo barato novamente. Quão tola fui ao pensar que ele poderia mudar um dia.

Nova regra: NUNCA MAIS CHORAR POR LUIS BROWN.

Capítulo 6

MELISSA CRAWFORD

Olhei novamente meu reflexo no espelho para verificar minha maquiagem e se meus olhos ainda estavam vermelhos.

Apoiei minhas mãos sobre o mármore branco da pia e respirei devagar. Não podia me mostrar fraca para ele, afinal, eu disse que não sentia mais nada por ele e, de alguma maneira, tinha que provar isso.

Fácil. Bastava apenas ficar longe dele, tipo, para sempre.

Fiz uma trança nos meus cabelos, saí do banheiro e encarei Theo apoiado na parede.

— Então você inventou aquela história...

— Não.

— Não foi uma pergunta, morena. Poderia ter me contado, assim ficaria preparado para uma possível tentativa de assassinato.

— Me desculpe, Theo. Quando percebi já havia falando.

— Então resolveu fazer Luis sentir ciúmes?

— Mais ou menos.

— Entendi. Agora vamos, todos estão esperando por você. E se prepare, Cloe marcou seu lugar ao lado dele.

— Ela está começando a fazer papel de cupido, igual fez com a Bruna e o Nathan.

— Talvez seja necessário, ela sabe muito bem o que faz.

— Acredite, tudo que eu não preciso é ficar com o Luis.

Ele negou com a cabeça lentamente e disse:

— Sabe, acho que você precisa, sim, da ajuda dela. Pare de mentir pra você mesma, é praticamente tolice negar o seu sentimento por ele. Não tenha medo, Melissa. O amor é algo desconhecido, talvez não dê certo e você quebre a cara, mas quando a vida é perfeita? Não cometa o mesmo erro que a Bruna e o Nathan, não espere dois anos pra descobrir que o seu amor por ele é muito maior que o possível medo que você está sentindo agora. — Ele tocou na minha bochecha e completou: — Não se esqueça, Luis não é o Nathan. Ele não vai ficar esperando pra sempre.

— Acho que ele não se importa, afinal, você não reparou a loira esquisita que estava com ele?

— Ah! Sim, eu reparei — disse sorrindo.

— Aff! Me poupe, Theo. Até você... O que aquela Paola tem?

— Não sei, mas gostei do jeito dela.

— Eu não gostei — disse, cruzando os braços na altura do peito.

— Sabe como isso se chama? — Ele se aproximou do meu corpo e sussurrou em meu ouvido. — Ciúmes.

— Vamos logo pra ceia — eu disse, pegando sua mão e o levantando para a sala de jantar.

A maioria já estava em seus lugares, meu pai falava algo no ouvido do Arthur, que gargalhava, e minha mãe estava minado Austin, que a olhava com atenção e então mexia os bracinhos.

Bruna estava em pé arrumando a gravata do esposo. Nathan segurava sua cintura e falava algo baixinho, com um sorriso malicioso, quando ela lhe deu um leve tapa no peito. Aproximei-me do casal maravilha e toquei no ombro da minha amiga, fazendo com que ela se virasse e me abraçasse apertando.

— Feliz aniversário, pequena!

— Obrigada, Mel.

Afastei-me dos seus abraços e entreguei-lhe a pequena caixa dourada que estava no meu bolso.

— Não precisava, Mel — disse sorrindo e abriu a caixa.

Ela retirou a corrente com dois pingentes em formato de meninos.

— Que lindo, Mel, muito obrigada! Amor, você coloca para mim? — perguntou olhando para o marido, que apenas concordou.

Ela afastou os cabelos dourados para o lado e esperou até que Nathan fechasse o fecho do colar, que ficou próximo ao colar que Cloe lhe tinha dado de presente há dois anos, com o nome do tio Alexander. Nathan terminou, beijou a bochecha dela e a abraçou por trás.

— Você ficou ainda mais bonita, meu amor — disse raspando sua barba no pescoço dela, fazendo com que ela se arrepiasse.

Cocei a garganta e eles logo me olharam sorrindo.

— Quando você me der uma sobrinha, eu lhe darei um pingente de menininha.

— Não teremos uma menininha, Srta. Crawford.

— Quero uma sobrinha, Nathan.

— Você tem um irmão, pede pra ele.

Bufei e disse:

— Só vejo Diogo uma vez por ano, ele sempre está disponível pra marinha americana. Se um dia ele me der uma sobrinha, só vou vê-la quando ela já estiver com uns dois anos. A gravidez da Bruna eu posso acompanhar.

— Ela acabou de ter o Austin, não acho que ela gostaria de engravidar novamente.

— Passar pela experiência do parto, não, mas estou com saudades da barriga e de sentir ele se mexendo — Bruna disse, olhando para o marido.

— Não teremos uma menina, amor, os Brown não sabem fazer meninas.

— Isso é machismo — ela disse.

— Isso é prevenção. Já imaginou uma Brown? Não quero nem imagina quando estiver na puberdade e fizer perguntas sobre meninos — disse Nathan, passando a mão no rosto.

— Você só não quer uma menina por causa dos prováveis namorados? — perguntei.

— Sem o uso do plural, Melissa, filha minha não terá namorados.

— Então você ainda pensa na possibilidade — disse Bruna com um sorriso.

— Não existe essa possibilidade — ele disse, bravo, e seguiu até seu lugar na mesa.

Bruna me lançou um sorriso e se aproximou.

— Não se preocupe, amiga, sei convencê-lo. No tempo certo virá a menina.



Sentei-me à mesa após Noemi fazer a oração e termos cantado parabéns para Bruna. Peguei o guardanapo vermelho, o coloquei sobre o colo e bebi um gole do vinho.

— Precisamos conversar — disse Luis ao meu lado.

Eu o ignorei e comecei a olhar para a comida, meu prato cheio de macacão, purê de batata, bolo de carne, uma pequena porção de salada e pão amanteigado. Não estava com fome e a presença de Luis me deixava nervosa.

— Paola não é o que você está pensando. — Dei um sorriso irônico e olhei para ele.

— Ah, é! Não me diga que ela é sua enfermeira particular e que à noite ela irá te examinar por completo.

— Oh, droga! Nem quero imaginar isso — disse ele fechando os olhos e tampado o rosto com as mãos.

— Parabéns, Luis, você é um ótimo ator. Não me interessa o que ela é ou deixa de ser, não faz diferença — falei, pegando a minha taça de vinho e a levando a boca.

— ELA É MINHA FILHA, DROGA! — ele gritou.

Eu me engasguei com o vinho e comecei a tossir. Senti as mãos de Theo nas minhas costas, quando já estava bem, olhei em volta e vi que todos olhavam na nossa direção. Cloe e Nathan tinham um sorriso no rosto, o restante encarava Luis e a loira que ele acabara de chamar de filha.

— O quê? — perguntei voltando a respirar normalmente. — Como? Com quantos anos você...

— Ela é minha filha adotiva, eu não engravidei ninguém. Ela tem apenas 19 anos e eu 28. Acredite, Melissa, eu era inocente aos 9 anos, não sou pai biológico da Paola.

Peguei o guardanapo e limpei meus lábios ainda tentando assimilar tudo que ele acabou de dizer. Senti Theo tocar meu ombro para que eu voltasse minha atenção para Luis e esperei que ele me dissesse que aquilo tudo era apenas uma brincadeira, porém não disse. Ele realmente havia adotado aquela menina? Por quê?

— Bom, não era assim que eu queria apresentar a Paola para a família e com certeza não ia contar dessa maneira, mas quero apresentar a vocês a Paola Bittencourt, minha filha — disse ele, apontando para a garota que estava com as bochechas levemente avermelhadas de vergonha. — Paola, bem-vinda à família Brown!

Ele se sentou novamente, pegou sua taça de vinho e o tomou calmamente enquanto todos ainda o encaravam. Cloe, Bruna e Noemi foram as primeiras a cumprimentar a nova membro da família, enquanto eu ainda o encarava.

Ele deu um sorriso de lado enquanto colocava a taça na mesa e, finalmente, me olhou.

— Eu posso até ser um cafajeste, mas tenho coração.

— Luis...

— É você estava errada. Finalmente eu estou certo.

— Olha, realmente te devo desculpas, mas isso não muda o que disse. Você continua sendo o mesmo que sempre foi, e isso não vai mudar de um dia para o outro.

— Tem razão. Por isso estou disposto a mudar e te provar que serei o melhor pra você, assim como estou sendo para a Paola — disse ele, jogando o guardanapo na mesa e se levantando para ir até onde a menina de cabelos loiros recebia atenção.

Ele não estava disposto a desistir. Por que ele queria tanto provar que poderia mudar para mim?

Sempre fui decidida, eu que dava conselhos a Bruna, e agora estava me sentindo confusa quando o assunto era o Luis Brown.

Olhei para meu pai, que me olhava com um olhar diferente. Ele se levantou e se encaminhou até mim devagar, se sentou perto de onde Luis estava e tocou a minha mão.

— Ele ganhou um ponto comigo. Já vi várias vezes essa garota nas ruas, filha. O que ele estar fazendo é lindo, e... acredite, está sendo difícil pra mim, mas eu estou começando a gostar desse bastardo.

— Valeu, sogrão, eu também te amo — disse Luis, batendo no ombro do meu pai.

— Não abusa, rapaz, ainda sou o cara que te ameaçou para que não se aproximasse da minha filha.

— É eu sei, porém eu gosto de um desafio.

— Se mantenha longe dela — disse meu pai, se levantando. — Aliás, você já tem uma filha pra se preocupar — disse ele, apontando para Paola, que recebia um abraço de Theo.

— Você trouxe a sua arma? Eu vou matar aquele filho de uma mãe por encostar na minha filha — disse ele, fechando a mão com força e olhando a cena à sua frente.

— Arrume suas próprias armas pra defender sua filha — disse meu pai, me puxando para o lado em que ele e minha mãe estavam sentados. — Aliás,

boa sorte.

Pela primeira vez, não vi sorriso no rosto do meu palhaço. Ele passou a mão em seu rosto e seguiu até onde a filha estava. Eu estava começando a gostar dessa Paola, previa muita dor de cabeça para o Luis.

Capítulo 7

LUIS BROWN

— Se afasta da minha filha, Theo!

Ele se afastou dela e logo vi as bochechas da Paola ficarem avermelhadas, o que me fez puxá-la para meus braços e encarar o filhote de galo que queria cantar no meu quintal.

— Calma aí, eu só queria dá as boas-vindas a ela.

Apertei Paola nos meus braços, para protegê-la com todas as minhas forças.

— Fale com dois quilômetros de distância, minha filha não é touch screen pra você ficar tocando toda hora.

— Pai!

— Pai nada. Eu ainda não me acostumei que tenho uma filha, e já tenho que lidar com homens perto dela? É muita pressão.

— Ok, vou ficar longe dela.

— Acho bom.

Ele deu um sorriso de lado e lançou uma piscadela na direção da minha filha, enquanto voltava para seu lugar.

— Pai, você já pode me soltar.

— Não até ter certeza de que ele está a uma boa distância de você.

Ela bufou próximo ao meu peito e logo diminuí a pressão dos meus braços em volta do seu corpo e beijei o topo da sua cabeça com carinho.

— Pensei que o combinado era não contar que sou sua filha.

— A culpa é sua.

— Minha? — perguntou olhando para cima, para ver melhor o meu rosto.

— Você que fez a Melissa pensar que você era apenas mais uma na minha lista.

— O quê? Eu disse que era uma amiga — disse Paola, na minha frente com cara de paisagem.

— Ajudou muito.

— Queria que eu falasse o quê? *Olha, você não me conhece, mas sou a filha dele?* — Ela me olhou com indiferença e logo completou: — A culpa não é minha se você tem fama de mulherengo.

— Ok, parece que todos estão tentando me mostrar que eu era um verdadeiro cafajeste.

— Talvez estejam mesmo. Agora vamos, a minha avó quer que eu experimente a torta de nozes — disse ela, saindo dos meus braços e me puxando pela mão.

— Espera... O quê?! — perguntei parando no lugar.

— Sua mãe. Ela disse que fez torta só pra mim, depois de um abraço de quase meia hora e um aberto nas minhas bochechas. Eu gostei dela.

— Claro que gostou, você é a cópia dela — murmurei baixinho enquanto voltávamos a andar.

— Você disse algo?

— Ah... não.



Claro que minha mãe não ia deixar passar despercebida a felicidade de ter, finalmente, uma neta. Ela fez Paola se sentar ao seu lado para que comesse a torta longe o suficiente da Bruna, fazendo Nathan levar a esposa para o outro lado de mesa, para evitar qualquer tipo de acidente na véspera de Natal com uma crise alérgica.

Na hora de entregar os presentes para Bruna, todos se sentaram ao lado da lareira e cada um entregava o que havia comprado para ela. Sentei-me ao lado do meu irmão e vi Paola com Arthur no colo, tentando explicar para o pequeno que agora ela era sua prima. Arthur era uma criança incrível, ele não sentiu medo da Paola, nem se manteve longe dela. Ele a tratou normalmente e agora ria com a pequena argola prateada no nariz dela.

Finalmente conseguia ver um sorriso verdadeiro no rosto da Paola, ela estava segura, em casa e com sua família. Eu não poderia ter uma visão mais perfeita do que ver minha filha sem medo.

— Quero adotar a Paola — disse ao Nathan, sem tirar o olhar dela

— Sabia que ia querer isso. Sabe que terá que me contar a história dela, não? E aí eu poderei trabalhar no caso.

— Sei, mas não direi agora. É um dia de festa, não quero estragar esse momento.

— Ok, vamos discutir isso em breve — falou ele tocando em meu ombro. — O quarto pra ela já está pronto.

— O quê? Não vamos dormir aqui.

— Tente convencer a nossa mãe, ela comprou presentes para Paola e quer que a neta esteja aqui na manhã de Natal.

— Não trouxe roupas para ela.

— Bruna ficará feliz em emprestar algo e você tem roupa em seu antigo quarto.

— Vamos ficar, estou curioso para ver a minha filha com uns dos vestidos florais da loirinha.

— Pare de chamar ela assim — disse, me dando um tapa na nuca.

— Desiste, irmão, eu inventei o apelido e pretendo usá-lo muito.

— Bastardo.

Olhei para o outro lado da sala e vi Melissa, afastada de todos, segurando Austin em seu colo com carinho. Ela o ninava com cuidado, sua trança estava tampando metade do seu rosto, porém eu ainda conseguia enxergar sua boca carnuda com um batom vermelho forte. Ela tocou na pequena mão do Austin e logo ele segurou brevemente seu dedo indicador, a fazendo sorrir.

Retiro o que disse sobre Paola ser a visão mais perfeita que eu já tive, Melissa era a perfeição, de todos os lados. Ela com o Austin nos braços me fez imaginá-la com o nosso filho.

Necessitava da minha Diaba ao meu lado para sempre.

Precisava de um plano para provar que eu estava apaixonado por ela e, agora, mais do que nunca, necessitava da minha princesa. Só assim teria a minha família completa: eu, ela e Paola.

Capítulo 8

LUIS BROWN

Bati mais uma vez na porta do quarto e chamei seu nome, sem acreditar que ela estivesse se recusando a sair do quarto só pelo fato de não ter gostado da roupa que Bruna arrumou.

— Paola, o Arthur tá esperando você para abrir os presentes, você vai mesmo deixar uma criança de 3 anos esperando na sala, no dia mais esperado do ano para ele?

— Prometa que não vai rir. — Escutei sua voz abafada, através da porta.

— Prometo.

Escutei seus passos próximo à porta e logo ouvi o trinco da chave e vi a maçaneta dourada girar. Empurrei a porta lentamente e a vi com um vestido azul-claro estampado com borboletas brancas. Seus pés estavam calçados nas mesmas botas em estilo militar da noite anterior e a maquiagem marcante não estava presente, apenas o batom na cor vinho destacava seus olhos azuis.

— Eu sei, estou ridícula — ela disse, colocando uma mecha do cabelo loiro para atrás da orelha.

— O quê? Não, você está linda! — eu disse, analisando-a novamente.

— Estou parecendo uma adolescente.

— O problema é que você é uma adolescente, filha. Você tem 19 anos, Paola, tem que agir mais como uma adolescente do que como uma Bruna no Halloween.

— Não me sinto como essas adolescentes bobas que acreditam em contos de fadas. Isso é ridículo. Não gosto dessa roupa. Você acredita que ou era essa, ou um vestido rosa com um lacinho na cintura.

Coloquei a mão na boca e me esforcei para não rir só de imaginá-la com um vestido rosa.

— Você disse que não ia rir! — ela esbravejou. — Vou trocar essa porcaria — falou se afastando.

— Não vai, não — falei, quando peguei seu braço. — Vamos pra sala. Arthur quase não se aguenta mais de tanta ansiedade, e faz questão de te esperar.

— Eu gostei daquele baixinho.

— E ele de você. Agora vamos logo, antes que a dona Cloe venha aqui pra puxar nossas orelhas.

Peguei a mão da minha filha e descemos até a sala de estar, onde Arthur esperava pela prima sentado no sofá com uma caneca de chocolate quente. Quando ele a viu, deixou a caneca sobre o descanso para copos na mesa de centro e correu até os braços da Paola.

Os dois se sentaram próximo aos presentes da árvore e Paola ia pegando os presentes que tinham o nome de Arthur.

— Eu ainda não acredito que ele me trocou pela prima — disse Bruna, se aproximando de mim. — Ele quase não dormiu fazendo perguntas sobre ela e no

final decidiu queria a ajuda dela pra abrir os presentes.

— Ciúmes, loirinha? — perguntei, dando um beijo em sua testa.

— Talvez um pouquinho. Austin requer muita atenção, eu quase não fico com o Arthur. Pensei que ele ficaria com ciúmes do irmão, mas ele é tão vigilante quanto o pai. Arthur não se importa se estou brincando com ele ou não, o importante para ele é a minha saúde e a do irmão.

— Ele é um Brown legítimo, sabe que tem que proteger você e o Austin. E ele sempre tem a Alysson para brincar.

— Ele é um pequeno homem.

— Não, loirinha, ele é um grande Brown.

— Fica longe da minha mulher, Luis! — esbravejou meu irmão quando se aproximou com o filho nos braços.

— Estava apenas apreciando a presença da minha cunhada favorita.

— Como se você tivesse outra, seu bastado — falou ele, beijando a esposa. — Você que deveria me dar uma cunhada, Melissa não vai esperar pra sempre.

— Ela já é minha, irmão, e todos sabem disso.

Ele olhou para a mulher e logo percebi um olhar diferenciado.

— Falem o que vocês sabem — exijo.

— Se não correr, é capaz de alguém a roubar de você.

— Como assim roubá-la de mim?

— Ela tem um encontro marcado essa semana com o Paoll, um amigo da faculdade. Depois que ela sair do trabalho, vai aproveitar que não tem aula e sair pra jantar e dançar com ele — disse Bruna.

Ah, mais não ia mesmo!

Passei a mãos no meu rosto e logo coloquei a mão no meu queixo sentindo a minha barba e parando para pensar um pouco. Ainda não havia pensando em nenhum plano para prendê-la a mim e isso agora me pegou despreparado.

Um sorriso se formou em meu rosto e logo olhei para meu irmão, que percebeu que eu já havia achado uma solução.

— O que você pensou? — perguntou ele.

— Alberto sabe que a filha vai ter um encontro? — Vi Bruna negar com a cabeça. — Bom, acho que ele deve saber.

Eu ia precisar da ajuda do sogrão para me livrar desse amiguinho da minha princesa, e é lógico que eu sabia o que fazer.



Os dias se passavam lentamente, me fazendo ter problemas sérios com minha filha. O tempo sem droga estava fazendo com que ela ficasse agressiva algumas vezes. Joguei fora todos os tipos de facas, lâminas e vidros de casa.

Mesmo sabendo que ela nunca se cortaria novamente, o pensamento de que isso poderia acontecer me assustava.

Ela ficava sentada em uma poltrona na sala, próximo à janela, olhando para o nada da cidade de pedra. Ela não falava muito e muito menos se alimentava. Já falei que deveríamos buscar ajuda em uma clínica, porém ela se recusava a receber qualquer tipo de ajuda, e eu não quero obrigá-la a fazer nada, essa decisão tinha que vir dela.

Ela lidava bem, aparentemente, com a falta da droga na frente da minha mãe. Mesmo com pouco tempo de convívio com a minha família, Paola aprendeu que não podia preocupar minha mãe.

Agora preocupar o pai... ela fazia questão. Essa semana ela decidiu que iria mudar e uma ponta de esperança surgiu em meu peito ao pensar que as roupas de Bruna talvez tivessem mudado minha filha, e eu finalmente poderia jogar aquelas botas fora. Porém todas as esperanças foram jogadas no ralo quando vi minha filha descer as escadas do apartamento com os cabelos pintados de rosa. Pensei em brigar ou começar uma discussão, como um bom pai faria, mas, quando vi o sorriso em seu rosto, apenas concordei que ela estava linda e dei o assunto por encerado.



E agora eu estava aqui, olhando para ela próximo à janela, com os cabelos pintados de rosa sobre a sua pele branca, enquanto ela encarava o lado de fora do apartamento pela grade, com um copo de chocolate quente.

Minha mãe estava atrasada. Eu precisava sair com Alberto para atrapalhar o encontro da Melissa, e deixar a Paola sozinha estava fora de cogitação.

Quando vi minha mãe entrando, beijei a testa da minha filha, fazendo-a

apenas me lançar um sorriso tímido. Peguei meu casaco e abracei a minha mãe.

— Como ela está? — perguntou sobre minha filha, que nem se mexeu.

— Bem. — Suspirei. — Obrigado por cuidar dela.

— Não agradeça, filho. Agora vá atrás da Srta. Crawford, antes que o outro pegue o que é seu.

— Quem te contou?

— Aprenda uma coisa, filho, eu sei de tudo, e a Bruna deixou escapar o plano.

Beijei sua bochecha, olhei novamente para minha filha e saí do apartamento pronto para encarar Melissa e encerrar seu encontro com quem quer que fosse. Todos tinham que saber que ela era minha.

Capítulo 9

MELISSA CRAWFORD

Se arrependimento matasse, provavelmente eu já estaria morta.

Paoll seria o cara perfeito para um encontro se não fosse a falta de cavalheirismo. Não abrir a porta do carro nem puxar a cadeira no restaurante não me surpreendeu tanto quanto ao fato de ele não parar de falar dele mesmo ou ficar mostrando os músculos.

Ainda não acredito que menti para meu pai, para sair com esse cara.

— Então... que curso você faz mesmo, Paoll? — perguntei tentando ver se ele mudava de assunto.

— Faço educação física, gatinha. Mas então... como eu estava falando, se você malhar cinco vezes por semana, você...

Lancei um sorriso, peguei novamente o cardápio e tentei ignorá-lo ao máximo.

Ótimo encontro, Melissa.

Quando a garçonete anotou os pedidos e levou os cardápios, fez com que eu, infelizmente, voltasse toda a minha atenção para Paoll. Estava quase planejando um assassinato com a faca de manteiga quando duas cadeiras foram arrastadas e os caras que nunca imaginei ver aqui se sentaram ao meu lado.

— Desculpe a demora, a lata velha do Alberto não quis funcionar — disse Luis pegando um guardanapo e o colocando no colo.

— Não fale mal da minha caminhonete, Brown — falou meu pai.

Olhei para eles sem entender, e logo voltei a atenção para meu acompanhante, que olhava para mim com um olhar duvidoso.

— Você os conhece, gatinha?

— E-eu...

— Eu sou o pai dela. E você é quem?

— Sou o Paoll, o...

— Eu sou o Luis, o marido dela. Então é com ele que você sai e me deixa com as crianças?

— Você é casada e tem filhos? — perguntou Paoll assustado.

— NÃO! Eu...

— É. Então você sai de casa e se esquece dos trigêmeos de 5 anos e da caçula de 11 meses? — perguntou Luis indignado.

— Cara, você tem quatro filhos? — espantou-se Paoll.

— Cinco, ela está grávida de dois meses. Não acredito que você esteja me traindo — disse Luis, tampando o rosto e fungando. — Eu sou um pai tão

bom — falou ele no meio do choro.

Eu Não Acredito!

— Desculpa, Melina, mas assim não vai rolar — disse Paoll, se levantando e jogando o guardanapo sobre a mesa.

— É Melissa — meu pai o corrigiu.

— Tô ligado. Cuida aí do bebezinho que vai nascer — disse ele, antes de praticamente sair correndo do restaurante.

Vi Paoll sumir pelo restaurante, e não sei se me senti aliviada ou brava com os dois ao meu lado.

— Então... o que vamos pedir? — perguntou Luis me fazendo olhar para ele, que olhava o cardápio normalmente.

— O que vocês estão fazendo aqui?

— Viemos jantar — disse meu pai, como se fosse óbvio. — E você não devia estar na casa da Vivian fazendo um trabalho?

— Eu ia, mas eu....

— Sem mentiras, princesa, ele sabe de toda a verdade.

Olhei para meu pai, que estava com seu famoso olhar acusador, e no momento senti vontade de abrir um buraco e sumir.

— Conversaremos em casa — meu pai disse calmamente enquanto olhava o cardápio.



Não foi fácil escutar o sermão dos meus pais e, sinceramente, sentir vontade de matar o Luis por ter inventado a história de que era meu marido. Agora toda a faculdade, até a mulher que vendia lanche, tentava me impedir de tomar refrigerante, pois faria mal ao bebê.

Tirando a raiva do meu suposto marido, finalmente terminei quase todas as provas finais, faltava apenas a matéria do Sr. Liam. Depois de tanto estudar, eu tinha certeza de que havia passado.

Entrei na sala e encarei Luis ao lado do professor conversando.

— Srta. Crawford, estávamos falando de você.

— Estava? — perguntei arrumando a alça da minha bolsa e me aproximando.

— Sim, infelizmente você não passou na matéria, mas o Sr. Brown me deu uma excelente solução.

— Espera... O quê? Eu tenho certeza de que passei, eu estudei muito, Sr. Liam. Sou bolsista, não posso ser reprovada... Eu... eu...

— Calma, Srta. Crawford. Sei da sua situação, e infelizmente seus esforços não foram suficientes.

— Professor, eu refaço a prova, faço trabalho... qualquer coisa. Eu

realmente necessito passar... — Senti as lágrimas se acumulando em meus olhos, e logo o professor puxou uma cadeira para que eu me sentasse.

— Calma, senhorita, nervosismo não faz bem para o bebê.

Gostaria de gritar e dizer que não existe bebê, mas não tinha forças, a bolsa que tanto lutei para conseguir estava sendo arrancada de mim. Eu devia ter estudado mais, trabalhado menos e desmarcado todas as festas.

— Melissa, você está bem? — perguntou Luis.

— Eu perdi a bolsa, meu pai vai me matar...

— Você ainda tem uma chance — disse o professor, calmamente me entrando um copo de água. — O Sr. Brown me deu uma excelente ideia pra você recuperar a nota perdida. Ele é o meu melhor aluno e está disposto a te ajudar.

— O quê?

— Quero que faça uma entrevista com o advogado Brian Bass, em Washington, e o Sr. Brown te ajudará.

— Washington?

— É, quero uma entrevista de três páginas para daqui a quatro dias.

Eu o encarei por um tempo e tomei um gole da água. Ainda tentava assimilar tudo que ele acabara de dizer, e quando percebi, ele já havia pegado suas coisas e deixado a sala, me deixando só com o Luis.

— Você está pálida — disse ele, se sentando ao meu lado com o sorriso

cafejeste que sempre esteve presente em seu rosto.

— Você fez isso, eu tenho certeza de que passei na matéria. Por que fez isso comigo?

— Estou seguindo o conselho do seu pai. Usar as minhas próprias armas pra te conquistar.

— Ele não disse isso.

— Tenho certeza de que foi exatamente o que ele disse.

— Luis, essa matéria é importante para mim.

— Eu sei, mas, como você ouviu, sou o melhor aluno do Sr. Liam, e Washington fica apenas a quatro horas daqui. Vamos de carro, te ajudo com a matéria e voltamos.

— Um dia todo com você?

— Vai realizar os seus sonhos ficando 24 horas ao meu lado, princesa.

Por que eu sentia que tudo isso foi planejado? Eu ia acabar me esquecendo de todas as minhas promessas e perdendo toda a minha sanidade nessa viagem.

Fica tranquila, Melissa. São apenas 24 horas... O que poderia acontecer?

Capítulo 10

LUIS BROWN

Não foi fácil convencer o professor Gael Liam a mentir para Melissa, dizendo que ela não havia passando na prova, mas depois de algumas tentativas frustradas eu consegui convence-lo

Como? Usando meus quatro filhos e mais o que está para nascer. Agradei mentalmente ao fofoqueiro do Paoll por anunciar para toda a faculdade sobre a minha grande família com a minha doce e adorável esposa.

E ao que me parecia, o Sr. Liam seguia velhas tradições, família devia ser a base de tudo, e é lógico que ele não gostaria de prejudicar uma família com cinco crianças sem poder ajudar.

A ideia da viagem para Washington foi fantástica. Agora eu teria 24 horas para convencê-la de que eu seria o melhor pai para “nossos filhos”.

O Sr. Liam foi fácil de convencer em comparação com o Alberto, passei horas tentando explicar a importância dessa viagem com a sua filha, e mesmo Melissa insistindo em explicar, ele apenas me lançava seu olhar fuzilador.

No final, ele apenas concordou. Depois que Melissa subiu, ele me levou até a porta e me ameaçou umas trezentas vezes, dizendo que me mantivesse longe da sua filha durante a viagem, ao que fiz questão de mentir e dizer que não faria nada.

Coitado.

A missão difícil seria descobrir quem cuidaria da minha maluquinha de cabelos rosa. Eu tinha que falar com minha mãe, ela com certeza ficaria feliz em ficar um tempo à sós com a neta, já que eu tinha absoluta certeza de que minha filha não ficaria confortável na fazenda, próximo a Arthur e Austin, sem poder se controlar algumas vezes em seus momentos agressivos.

Então, quando cheguei em casa e a vi sentada na mesma poltrona olhando a cidade coberta pela neve, me deu um aperto no peito. Não gostava da ideia de deixá-la trancada como um animal, mas não podia me arriscar, a deixando ir até Allan, que provavelmente faria algo a ela.

— Quer perdi algo pra comer? — perguntei tirando o casaco e o cachecol. E quando a resposta não veio, continuei: — Que tal pizza? Pepperoni.

— Tanto faz — disse sem vontade. — Estou sem fome.

Caminhei até a cozinha e olhei-a de longe. Sabia exatamente o que ela estava sentindo. A sensação prazerosa de ter o que tanto ansiamos é reconfortante, eu sentia essa necessidade em relação às apostas, sabia que estava viciado e que negaria até o fim. Melissa é o único ser capaz de me fazer esquecer rapidamente a vida prazerosa das apostas, mas Paola não tinha ninguém que pudesse fazê-la encontrar um caminho e eu sabia que, mesmo com as minhas tentativas, ainda não era suficiente.

Aproximei-me dela, a puxei para o meu colo e a ninei como se fosse um bebê que necessitava de cuidados.

— Gostaria de tirar tudo o que você está sentindo ou já sentiu, me desculpa ter demorado todos esses anos pra te salvar.

— Eu não o culpo, mas preciso de algo, nem que seja de um cigarro. E... eu necessito.

— Você precisa de ajuda — eu disse, tirando os fios de cabelo do seu rosto.

— Eu não preciso de ajuda.

Suspirei sem ter respostas para ela e apertei-a novamente em meus braços.

Como se salva uma pessoa que não quer ser salva?



Minha pequena mala já estava pronta e provavelmente Melissa já estaria me esperando. Paola havia amanhecido na poltrona e, com muito desgosto, eu a obriguei a comer o café da manhã devidamente.

— Você se importa em ficar algumas horas com a minha mãe? — perguntei enquanto colocava o prato na lava-louças.

— Não.

— Será por algumas horas, e tente não sair, você...

— Relaxa, não quero provocar o Allan.

— Fico mais tranquilo assim — disse, sentindo o meu peito mais aliviado.

Escutei a campainha e sabia que provavelmente era a minha mãe, já que o porteiro não me avisou, novamente, sobre sua presença. Caminhei até a porta e

a abri.

— O que você faz aqui, Theodoro? — esbravejei ao vê-lo com um sorriso no rosto.

— Fui contratado pra ser babá por algum tempo. Cadê a sua adorável filha? — disse ele com as mãos no bolso da calça.

— Que brincadeira é essa? Cadê a minha mãe?

— Teve um imprevisto, e eu era o único disponível. Não se preocupe, logo ela chega e vou embora. E agora, posso entrar?

Minha vontade era dizer não e tirar esse sorrisinho do seu rosto com um soco na sua cara, o que provavelmente me deixaria muito feliz. A voz da Paola me chamando me fez virar e encará-la com seu pijama de caveiras, curto o suficiente para Theo soltar um palavrão e Paola ficar levemente corada.

Ah, merda! Isso não ia prestar.

— Paola, você poderia trocar de roupa enquanto tenho uma conversa particular com o Theodoro.

Ela apenas olhou para Theo e subiu as escadas, enquanto enrolava uma mecha rosa do seu cabelo no dedo.

— Desde quando me chama de Theodoro? — perguntou ele entrando no apartamento e se jogando no sofá.

— Desde agora. Tire os pés do meu sofá, seu folgado. Quando a minha mãe vai chegar?

— Acho que logo — disse, colocando as mãos por baixo da cabeça e me lançando um sorriso.

Eu mereço.

— Não tenho tempo suficiente pra lhe dar um sermão e explicar os mil e um motivos para se manter longe da minha filha, então quero que siga algumas regras.

— Você ficou estranho depois que teve essa ideia de ser pai.

— Estou tentando mudar, e ela é importante para a minha vida — disse, olhando na direção do quarto em que a minha filha estava, e logo voltei a olhar para o folgado que estava deitado no meu sofá com um sorriso no rosto. — Ela não pode sair de casa, ela está de castigo, e o castigo nessa casa é levado a sério.

— O que ela faz pra ficar de castigo?

— Não te interessa. Ela não pode sair de casa em hipótese alguma.

— Ok, nada de deixar a pérola rosa sair de casa.

— Sem piadinhas, Theodoro, esse é o meu papel. Fica longe dela até a minha mãe chegar e depois vaza da minha casa.

— Poxa, assim você me ofende. Cadê a educação com as visitas dos Brown?

— Na fazenda, onde você deveria estar nesse momento. Agora tira os pés do meu sofá e me prometa que não chegará perto da minha filha.

Ele respirou fundo, tirou os pés do sofá, se sentou colocando os pés na mesinha de centro e dobrando os braços na altura do peito.

Quando eu ia pedir a minha resposta, senti meu celular vibrar e logo vi uma mensagem da minha princesa.

Diaba 08:54 AM

Palhaço, se você não chegar aqui em dois minutos, eu juro que vou sozinha com a caminhonete do meu pai.

Educada como sempre.

Olhei novamente para Theo e logo suspirei com desgosto. Ele estava sorrindo demais e minha vontade era chutar a bunda dele, até colocá-lo para fora do meu apartamento e não ir nessa viagem, mas tinha planos que não poderia deixar passar. Logo minha mãe chegaria, então apenas peguei minha mala e olhei para minha filha descendo as escadas com uma calça rasgada, uma camiseta longa e um tênis desgastado.

Eu me aproximei dela e a abracei forte.

— Logo estarei de volta — disse passando as mãos em seus cabelos.

— Eu sei, é impossível ficar longe de mim.

— Fica longe do Theo.

— Faço questão, ele é estranho.

— Eu não sou surdo — gritou Theo, pegando o controle e ligando a televisão.

Beijei a testa dela, peguei a minha mala novamente e segui até a porta. Paola me entregou o casaco e as luvas. Fechei a porta aos poucos, vendo minha filha me lançar um sorriso.

Espero que minha mãe chegue logo.

Capítulo 11

LUIS BROWN

Parei na frente da casa da Melissa e, depois de vestir o meu casaco, desci do carro disposto a ajudá-la com sua mala. Atravessei o portão branco e logo avistei Alberto na varanda, com os braços cruzados, e seu olhar me dava a sensação de ser tão frio quanto o inverno ao nosso redor. Eu me atrevi a lançar um sorriso despachado em sua direção, e logo ele bufou. Subi os poucos degraus da escada e finalmente fiquei frente a frente com ele.

— Precisamos conversar — ele disse, em voz baixa.

— Sobre? — perguntei.

— Sobre essa viagem ridícula e sem cabimento. Sei que está planejado alguma coisa e infelizmente não posso impedir que a minha filha vá nessa viagem com você, porém, se você mágoa ou machucar a Melissa, eu farei mil vezes pior com você.

— Não vou machucá-la.

— Assim espero — ele disse logo após um suspiro. — Não faça com que eu me arrependa do voto de confiança que estou lhe dando. Melissa merece ser feliz, e apesar de eu não achar que você seja merecedor dela, minha esposa acha que não devo me meter entre vocês, eu e não vou, mas no momento em que você ultrapassar o limite, você terá que lidar com todas as consequências.

— Isso foi um jeito estranho de me dar a sua bênção?

Ele me olhou por alguns segundos e logo levantou os ombros, dizendo:

— Talvez.

— Vou cuidar dela, Alberto — disse, tocando em seu ombro.

Quando ele ia falar algo, o ranger da porta fez com que olhássemos na sua direção e vimos Melissa tentando atravessá-la com uma mala grande. Eu me aproximei para ajudá-la e peguei sua mala.

— O que você está levando? Sabe que pretendemos voltar ainda hoje, né? — perguntei enquanto levava sua mala até o carro.

— Sei, aí tem tudo que vou precisar para a entrevista.

— É um trabalho de faculdade. Você vai entrevistar um advogado famoso, não o presidente dos Estados Unidos.

— Não estou nem aí para o advogado. Isso são os milhões de roupas que talvez eu use na entrevista.

Fechei o porta-malas com um pouco de força e vi Anne e Alberto envolvendo a filha em um abraço coletivo. Abri a porta do passageiro e esperei pacientemente, até que ela se afastou, e recebeu de Alberto, um beijo na testa e entrou no carro. Eu me despedi dos pais dela, entrei no carro e assumi o volante. Quando já havíamos saído do grande centro caótico de New York, pegamos uma estrada mais tranquila e silenciosa.

Washington não ficava muito longe e provavelmente não demoraríamos 24 horas para terminar o trabalho e retornar para New York, então apenas torci para que os ventos do destino estivessem a meu favor.

Como a temperatura do carro estava agradável, graças ao aquecedor, Melissa começou a retirar sua roupa de inverno com calma, me fazendo ofegar timidamente, apertar o volante com força e tentar não olhar enquanto ela retirava cada peça que a protegia do frio. Quando finalmente pensei que ela havia terminado a pequena cena torturante, ela retirou a boina com tom de caramelo, deixando que seus cabelos negros caíssem para o lado esquerdo, tampando totalmente seu rosto. Soltei um pequeno suspiro para me acalmar. Ela guardou tudo dentro de uma pequena mala de mão e logo pegou um prendedor de cabelo vermelho. Após de ter amarrado o cabelo e encostado sua cabeça no banco ela me lançou um olhar duvidoso.

— Você está bem? — ela perguntou.

— Estou — respondi, sem tirar meu olhar da estrada. — Por quê?

— Você parece tenso.

— Não é nada, apenas cansado. Assim que chegarmos, você vai querer fazer o quê?

Ela suspirou levemente, se ajeitou confortante no banco e respondeu:

— Vamos para o hotel. O Sr. Bass só estará disponível depois das cinco da tarde.

— Reservou quartos em um hotel para nós dois? — perguntei maliciosamente.

— Pode retirar seu cavalinho da chuva, Luis, não reservei nada, pelo contrário, foi sua mãe. E não finja que não sabe, pois ela me disse que você pediu.

— Ela disse isso? — perguntei, olhando para ela rapidamente.

Sabia que minha mãe ajudaria, mas não dessa forma. Ela apenas confirmou o que desde o meu nascimento eu já sabia.

Dona Cloe nos surpreende.

— É, ela me ligou para mandar o endereço do hotel antes de embarcar no avião para Paris.

Pisei no freio bruscamente, fazendo Melissa soltar um grito de susto e segurar forte o cinto que prendia seu corpo.

— Ela foi para onde? — perguntei olhando para ela, que tinha a respiração um pouco ofegante.

— Paris. Qual é o seu problema? Por que parou o carro assim? — exaltou-se.

Passei a mão no rosto e novamente apertei o volante.

Claro que minha mãe estava dando uma de cupido novamente, mas não comigo e Melissa, e sim com minha filha e Theo.

Olhei para minha princesa, que me olhava com uma das sobrancelhas levantadas.

Minha vontade era voltar para casa e tentar impedir qualquer coisa que Theo tivesse combinado com a minha mãe, porém não poderia simplesmente me esquecer dos meus planos ou perder, talvez, a única oportunidade de conquistar Melissa.

Respirei, contei mentalmente até cinco e coloquei o carro em movimento novamente, esperando que Theo não fizesse nenhuma burrice.

BÔNUS THEODORO GROHL

Família.

Cresci aprendendo que família deveria ser a base na minha vida, e aprendi com êxito.

Acho que foi pela minha lealdade com a família que Nathan me escolheu para ser o chefe da segurança. Não costumava brincar no meu serviço, não quando havia vidas em jogo, principalmente as da minha família. Nunca existiu separação entre Grohl e Brown, somos uma única família, e isso eu valorizo.

Nunca me envolvi em algo para machucar as pessoas que considerava como irmãos, mas a loira atrevida de olhos azuis mudou os meus pensamentos.

Vi algo diferente nela, talvez fosse sua roupa, seu rosto, sua voz ou seu jeito tímido, mas não foi isso que me fez sentir diferente por ela, foi seu atrevimento.

Estava disposto a me afastar dela assim que soube que ela era acompanhante do Luis, mas quando descobri que ele a considerava como filha, resolvi pegar todo o sentimento que ela despertou em mim e o tranquei em um lugar fundo no meu peito.

Eu não poderia desrespeitar minha família.

Estava disposto a me sentar no sofá e esperar até que Cloe chegasse para que eu me afastasse dela o mais rápido possível, porém não esperava que ela estivesse tão diferente.

Pérola rosa.

Era isso que ela parecia. Sua pele pálida com os cabelos cor-de-rosa me fizeram ofegar e repensar sobre o assunto de me manter afastando.

A lealdade era algo que eu respeitava, porém estava curioso em saber quais sentimentos ela poderia me trazer, então, assim que ouvi a porta se fechar anunciando que Luis havia deixado o caminho totalmente livre para mim, desviei o olhar da televisão e a encarei em pé, de costas para mim, encarando a porta cinza.

— Então... o que quer fazer? — perguntei.

— Não quero nada, vou para meu quarto — disse ela, indo na direção da escada que levava aos quartos.

Levantei-me rápido do sofá, corri até ela e segurei seu antebraço.

— Espera. Temos a casa só para nós dois, e você vai ficar no quarto?

— Não me toque — disse ela afastando minha mão. — O que imaginou que faríamos?

— Bom, você tem 19 anos e seu pai acabou de sair em uma viagem, meninas da sua idade faria uma festa cheia de bebidas, drogas, pizzas, garotas

com roupas provocantes e garotos idiotas.

Ela engoliu em seco, elevou o seu olhar e disse com atrevimento:

— Não sou como as meninas da minha idade, gosto de ficar sozinha, e você já é idiota o suficiente.

Impossível conter o sorriso. Dobrei os braços, lancei um sorriso e levantei uma das sobrancelhas, como se perguntasse “sou, é?”.

Ela bufou e novamente tentou subir as escadas.

— Espere, vamos assistir a um filme então — eu disse assim que toquei seu braço. Ela olhou para minha mão, que a segurava, e no mesmo instante eu a soltei. — Costumo ser insistente Paola.

— Qual filme? — perguntou impaciente, me fazendo sorrir.

— Geralmente eu e o Luis assistimos ação ou terror.

— Luis?

— É, o seu pai. Esqueceu o nome dele?

— O nome dele é Luis? — perguntou surpresa.

— Você não sabia o nome dele?

— Não, eu não sabia, eu não queria saber.

— Por quê?

— Não interessa, você estragou tudo, idiota — disse, me empurrando de leve e subindo as escadas.

— Pérola, espere...

— Do que você me chamou?

— Paola — confirmei, sem me lembrar do nome que havia falado.

— Não, não — dizia enquanto balançava o dedo indicador em um sinal de negativo. — Você me chamou de Pérola.

— Claro que não — disse tentando não expressar minha surpresa ao ouvir seu apelido sendo pronunciado por ela.

— Não sou surda, Theodoro, sei muito bem o que ouvi.

— Talvez você não tenha entendido direito, Paola e Pérola são nomes bem parecidos — tentei me explicar.

— Não, eles não são. Confessa de uma vez que me chamou de Pérola, bonito.

— Esquece. Você não ia para seu quarto? — disse, fiquei de costas para ela e segui até o sofá, quando a vi passar na minha frente e se jogar no sofá em que antes eu estava deitado.

— Você disse bem, eu IA para o quarto. Resolvi aceitar seu convite — disse ela. Abusada.



Ela negou que quisesse pipoca com o filme, dizendo que havia comido muito no café da manhã, mas seu corpo mostrava que ela vinha tendo problemas alimentares.

Então apenas me levantei do sofá, antes que ela escolhesse um filme, e me dirigi até a cozinha para preparar a pipoca. Enquanto tentava achar uma faca para cortar uma laranja para que pudéssemos fazer um suco, eu a escutei abrindo o sofá para que virasse uma cama grande e espaçosa.

Ela estava debruçada sobre o sofá-cama para forrá-lo com um lençol limpo. Ela lançou o lençol no ar fazendo o mesmo se esticar e flutuar até o colchão que ela arrumava. Seus cabelos estavam soltos e o rosa com o contraste branco do apartamento me fez observá-la ainda mais atento. Ela passou as mãos no lençol para que ficasse esticado e levantou sua cabeça, me fazendo olhar diretamente para seus olhos azuis.

— O que está olhando? — perguntou ela.

— Sabe onde Luis guarda as facas?

— Ah, pode esquecer, aqui não tem faca ou qualquer coisa cortante.

— Por quê?

— Proteção — disse colocando as almofadas sobre o colchão. — E por que você precisa de faca para fazer pipoca?

— Gostaria de fazer um suco natural.

— Tem refrigerante na geladeira.

— Não tomo isso.

— Fala sério que você é um desses carinhas certinhos que não fazem nada considerado normal.

— O que você considera normal?

Ela arrumou a postura colocou o cabelo atrás da orelha e fitou no chão.

— Nada, eu não sou considerada normal, então não posso julgar.

— Você parece bem normal para mim, atrevida, mas normal.

— Sério? Pensei que você me achasse uma gótica esquisita.

— Você se veste como gótica, porém não se comporta como uma.

— Obrigada, eu acho — disse ela deitando-se no sofá-cama. — Para de ficar me olhando e vá fazer a pipoca. Sei que sou bonita.

Era filha de Luis, sem dúvidas.



Ela escolheu o filme e se acomodou por baixo das cobertas, já que o aquecedor não parecia muito eficiente nessa manhã. Acomodei-me ao seu lado, longe o suficiente, e tentei me concentrar no filme que passava na televisão.

E depois de comprar comida mexicana para o almoço e obrigá-la a comer, tive certeza de que Cloe não ia aparecer. Eu devia ter desconfiado, já que ela praticamente me forçou a vir e me fez muitas perguntas durante a semana sobre a Paola. Por fim, tive a confirmação de que Cloe Brown armou para mim.

Paola se levantou, pegou os pratos sujos e os levou até a cozinha. Continuei assistindo ao filme que já havia visto um milhão de vezes, sempre que o via, me lembrava do pequeno Arthur com seus trajes dos Vingadores. Paola retornou da cozinha com dois copos de suco e entregou um deles para mim, me fazendo olhar para ela com dúvida.

— Achei uma caixa de suco de laranja na geladeira. Você poderia ter visto antes, gênio — disse ela, se sentando no seu lugar novamente.

— Obrigado — disse, tomando um gole do suco levemente amargo. — Gosto diferente.

— Não achei — disse ela, tomando uma boa quantidade do líquido.

Olhei novamente para o filme e tomei todo o suco. Coloquei o copo na mesa de centro e vi Paola com um sorriso diferente nos lábios. Eu me sentei confortavelmente e tentei não reparar no quanto ela ficava bonita com aquele sorriso. Depois de um tempo, senti meu corpo ficando mole, o que me fez tocar na minha testa para tentar não ficar tonto.

— Você está bem? — perguntou ela, se encurvando para ficar na minha frente.

Não tinha respostas para sua pergunta naquele momento.

Eu estava bem?

Eu a vi me lançar o mesmo sorriso mostrado anteriormente e subir no meu colo, colocando cada perna ao lado do meu corpo, me fazendo ofegar instantaneamente ao sentir seu corpo sobre o meu. Coloquei minhas mãos na sua cintura na tentativa frustrada de tirá-la do meu colo, porém foi em vão. Não podia deixar que ela continuasse o que estava fazendo.

— Pérola, pare — disse com a voz meio falha.

— Sabia que havia me chamado de Pérola. Amei o apelido, bonito — disse ela beijando o meu pescoço e se aproximou do meu ouvido para sussurrar com sensualidade. — Pena que tive que lhe dopar para saber do seu segredinho.

O quê?

— Desculpa, Theodoro, mas tive que fazer isso. O efeito é fraco, logo você vai acordar e eu estarei onde preciso estar — continuou ela, enquanto beijava e dava pequenos chupões no meu pescoço.

— Não... Você não... pode... — disse com a voz arrastada.

— Sim, eu posso — disse ela me dando um selinho e saindo do meu colo. — Bons sonhos — falou ela novamente com aquele sorriso.

Tentei impedi-la de sair, porém só consegui cair do sofá-cama e vê-la pegando as chaves e saindo do apartamento com um sorriso nos lábios.

Estava começando a odiar aquele sorriso. Pensei, enquanto as minhas pálpebras pesadas se fechavam e antes que a escuridão me consumisse, ter ouvido o som da fechadura da porta. A atrevida me deixou dopado e trancado aqui dentro.

Ela ia me pagar.

Capítulo 12

MELISSA CRAWFORD

Tive que me lembrar mentalmente de todas as regras para ter uma convivência saudável ao lado do Luis durante essa viagem, e depois que recebi um e-mail da Vivian, indignada por ser a última a saber que “estou grávida”, fiquei com dúvidas se matava Paoll por ter espalhado toda essa mentira ou se matava o Luis por ser um completo idiota ao inventar essa mentira para afastar o meu acompanhante daquela noite.

Não direi que foi fácil passar algumas horas dentro daquele carro com Luis. Eu o senti um pouco tenso desde que descobriu que sua mãe foi para Paris. Ele se manteve calado, assim como eu, também achei melhor não ter nenhum tipo de contado com ele. Então apenas me arrumei confortavelmente e mantive os olhos fechados enquanto seguíamos a viagem, tendo somente o rádio como fundo sonoro.



Fiquei olhando para a pequena construção na cor bege ao meu lado, com a pintura descascada. As pichações com palavras obscenas estavam em praticamente em todo o prédio. Verifiquei novamente o endereço que Cloe me enviou e me assustei ao saber que estávamos exatamente no lugar certo.

— Mais que...

— Merda — completei a frase.

— Não era exatamente essa as palavras que eu ia usar, princesa.

— Eu sei — disse, desviando meu olhar do prédio e o fitei. — Me diga que sua mãe não fez isso com a gente.

— Sinto muito, princesa, mas ela fez.

— Vamos, definitivamente, procurar outro hotel. Não posso arriscar a minha saúde em um lugar como esse.

— Um hotel com vagas? Faltando três dias para o Ano-Novo? Impossível.

— Estamos em Washington, deve ter milhões de hotéis, digamos, decentes.

— Esse parece decente — disse ele, olhando novamente para o hotel.

— Você só pode estar brincando, né?

— Não acho que terá vagas em nenhum outro.

— Você é um Brown, pensei que os Brown pudessem tudo.

— Podemos, mas só quando queremos, e no momento não quero — disse, tirando o cinto do corpo e abrindo a porta. — Você não vem? — perguntou quando saiu do carro e bateu a porta.

Peguei minha mala de mão e rapidamente vesti meu casaco. Respirei fundo e saí do carro recebendo o vento gelado do inverno em meu rosto, que fez meu cabelo flutuar com a brisa gelada que Washington nos oferecia.

Apertei o tecido grosso do casaco e caminhei até o outro lado, onde Luis estava observando o hotel novamente.

— Esse bairro não parece ser seguro — eu disse tocando em seu braço.

— Aqueles caras do outro lado parecem ser bem pacíficos — disse, me fazendo olhar para os três homens que nos encaravam e estavam próximos a uma lixeira metálica com fogo alto, que eles usavam para se esquentar.

Apertei mais minha mão em torno do seu braço e novamente implorei para sairmos daquele lugar. Ele me lançou um sorriso de lado e caminhou até o prédio, me levando junto com ele.

— Espera, Luis...

— Deixe de ser medrosa, princesa.

— Meu pai sempre disse pra eu me afastar de lugares como esses — disse apertando novamente seu braço, como se fosse a última boia salva-vidas.

— Ele provavelmente tem razão — disse ele, se aproximando da porta.
— Espero que seu quarto fique próximo do meu.

— Luis, eu faço o que você quiser.

— O que eu quiser? — perguntou com um sorriso malicioso e uma sobrancelha levantada.

— Sim.

— Promete?

— Eu prometo — disse em um tom mais alto e olhei para os homens novamente. — Só se saímos daqui agora — falei, sem soar desesperada.

— Ok, vamos — disse ele, voltando na direção do carro.

Fácil demais.

Por que sinto que ele tramou algo?

Caminhei rapidamente até o carro e entrei soltando um suspiro de alívio. Passei o cinto pelo meu corpo, olhei para Luis que colocava a chave na ignição e beijei sua bochecha rapidamente.

— Obrigada — disse ao me endireitava no banco.

— De nada — disse enquanto colocava seu próprio cinto.

Ele me lançou uma piscadela e logo dirigiu em silêncio. Depois de alguns minutos, ele parou na frente de um prédio moderno.

— Que lugar é esse?

— Uns dos apartamentos usados pelos advogados do escritório.

— Você já tinha esse lugar planejado?

— Sim, não sabia que a minha mãe havia reservado o hotel, então pensei que talvez você quisesse descansar em um lugar confortável depois da viagem.

— Você tem a Chaves do apartamento?

— Claro.



Depois que colocamos o carro na garagem e tiramos as malas, subimos até a cobertura.

O apartamento era exageradamente grande. Apesar de ser pouco usado, ele estava limpo e organizado. A grande parede de vidro me dava uma ótima visão de Washington no inverno, o piso formado por madeira estava por todo o apartamento. Coloquei a minha mala de mão sobre o sofá e encarei Luis, que estava parado olhando a vista da cidade. Eu me aproximei aos poucos dele e toquei em seu ombro.

— Vou pedir algo para comermos.

— Eu posso fazer alguma coisa se quiser.

— Sabe cozinhar? — perguntou surpreso.

— E muito bem, por sinal — disse saindo de perto dele e entrando na cozinha.

Abri os armários e percebi que estava repleto de comida, assim como a geladeira. Amarrei o meu cabelo em um coque alto e procurei por uma panela grande.

— O que vai fazer? — Eu o ouvi perguntar atrás de mim, o que me fez virar e vê-lo próximo à ilha da cozinha.

— Uma massa rápida no forno talvez.

— Você se importa se eu tomar um banho?

— Não, fique à vontade. Vou tentar terminar rápido para almoçamos — eu disse colocando a panela sobre o fogão.

— Tentarei ser breve também.

Apenas concordei com a cabeça e logo ouvi seus passos ficando distantes, até que não pude ouvir mais nada. Comecei a fazer o molho branco, e quando estava quase pronto, diminui o fogo e comecei a cortar pedaços grandes de ricota, quando senti os braços quentes de Luis na minha cintura e sua barba raspar o meu pescoço me fazendo imediatamente parar o que estava fazendo e fechar os olhos para apreciar cada sensação que seu toque me proporcionava.

O seu cheiro de Fougère logo invadiu as minhas narinas, juntamente ao cheiro de banho recém-tomado. Eu amava seu cheiro único, era delirante sentir seu perfume, eu poderia passar horas apenas sentindo e descobrindo o que ele seria capaz de me proporcionar.

— Eu amo sentir seu corpo próximo do meu — ele praticamente sussurrou no meu ouvido. — Somos feitos um para o outro, princesa.

— Lu... Luis — gaguejei. — Não podemos — tentei dizer com a voz firme.

— Por que não? Me diz, Melissa. Por quê? — perguntou ele se afastando de mim e me virando para encarar sua face de indignação.

— Porque não quero ser tachada como mais uma que você usou e jogou fora, eu tenho sentimentos, assim como todas as outras que você usou como

brinquedo.

— Eu não vou usar você como um brinquedo sexual, Melissa.

— Então quer dizer que de uma hora para outra você resolveu mudar de um perfeito cafajeste para um príncipe com um cavalo alado? — dei risada em deboche. — Desculpa, Luis, mas é impossível acreditar nisso. Como o velho ditado diz: pau que nasce torto nunca se endireita.

Ele tocou no queixo com força e soltou um suspiro.

— Você diz que tem sentimentos, mas esquece que eu também tenho um coração. Um dia irei me cansar de lutar por algo que parece impossível e você se arrependerá de ter machucado e jogado fora um sentimento tão puro como o meu — disse ele, saindo da cozinha.

Apoiei-me na bancada da pia, como se tivesse acabando de levar um tapa forte na cara.

Suas palavras me fizeram lembrar o que Theo me disse na fazenda. Luis não seria paciente como Nathan foi ao esperar por Bruna, e agora eu sentia como se ele realmente estivesse disposto a mudar por mim.

Senti o cheiro de queimado e logo desliguei o fogo do molho que estava impossível de ser usado para o almoço. Peguei a panela e a joguei na pia com força.

Ótimo, o que mais poderia dar errado nessa viagem?

Capítulo 13

LUIS BROWN

Cafajeste e mulherengo.

Eram essas as palavras que vinha ouvido ultimamente. Não discordava que eu fosse mulherengo, cafajeste, sem coração, pegador, canalha, etc. Porém não era justo todos jogarem isso na minha cara.

Eu estava realmente disposto a mudar, provar para todos, para Melissa, e principalmente para mim mesmo, que eu era capaz de me transformar em um homem digno do seu amor.

O problema era: até quando eu me sentiria disposto a manter o plano para provar isso a ela?

Caminhei até o pequeno bar que tinha no apartamento e me servi um pouco de uísque com duas pedras de gelo, que bebi de uma vez, logo após peguei a garrafa e a levei junto comigo até a sala. Ouvi um barulho na cozinha, e não me importei em saber o que havia acontecido. Minha cabeça estava me fazendo diversas perguntas e milhões de planos apenas para ter ao meu lado a minha diaba.

Odiava o fato de ela ter razão, eu não podia mudar de um dia para o outro. Realmente usei muitas mulheres, porém nunca as enganei, sempre fui muito sincero sobre o fato de querer apenas uma noite com elas e nada mais. Fazia meses que eu não me envolvia com ninguém, só ficava pensando na morena que dominou minha vida por completo sem perceber.

Tomei mais um gole da bebida forte e afundei meu corpo no sofá fechando os olhos.

Precisava de um plano melhor do que deixá-la trancada no quarto até ela assumir um amor eterno por mim. Não que isso seria uma má ideia.

Massageei minhas têmporas e tentei não ser um completo psicopata tentando forçá-la a me amar.

— Temos um problema. — Ouvi sua voz suave dizer.

— Diga — eu disse sem abrir os olhos.

— Vou ter que refazer o almoço, então... você se importaria em esperar um pouco mais?

— Não — falei abrindo os olhos e enchi o meu copo sem olhar para ela, que estava em pé ao lado do sofá.

— Vamos continuar com isso até quando?

— Isso o quê? — perguntei fingindo-me de desentendido e levantei o olhar para encará-la.

— Com essa briga boba.

— Se você acha bobo o motivo, o que posso dizer? — perguntei, tomando um gole da bebida.

— Luis, somos adultos, não estamos mais no tempo de brincar de namoricos.

— Você sempre diz a mesma coisa. Eu já disse que não quero brincar com a droga dos seus sentimentos, Melissa — disse exaltado. — EU TE AMO, DROGA.

Ela ficou boquiaberta por alguns segundos, e logo começou a abrir e fechar a boca em busca de palavras para uma possível resposta. Levantei-me e caminhei até ela, parando apenas alguns centímetros distante de seu corpo.

— Se acha que eu brincaria com o amor que sinto por você, está totalmente enganada, princesa.

— Vo-você me ama? — perguntou surpresa.

— Com todas as minhas forças — disse, me aproximando do seu corpo e tocando seu rosto. — acredite em mim, princesa. Quando eu digo que estou disposto a mudar por você, não estou brincando.

— Luis, não...

— Brinque comigo... — completei a frase com deboche. — Isso está ficando chato, Melissa. Como você mesma disse, não somos mais crianças pra brincar de cabo de guerra.

Ela se manteve calada, talvez em busca de uma nova desculpa para me afastar.

Aproximei-me centímetros suficientes dos seus lábios e esperei que ela me beijasse. Prometi que não a beijaria e pretendia cumprir minha palavra.

Ela negou com a cabeça lentamente, como se estivesse negando tudo que

estava pensando.

— Espero que eu não me arrependa — disse ela, antes de selar meus lábios com os seus.

A sensação doce e macia dos seus lábios carnudos me fizeram soltar um gemido entre seus lábios. Rapidamente afundei meus dedos em seus cabelos, desmanchando seu coque alto e fazendo com que seus cabelos caíssem em suas costas, nesse instante, invadi sua boca com minha língua e explorei todo o sabor que ela me oferecia.

Ela cruzou os braços em volta do meu pescoço e rapidamente eu a puxei para meu colo, fazendo com que ela enrolasse as pernas na minha cintura.

Caminhei com ela em meus braços sem retirar meus lábios dos seus e subi os degraus que levavam até os quartos. Quando finalmente cheguei ao topo da escada, encostei as costas da Melissa na parede, fazendo-a soltar um gemido fino. Coloquei minha mão em sua nuca e aprofundei o nosso beijo, ela segurou firme em meus ombros, se afastando dos meus lábios.

Sua testa tocou na minha e eu sorri para ela, que ainda estava com a respiração ofegante. Beijei a ponta do seu nariz e toquei em seu rosto, antes de caminhar com ela até o quarto e deitá-la com delicadeza na cama.

Afastei-me do seu corpo, tirei minha camiseta e fiquei olhando para ela, ali na minha frente. O vestido vermelho-goiaba que ela estava usando marcava divinamente sua cintura fina e o decote em formato de coração me fazia enlouquecer desde quando ela tirou o casaco no carro. Seus cabelos longos, negros, agora estavam espalhados pelo edredom branco e cinza.

Deitei meu corpo sobre o dela, sem machucá-la, e novamente ela me beijou, agora, um beijo calmo e doce. Quando me afastei dos seus lábios, lhe dando um selinho, ela afundou os dedos entre meus cabelos e a outra mão tocou

as minhas costas.

— Não quero acordar desse sonho — disse ela com os olhos fechados, enquanto sua mão alisava as minhas costas, como se estivesse provando a ela mesma que não era um sonho.

— Você não está sonhando, princesa — eu disse, beijando seu pescoço.

— É que... parece um sonho — sussurrou ela.

— Estou realizando o seu sonho, Melissa, e acredite, você está realizando o meu.

— Então, o que está esperando? — perguntou com uma voz sensual.

Ah, Diaba!



Eu a amei.

Estávamos deitados na cama, apenas um edredom cobria nossos corpos e ela estava prestes a dormir. Tirei seu cabelo do rosto, beijei sua testa com carinho e logo senti os seus lábios no meu peito, como retribuição do gesto.

— Dorme, princesa — disse carinhosamente.

— Estou com medo — falou com a voz abafada.

— Medo? Do quê?

— De acordar e você não estar mais aqui.

— Não tenho outro lugar em que eu queria estar — disse, beijando novamente a sua testa. — Durma, princesa. Quando você acordar, estarei aqui ao seu lado — disse suavemente.

E quando não tive resposta, deduzi que ela estivesse dormindo, como se tivesse esperado apenas a minha resposta para poder, finalmente, descansar.

Aconcheguei melhor seu corpo no meu e fechei os meus olhos para que pudesse descansar ao lado dela também. Realmente não tinha outro lugar em que eu gostaria de estar a não ser ao seu lado, colado em seu corpo.



O barulho irritante do meu celular me fez despertar e afastar o corpo de Melissa do meu lentamente, sem acordá-la. Eu me levantei da cama em silêncio, vesti minha cueca boxe e procurei o celular dentro do bolso da calça. Peguei o celular e vi algumas que tinha três mensagens e uma ligação do Matthew. Olhei rapidamente para Melissa, que dormia tranquilamente, e vesti minha calça frustrado por ser obrigado a deixá-la por alguns minutos.

Saí do quarto e desci os degraus olhando primeiramente as mensagens.

Mãe 13:12 PM

Sei que irá me desculpar pelo que fiz, e não se preocupe com Theo e a

Paola. Eu te amo muito, filho.

PS.: Comprei um presente lindo para minha neta aqui em Paris.

Matthew 12:43 PM

Pensei que manteria Paola longe do Club por um tempo.

Matthew 13: 57 PM

Acho melhor você vir buscar sua mina. Se Allan vê-la, não vou poder impedi-lo.

Luis Brown 14:02 PM

Que brincadeira é essa??? Paola está em casa.

Matthew 14:02 PM

Então ela tem uma irmã gêmea, pois a garota que está aqui é exatamente igual a ela e tá muito chapada.

Apertei o celular com força e pedir mentalmente que Matthew estivesse brincando comigo e que Paola estivesse em casa lendo um bom livro e contando os minutos para eu chegar. Digitei o nome do Theo, esperando que ele atendesse logo e depois que a ligação caiu na caixa de mensagem, meu coração começou a pulsar mais forte. O sangue nas minhas veias e o medo de Paola ter tido uma recaída me fizeram caminhar até a cozinha parar beber um copo de água. Liguei novamente para ele, e quando estava prestes a pegar as chaves do carro e correr até Paola, ele atendeu ao celular.

— A-alô? — falou com a voz embriagada.

Não acredito que esse bastardo, filha da mãe, resolveu ficar bêbado logo hoje, depois de todo aquele papo de que a bebida poderia me matar e acabar com a minha vida.

— Theodoro, onde está a Paola? — perguntei tentando não me estressar.

— Q-quem?

— MINHA FILHA, THEODORO, ONDE ESTÁ A MINHA FILHA?

Escutei alguns gemidos de dor através do telefone e o som de algo se quebrando, e logo a linha ficou muda.

— Theo, cadê...

— Eu não sei, tá legal... e-eu não sei — disse com a voz cansada.

— Como não sabe? Eu o deixei com ela, e você fica bebendo até cair.

— Ela me dopou — disse com raiva. — Aquela garota sem noção me dopou e saiu de casa.

Respirei fundo e tentei entender o lado dele, porém a vida da minha filha em risco me fez esquecer qualquer coisa que pudesse livrá-lo de uma possível morte rápida.

— Como uma droga de chefe da segurança se deixa dopar por uma adolescente de 19 anos? Eu te entreguei a minha vida e você deixou que ela te dopasse?

— Ela só estava de castigo, Luis, deixe de paranoia. Ela deve estar na casa de uma amiga, no shopping ou na casa de um... na-namorado — disse com dificuldade a última palavra.

— Minha filha não tem nenhum namorado, Theodoro, ela... ela. — Respirei fundo, antes que falasse o que não deveria, e continuei: — Lave o rosto e tente tomar algo que o ajude. Eu vou mandar o endereço de onde ela está, você vai entrar e sair de lá sem falar com ninguém nem perguntar nada. Um amigo chamado Matthew vai te ajudar a entrar e sair sem problemas.

— Com que merda essa garota tá envolvida?

— Não interessa, seu dever é apenas tirar a Paola de lá e levá-la para casa em segurança. E se não for pedir muito, não a deixe escapar novamente — falei, desligando o celular.

Mandeí Matthew ficar esperando por Theo próximo à porta e logo depois mandei uma mensagem para Theo apenas com o endereço e o nome de quem ele deveria procurar quando chegasse no Club.

Deixei o celular sobre a cômoda e apoiei minhas mãos na bancada da pia tentando relaxar um pouco, toquei na minha nuca e caminhei até o quarto onde

estava a minha calma.

Abri a porta da suíte e vi minha linda morena dormindo tranquila na grande cama. Deitei-me ao seu lado e a puxei para meus braços. Quando ela tocou meu peito, senti toda a tensão do meu corpo sumir instantaneamente. Beije o topo da sua cabeça e esperei que nada desse errado com minha filha.



Assim como havia prometido, eu estava ao lado dela quando acordou, e no momento em que ela me viu e abriu seu sorriso, descobri que gostaria de vê-la assim todos os dias da minha vida, foi apenas a prova do que eu já sabia. Ela estava destinada a ser minha, e eu sempre seria dela.

Ela fez um almoço rápido e se arrumou para que pudesse entrevistar o Sr. Bass e finalmente pudéssemos retornar para New York.

Abotoei o meu terno e me virei para vê-la descendo as escadas com um vestido cor de caramelo na altura dos joelhos, um sapato com saltos razoáveis e o cabelo todo preso.

— Inferno — murmurei baixinho. — Vo-você está linda.

— Obrigada — agradeceu timidamente. — Será que exagerei?

— Não, nem um pouco. Ainda bem que o Sr. Bass é um homem casado e respeitador, senão eu nunca deixaria você sair desse jeito.

— Não seja bobo — disse ela me dando um tapinha no ombro e logo arrumou minha gravata. — Não sabia que você o conhecia.

— Ele é um amigo da família.

— Melhor assim, talvez eu não me sinta tão nervosa.

— Por que ficaria tão nervosa?

— É um trabalho valendo a minha bolsa na faculdade, Luis. Como eu não ficaria nervosa?

Engoli seco pelo fato de tê-la feito acreditar nessa mentira, mas apenas beijei sua testa.

— Vamos? — perguntei.

— Vamos! Só vou pegar a minha bolsa — disse ela, se afastando para pegar a bolsa e a maleta do notebook.

Peguei sua mão e, depois de um beijo rápido, saímos do apartamento. As malas já estavam no carro. Provavelmente, depois que ela terminasse a entrevista com o Brian, pegaríamos a estrada para não chegarmos muito tarde em casa.

Brian Bass estava alguns minutos atrasado e o movimento no restaurante em que havíamos marcado para a entrevista já estava aumentando. O som dos saltos finos de Melissa batendo freneticamente no chão mostrava que ela estava nervosa.

— Que horas são? — perguntou ela.

— Um minuto desde a última vez que você perguntou. Agora, tente se acalmar — disse, tocando sua mão sobre a mesa.

Ela me lançou um sorriso singelo me mostrando que ficaria calma, e depois de alguns minutos, decidi levantar e pegar uma bebida fraca para que ela ficasse mais tranquila.

Estava no bar e esperei que o garçom terminasse de preparar o drink que eu havia pedido quando uma voz familiar me chamou.

— Luis? — disse Lenny se aproximando do bar onde eu estava. — Quanto tempo!

— Parece que não foi o suficiente — eu disse, olhando para o garçom, que ainda não havia terminado de fazer a bebida.

— Poxa, nos divertimos muito, lembra? — perguntou ela, tocando em meu ombro. — Das nossas noites no...

— Lenny, eu não quero me lembrar, acredite, não me interessa — disse friamente. — Agora que já tentou jogar seu charme barato pra cima de mim e viu que não vai funcionar, tente enganar outro trouxa.

— Não vai me dizer que você está com aquela garota ali?

— Talvez esteja — respondi sem lhe dar importância e fiquei de costas para ela.

— Ah, Luis! — ela me chamou, me fazendo virar para olhá-la brevemente, e me surpreende por com um beijo.

— Lu-Luis — quando ouvi a voz doce da minha princesa, afastei-me dos lábios de Lenny e rapidamente vi Melissa com uma expressão de surpresa parada próximo ao bar.

— Meli...

— Não. Eu não quero saber — disse ela levantando a mão para que eu parasse de falar. — O Sr. Bass chegou, mas vejo que você está muito ocupado — disse ela, virando e se afastando.

— Me liga — disse Lenny, se afastando do um sorriso diabólico nos lábios.

BÔNUS THEODOTO GROHL

Sentia meus músculos fracos, meu corpo estava pesado e a dor na minha cabeça era praticamente insuportável. O barulho do toque do meu celular me fez implorar por silêncio. Coloquei a mão no bolso com dificuldade e puxei o celular no momento em que ele parou de tocar, o que me fez agradecer mentalmente. O prazer do silêncio rapidamente sumiu quando meu aparelho celular começou a tocar incansavelmente. Levei o telefone até a frente do meu rosto com dificuldade de abrir os olhos e atendi a ligação.

— A-alô?

— Theodoro, onde está a Paola? — perguntou Luis, aparentemente irritado.

— Q-quem? — perguntei tentando assimilar o nome à pessoa.

Quem seria Paola?

— MINHA FILHA, THEODORO, ONDE ESTÁ A MI-NHA FI-LHA?

Ah, sim! A fera em pele de cordeiro, ou melhor, em pele de uma pérola rosa a atrevida, que me dopou.

Eu me levantei com dificuldade do chão, sentindo meu corpo corresponder aos poucos aos meus comandados e me fazendo gemer de dor. Senti a minha perna dormente, o que me fez tropeçar em uma mesinha ao lado do sofá e derrubar um vaso que se quebrou em milhões de pedaços. Eu me sentei no sofá e coloquei o celular novamente na orelha.

— Theo, cadê...

— Eu não sei, tá legal? E-eu não sei — disse sentido meus músculos reclamarem de dor.

— Como não sabe? Eu o deixei com ela e você fica bebendo até cair.

Não acredito que esse bastardo pensa que bebi. Logo eu, que vivo dizendo que não se deve fazer isso.

— Ela me dopou — disse com raiva. — Aquela garota sem noção me dopou e saiu de casa.

Ouvi sua respiração pesada, como se estivesse buscando calma, e ele rapidamente voltou a falar.

— Como uma droga de chefe da segurança se deixa ser dopado por uma adolescente de 19 anos? Eu te entreguei a minha vida e você deixou que ela

te dopasse?

— Ela só estava de castigo, Luis, deixe de paranoia. Ela deve estar na casa de uma amiga, no shopping ou na casa de um... na-namorado — falei com dificuldade só de pensar que ela poderia estar com alguém.

— Minha filha não tem nenhum namorado, Theodoro, ela... ela...
— ele fez uma pausa brevemente e logo completou: — Lave o rosto e tente tomar algo que o ajude. Eu vou mandar o endereço de onde ela está e você vai entrar e sair de lá sem falar com ninguém ou perguntar nada. Um amigo chamado Matthew vai te ajudar a entrar e sair sem problemas.

Quando ouvir o nervosismo em sua voz percebi o quão sério era o assunto.

— Com que merda essa garota tá envolvida?

— Não interessa, seu dever é apenas tirar a Paola de lá e levá-la para casa em segurança. E se não for pedir muito, não a deixe escapar novamente — falou e logo desligou o telefone na minha cara.

Deixei o celular ao lado do sofá e deitei no mesmo sentido, meu corpo pesando duas vezes mais do que o normal.

Eu ia matar aquela garota.

Obriguei meu corpo a se levantar e segui até a pia da cozinha me apoiando em alguns móveis. Debrucei-me sobre a pia e liguei a torneira jogando a água gelada em meu rosto.

Depois de me sentir firme o suficiente para ir atrás de Paola, onde quer que ela estivesse, caminhei até a sala sem precisar me apoiar em mais nenhum

objeto decorativo do apartamento.

Desviei-me dos cacos de vidro pelo chão e peguei o celular já vendo a mensagem que Luis havia mandado com o endereço do local em que Paola estava.

Peguei minha carteira e as chaves do meu carro. Depois que vesti meu casaco, abri a janela que dava acesso à escada de incêndio, já que a porta estava trancada. Depois que saí pela janela e descí as escadas tocando no metal gelado da estrutura gelada da escada, finalmente entrei no meu carro e liguei o aquecedor, adicionei o endereço no GPS e saí logo depois de saber que ela estava no subúrbio da cidade.

Eu estava mais que disposto a olhar na cara daquela atrevida que teve coragem de me dopar, me deixando trancado no apartamento, jogado no chão da sala.



Aproximei-me de um local afastado dos demais e, ao olhar para a fachada do local, tive que verificar para ter certeza de que o GPS me mostrava a direção certa. A neve pelo caminho apenas me atrasou, e quando cheguei ao local, o sol já estava baixo e o frio havia aumentado. Desci do carro e caminhei até o prédio de três andares, preto, com apenas uma placa com o nome Black Hole destacada em neon vermelho.

Andei pelo chão de cascalhos e me aproximei de dois seguranças que guardavam uma grande porta de metal.

— Eu estou procurando o...

— Theodoro? — perguntou um terceiro homem surgindo de trás da

porta.

— Matthew? — perguntei.

— Ele tá comigo — falou para os seguranças, que deram um passo para o lado me dando espaço para passar. — Vamos logo.

Passei pelos seguranças e, assim que entrei, a música alta invadiu meus ouvidos. O cheiro de cigarro e suor estava espalhado pelo local. Quando atravessamos o corredor, eu vi que muitas pessoas estavam naquele local que, claramente, se tratava de uma balada eletrônica pela música. Desviei-me de algumas pessoas e continuei seguindo o cara que cumprimentava algumas pessoas enquanto andava, e como prometi para Luis, não falei com ninguém, apenas o segui até uma escadaria vigiada por mais alguns seguranças. Matthew passou por eles sem dificuldade e apenas acenou para mim com a cabeça, para que eu continuasse o seguindo, e depois de alguns degraus, ele parou em frente de uma porta grande, aparentemente pesada, e a abriu. Passei por ele e fiquei impressionado ao ver que todo o local tinha um revestimento vermelho, sofás e mesas de pole dance, em que algumas meninas seminuas se insinuavam para alguns homens à sua frente.

— Vem, ela está aqui — disse ele andando pelo local.

Engoli em seco apenas por imaginar o que a pérola estaria fazendo em um local como aquele. Era impossível não olhar para as pessoas naquele lugar, a maioria estava fumando, usando drogas ou bêbadas. Esse era o tipo de local que sempre fiz questão de evitar e, por incrível que pareça, ela estava me trazendo novas experiências.

De repente, esbarrei em alguém, olhei para frente e percebi que Matthew havia parado. Eu me desculpei pelo pequeno acidente e ele apenas apontou em uma direção, me fazendo olhar para onde ele apontava, e instantaneamente senti o meu chão desaparecer.

Ela estava jogada em um sofá, de maneira desconfortável. Entre o seu dedo indicador e o do meio, ela segurava um cigarro de maconha, jogava a fuma branca para cima e retornava o cigarro à boca repetindo o processo. Na mesa em sua frente estavam algumas bitucas de cigarro e alguns pacotes de cocaína já usada.

— Triste, não é mesmo? Todos pensavam que o Brown havia conseguido tirar ela dessa vida. — Ele faz uma ligeira pausa e completou: — Vejo que estávamos errados. Talvez ela não tenha salvação.

— Ela frequenta aqui há muito tempo? — perguntei.

— Tempo suficiente para descobrir que aqui dentro a história dela é praticamente normal.

— A história dela?

— Você não sabe, não é mesmo?

— Não.

Ele suspirou e negou com a cabeça.

— Vamos tirar ela daqui, antes que ela tenha uma overdose.

Queria perguntar mais algumas coisas, saber qual era o verdadeiro motivo de ela estar nessa vida e qual a sua verdadeira história, porém me mantive quieto e apenas segui na direção em que ela estava. Tirei o cigarro da sua mão, ela logo reclamou e tentou pegá-lo novamente.

— Chega, Paola, vamos embora — disse e a peguei pelo braço, a

jogando sobre meu ombro e prendendo suas penas com os meus braços.

Ela apenas resmungou algo, de modo desconexo, e bateu nas minhas costas com força, me fazendo açoiar um tapa na sua bunda para que ficasse quieta. Segui Matthew de volta para a entrada do Club, e quando finalmente saímos, vi que o céu estava começando a escurecer. Agradei a Matthew pela ajuda e com um pouco de dificuldade a coloquei no carro.



Quando chegamos ao apartamento, tirei a chave do bolso dela e entramos. Como ela estava desorientada e meio agressiva, tirei seu casaco com facilidade e suas botas grossas e logo a coloquei na cama, tirei suas luvas e vi as marcas em seus pulsos.

“O que essa garota passou?”, perguntei-me quando toquei sua cicatriz. “Não tiro a razão de Luis quer ajudá-la, ela realmente precisava de ajuda.”

Não sei por que queria tanto ficar próximo dessa garota, ela era visivelmente o tipo de pessoa que eu nunca chegaria perto. Problemática, viciada em drogas, já tentou o suicídio e, com certeza, me daria problemas.

Mas por que isso não me incomodava tanto quanto eu pensei que me incomodaria?

Coloquei o edredom quente sobre seu corpo e saí do quarto, mandei uma mensagem para Luis, para tranquilizá-lo, e limpei os cacos de vidro do vaso que quebrei quando acordei. Tomei um banho quente e demorado, já que, segundo a previsão do jornal New York, teríamos uma nevasca daqui a alguns minutos e ninguém deveria sair de casa. Depois que me senti mais relaxado, vesti uma roupa limpa que Luis tinha em seu Closet, desci as escadas e vi Paola sentada em uma poltrona próximo da janela, com uma roupa totalmente preta. Seus cabelos cor-de-rosa estavam sobre suas costas e sua cabeça estava baixa encostada na

poltrona.

— Pao...

— Me desculpa — ela disse, sem levantar a cabeça. — Agora você conhece a verdadeira Paola, a adolescente abusada sexualmente pelos amigos da sua mãe e viciada em drogas, que tenta se matar pra achar um alívio para sua alma perdida — disse, me fazendo perder o ar brevemente.

Não sabia da sua história até esse momento e quando a escutei falar, senti como se ela estivesse jogando uma bomba de realidade no meu peito. Vivi em um mundinho perfeito e sem imperfeições, e quando a realidade dela bateu forte em meu peito, senti o mesmo que, provavelmente, Luis sentiu quando a descobriu. Caminhei rápido até ela e me ajoelhei à sua frente, segurei seu queixo e a fiz olhar para mim, seu rosto estava pálido, seu nariz vermelho e seus olhos borrados de maquiagem. Passei o dedo levemente em seu rosto e sequei suas lágrimas, ela fungou e me abraçou forte enquanto chorava.

— Você não está sozinha, minha pérola rosa.

— Eu estou com medo de decepcionar vocês, talvez seja melhor aceitar que não faço parte da sua família.

— Tarde demais. É fácil entrar na família, o difícil, acredite, é sair, e não acho que você queira magoar o coração de uma avó que nunca teve uma neta e o de um garotinho de três anos que nunca teve uma prima.

Ela fungou novamente e se afastou dos meus braços, me fazendo suspirar com frustração. Eu a queria em meus braços, protegida e sem nenhum medo.

— Eu quero ir para uma clínica — disse ela limpando o próprio rosto.

— Ah! Pode ter certeza de que você vai. Assim que as festas do fim de ano terminarem, você vai para a melhor clínica possível.

— Acha que dará certo?

— Eu não tenho dúvida. E assim que você sair, vou estar esperando por você.

— O que quer dizer com isso?

— Quero dizer que estou disposto a descobrir tudo sobre esse sentimento que tenho por você. Quero cuidar e proteger você de tudo e de todos, minha pérola rosa.

Capítulo 14

MELISSA CRAWFORD

Burra. Burra. Burra.

Eram essas as palavras que estavam na minha cabeça. Quão burra fui ao acreditar nele, na sua lábia, no seu papo doce e na velha história do “Eu te amo”.

Saí o mais rápido possível de onde eles estavam e me segurei para não quebrar mais uma regra. Não chorar por Luis Brown. Já tinha feito o suficiente, dormindo com ele, agora não poderia parecer fraca na sua frente. Então engoli toda a minha vontade de chorar e de quebrar a cara daquela ruiva falsa. Então apenas caminhei novamente até a mesa e me esforcei para não chorar. Eu me sentei à mesa, junto ao Sr. Bass, respirei fundo e coloquei o guardanapo em meu colo, após ter lançado um sorriso para Brian, que estava à minha frente, me olhando com atenção.

— Você está bem? — perguntou ele atenciosamente.

— Estou, melhor impossível — disse pegando a taça de água e bebi tudo de uma vez.

— Gostaria de algo?

— Ah, não! Estou realmente ótima — disse, pousando a taça vazia sobre a mesa. — Sei que é um homem ocupado, Sr. Bass, e não gostaria de lhe tomar muito tempo, então... podemos iniciar a entrevista?

— Se assim achar melhor, podemos.

Peguei o pequeno bloco de notas com as perguntas e o gravador que sempre usava nas aulas mais complicadas. Abri o bloco e peguei uma caneta, quando Luis chegou, cumprimentou o Sr. Bass e se desculpou pela demora.

Mantive-me focada na entrevista e tentei ignorar Luis, que estava ao meu lado, e quando a garçonete trouxe biscoitos de avelã e chás quentes, me senti mais calma.

— Fiquei sabendo do novo membro da família — falou Brian quebrando o silêncio, após pousar sua xícara sobre o pires. — Fico feliz que Nathan tenha seguido em frente após a morte da Jessica.

— Bruna foi a salvação dele e agora, com Arthur e Austin, vejo que tenho o meu irmão novamente.

— Espero vê-lo novamente no meio jurídico.

— Ele está retornando aos poucos.

— E vocês não querem ter um filho também? — perguntou, me fazendo engasgar e sentir as mãos quentes de Luis nas minhas costas.

A história das crianças chegou até aqui?

— No-nós não somos um casal — expliquei afastando a mão de Luis das minhas costas e peguei o guardando para limpar meus lábios.

— Não? — perguntou Brian.

— Ainda não — explicou Luis.

— E não seremos — disse, encarando Luis. — Acredite, Sr. Bass, meu relacionamento com o Sr. Brown é totalmente profissional.

— Totalmente profissional? — perguntou Luis com a sobrancelha levantada.

Sua cara me fez lembrar da nossa manhã no apartamento, nas palavras doces usadas apenas para me fazer ceder. Sabia que ele ia me machucar, me senti quebrada e usada.

Respirei fundo e tomei o meu chá tentando ignorá-lo novamente.

Terminamos a entrevista minutos depois, agradei ao Sr. Bass e Luis fez o mesmo.

Quando saímos do restaurante já havia anoitecido, entramos no carro e logo tentei terminar o trabalho pelo notebook, faria o possível para entregá-lo no dia seguinte, e também foi uma ótima distração para não conversar com o Luis.

Mas quando o notebook descarregou, não me restou muita opção, então apenas o guardei e o coloquei com cuidado no banco de trás. Passei a mão no meu vestido e olhei para a estrada, onde a neve caía lentamente.

— Podemos conversar agora? — perguntou ele.

— Não temos o que conversar.

— Você pode não ter, mas eu tenho. Quero me desculpar pela cena que você presenciou.

— Sério? Vai pedir desculpas por ter beijado aquela garota? Não precisa, Luis, não temos nada, e você não é obrigado a me dar satisfação.

— Eu quero. Preciso te explicar que ela não significa nada para mim, e nunca vai significar. E ela me beijou.

— Ah, claro! Você é a vítima em tudo isso — falei com deboche.

— Por que é tão difícil acreditar em mim?

— Porque você nunca me inspirou confiança.

— Não confia em mim?

Não respondi à sua pergunta, talvez eu não soubesse respondê-la. Eu confiava nele? Talvez em alguns sentidos, porém nunca confiaria plenamente, sendo que ele nunca se esforçou para merecer a minha confiança. Então apenas fiquei quieta enquanto via a neve cair forte sobre o carro.

— Acho melhor ir devagar, a pista está com muita neve.

— Se diminuir, vai me responder?

— Claro que não.

— Ok — disse ele, aumentando a velocidade.

— LUIS! — exclamei assustada. — Pare!

— Você confia em mim?

— Luis...

— Confia? — perguntou, acelerando ainda mais.

— CONFIO. EU-CONFIO — gritei segurando firme a porta do carro e com a outra mão segurando forte o meu acento.

— Diz que sou homem da sua vida. — Ele mudou a marcha e continuou olhando firme para a estrada.

— Droga, Luis! Você é o homem da minha vida.

Ele deu um sorriso de lado e foi reduzindo aos poucos a velocidade do carro, me permitindo respirar tranquilamente e acalmar.

— Eu já sabia — disse ele, convencido.

— SEU IDIOTA, IMBECIL, LOUCO... — disse exaltada enquanto dava tapas no seu braço. — PODERÍAMOS TER MORRIDO, SEU BABACA.

— Ei, calma aí, princesa. Acredite, eu sei como é correr em qualquer pista.

— Você é um palhaço.

— Sem xingamentos, princesa.

Tampei o meu rosto para me acalmar e respirei fundo inspirando levemente. Quando me senti mais calma, tirei minhas mãos do rosto e avistei à nossa frente um animal atravessando a rua lentamente.

— Cachorro.

— Não precisa ofender também, né, Melissa — disse ele, olhando para mim, sério.

— Não! Olha um cachorro — eu disse, apontando para o animal muito próximo do carro.

— OH, DROGA! — exclamou ele virando o volante para que o carro não batesse no cachorro.

Senti o carro derrapar sobre o asfalto e vi o desespero do Luis para tentar recuperar o controle, segurei forte o meu cinto de segurança contra o meu peito, como se fosse minha única esperança de vida. O barulho do carro se arrastando pelo asfalto era assustador, assim como a mureta de proteção se aproximando do carro.

Soltei um grito forte quando senti o impacto do carro quando ultrapassou a mureta de ferro, fazendo carro descer uma ladeira. Senti meu corpo ser impulsionado para frente quando o carro bateu forte em um monte grande neve. O airbag foi adicionado com segundos de atraso, me fazendo soltar um grito de susto.

Ainda com as mãos trêmulas segurando meu cinto, escutei a voz do Luis chamar pelo meu nome, porém era incapaz de respondê-lo ou até mesmo de olhar para ele. Senti uma de suas mãos tocar meu ombro, e a outra, o meu queixo, me forçando a olhar para seu rosto. Sua expressão era de preocupação, suas sobrelhas estavam unidas e ele falava algo que eu não era capaz de entender. Senti as lágrimas quentes deslizando pelo meu rosto e tentei, inutilmente, tomar o controle do meu corpo, porém a tentativa foi totalmente falha.

Luis colocou as duas mãos sobre o meu rosto novamente, falava algo que

não entendia. Meu corpo tremia, meu coração estava acelerado e eu não conseguia fazer nada, apenas chorar.

Ele soltou meu cinto e o retirou das minhas mãos, afastou o cabelo de sobre o meu rosto e beijou a ponta do meu nariz com delicadeza. Senti meu corpo ser levantando facilmente, e quando percebi, já estava em seu colo e finalmente pude ouvir sua voz sussurrando ao meu ouvido:

— Respira... estou aqui, princesa.

Atendi ao seu pedido e comecei a respirar devidamente, sua mão alisava minhas costas e aos poucos fui conseguindo recuperar meus sentidos.

— Você está machucada? — perguntou ele preocupado.

— Não... Eu acho que não.

— Precisamos sair daqui — falou ele, olhando as portas totalmente bloqueadas pela neve. — Talvez conseguimos ligar para alguém — disse, pegando o celular com dificuldade de dentro do bolso. Ele o desbloqueou e logo jogou o celular no banco de passageiro. — Sem sinal, acho que devemos contar com a sorte.

— Vamos ficar aqui até alguém nos achar? — perguntei.

— Parece que sim. Espero que você tenha sorte, pois eu não tenho nenhuma.

— Vamos morrer dentro de uma bola de neve.

— Ou seremos devorados por lobos.

— O quê? — perguntei tocando em seu peito e me afastando um pouco do seu colo para ver o seu rosto.

— Estou brincando — disse, me fazendo soltar um suspiro de alívio. — É mais provável que sejamos mortos por ursos.

Dei em um tapa de leve em seu peito e soltei um sorriso tímido. Ele não perdia a oportunidade de soltar uma piadinha, nem mesmo em uma situação de perigo.

— É bom sentir você próxima novamente.

— Lu...

— Eu não sou esse cafajeste que todos dizem, Melissa, eu posso mudar.

— Nem que te pagassem você seria capaz de mudar.

— Quer apostar? — perguntou ele, me fazendo olhar para o seu rosto novamente.

— Você quer...

— Sim, que quero apostar que sou capaz de mudar por você. Se você ganhar... se eu falhar na minha missão, sairei da faculdade, irei para Londres cuidar da empresa de lá, e você nunca mais me verá.

Engoli em seco apenas por imaginá-lo longe de mim, a possibilidade de nunca mais vê-lo me assustou. Toquei em seu peito levemente, olhei em seus olhos e perguntei:

— E se você ganhar? — perguntei apreensiva.

Ele deu um sorriso maroto e disse:

— Eu ganho o seu coração.

Capítulo 15

LUIS BROWN

Ela me encarava há alguns segundos, e pela primeira vez senti o meu peito apertar com qual seria a sua resposta.

Como ganhar seu coração? Essa pergunta estava agora na minha mente. Não podia deixar essa oportunidade escapar e fui obrigado a usar minhas últimas fichas. Talvez esse acidente tivesse um lado bom ao final. Estava praticamente desesperado, não tinha muita opção e sabia muito bem lidar com apostas. Talvez eu nunca ganhasse minhas apostas, mas essa era o único salva-vidas para mim na minha embarcação em que eu estava naufragando. Talvez fosse loucura apostar algo tão valioso, talvez o resultado, no final, fossem eu provar para mim mesmo e para ela que era capaz de ser o homem que ela merecia e o Alberto me aceitar como genro, sem desconfiança, sem medo e sem barreiras. Estava, literalmente, disposto a ser o cavalheiro que dona Cloe criou.

— Eu aceito — disse ela baixinho, finalmente quebrando o silêncio ensurdecedor.

— Aceita? — perguntei.

Ela aceitou?

— Sim, eu aceito — disse, firme, dessa vez. Senti meu corpo relaxar com sua resposta. — Porém teremos regras.

— Regras? — perguntei curioso.

— Quero ser sua exclusividade, não quero vê-lo com ninguém, sem traições. E quero um prazo para a aposta.

— Você é a única que eu quero, princesa, não tem outra, e não terá.

— Dez meses, você terá dez meses para provar que é capaz de mudar por mim e se transformar na pessoa que eu desejo que você seja.

— Vou ser muito melhor, princesa — disse, tirando um fio de cabelo do seu rosto.

— Não faça com que eu me arrependa novamente, Luis.

— Você não vai. Agora precisamos sair daqui. Vivos.

— Acha que alguém nos encontrará? — perguntou preocupada.

Tentei lançar um sorriso encorajador, fazendo com que ela me devolvesse um sorriso tímido e afundasse seu rosto em meu pescoço. Esperava mesmo que alguém viesse nos salvar.

A sorte foi lançada e eu tinha dez meses para provar para o destino e para ela que eu tinha sorte, ganharia a aposta e finalmente a terei em meus braços para sempre.



Quando o tempo foi passando, percebi o desespero tomar, aos poucos, o corpo dela. Depois de alguns minutos dentro do monte de neve, percebemos que o aquecedor não estava funcionando e o frio foi ficando cada vez congelante. Todos os casacos e a mala de mão de Melissa estavam no porta-malas e,

infelizmente, só tínhamos os casacos usados para irmos do restaurante até o carro, e não estavam sendo suficientes.

Fazia algumas horas que estávamos presos e Melissa estava dormindo, trêmula, no seu banco. Pensei em milhões de maneira de sairmos desse lugar, uma maneira de salvar apenas ela. Coloquei o casaco que estava usando sobre ela e torci para que ela parasse de tremer. Inclinei o meu banco e tentei não me desesperar com medo do que poderia acontecer. Talvez um carro passasse, visse a pequena barreira de ferro retorcida e nos achasse.

Senti o corpo da Melissa colocando-se sobre o meu, o que me fez abrir os olhos e fitar nos dela, cor de mel, por um breve momento.

— O que você está fazendo? — perguntei quando senti que ela se deitava sobre o meu peito com os casacos.

— Não vale a pena começar um relacionamento sendo que você já quer entrar nele morrendo congelado — disse ela, com sua voz abafada batendo no meu peito.

— Relacionamento?

— Você só ouviu isso?

— É a única coisa que me interessa. Quer dizer que estamos namorando?

— Eu não usaria essa palavra exatamente. Digamos que estejamos em um relacionamento enrolado.

— Enrolado? É assim que quer nomear o nosso envolvimento? Assim você me magoa, princesa, estou começando a achar que você está nessa apenas para se aproveitar do meu corpinho inocente.

— De inocente você não tem nada, Brown.

— Sou o único inocente da família, Nathan e Theo que são os desviados.

— Você acha que eu vou acreditar nisso?

— Deveria, afinal, somos quase marido e mulher.

— O quê? Não somos, não, eu lhe ofereci um relacionamento enrolado, não um casamento.

— Isso são apenas detalhes, princesa.



Minhas mãos passavam sobre suas costas, enquanto eu sentia sua pequena mão acariciar meu peito lentamente. Perdi a noção do tempo que passamos aqui dentro, tanto eu quanto Melissa estávamos mentalmente cansados.

— Vamos morrer aqui — disse ela em um sussurro.

— Não, não vamos — eu disse tentando convencer a mim mesmo.

— Estava nevando muito, ninguém seria louco de sair assim, e o carro provavelmente deve estar todo coberto pela neve. Ninguém nos verá.

— Você não devia pensar assim.

— Desculpe.

— Nós vamos sair daqui, ainda tenho que jogar na cara do sogrão que agora é oficial.

Senti um leve tapa em meu peito, o que me fez sorrir, e ela se aconchegou melhor sobre o meu corpo.

— Não é, definitivamente, oficial.

— Sim, princesa, é oficial.

Ela levantou a cabeça e com sua delicada mão tocou meu rosto e logo me surpreendeu com beijo doce e lento. Prendi seus cabelos com as minhas mãos e aprofundei o beijo pedindo permissão para que a minha língua entrasse e ela consentiu, assim como também explorou com maestria a minha boca. Eu a puxei ainda para mais próximo do meu corpo e senti que ela se arrumava confortavelmente, sem desgrudar os lábios dos meus, e quando escutei seu gemido, senti minha sanidade sumir e meu lado insano assumir, como um animal feroz, o meu corpo. Pela primeira vez, senti o carro ficar quente, quente como o inferno, e era ela quem estava proporcionando isso.

Ah, diaba!

O barulho do lado de fora foi ignorando por ambos, talvez fosse um animal andando pela floresta em busca de uma caça fácil, e não estava em meus planos me afastar dos lábios de Melissa, não nesse momento, então apenas suguei seu lábio inferior e segurei firme em sua cintura. O barulho de algo batendo no vidro fez com que eu interrompesse o beijo e olhasse para a janela do passageiro. Havia um pequeno buraco sobre a neve, conseguimos ver Alberto, através do vidro.

— Saia de perto da minha filha, Brown! — esbravejou.

— Nunca fiquei tão feliz de ver o seu pai.

— Parece que ele está muito feliz em te ver também.

Ela me lançou um sorriso e fui capaz de ver um brilho em seus olhos, antes de dela sair do meu colo e ir se sentar em seu lugar. Alberto saiu do local dando espaço para que os bombeiros fizessem seu trabalho.

Quando a porta do passageiro ficou totalmente livre da neve e eu vi Melissa totalmente salva e em segurança, senti meu peito se inundando de tranquilidade. Desci do carro e olhei para a ladeira que havia decido com o carro, lá no alto eu podia ver uma equipe de paramédicos atendendo Melissa com atenção. Segurei firme a corda e subi a ladeira sem muito esforço, recebi um cobertor térmico dos paramédicos, que me fizeram sentar ao lado da Melissa na ambulância.

— Sente algo, senhor? — perguntou uma mulher loira com atenção.

— Estou ótimo.

— Você e sua amiga vão ser encaminhados para o hospital mais próximo, para serem atendidos.

— Não sou amiga dele, sou na-mo-ra-da — disse Melissa, pausadamente, me fazendo desviar o olhar da mulher que me atendia e encarar com um sorriso a minha princesa.

Melissa me olhou e levantou as sobrancelhas, como se dissesse: “Sim, nós somos namorados”.

— Me diga que ela bateu forte com a cabeça e está delirando — pediu Alberto sentado ao lado da filha.

O meu sorriso se alagou ainda mais quando olhei para Alberto e disse:

— Desculpa, sogrão, parece que finalmente faço parte da sua família. —
Abri meus braços e completei: — Mereço aquele famoso abraço coletivo, não é mesmo?

Capítulo 16

LUIS BROWN

— PAI! — gritou Melissa, na tentativa inútil de impedir seu pai.

Não deu tempo de eu me desviar, quando percebi, o punho de Alberto já havia acertado em cheio o meu rosto, me fazendo sentir o nariz torcer fortemente e o sangue quente escorrer por ele.

— Senhor, se controle — disse a enfermeira afastando Alberto.

— Ele pediu por isso, ele pediu! — gritou Alberto.

— Eu pedi um abraço, não um soco — eu disse tentando limpar o sangue do meu nariz.

— Não me provoque, Brown — disse ele, apontando para mim. — Diga que não fizeram aquilo.

— Aquilo? — perguntei.

Aquilo o quê?

— Pai... — tentou dizer Melissa, antes de ser interrompida pelo pai.

— Não o defenda, Melissa, ele merece muito mais que um nariz

quebrado.

— Senhor, se acalme ou serei obrigada a pedir que se retire — falou a enfermeira de maneira dura.

— Ok — disse ele, se sentando novamente. — Aqui não é o lugar certo para isso.

— Ótimo. Já que a família já se acertou, podemos ir para o hospital? — perguntou a enfermeira, que estava em pé observando a situação em silêncio.

— Podemos — disse Melissa e Alberto ao mesmo tempo.

— Perfeito — disse ela, fazendo o sinal para que fechassem a porta da ambulância. — Não se preocupe, senhor, o carro guincho levará seu carro até New York em segurança, assim como a caminhonete do seu sogro — completou ela, fazendo Alberto bufar.



O curativo no nariz me incomodava, o inchaço do local ainda não havia passado, porém a dor latejante, sim. Caminhei até a sala de espera e avistei Alberto, que apoiava a cabeça sobre a mão enquanto esperava o término dos exames de Melissa. Eu me atrevi a me sentar ao seu lado e cocei a garganta para que ele percebesse que eu estava lá.

— Sem brincadeiras, Brown — disse em um tom de aviso.

— Como nos achou? — perguntei querendo puxar assunto.

— Sua mãe.

— Minha mãe?

— Ela ligou para Nathan preocupada com você — falou ele encontrando a cabeça no apoio da cadeira, fechou os olhos e umedeceu os lábios antes de completar. — Nathan não podia vir, parece que Austin não estava muito bem, então ele me ligou.

— Austin...

— Não é nada grave, ele apenas estava meio inquieto — completou após me interromper.

— Obrigado pela ajuda, Alberto.

— Não me agradeça, Brown, ainda quero terminar o que comecei na ambulância.

— Pensei que havia aceitado meu envolvimento com Melissa na manhã de ontem?

— Não pensei que o “envolvimento”... — disse ele destacando a última palavra ao fazer o sinal de aspas com os dedos. — ... aconteceria tão rápido.

Nem eu.

— O que aconteceu nessa viagem? — perguntou ele, me encarando.

— Nada — disse, firme, torcendo para que ele acreditasse nas minhas palavras.

Ele me lançou um olhar frio me provando que não havia acreditado. O

som de passos se aproximando me fez levantar e ver Melissa sorrindo para uma enfermeira de meia-idade, ela se afastou da mulher e caminhou até onde estávamos.

— Está tudo bem? — perguntou ela olhando para nós dois.

— Sim — dissemos juntos.

— E você? Tudo bem, filha? — perguntou Alberto, preocupado.

— Estou ótima, pai, com uma saúde de ferro — respondeu ela com um sorriso admirável.

— Que bom, vamos para casa — disse, pegando a mão da filha. — Brown, pegue um táxi.

— Pai? — Melissa repreendeu o pai.

— O quê? Ele vive reclamando da minha preciosa caminhonete.

— Aquela lata velha deveria estar em um museu.

— Luis? — disse ela, firme, me encarando e batendo o pé como aviso.

— Um nariz quebrado não foi suficiente, Luis?

— Ficou com medo de me abraçar e acabar assumindo que estava torcendo para que eu e sua filha ficássemos juntos? — perguntei dobrando os braços sobre o peito.

— Não sei quem é mais infantil — Melissa resmungou. — Quer saber, vocês vão de caminhonete, EU irei de táxi — disse ela se afastando, deixando ambos para trás.

— MELISSA! — esbravejamos juntos, indo atrás dela.

Segurei seu antebraço e logo Alberto fez o mesmo, no outro lado.

— Você vai comigo! — disse Alberto.

— Não posso discordar com o seu pai, você irá com ele, é perigoso pegar um táxi de madrugada.

— Viu? Em uma coisa concordamos — falou Alberto com sarcasmo.

— Vocês são totalmente iguais, deveriam ser amigos, não fazerem de mim uma corda de cabo de guerra — disse, antes de se soltar das nossas mãos. — Pai, estou namorado o Luis, pare de implicância e aceite. Sei que já sabia que isso ia acontecer uma hora ou outra, todos praticamente já sabiam disso. — Quando Alberto ia protestar, ela levantou a mão para que ele não dissesse nada e apontou para mim. — E, Luis, pare de ficar de gracinha com o meu pai, ele merece ser respeitado como se fosse o seu pai, e não fale mal da caminhonete dele. Agora quero que vocês peçam desculpas um para o outro.

— Não farei isso — disse Alberto, indignado. — Eu sou o pai aqui, lembra?

— O homem que me educou e me ensinou todos os princípios éticos pediria — disse ela, cruzando os braços na altura dos seios.

— Me desculpe — disse ele, firme, sem argumentar contra a filha.

— Está desculpado — eu disse calmamente.

— Luis? — disse ela, me fazendo olhar para a mesma que estava tão admirável. Vê-la na madrugada congelante da cidade me fazia querer descobrir o quanto ela poderia me prender nesse amor que só ela era capaz de me proporcionar.

Sua pele branca, quase pálida, estava envolvida por um casaco branco de pele artificial, seus cabelos negros estavam jogados do lado esquerdo, caindo sobre o casaco e fazendo um contraste divino, me fazendo ofegar instantaneamente e querer beijá-la.

Eu amava essa mulher.

Desviei o olhar para fixar Alberto, que estava parado ao meu lado com sua postura costumeira e impune que sempre custava usar.

— Me desculpe, Alberto — disse com sinceridade, estendendo a mão para selar o pequeno tratado de paz.

Ele pegou firme na minha mão, sem desviar o olhar furioso de mim, me puxou para um abraço e sussurrou no meu ouvido:

— Ainda estarei de olho em você.

— Não tenho dúvidas — eu disse, me afastando.

— Agora que os dois homens da minha vida se aceitaram, podemos ir?

Alberto retirou a chave do bolso e caminhou pelo estacionamento do hospital até a calçadota, que estava estacionada um pouco distante.

Caminhei até Melissa, segurei em sua cintura e a puxei para mais perto, lhe dando um beijo sua testa.

— Passamos de um relacionamento enrolado para um namoro muito rápido, essa aposta já está no papo — disse, a abraçando apertado.

— Sem gracinhas, aquela mulher estava praticamente se jogando no seu colo, eu tinha que cuidar do que é meu.

Apertei mais meus braços em torno do seu corpo e disse:

— Sim, meu amor, sou exclusivamente seu, minha namorada.

— É bom ouvir isso... namorado. — Eu senti seu rosto afundar no meu peito, como se ela estivesse aproveitando cada segundo do meu toque.

O som da buzina fez com que ela soltasse uma risada, se afastando dos meus braços e me dando um selinho rápido antes de se afastar e caminhar até a caminhonete esverdeada do seu pai. Alberto manobrou o carro pelo estacionamento até parar ao meu lado.

— Aliás, fiquei sabendo que sua filha está com o Theodoro, boa sorte — disse, antes de acelerar sem me dar o direito de respondê-lo.

O beijo roubado, o acidente e a aposta fizeram com que eu me esquecesse rapidamente de que minha filha ficara com o Theo. A mensagem que ele enviara não me deixou tranquilo o suficiente, o fato de ela tê-lo dopado e fugido deveria ser tratado com uma boa conversa, e neste momento eu torcia para ter firmeza para encarar tudo que poderia acontecer assim que eu entrasse em meu apartamento.

Capítulo 17

LUIS BROWN

Agradei ao taxista que me trouxe até a fazenda e subi os poucos degraus de pedras até a porta. Usei a cópia da chave que eu tinha e entrei na casa grande. Tirei o casaco, o colocando no pequeno armário próximo à porta de entrada, entrei na sala e vi meu irmão em pé usando apenas uma calça de moletom cinza, segurando Austin. Ele me encarou e deu um pequeno sorriso.

Precisava saber como estava o Austin, depois que Alberto me provocou no estacionamento, mandei uma mensagem para Nathan explicando um pouco do que havia acontecido para que ele pudesse ficar tranquilo.

— Melissa, pelo que parece, tem a mão pesada — disse ele referindo-se ao curativo no meu nariz. — O que aconteceu?

— Digamos que Alberto não aceitou muito bem o meu namoro com a filha dele.

— Finalmente estão namorando? Parabéns, irmão! — disse ele batendo em meu ombro e logo ouvimos o choramingar do Austin.

— O que está acontecendo com o pequeno? — perguntei olhando para Austin, que estava um pouco agitado no colo do pai.

— Ele tá meio agitado desde ontem, Bruna quase não dormiu nem comeu direito cuidando dele, então resolvi cuidar dele aqui na sala.

— Arthur não era tão agitado assim nas primeiras semanas.

— Austin está provando que não é nada igual ao irmão.

— Posso pegá-lo no colo? — Ele confirmou e me entregou o filho com cuidado.

Austin estava com apenas algumas semanas, mas já se mostrava diferente dos recém-nascidos que carreguei. Suas bochechas ganharam um tom avermelhado, os lábios, antes, tinham a cor vermelha, agora, tinha uma cor rosada e apenas seus cabelos continuavam negros. Ele abriu a boca em um bocejando lindo, desdentado, e logo após abriu os olhinhos deixando seus olhos azuis me fitarem.

— Ei, pequeno, está dando trabalho para o papai e a mamãe? — ele levantou seu braço, me mostrando sua mão envolvida por uma luva verde e logo a abaixou. — Dar trabalho ao papai até que o tio concorda, mas com a mamãe, não, Austin.

— Não ensina isso para o meu filho.

— O quê? Ele tem toda razão em lhe dar trabalho, você não desejou a gravidez no início.

— Eu tive medo, Luis.

— Todos sentimos medo, irmão, mas privar a Bruna de engravidar... isso era praticamente impossível.

— Eles tiraram meus medos — disse ele, quase em um sussurro.

— Fico feliz em ouvir isso — disse, beijando a bochecha do meu sobrinho. — Seria difícil sentir medo olhando todo dia para esse pequeno milagre que Deus fez.

— Melissa mudou até seu modo de falar?

— Ela está me mudando aos poucos — assumi.

— Significa que parou de apostar?

— Não, ainda não — disse e vi sua expressão de desgosto. — Preciso tentar uma última aposta, e depois disso prometo parar.

— Qual aposta?

— No tempo certo você saberá.

— Droga, Luis, o que você apontou? — aumentou o tom de voz, fazendo com que Austin se assustasse e iniciasse um choro.

— Apontei tudo que tenho — respondi sem olhar para ele, tentando acalmar o pequeno que chorava em meus braços. — Como você sabe o que ele quer? — perguntei preocupado.

— Não se preocupe, foi só um susto, logo ele se acalma e volta a ficar quietinho.

Mudei a posição dele, o coloquei próximo ao meu peito e comecei a cantarolar uma canção baixinho, porém o choro continuou forte e irritado, me fazendo entrar em desespero. Talvez eu estivesse fazendo algo errado.

— Acha que estou apertando ele?

— Não, talvez ele...

— Talvez ele esteja com fome — disse Bruna descendo a escadas de mãos dadas com Arthur, que bocejava.

— Você devia estar dormindo — falou meu irmão, se aproximando da mulher e beijando sua testa com carinho.

— Arthur foi ao meu quarto dizendo que Austin estava precisando de mim, então, como não encontramos você no nosso quarto nem no do Austin, viemos até aqui — disse ela, dando um beijo rápido nele e vindo à minha direção pegando o filho e me beijando na bochecha. — Obrigada por cuidar dele um pouquinho.

— Por nada, loirinha.

Ela beijou a testa do filho com carinho, se sentou em uma poltrona e colocou uma fralda para que desse privacidade no momento de amamentação.

Senti a mão do meu irmão em meu ombro me fazendo observar que ele estava com Arthur nos braços. O pequeno Capitão América estava com a cabeça apoiada no ombro do pai e os olhos fechados, provavelmente havia dormido novamente.

— O que você quis dizer quando falou que apostou todo que tem? — perguntou meu irmão em voz baixa para que Bruna não ouvisse.

— Apostei meu futuro com a mulher da minha vida.

— Você apostou com a Melissa? Sabe que o seu histórico de vitória é baixíssimo.

— Sei, mas sinto que essa aposta eu posso ganhar.

— Espero que ganhe.

Dei um longo suspiro e falei:

— Eu também.



Coloquei a chave do carro que Nathan havia me emprestado dentro do bolso da minha calça e saí do elevador, indo em direção à porta do meu apartamento. Abri a porta, encostei a minha mala ao lado da entrada e retirei meus sapatos. Quando a luz da sala se acendeu, vi Paola sentada na sua poltrona de costume.

— Pensei que estivesse dormindo — eu disse tirando meu cachecol.

— Não consegui, sabe que precisamos conversar.

— Onde está o Theo?

— Dormindo.

— Dormindo? — perguntei. — Então podemos começar com você me explicar como o dopou?

Ela deu um pequeno suspiro, desviou o olhar da janela, me fazendo olhar para sua pele pálida através dos cabelos rosa, e respondeu:

— Eu tinha o remédio faz um tempo, sabia que você não me deixaria sair facilmente...

— Então você gostaria de me dopar?

— Sim — confessou com a cabeça baixa.

— Você dopou o Theo, foi para o Club e usou drogas?

— Sim.

— Quer saber, Paola, pra mim chega. Você vai para uma clínica, nem que para isso eu tenho que te levar à força.

— Luis, eu sinto muito.

— Não me venha com essa de Luis... — Parei de falar e encarei minha filha, que estava em pé me observando com atenção. — O que você disse?

— Eu sinto muito.

— Não, não é isso. Você me chamou de Luis... Como descobriu meu nome?

— O Theodoro deixou escapar sem querer — respondeu ela, colocando uma mecha do cabelo atrás da orelha e continuou: — Eu vou para uma clínica depois do Ano-Novo.

— Você quer ir?

— Quero, eu preciso mudar para mim mesma, para você, por nossa família e pelo Theo.

— Que diabos o Theodoro tem a ver com isso, Paola?

— Bom... — iniciou ela com as bochechas avermelhadas. — Acho que estamos namorando.

Oh, não!

Eu a encarei por um tempo e esperei que ela dissesse que era apenas uma brincadeira, porém ela parecia bastante sincera nas suas palavras. Ela se aproximou de onde eu estava e ficou parada, me olhando como se não soubesse o que fazer. Eu a puxei para um abraço e beijei sua testa carinhosamente.

— Tudo vai ficar bem, filha.

— Acha que vou conseguir ficar limpa por muito tempo? — perguntou, ainda com o rosto em meu peito.

— Não tenho dúvidas, você é mais forte do que imagina.

— Poxa, momento família e ninguém me chamou? — disse Theo, me fazendo olhar para ele, que descia as escadas com minhas roupas.

— Você vestiu minhas roupas?

— Desculpa, mas eu não tinha nada para usar e a Pérola rosa disse que você não ia se importar.

— Você não se importa, né? — perguntou minha filha docemente.

— Não, não me importo — falei, tentando não expressar minha raiva. — E pare de chamar a minha filha desse apelido ridículo — eu disse, beijando a testa da minha filha e indo em direção da cozinha.

Peguei uma garrafa de água na geladeira e enchi um copo de água.

— Tenta se acostuma com o apelido... sogrão — disse ele com um sorriso largo no rosto, abraçando minha filha.

Vou quebrar a cara desse folgado.

Capítulo 18

MELISSA CRAWFORD

Encarei seriamente meu pai, enquanto ele mantinha um sorriso largo no rosto logo após ter acabado de provocar meu namorado no estacionamento do hospital.

— Sério, pai? Aquilo foi infantil.

— O quê? Eu lhe desejei boa sorte.

— Não tinha necessidade.

— O que não tinha necessidade era ele jogar na minha cara o seu... — Ele fez uma pequena pausa e engoliu seco. — Envolvimento com ele.

— Estamos namorando, não é qualquer tipo de envolvimento.

— Infelizmente — falou com desgosto.

— Vocês têm que parar de implicar um com o outro.

— Ele que começou, aliás, perder você e a Bruna para os Brown é praticamente uma afronta.

— O que tem contra os Brown?

— Tudo que teria com qualquer outra família. Eu e Alexander não queríamos que vocês crescessem.

— Desculpe lhe decepcionar, pai, mas nós crescemos.

— Percebi que perdi a Bruna quando peguei Austin pela primeira vez, e sei que vai chegar um dia que também vou ver que você cresceu.

— Sempre vou ser sua menininha, pai — eu disse, tocando em seu braço.

— Assim espero — disse após dar um longo suspiro.



Depois que cheguei em casa, expliquei tudo sobre o acidente para minha mãe e tomei o banho quente de que tanto necessitava. Não precisava me preocupar em ir trabalhar amanhã, então apenas deixei que a água quente levasse todo o cansaço que eu estava sentindo. Enrolei o meu corpo em uma toalha felpuda, amarrei meus cabelos em um rabo de cavalo baixo, lavei o rosto e vesti uma roupa confortável. Deitei na minha cama e fechei os olhos, mas as lembranças da minha madrugada com Luis vieram à minha mente. O seu modo carinhoso e ao mesmo tempo preocupado, o gosto do seu beijo, o toque quente das suas mãos, o doce e delirante som da sua voz que sempre me fez e ainda me faz perder todos os sentidos racionais.

O toque do meu celular me tirou das lembranças, me fazendo soltar um suspiro de cansaço. Estiquei meu braço até a cômoda, onde meu celular estava. Pisquei algumas vezes para me acostumar com a luz forte do celular, me fazendo diminuir o brilho da tela, e logo um sorriso surgiu em meus lábios, quando li a mensagem que Luis havia mandado.

PERIGO! 02:44 AM

Boa noite, minha princesa!!!

Melissa Crawford 02:44 AM

Boa noite, meu palhaço♥

PERIGO! 02:45 AM

Eu ainda Te Amo!

Melissa Crawford 02:45 AM

Eu também o amo!!!

Continuei olhando a tela por alguns segundos, até que tive a conclusão de que ele havia dormindo, então coloquei novamente o celular sobre a cômoda, abracei um travesseiro e fechei os olhos, esperando que o sono viesse.



Os dias se passaram tranquilamente, o Sr. Liam aprovou meu trabalho, me dando uma nota boa para que eu passasse na matéria. A fazenda estava muito bem decorada para a virada de ano, a música quase não era possível ser ouvida no quarto do Austin, Bruna terminava de arrumar o pequeno, que a observava com atenção.

— Luis já fez o pedido para o tio Alberto? — perguntou ela terminando de fechar o macacão do filho.

— Ainda não, apesar de ter certeza que minha mãe vai chamá-lo para o almoço nesse domingo.

— O famoso almoço da tia Anne com os interrogatórios do tio Alberto são inesquecíveis, ainda me lembro dele interrogando o Nathan no início do nosso namoro — falou ela, pegando o filho.

— Não duvido que ele seja um pouquinho pior dessa vez.

— Ah! Sim, com certeza será. Você se incomoda de ficar com ele rapidinho, apenas para eu terminar a maquiagem? — perguntou ela, arrumando o cabelo do filho.

— Vou amar ficar um pouquinho com o fofo do meu sobrinho — disse, pegando Austin dos seus braços com cuidando. — Vá se arrumar qualquer coisa eu chamo a Cloe ou a Noemi.

— Obrigada, irmã, prometo não demorar — disse ela, beijando a bochecha do filho e saindo do quarto.

Tirei a chupeta da boca de Austin e o vi me olhar com atenção, coloquei meu dedo em sua pequena mãozinha e o senti apertá-la levemente.

— Ei, meu amor, o que você acha de irmos ver como está a festa? — Ele continuou a me encarar atenciosamente e tornou a apertar a minha mão. — Vou aceitar isso como um sim.

Peguei uma pequena fralda de boca e me direcionei até a escadaria. Segurei Austin firme em meus braços e desci lentamente cada degrau, sem segurar no corrimão de bronze. Avistei Luis parado no pé da escada. Ele usava uma calça escura com uma camiseta branca que detalhava perfeitamente seu abdome definido. Ele me olhava atenciosamente, como se estivesse gravando cada segundo da minha flexão, lancei um sorriso para ele quando cheguei, finalmente, ao seu lado, fazendo com ele me ajudasse e me desse um beijo rápido.

— Definitivamente precisamos de um filho.

— O quê? — perguntei assustada.

— Essa foi a cena mais linda que já vi, quero lhe ver com o nosso filho nos braços descendo essas escadas.

— Daqui a cinco anos pensaremos nisso — disse, beijando a sua bochecha.

— Cinco anos? Isso é muito tempo! Precisamos de um bebê agora.

— Não precisamos, não — disse, me afastando enquanto colocava novamente a chupeta nos lábios do Austin.

— Bruna ficou grávida em quatro meses de relacionamento com o Nathan — falou ele enquanto continuava andando.

— Bruna estava casada.

— Ok, vamos nos casar hoje — falou, me fazendo parar no lugar.

Dei um sorriso e me virei para olhar em seus olhos.

— Prometo lhe dar um bebê no tempo certo, até lá, tenha paciência. — disse, lhe dando um beijo rápido.

— Não nasci com paciência — bufou frustrado.

— Para sua sorte, eu nasci com paciência suficiente para nós dois.

Austin iniciou um choramingar baixinho, que fez sua chupeta sair da sua boca, e assim recebeu a atenção do tio.

— Viu? Ele discorda de você — falou ele, pegando o sobrinho dos meus braços e o balançou lentamente. — Calma, Austin, ela logo vai lhe dar um priminho — disse ele, fazendo Austin parar com choro.

Eu não acredito.

— Viu? Agora é oficial, precisamos ter um bebê.

— Ele apenas não estava confortável nos meus braços.

— Pense o que quiser, eu tenho certeza de que ele quer um primo.

Revirei os olhos sem querer argumentar e passei a minha mão nas costas do pequeno que estava confortavelmente nos braços do tio.

Avistei Paola ajudando Noemi com a mesa juntamente com Cloe e Theo.

Ela estava com os cabelos cor-de-rosa soltos, o vestido azul médio ressaltou a cor dos seus olhos.

— Como conseguiu fazê-la vestir aquele vestido? — perguntei para Luis, que também olhou para a filha.

— Theo deu de presente para ela, e como ela se recusou a usar uma roupa branca, acabou pegando o vestido — explicou ele.

— Ela está pronta para entrar na clínica?

Luis havia me contado toda a história da filha na noite passada, entendi o fato de ele ter se apegado tanto a ela, fazendo com que me aproximasse ainda mais dela agora, não por pena ou por compaixão, mas por querer lhe mostrar como era a experiência de ter uma mãe de verdade.

— Theo concordou com facilidade com o acordo? — perguntei colocando novamente a chupeta na boca do Austin.

— Não muito bem, porém, depois que ela sair da clínica, eles poderão começar um relacionamento.

Paola colocou um vaso de flores sobre a mesa de jantar e nos lançou um sorriso sincero antes de voltar a atenção para a mesa.

— Vou sentir saudade dela nesses seis meses — eu disse com sinceridade.

— Eu também, me acostumei muito com essa maluquinha. Espero que o tratamento a ajude — ele disse após um longo suspiro.

Sabia que ele estava preocupado com a filha. Não devia ser fácil lidar com a realidade dela e ter medo de que todo o tempo na clínica não valesse a pena. Se isso acontecesse, eu não fazia ideia de como ele ficaria. Esperava que esse tempo na clínica realmente a fizesse melhorar.

Capítulo 19

MELISSA CRAWFORD

Bruna se aproximou com o sorriso contagiante que ela sempre tinha no rosto, e apesar dos seus cabelos dourados tampando suas bochechas, eu ainda conseguia ver um leve tom rosado na maçã do seu rosto. Austin havia dormido no colo do Luis, depois de alguns mimos do tio, e no momento eu estava segurando o pequeno, que dormia serenamente.

— Desculpa a demora, estava fazendo o Arthur dormir o com Nathan, acho que ele não ia aguentar ver a queima de fogos desse ano — disse, pegando seu filho com cuidado. — Obrigada pela ajuda, Mel, vou colocá-lo no berço e já volto.

— Tudo bem — eu disse, entregando a fralda de boca do seu filho. — Foi um prazer cuidar um pouquinho do meu sobrinho.

— Esse é o espírito, princesa. Começamos com o namoro, agora assumindo meu sobrinho como seu, o próximo passo será o casamento e um filho — disse Luis, me abraçando por trás e beijando meu pescoço.

— Você sabe que considero a Bruna como uma irmã — eu disse, me virando e envolvendo seu pescoço com meus braços para devolver o beijo.

— Não me desanime, princesa.

— Vocês ficam lindos juntos — disse Bruna, me fazendo olhar para ela, que nos observava atenciosamente.

— Eu discordo. — falou meu pai se aproximando. — Vocês precisam ficar tão juntos assim?

— Pai...

— Bem que gostaria de me manter afastando, sogrão, mas é praticamente impossível. Sempre me sinto atraído pela sua filha, somos como ímãs, feitos para ficar juntos — disse Luis, me aproximando mais meu corpo do seu.

— Bastardo — murmurou meu pai, antes de passar a mão nos cabelos de Austin.

— Pare de provocação — sussurrei em seu ouvido.

— Apenas respondi uma pergunta — disse Luis, próximo ao meu ouvido, fazendo com que sua barba passasse pela minha pele, causando um pequeno arrepio por todo o meu corpo.

— Luis... — eu o chamei através de um gemido sedutor.

— Ah, di... — ele interrompeu a frase, suspirando calmamente e se afastando de mim aos poucos.

— O que foi? — perguntei.

— Nada, vou falar com Matt antes que faça algo que provavelmente fará seu pai cometer um assassinato.

— O que está se passando na sua cabeça? — perguntei me aproximando e o fazendo ir para trás. — Está fugindo de mim?

— Melissa, não queira saber o que estou pensando. E pare de me tentar, mulher.

— Luis...

— Oh! Não. Fica aí paradinha por algum tempo, até eu encontrar a minha sanidade por aí — disse indo na direção do Matt.

Dei um sorriso e voltei minha atenção para o meu pai, que observava enquanto Bruna subia lentamente as escadas.

— Ela não deveria subir e descer essas escadas, não faz nem um mês que ela teve o Austin.

— Aposto que Nathan pensa a mesma coisa, porém você sabe que ela não é acostumada a ficar parada. Estou surpresa por ela ainda não ter perguntado sobre a clínica.

— Aquele ex-namoradinho dela com certeza está cuidando da clínica junto com a Elizabeth.

— O nome dele é Laird.

— Não importa o nome dele, não sei o que deu nela para namorar com ele.

— Bom, segundo ela, ele é muito gentil.

— Gentileza não foi suficiente para afastar o Nathan — disse ele calmamente.

— Não, a gentileza não foi, mas bastou apenas ela revê-lo para ter certeza de que ela é apenas dele.

— Devo me preparar para perder mais uma filha para os Brown?

— Ah, sim, com certeza — falei, lhe dando um abraço apertado.



Peguei uma taça de champanhe e olhei na direção em que minha mãe e meu pai conversavam com o Luis, provavelmente o convidando para o almoço. Aproximei-me da parede de vidro, que dava visão para o jardim repleto de neve. Os primeiros fogos começaram a subir ao céu, fazendo uma explosão enorme e colorida anunciando o novo ano. Abracei Paola e Theo, que estavam ao meu lado, e logo recebi um abraço de Cloe, que me lançou um sorriso travesso.

— Ela está aprontando algo — disse Luis, atrás de mim, segurando uma taça com suco. E me assustou. — Sempre desconfie quando ela lhe lançar esse sorriso, princesa.

— Imagina o que ela esteja pensando? — perguntei, tomando um gole do meu champanhe.

— Não, mas ela sempre pode surpreender.

— Suco? — perguntei apontando para a sua taça.

— Digamos que tenho que dar o exemplo agora — disse, tomando um gole e olhando o céu iluminado pelos fogos. — Temos que ir. — Ele pegou minha taça, colocando-a sobre uma mesa redonda com um vaso com flores, e me puxou para longe de todos.

— Para onde? — perguntei tentando não tropeçar com os pequenos saltos que estava usando.

— Para o meu antigo quarto.

— O quê? — Parei, encarando-o com um sorriso maroto nos lábios.

— Relaxa, princesa. Quero te entregar seu presente de Natal.

— Um presente?

— Chega de perguntas, vamos, antes que Alberto atrapalhe meus planos.
— Ele me puxou novamente rumo às escadas.

Subimos as escadas sem interrupção, para a felicidade do meu namorado. Caminhamos em silêncio pelo corredor, o longo corredor da fazenda. Quando nos aproximamos da porta do seu quarto, ele abriu a porta e me surpreendeu com um beijo. Senti meu corpo batendo sobre a parede, seu beijo era urgente. Ouvi o som da porta se fechando e seu corpo no mesmo instante colou no meu. Sua mão quente tocou a minha nuca, me causando um pequeno arrepio pelo meu corpo. Soltei um gemido abafado, o fazendo levantar sua mão, que estava na minha cintura e subiu por minhas costas. Afundei meus dedos em seus cabelos sedosos e correspondi ainda mais ao seu beijo sensual. Ele sugou meu lábio inferior, interrompendo o beijo me permitindo respirar, encostou sua testa na minha e me lançou um sorriso.

— Uau... — sussurrei ofegante.

— Desejei fazer isso a noite toda. — Ele me deu um selinho rápido e me puxou para o meio do quarto.

A última vez que entrei aqui foi quando Bruna descobriu sobre a clínica e

assistimos a um filme para que ela melhorasse um pouco. O quarto não havia mudado nada, as cortinas pretas estavam abertas deixando com que a luzes dos fogos de artifícios iluminassem o quarto escuro.

Ele se aproximou do seu guarda-roupa e pegou uma pequena caixinha verde.

— Queria ter lhe dado no dia, porém as coisas não saíram como eu gostaria, então não vejo um momento melhor para te entregar. — Ele colocou a caixa na palma da minha mão. — Feliz Natal.

Sorri para ele, desfiz o laço e abri a caixa. Uma pulseira prateada com alguns pingentes prateados. Luis pegou a caixinha das minhas mãos e a colocou na cama, pegando apenas a pulseira.

— Posso? — perguntou segurando a pulseira.

Afirmar e ele pegou minha mão e a beijou com carinho, senti o metal gelado na minha pele e ouvi quando ele prendeu o fecho da pulseira. Toquei nos pingentes diferentes e olhei para ele que me observava atenciosamente.

— O que significam os pingentes? — perguntei.

— O prédio com pequenos brilhantes significa a empresa. Foi onde te conheci e me apaixonei — disse me mostrando o prédio com os brilhantes nas janelas. — O diploma significa o nosso curso, falta pouco para eu terminar, e você terminará nesse ano que se inicia. O distintivo significa o seu pai, assim como a rosa em ouro branco significa a sua mãe, e a letra L não precisa de explicação.

— E o tridente? — perguntei, olhando para o tridente prateado ao lado da letra L.

— Ah! O tridente... Não significa nada, eu apenas achei bonito — disse, passando o dedo pelo pingente.

— Posso tirá-lo se quiser.

— NÃO! — exclamou alto. — Deixe-o aí, ele é importante para a pulseira.

— Ok, vou deixar o tridente. Obrigada pelo presente. — Eu o beijei rapidamente como agradecimento.

— Feliz ano-novo, minha princesa.

— Feliz ano-novo, meu palhaço.

Capítulo 20

LUIS BROWN

— Até que é um lugar...

— Tedioso — disse Paola me interrompendo.

— Ia dizer tranquilo — falei enquanto abria a janela que dava para um pequeno jardim da clínica de reabilitação.

O quarto todo em um tom creme, uma pequena cama de solteiro, um guarda-roupa com peças neutras e um pequeno banheiro.

— Não vou usar essas roupas — protestou ela, pegando duas peças do guarda-roupa.

— Não começa, você mal entrou e já está na negatividade.

— Vou parecer o Gasparzinho só usando branco.

— Tem cinza também — pronunciou Theo, que estava parado à porta, perto da minha namorada.

— Sem gracinhas, Theodoro — avisou Paola.

— Acho que você vai ficar linda em cores neutras — disse ele, se

aproximando dela e beijando sua bochecha, fazendo minha filha ficar com as bochechas levemente avermelhadas.

— Se afasta, Theodoro, temos um acordo, lembra-se?

— O acordo é esperar a Paola sair da clínica para podermos namorar, mas não vejo nada de mais em eu beijá-la.

— Eu vejo — esbravejei.

— Cada um com seus problemas — disse ele, beijando novamente a bochecha da minha filha.

Folgado.

— Amor — a voz doce de Melissa entrou em meus ouvidos como uma música tranquila de ninar.

Ela sabia como me acalmar.

Ela entrou no pequeno cômodo e tocou em meu peito, eu conseguia ver perfeitamente sua pulseira prateada na qual o pingente de tridente se destacava.

Minha doce Diaba precisava de um tridente.

— Deixe-os, serão seis meses afastados — disse ela, apenas para que eu pudesse ouvir.

Suspirei desgostosamente e a abracei forte.

— Ótimo, vocês podem ficar se agarrando na nossa frente e eu sou proibido de beijar a Pérola rosa na bochecha.

— Tenho uma autoridade que você não tem.

— Posso saber qual? — perguntou ele.

— Sou o pai dela, é suficiente.

— E eu sou seu futuro genro, tem que começar a me aceitar.

— Você não devia estar cuidando da segurança da fazenda?

— Nathan me deu uma folga — respondeu, levantando os ombros e abraçando minha filha.

Quando eu ia me aproximar para afastá-lo dela, Melissa me puxou para fora do quarto.

— Eles precisam se despedir — disse ela, fechando a porta.

— Deixe a porta aberta.

— Não, o Theo é muito respeitador, não penso que ele faria algo para desrespeitá-la.

— Eu sei, cresci com ele, e o que ele fez? Enfiou uma faca nas minhas costas.

— Eles estão apaixonados, então pare de dizer asneiras, está parecendo o

meu pai. — Ela se afastou da porta e caminhou pelo corredor até um bebedouro.

— Não sou nada parecido com seu pai, princesa.

Ela encheu o copo de água e me olhou com um sorriso lisonjeiro.

— Você ia se surpreender com os milhares de semelhanças que vocês têm.

— Exemplo?

— O jeito sufocante com que você cuida da Paola.

— Sou cuidadoso.

— Meu pai também, tão cuidadoso que quebrou seu nariz — disse ela após jogar o copo descartável no lixo.

— Eu posso quebrar o nariz do Theo.

— Viu? Você quer competir com ele para saber quem dos dois é mais brutamonte.

— Não sou um brutamonte — protestei.

— Ainda... Se continuar nesse caminho, será um ótimo exemplo de um completo machista.

— Magoa meu coração, princesa.

— Imagina quando tivermos filhas.

— Não vamos ter filhas.

— Viu? Machista — disse ela, se afastando.

— Já temos a Paola, precisamos de um filho.

— Não, vo-cê tem a Paola. Ela não me vê como uma mãe, mas com uma amiga mais velha.

— Dê um tempo para ela, depois que estivermos casados, ela vai se acostumar.

— Você não vai tirar essa ideia do casamento da cabeça?

— Você acabou de assumir que quer ter filhos comigo, precisamos pensar no casamento. Não acho que Alberto aceitaria muito bem você grávida fora do casamento.

— Falei aquilo como um teste. Está muito cedo para pensarmos em casamento e filho.

— Não destrua meus sonhos.

— Sempre pensei que você fazia o tipo daqueles caras que sempre querem apenas as mulheres na cama, não no altar.

— Aprenda uma coisa, princesa, o cara que quiser só o seu corpo nunca vai querer o seu coração.

Vi um brilho em seus olhos, o que fez meu peito inflar apenas por deixá-la sem fala. Toquei seu rosto carinhosamente e beijei a ponta do seu nariz.



A clínica havia determinado um tempo exato para nos despedirmos da minha filha, e quando tive que me despedi, senti o meu peito doer. Ela estava tão forte, tão determinada em conseguir ficar longe do vício, que me fez sentir um alívio por saber que conheceria outro lado da minha maluquinha.

Theo foi para a fazenda após ter se despedido da minha filha. Paola estava no quarto se adaptando ao lugar onde ficará por seis meses. A diretoria da clínica explicou cada dúvida que tínhamos sobre o assunto e deixou claro que as visitas no início seriam apenas uma vez por mês, e a partir do momento em que ela tivesse melhoras, poderíamos vê-la com mais frequência.

Agradei à diretoria pela descrição da internação de Paola. No tempo certo, a mídia saberia que os Brown tinham um novo membro, porém tinha que oficializar meus laços com ela, seis meses seriam mais que suficientes para que eu pudesse achar a mãe dela e fazê-la me dar a guarda total da Paola.

Ajudei Melissa a colocar o casaco e abri a porta do carro para que ela entrasse, dei a volta no carro e entrei, colocando meu cinto.

— O cinto, mocinha — disse vendo que ela ainda não o havia colocado.

— Vou acabar trancado seu apelido de palhaço para Dora aventureira.

— Novamente esse desenho?

— Sua mania por segurança é hilária.

— Não acho engraçado quando se trata da sua segurança ou da de qualquer outra pessoa, apenas quero você segura. Então, por favor...

Ela passou o cinto pelo seu corpo, liguei o carro e segui o caminho até sua casa.

— Preparado para domingo? — perguntou ela.

— Não, o fato de eu ter que encarar seu pai por algumas horas me assusta.

— Luis Brown com medo... isso é novidade.

— A última vez que o encarei, acabei com o nariz quebrado, é normal ter medo — eu disse, apontando para a bandagem em meu nariz.

— Você o provocou.

— O que ele tem contra abraços?

— Tem que merecer o abraço, e ele não é dado sem a minha mãe. É como se fosse uma corrente de proteção, eles protegem a gente e não nunca pode ser pedido como fez.

— Foi apenas um abraço, era só abrir os braços e fechá-los em torno de mim.

— Era o nosso abraço. Não dá para entender, apenas sentir.

— Tem possibilidade de alguém conseguir essa conquista?

— Talvez, Nathan até agora não teve sucesso.

— Sou melhor e mais bonito que Nathan, princesa.

— Você é muito humilde, sabia?

— É uma das minhas qualidades.

Olhei para ela e a vi com um sorriso divino, voltei minha atenção para a rua e percebi quão perto estávamos da sua casa.

— Podemos fazer algo essa noite — eu disse assim que parei o carro na frente da sua casa.

— Tenho planos para essa noite — respondeu ela, desprendendo o seu cinto.

— Posso saber que planos são esses?

— Meu pai vai ficar na delegacia essa madrugada, e eu e minha mãe combinamos de passar a noite assistindo a filmes com a Gabby.

— Não sou convidado?

— Infelizmente, não, noite das mulheres. — Ela me deu um beijo rápido e abriu a porta. — Até domingo.

Eu a puxei para meu colo, a fazendo soltar um grito de surpresa.

— Mereço uma despedida decente.

— E o que seria? — perguntou ela passando a mão na minha barba com delicadeza.

— Posso me contentar com um beijo.

Ela sorriu e me deu um beijo lento e doce, quando seus lábios se afastaram, toquei sua nuca por baixo dos seus cabelos sedosos e lhe dei o beijo que desejava. Um beijo quente e sensual, minha língua explorava sua boca, assim como a sua fazia com a minha. Afastei-me dos seus lábios quando meus pulmões necessitaram de oxigênio e me senti orgulhoso ao ver sua boca lentamente inchada e avermelhada.

— Agora, sim, até domingo, amor.



Entrei no meu apartamento, agora, silencioso e tedioso, olhei para a poltrona de Paola próximo da janela. Estava disposto a ir para a fazenda passar um tempo com Arthur, patinando no gelo, quando recebi uma mensagem.

Edmund 18:54 PM

Allan está chamando você para jogar essa noite, vamos para a pista também. Tá dentro?

Peguei as chaves, minha carteira e saí de casa após ter mandando uma resposta para Edmund.

Luis Brown 18:54 PM

Chego aí em cinco minutos.

Capítulo 21

LUIS BROWN

Podia sentir o sangue viajar pelas minhas veias em uma velocidade inexplicável, era como se eu soubesse o que estava prestes a acontecer. A estrada de asfalto, que levava até uma ponte inacabada, sempre era usada pelo o Club. Allan amava esse lugar, apesar de eu achar exagerada a maneira com que ele lidava com o fado de ser “dono” da estrada.

Sempre ganhava as corridas. Precisava do dinheiro que havia perdido na mesa de jogo e correr na pista sempre me fazia recuperar uma boa parte do que eu perdia.

Algo no fundo da minha consciência dizia que não deveria alimentar ainda mais o meu vício, que deveria ser um exemplo para a Paola, porém eu sempre tratava de ignorar a voz da razão que vinha à minha mente.

Precisava do gostinho estimulante que os jogos e a corrida me davam.

Eu precisava apostar!

Olhei para as centenas de pessoas que estavam na lateral da pista, gritando meu sobrenome fortemente. Avistei Allan sentado no alto da carroceria de uma caminhonete examinando tudo em silêncio, com a sua expressão fria.

Olhei para o carro do meu adversário e tive uma pequena pena dele. Eu sempre ganhava, todos sabiam disso, e Allan também sabia disso, por isso eu tinha certeza de que receberia o dinheiro que pedisse.

O carro que Nathan havia me emprestado seria suficiente para vencê-lo. Avistei Leyla na frente dos carros, com uma roupa provocante. Mesmo com o frio que estava fazendo, ela não parecia se importar. Eu a vi retirar o sutiã e acenar para nos prepararmos.

Novamente segurei forte o volante, e quando vi que ela deixou o sutiã cair no asfalto gelado, acelerei o máximo que podia. A pista reta já estava com uma vantagem satisfatória do meu adversário, e eu já podia ver a primeira curva muito próximo. Troquei a marcha e tentei não derrapar, o carro sobre o pouco de neve que invadia a pista derrapou um pouco para o lado da mureta e causou um pequeno arranhão na lateral. Senti novamente a adrenalina invadir minhas veias como uma droga quando vi que meu adversário me ultrapassou. Ignorei o pequeno estrago no carro do meu irmão e novamente acelerei.

Ele tinha ganhado um pouco de vantagem sobre a ultrapassagem, porém, quando avistei a porte na minha frente com os barris de água formando um bloqueio para que os carros não caíssem no desfiladeiro que a ponte deveria pairar, tive a conclusão de que naquela velocidade ele não conseguiria dar a volta e retornar para onde todos esperavam o vencedor.

Ou seja, eles esperavam por mim.

Reduzi a velocidade quando o vi girar brutalmente o carro antes de bater nos barris e ir em alta velocidade, retornando para a linha de chegada.

Que merda!

Girei o carro antes mesmo de chegar aos barris e tentei alguma aproximação do carro, que praticamente voava pela pista. Fiz uma curva fechada, fazendo com que o outro lado do carro de Nathan ficasse arranhado contra a mureta, e avistei a linha de chegada. A adrenalina me consumiu aos poucos, o suor frio desceu pela minha testa e vi que estava prestes a perder outra aposta. Agarrei-me às minhas últimas chances de ganhar e tentei, inutilmente, alcançar o carro, que já estava atravessando a linha de chegada. A sensação de

derrota encheu o meu corpo, o sentimento de perder algo era destruidor, nunca havia perdido uma corrida na pista, e, infelizmente, sempre existe a primeira vez. A sensação de adrenalina com a frustração se misturando em meu corpo e vejo todos os torcedores que gritavam pela minha vitória correrem até o carro do novo campeão.

Despreendi meu cinto e saí do carro para ver o estrago da lateral do veículo do meu irmão. A pintura estava totalmente arranhada, o tom metálico era capaz de ser visto, provavelmente eu teria que desembolsar mais alguns dólares no conserto do carro.

— Ótima corrida, Brown — disse Edmund, tocando meu ombro.

— Pena que você não foi bom o suficiente para conquistar a vitória — Allan expressou.

Virei-me para encará-los e os vi olhando para o carro que estava rodeado pela pequena multidão de pessoas, a porta do motorista foi aberta e vi quem o dirigia.

— Eu não acredito — eu disse, olhando com atenção para o motorista, que sorria para mim.

Seus lábios avermelhados carregavam um sorriso provocador, seu corpo estava envolvido em um macacão curto de couro, mas que marcava perfeitamente seu corpo. Em seus pés, uma bota de cano baixo, e seus cabelos loiros estavam curtos, caídos sobre os ombros.

Alguém lhe entregou um cassaco e ela o vestiu caminhando até mim com o mesmo sorriso de quando a conheci, há três anos. Whitney estava de volta.

— Olá, Luis — disse ela, tocando em meu peito.

— Whitney? — disse, afastando-a do meu corpo. — Vejo que retornou para a cidade.

— Estou estagiando aqui. Digamos que eu tenha algumas coisas pendentes aqui que quero resolver.

— Boa sorte — eu disse, tomando a maior distância possível da minha ex-namorada.

— Vejo que ainda gosta de correr — disse ela passando a mão sobre o meu carro. — Está perdendo o jeito, não me lembro de você ser tão ruim assim quando estava me ensinado a pilotar.

— Não me lembro de nada da nossa época, Whitney. Então digamos que estamos quites.

— Quando ficou tão mal-humorado desde jeito? — Ela me olhou atenciosamente e logo mordeu o lábio inferior.

— Não te interessa.

Ela sorriu e se aproximou de Allan, que lhe entregou o dinheiro das apostas.

— Até a próxima, querido. — Ela piscou e retornou para seu carro.

Whitney Moore não prestava, era um ser humano depressivo e vê-la me machucava, me fazia lembrar do antigo Luis com quem ela brincou e manipulou, fazendo com que eu acreditasse no irreal junto com ela. Porém a mulher que tem coragem de matar o meu filho em seu ventre não merecia meu respeito.

Eu a odiava.

— Cara, você perdeu a corrida para uma mulher — disse Edmund, rindo. — O grande Brown perdeu a primeira corrida para uma mulher! — gargalhou.

— Você vai ter que recuperar o meu dinheiro, Brown, não apostei em você para que aquela rapariga o pegasse — disse Allan, firme.

— Nem sempre ganhamos, Allan.

— Você pode não ganhar sempre, porém eu sempre ganho e vou querer o meu dinheiro novamente em minhas mãos.

Passei as mãos em meus cabelos e entrei no meu carro, abaixei o vidro e disse para Allan, antes de sair cantando pneu pela pista:

— Coloque na minha conta.

Segurei forte o volante e tentei chegar o mais rápido possível até a pessoa que eu tinha certeza que levaria toda a sensação ruim do meu corpo embora.

Parece que não foi uma boa ideia ter vindo hoje para o Club.

Capítulo 22

MELISSA CRAWFORD

O cheiro de chocolate e caneta pairava pelos cômodos da minha casa, deixei minha bolsa no pendurador que havia próximo à porta e caminhei até a pequena cozinha, onde vi minha mãe tirando do forno uma torta de maçã com canela.

— Que cheiro bom — disse eu, me aproximando dela.

— Dio! Não me assuste assim, menina — disse ela pousando a torta sobre o descanso de madeira na mesa e retirou as luvas térmicas.

— Desculpa, mãe, pensei que tivesse me ouvido entrar.

— Estava distraída — disse, mexendo no chocolate que estava derretendo em banho Maria sobre a pia.

— Chocolate para a torta?

— Oh, não! O chocolate é para fazer a cobertura do bolo.

— Para que tudo isso?

— Precisa ter motivo para fazer torta de maçã com canela, bolo de chocolate e geleia de amoras silvestres?

— Sim, geralmente tem motivo, sim — disse, olhando para ela com atenção tentando achar alguma resposta. — Vamos, me diga qual é o motivo.

— Bom, o motivo é um homem de quase um metro e noventa que esteve servindo o país por dois anos — disse a voz grave atrás de mim.

Virei-me e vi Diogo na minha frente usando uma roupa formal, seus ombros largos, e os cabelos negros estavam cortados no estilo militar, a barba se mostrava presente.

— Não vai me dar um abraço, maninha? — perguntou esticando os braços.

Corri até seus braços e eles me envolveram em um abraço apertado e aconchegante do qual senti tanta saudade.

— Estava morrendo de saudades — disse, o apertando ainda mais.

— Todos sentem, nanica.

— Ei! — exclamei, me afastando dos seus braços e batendo em seu peito. — Não sou nanica.

— Para mim sempre será. Você e a Bruninha. — Ele abriu a geladeira, pegou uma garrafa de água e bebeu o conteúdo da mesma.

— A Bruna já está casada e com filhos, Diogo, e eu estou namorado — disse, o fazendo cuspir a água.

— MAIS QUE PO...

— Nem ouse terminar essa frase, Diogo Crawford — interrompeu minha mãe, o ameaçando com uma colher de pau suja de chocolate.

— O papai já sabe disso? — perguntou limpando os lábios.

— Sabe, Luis vem domingo oficializar — eu disse dando os ombros.

Não precisava de outro brutamonte na minha vida.

— Mãe, você concorda com isso?

— Ela tem 25 anos, Diogo, já devia ter me dado netos. Você também deveria fazer o mesmo.

— Mãe, ela é praticamente uma criança.

— Sem bobagem, filho. Passou tanto tempo no mar que se esqueceu de que o tempo passava em terra firme e que sua irmã estava crescendo?

— How droga! Espero que ele tenha seguro de vida. Se eu não gostar dele, vou expulsá-lo de casa a pontapés.

— Chegou atrasado, seu pai já quebrou o nariz dele — disse minha mãe despejando a cobertura sobre o bolo e fazendo um sorriso surgir no rosto do meu irmão.

— É mesmo? — perguntou ele, dobrando os braços e me encarando com o sorriso.

— Você e o papai são uns bárbaros.

— Somos cuidadosos. Foi ele quem lhe trouxe de carro?

Afirmiei pegando a colher melada de chocolate e comecei a prová-lo, encostando-me à pia.

— Quando chegou? — perguntei.

— Faz uma hora, queria pegar todos em casa, fazer uma surpresa, porém não saiu conforme o planejado.

— Poderia ter avisado, eu não teria marcado uma noite das meninas.

— Meninas? Tipo aquelas festas de pijamas? Todas com shorts curtos colados na pele?

— Pode tirar seu cavalinho da chuva, Diogo, somos apenas eu, a mamãe e a Gabby, nossa nova vizinha. E ela tem namorado.

— Isso significa que tirei que ficar no quarto enquanto vocês têm a “noite das meninas” — disse fazendo sinal de aspas com os dados.

— Claro que não, quero meu bambino ao meu lado, Dio sabe a última vez que te vi.

— Mãe! Não sou mais uma criança, isso não é óbvio? — disse ele, mostrando sua estatura para minha mãe.

— Você sempre será meu bambino. — Ela se aproximou dele e apertou as bochechas do filho, me fazendo rir.



Desci as escadas depois de ter tomado um banho quente e vestido algo mais confortável do que as roupas de inverno.

— Oh! Por que não me disse? — disse Gabby entusiasmada na minha frente.

— Disse o quê?

— Que agora você tem uns daqueles seguranças gostosos dos Brown só para você. Tudo bem que eu pensava que Luis não seria tão paranoico quanto o irmão a ponto de colocar vários seguranças ao seu redor, mas aquele ali é... maravilhoso.

— Não tenho nenhum segurança.

— Então como explica aquele armário na sua cozinha comendo bolo?

Não lhe respondi, apenas peguei sua mão e a levei novamente em direção à cozinha. Sabia exatamente de quem ela estava falando. Entramos na cozinha e vi meu irmão sentado à mesa, tão concentrado em terminar uma fatia de bolo que nem se importou em levantar a cabeça para se apresentar.

— Gabby, esse é meu irmão Diogo, Diogo, essa é a Gabby Clark, nossa nova vizinha que está cuidando da antiga casa dos Watt.

— Ele é seu irmão? — perguntou ela, levemente envergonhada, me fazendo apenas afirmar.

Diogo afastou a cadeira levantando-se e colocou o prato de sobremesa na

pia. Ele bebeu um gole de água do copo que estava sobre a pia, derrubando um pouco na sua camiseta branca, que ficou com alguns pontos transparentes.

Ele, abusado, estava fazendo aquilo de propósito, apenas para fazer com que minha convidada o desejasse. E digamos que ele estivesse conseguindo.

Ele limpou os lábios após ter colocado o copo na pia e andou na nossa direção, até que parou na frente da Gabby e disse:

— É um prazer conhecê-la, Srta. Clark.

— O... o prazer é meu, Sr. Crawford.

— Gabby, você poderia chamar a minha mãe lá em cima? — perguntei a ela, fazendo-a quebrar o contato com meu irmão.

— Eu?

— Poderia?

— Ah, claro — disse ela, indo em direção à escada.

— Nem pense nisso — eu disse, me aproximando dele, que a observava a subir as escadas.

— Não estou pensando em nada — defendeu-se.

— Não quero saber quanto tempo você passou naquela embarcação, ela tem namorado e você não vai estragar isso.

— Como eu poderia estragar?

— Ficando com ela por alguns dias e embarcando para a marinha sem previsão de volta.

— Não se preocupe, nanica, você e a mamãe são as únicas que amo, não vou mexer com a nossa nova vizinha — disse ele, deitando-se no sofá.

— Sem truques como esse da água.

— Quanto a isso não sou capaz de prometer, ela terá que resistir. Afinal, temos que lutar contra a tentação. — Ele sorriu descaradamente, colocando as mãos debaixo da cabeça.



Os passos da minha mãe e da Gabby descendo as escadas me fizeram desviar o olhar do meu irmão e vê-las sorrindo.

— O que é tão engraçado? — perguntou meu irmão.

— Coisas de mulher — explicou minha mãe. — Já escolheu o filme?

— Não. Pensei que talvez pudéssemos escolher juntos — eu disse, batendo na perna do meu irmão levemente para que ele se sentasse no sofá.

Ele bufou e se endireitou. Depois que escolhemos uma comédia romântica, já que minha mãe e Gabby se recusaram a assistir a um filme de terror ou qualquer filme que mostrasse sangue. Então apenas assistimos ao filme enquanto comíamos a torta de maçã e canela acompanhada por uma bola de sorvete de creme.

Quando o filme acabou e minha mãe já havia se retirado para dormir, ajudei meu irmão com a louça e levei Gabby até a cerca que separava nossos quintais.

— Vizinha entregue? — perguntou meu irmão assim que entrei pela porta da cozinha.

— Sim, amanhã o namorado dela vai levá-la para algum lugar que eu não sei onde fica, não prestei muita atenção.

— Humm... — murmurou baixinho.

— Vou dormir, você quer que eu te ajude a fechar a casa?

— Não precisa, vou esperar nosso pai chegar.

— Bom, sendo assim, boa noite! — eu disse, beijando sua bochecha.

— Boa noite, nanica. — Ele me envolveu em um abraço apertado, me fazendo gemer de dor. — Você era mais forte antigamente.

— Contínuo sendo, Diogo.

— Não. Agora você está agindo como uma menininha.

— Sempre fui uma menina, e isso nunca me impediu de lhe dar uns socos.

— É Isso que eu ganho por pedir para nossos pais um irmãozinho e vem uma irmã.

— Pare de reclamar, sei que você me ama.

— Incondicionalmente, nanica. — Ele me abraçou novamente. Um abraço Apertado, cheio de carrinho e amor.



Joguei a toalha que estava enrolada no meu cabelo sobre a cadeira da penteadeira e me deitei na minha cama, tentando ignorar o fato de o Luis não ter me mandado nenhuma mensagem ou feito uma ligação para me desejar boa noite. Estava completamente frustrada nesse momento por ter me apegado tanto a uma simples mensagem ou telefonema. Cobri o meu corpo até o pescoço e tentei pensar que ele teria um bom motivo para não ter dado qualquer sinal de vida desde que me deixara na frente de casa. Fechei os olhos determinada a não mandar qualquer mensagem desesperada para ele.

O barulho de algo batendo na minha janela me fez virar o rosto e olhar para a pequena janela do outro lado do meu quarto, onde novamente alguma coisa se chocou contra o vidro. Levantei-me jogando o cobertor que estava usando para o lado e pisei no assoalho de madeira levemente gelado do meu quarto, me aproximei da janela para abri-la, quando uma pequena noz foi arremessada para dentro do meu quarto, quase me acertando.

Coloquei o meu rosto para fora da janela com a intenção de falar mal de quem quer que estivesse tacando as benditas nozes contra a minha janela, quando sua voz áspera, que sempre me fazia delirar, fez com que eu me calasse e olhasse para Luis no jardim.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei.

— Não é lógico? — perguntou, abrindo os braços como se sentisse insultado com a pergunta. — Estou esperando que jogue seus longos cabelos negros para que eu possa subir essa torre que nos separa e jurar amor eterno para

você, minha amada — disse, após se ajoelhar na neve, me fazendo rir.

— Você é louco, o meu...

— Sei que o seu pai ainda não chegou, a lata velha dele não está na frente da sua casa. Então... irá abrir a porta ou terei que usar minhas habilidades de escalador?

Não poderia abrir a porta para que ele entrasse, sabia que Diogo provavelmente estaria na sala esperando pelo nosso pai e, com certeza, não ia gostar de ver o Luis subindo as escadas até o meu quarto. Então apenas deixei que ele me surpreendesse e subisse, apoiando entre a árvore e a parede da minha casa.

Ele se jogou na minha pequena janela, fazendo com que seu corpo fizesse um barulho forte ao se chocar no chão, me fazendo gargalhar.

— Esse é o meu príncipe encantado? — perguntei enquanto o ajudava a se levantar.

— É o que temos para hoje, princesa, então pare de gargalhar e me beije — disse ele, me puxando para um beijo calmo me fazendo tocar em seus cabelos úmidos. — Senti saudades.

— Esse foi o motivo de não ter me mandado mensagem?

— Preferi falar pessoalmente — disse ele, me pegando em seu colo e me levando para a cama. — Essa noite será apenas nossa.

— Luis...

— Shiuuu... Apenas aproveite o que vou lhe proporcionar, quero apenas dormir ao seu lado e esquecer meus problemas.

— Isso é loucura! E se...

— Não pense em nada, minha doce princesa — disse raspando sua barba áspera em meu pescoço, me fazendo gemer instantaneamente.

Apenas essa noite, nada provavelmente daria errado. Então apenas deixei que ele cumprisse sua promessa.



O vento gelado bateu em minhas bochechas, me fazendo sentir um arrepio pelo meu corpo, eu abri os olhos e percebi que a janela estava aberta deixando que o vento do inverno me atingisse. Olhei para o lado e vi que estava totalmente sozinha, apenas seu perfume estava presente no lençol e no travesseiro provando que tudo fora maravilhosamente real.

Depois de um banho e de ter tomado um café da manhã com toda a família ajudei Diogo a retirar a neve da calçada e jogar um pouco de sal para que ninguém escorregasse.

Descansei um pouco depois de retirar a neve acumulada com a pá e arrumei o meu cachecol, foi quando senti uma bola de neve me atingir nas costas fazendo-me olhar para o meu irmão, que segurava duas bolas de neve.

— Nem pense nisso, Diogo Crawford — eu disse como um aviso, fazendo-o sorrir e jogar a bola na minha direção, atingindo meu casaco. — Eu não acredito que você fez isso — falei indignada.

— Acredite, nanica.

— É guerra?

— Só se estiver disposta a perder — falou, jogando sua bola para cima e para baixo na palma da sua mão.

Abaixei-me rapidamente formando uma bola e arremessando-a em sua direção, fazendo-o jogar ainda mais bolas em mim, me fazendo sorrir enquanto continuava nossa pequena guerra de bolas de neve. Diogo foi se aproximando lentamente, e quando eu menos esperava, ele se jogou em cima de mim, fazendo ambos gargalharmos enquanto nossos corpos estavam na fofa neve do jardim.

— MAIS QUE MERDA É ESSA? — Luis esbravejou, furioso, nos olhando do outro lado da cerca, olhando para Diogo, que estava sobre o meu corpo.

DROGA!

Capítulo 23

LUIS BROWN

Deixá-la na cama foi praticamente impossível. Ela estava perfeita, assim como eu havia imaginado que estaria quando acordasse. Seus cabelos negros estavam sobre o travesseiro amarelo e sua feição era praticamente angelical. Sabia que quando a encontrasse me esqueceria dos meus problemas, da minha vida atordoada. Ela era a calma no meu oceano turbulento e era nela que eu me afogaria. Em seus braços eu me esqueceria de que um dia conheci Whitney e que ela retirou de mim tudo que mais sonhei ter na vida: um filho. Queria sentir a mesma felicidade que meu irmão sentia quando estava segurando seu filho nos braços, porém ela me tirou isso.

— Eu tinha que fazer isso, Luis, você não entende, ele seria um incômodo.

Suas palavras naquele dia me mostraram quem ela era realmente, alguém que nunca conheci e que agora deixava claro quem era de verdade.

O ser tão inocente, a criança que nunca cheguei a ver, pegar nos braços ou demonstrar meu carrinho, porém eu a amava.

Ela era o meu filho.

Desliguei o carro quando parei próximo à casa de Melissa e avistei três carros da segurança do meu irmão. Desci do carro, coloquei as mãos dentro dos bolsos do meu casaco e me aproximei do meu irmão, que conversava ao telefone. Ele desligou quando me aproximei e guardou o celular no bolso, me afastou para o lado brutalmente e encarou seu carro com indignação.

— O QUE VOCÊ FEZ COM O MEU CARRO? — gritou enquanto ainda encarava o estrago nas laterais do automóvel.

— Quando o peguei, já estava assim. Você deveria cuidar melhor dos seus carros, irmão — eu disse, o fitando atenciosamente.

— Oh! Não me venha com essa, Luis, esse carro estava em perfeito estado.

— Não sei por que você está irritado? Você só sai escoltado pela equipe de segurança e nos seus carros blindados.

— Ele é da minha coleção. Você usa a droga dos seus relógios, e eu tenho carros. Agora explique-se de uma vez, Luis. — Foi se aproximando de mim após ter analisado todo o carro. — EU VOU...

— Nathan? — a voz doce da Bruna fez com que ele se calasse e olhasse para sua esposa, que descia do carro com Austin em seus braços, fazendo meu irmão passar por mim com um pequeno esbarrão para ir ajudar a esposa.

— Eu disse que deveria ficar no carro até que o perímetro fosse revistado — disse ele calmamente, enquanto beijava a esposa.

— Cresci aqui, amor, e nunca teve nada de assustador.

— Temos quatro Brown aqui, não quero colocar vocês em perigo. — disse ele enquanto pegava a mão do Arthur, que descia do carro.

— Tio Luissss! — gritou o pequeno, correndo para me abraçar.

Eu me ajoelhei para abraçar meu sobrinho e me levantei logo em seguida

com ele em meus braços.

— Na escola não lhe ensinarão a contar, irmão? Temos cinco Brown aqui hoje.

— Você é adotado, tenho certeza.

— Infelizmente não sou, não — disse sorrindo e abraçando Arthur novamente. — Pensei que não ia sair de casa até que Austin estivesse grande para sair na rua com ele.

— Esse era o combinado — bufou frustrado.

— Não aguentava mais aquela casa, precisava sair um pouquinho. Austin tem que conhecer outros lugares além da casa grande da fazenda. — disse ela arrumando a manta que enrolava o filho em seus braços. — E estou com saudades do tempero da tia Anne.

— Ela o convenceu? — perguntei olhando para o meu irmão.

— Ela praticamente me forçou a entrar no carro e vir até aqui, mas vai valer a pena.

— Por que acha isso?

— Ver sua cara quando Alberto começar a fazer algumas perguntas valerá muito a pena.

— Você deveria me apoiar.

— Depois do que fez com meu carro, você não terá nenhum apoio e

posso até te segurar para Alberto lhe fazer de saco de bancadas.

— Vovô Beto vai bater no tio Luis? — perguntou o pequeno em meu colo.

Olhei para meu irmão e o vi olhando para o filho e tentando achar uma explicação, me fazendo sorrir ao ver sua cara.

— Não, filho, não vai. O papai e o titio vão se comportar como dois bons meninos, não vão? — perguntou Bruna, encarando a ambos serialmente, fazendo com que a gente apenas afirmasse.

Vi meu irmão abrir um sorriso amplo em seu rosto, me encarando.

Eu odiava aquele seu sorriso.

Virei-me na direção em que ele olhava e avistei minha princesa tacando bola de neve em outro cara, e podia ouvir sua risada, o que fez com que a raiva assumisse todo o meu corpo, juntamente ao ciúme. Coloquei Arthur no chão próximo aos pais e andei até onde eles gargalhavam, até que caíram no chão, e o corpo daquele homem estava sobre o dela, me fazendo sentir muita vontade de quebrá-lo todo apenas por tocar na minha Diaba.

— MAIS QUE DROGA É ESSA? — eu disse, fazendo com que ambos me olhassem. O sorriso no rosto de Melissa era de morrer, e do cara ainda estava intacto.

— Lu-Luis — gaguejou ela tentando se levantar.

Ele se levantou, ajudando-a a ficar de pé novamente, e no momento eu não gostaria que a cerca estivesse nos separando.

— Então é ele o seu namorado? — perguntou ele, diretamente, para ela.

— Sou sim — disse eu, sem deixá-la responder.

— Ele... — ele tentou dizer, porém ela tocou em seu peito sobre a roupa de neve, o impedindo.

— Você pode entrar rapidinho? — perguntou ela calmamente.

Ele nos encarou por um momento e logo entrou sem dizer qualquer palavra. Senti um toque em meu ombro e vi meu irmão com o mesmo sorriso.

— Isso está sendo melhor do que imaginei. Boa sorte, irmão.

— Seu filho de uma...

— Não xingue a nossa mãe, é capaz de ela surgir aqui apenas para lhe puxar as orelhas.

Calei-me no mesmo instante, só faltava minha mãe aqui para que todos estaria me sentido em uma condenação Grega, e Alberto seria meu carrasco.

Melissa se aproximou de mim com um sorriso singelo, colocando seu cabelo para trás da orelha. Ela abraçou a amiga, beijou a bochecha de Arthur e abraçou meu irmão com carinho. Eu o afastei dela, fazendo-o gargalhar, e a abracei para que ela não saísse de perto de mim e ninguém mais a tocasse.

— Gosto do seu lado ciumento, é sexy — disse ela, acariciando meu peito.

Ah, Diaba!

— Quem era aquele cara?

— Uma pessoa muito importante para mim e para a minha família.

— Isso não responde a minha pergunta, mas... seu pai gosta dele?

— Ah, sim, papai o ama.

— Oh, droga... Ele já recebeu o “Abraço”?

Ela mordeu o lábio inferior para não rir e afirmou me puxá-la para a direção do carro.

— Luis, aonde estamos indo?

— Vamos fugir, esqueça a benção do seu pai, aposto que ele prefere aquele cara do eu para tê-la. Então não iremos deixá-lo decidir — eu disse caminhando ainda mais rápido, antes que Alberto interrompesse a nossa fuga.

Ela gargalhou alto, me fazendo parar e encará-la duvidosamente.

— Ele é meu irmão — disse, ainda com risos.

“OH NÃO, SENHOR! DIGA-ME QUE ELE NÃO É IGUAL AO PAI”, supliquei aos céus.

Capítulo 24

LUIS BROWN

A fuga com certeza seria uma boa escolha, eu deveria tê-la levado até o carro e a prendido em qualquer lugar longe o suficiente dos dois seres que me encaravam seriamente na sala.

Alberto e Diego ou Diogo, não me lembrava ao certo o nome do irmão de Melissa, e no momento não fazia nenhuma diferença.

Anne logo pegou Austin no colo, assim como Alberto pegou o Arthur para poder aproveitar a presença do pequeno que considerava como neto.

Ajudei Melissa a guardar todos os casacos, aproveitando para evitar encarar Alberto de frente, então deixei que a família do meu irmão os cumprimentasse primeiro.

— Ei, Bruninha! Vejo que não mudou nada — disse o irmão de Melissa enquanto a abraçava apertado.

Aproximei-me do meu irmão de mãos dadas com a minha princesa e toquei em seu ombro, ele não desviou o olhar da esposa, e eu sabia que ele estava pensando milhões de coisas.

— Você tem razão, isso vai ser melhor do que eu imaginava.

— Não brinque comigo, Luis, termino de quebra a sua cara e a desse abusado que está se encostando na minha mulher — disse ele em um tom mais baixo, para que apenas eu o ouvisse, porém ainda conseguia perceber sua raiva.

Ele se afastou, caminhou até a esposa e a separou do meu cunhado.

— Austin está chorando — disse para ela.

— Não o ouvi chorar — disse ela levantando uma das sobrancelhas e lançando um olhar duvidoso.

— Tenho certeza de que o ouvir chorar — confirmou, olhando para o filho que estava nos braços de Anne com os pequenos olhinhos azuis abertos olhando o pai e logo após iniciou um pequeno choro.

Bruna pegou o filho com cuidado e se afastou com ele para o andar de cima, sendo seguida pelo meu irmão.

Senti um pequeno aperto na minha mão, me fazendo olhar para Melissa, que me olhava atenciosamente. Beijeí sua testa carinhosamente, a trazendo para mais perto do meu corpo, para a envolvê-la em um abraço apertado. Sentir seu doce perfume e suspirei.

Meu peito se encheu de algo inexplicável, era sempre como se estivesse acabado de mergulhar em uma fonte da juventude e meu corpo se renovasse juntamente ao meu coração, que pulsava fortemente apenas com toque da minha amada.

Só ela era capaz de me proporcionar isso.

Não gostaria que ninguém sentisse o que meu corpo sentia ao entrar em contato com a pele da minha Diaba.

— Se afastem. — O som da voz de Alberto me fez sorrir e eu me afastei da minha namorada.

— Quer um braço também, sogrão? — perguntei descaradamente.

— O curativo em seu nariz ainda não foi motivo suficiente para que você parasse com suas provocações?

— Alberto? — Anne lhe chamou a atenção, mostrando Arthur, que o olhava.

— Vamos para o escritório — disse ele, entregando Arthur para a esposa e caminhando até o escritório com o filho.

Coloquei minhas mãos no bolso e caminhei até a direção em que eles haviam seguido, quando senti um toque em meu braço e a vi ficar na minha frente, passando as suas mãos em peito.

— O escute sem questionamentos, ele tem que ter certeza de que você realmente merece entrar na família, então não o provoque.

— Eu que deveria questioná-lo, afinal você que será uma Brown quando se casar comigo.

— Luis... — Bateu em meu peito levemente. — Esse é o tipo de coisa que você não deve dizer.

— Ok. Entendi, me sentar e escutá-lo falar.

— Ótimo, tente sair sem nenhum hematoma, quero você inteiro — disse, me beijando rapidamente.

— Sabe que ainda podemos sair correndo entrar no carro e fugir para bem longe, não é? Podemos viver em uma ilha deserta, comer apenas peixe, frutas e ter centenas de filhos.

— E quem será a mãe dessas centenas de crianças?

— A única merecedora desse cargo é você, princesa.

— Nada de centenas, quero apenas um filho.

— Posso fazê-la mudar de ideia, amor.

— Vá tentando... Agora ande logo, antes que ele venha buscá-lo.

Bufei desgostosamente e segui em direção ao escritório. Suspirei fundo, antes de bater na porta e ouvir sua voz autorizando a minha entrada.

O pequeno escritório tinha duas prateleiras lotadas de livros, um grande carpete na tonalidade creme se estendia sobre todo o chão, no centro do escritório havia uma mesa de madeira com algumas pastas e um abajur esverdeado. Alberto estava sentado em uma cadeira atrás da mesa, me encarando, enquanto o filho estava atrás dele, em pé, com a mesma expressão do pai.

Ótimo, minhas preces não foram atendidas. Diogo Crawford era totalmente igual ao pai, eu não tinha dúvidas.

— Vai continuar nos encarando, Sr. Brown? Sente-se vamos conversar.
— disse, apontando para uma cadeira simples à sua frente.

Aproximei-me da cadeira e me sentei apoiando os cotovelos nos joelhos

e o encarei com atenção.

— Conhece meu filho Diogo?

— Já o vi, apenas não tivemos uma apresentação formal.

— Prazer, Diogo Crawford — disse ele, apenas entendendo a mão sobre a mesa como cumprimento.

— Luis Brown — eu disse, segurando sua mão tão firme quanto ele segurava a minha.

— Ótimo, agora que estão devidamente apresentados, vamos ao que interessa.

Ambos me olharam por um tempo, me deixando desconfortável. Arrumei minha postura e finalmente quebrei o silêncio.

— Sr. Crawford, gostaria de namorar a sua filha.

— Sem piadinhas ou me chamando de sogrão? Está evoluindo — falou com deboche.

— Sei ser sério quando é necessário. A vida já nos dá muitos motivos para nos entristecermos, então digamos que gosto de ser diferente. Mas quando se trata da vida da sua filha, não costumo brincar.

— Sabe, se fizer algum mal a ela, terá consequências. Ela sempre será minha menininha, e não vou gostar de ver o coração da minha princesinha machucado por qualquer um.

Eu não queria machucá-la, isso estava longe de mim. Se dependesse de mim, nunca a veria derramando qualquer lágrima por mim. Estava disposto a mudar e para isso teria que usar todas as minhas forças para cuidar dela como uma princesa, que era como ela merecia ser tratada.

Não que eu fosse o melhor para ela.

Era um cara viciado em jogos de azar.

Ela, com certeza, merecia alguém melhor, alguém melhor que eu, porém eu era egoísta demais para abrir mão dela, egoísta o suficiente para impedir que ela achasse outra pessoa que pudesse fazê-la feliz.

Eu a amava. Era completamente apaixonado por aquela Diaba de cabelos negros e nada faria desistir dela.

— Eu nunca vou machucá-la, Sr. Crawford, Melissa é tão especial pra você quanto é para mim, e se depender de mim, nunca vou fazê-la sofrer.

— Assim espero — disse Alberto.

— Eu também — confirmou Diogo.

— Isso significa que já acabou? Ganhei a sua bênção? Sem perguntas? Sem um pacto secreto? Apenas uma única e mísera ameaça.

— Não me provoque, Brown, sorte a sua que minha esposa disse para eu ser breve e não ameaçá-lo, então agradeça a ela.

— Dona Anne é maravilhosa. Com todo respeito, sogrão — eu disse após ver sua expressão.

— Vamos para a sala antes que eu perca a cabeça — disse, se levantou e deu a volta na mesa.

Eu me levantei para cumprimentá-lo e estendi a minha mão para ele, que olhou para minha mão por alguns segundos e logo a pegou, dando um firme aperto.

— Bem-vindo à família Crawford — falou, me fazendo sorrir. Ele logo bufou, soltando a minha mão. — Não abuse da sorte, Luis.

— Acredite, sogrão, geralmente é a sorte que abusa com a cara.



Sair do escritório ouvindo a gargalhada de Arthur junto à de Melissa, me fazendo ir até a sala para vê-la sobre o pequeno corpo do meu sobrinho enquanto fazia cócegas na barriga dele. Seus longos cabelos estavam jogados para um lado e seu rosto estava tão iluminado, seu sorriso era contagiante enquanto olhava para o pequeno se contorcendo abaixo do seu corpo. Ela parou a pequena tortura nele e me encarou preocupada, levantando-se do chão enquanto Arthur aproveitava para fugir à cozinha e fazê-la sorrir.

— E então? — perguntou ela se aproximando.

Coloquei a mão no bolso e senti o metal gelado.

— Sinto muito, princesa... — disse, me aproximando dela, peguei sua mão e deslizei o anel em formato de coroa em seu dedo. — Agora é para sempre.

Capítulo 25

MELISSA CRAWFORD

Dois dias se passaram. E ainda não me acostumei com o título de namorada de Luis Brown. No dia seguinte à confirmação do nosso relacionamento, uma foto nossa tirada na minha casa, que ele mesmo tirou, apareceu nos jornais, revistas e programas de fofocas na televisão anunciando nosso envolvimento para todos. Meu pai quase matou Luis com a minha imagem na mídia me tornando uma pessoa pública e na frente dos perigos que os bilionários Brown tinham que lidar. Diogo não disse nada contra a divulgação da foto, apenas disse que eu devia tomar cuidado. Já minha mãe mostrava para todas as amigas a foto da filhinha dela nas manchetes de jornais. Não esperaria outra reação de dona Anne, afinal, ela sempre me apoiou em tudo, não seria diferente agora, mesmo contradizendo meu pai. E sinceramente, ela só faltou emoldurar as páginas dos jornais e das revistas e colocar na sala para que todos pudessem vê-las, porém guardou todas junto às revistas que tinham fotos da Bruna e do Nathan.

Vivian fez mil perguntas, principalmente se a história do bebê era verdadeira, me fazendo negar tudo.

Como a empresa só retornaria com as funções daqui a alguns dias e Bruna não podia sair da fazenda com Austin tão pequeno, ela nos convidou para patinar no gelo e ficar para o jantar.

Terminei de vestir uma roupinha quente em Austin, enquanto Bruna tomava banho. Eu o peguei com cuidado e o aninhei em meu colo, o pequeno me olhava com atenção e não parecia estar com sono, nem um pouquinho, então desci com calma até a sala e vi Nathan olhando para o jardim e as pessoas que patinavam no lago. Ele virou-se para mim e deu um sorriso tímido quando viu

que o filho o olhava.

— Bruna está tomando banho. Resolvi ajudá-la, Sr. Brown — expliquei.

— Não me chame com essa formalidade, Melissa, afinal você é namorada do meu irmão e agora faz parte da família — disse, se aproximando e pegando o filho dos meus braços.

— Desculpa, é o costume. Sempre te chamei assim na empresa, vou ter que me acostumar com isso agora.

— Nem na empresa precisa ser formal. Família, lembra-se?

— Família, entendi — disse, afirmando e olhando Luis, Theo e o Matt brincando com Arthur lá fora.

— Por que não está com eles?

— Eu... não sei.

— Se quiser ir, tem patins no armário. Tenho certeza de que algum servirá em você — disse, se afastando para ir em direção à cozinha.

Mordi o lábio inferior e pensei por um momento. Olhei novamente para eles se divertindo e acabei decidindo.



Caminhei pelo deque segurando os patins pelos cadarços e parei na sua borda, tirei minhas botas curtas e coloquei os patins com calma.

— Não sabia que você patinava — disse Luis quando se aproximou.

— Você nunca me perguntou. — Dei com o ombro e fiquei de pé, me firmando.

— Então você sabe patinar? — perguntou com um sorriso.

— Sei, Diogo me ensinou há alguns anos — respondi, deslizando pelo gelo e sendo seguida por ele.

Senti sua mão pegando a minha e o vi sorrir enquanto ia à direção em que todos estavam brincando com Arthur. Theo e Matt seguravam as mãos dele para que não caísse.

— Ei, até que enfim um rosto diferente, estava cansado de olhar a cara feia do Luis — comentou Theo quando me aproximei.

— Não começa, Theodoro — avisou Luis.

— Desde que comecei a namorar a filha dele, ele insiste em me chamar de Theodoro.

— Você não está namorando a Paola — esbravejou Luis, enquanto patinava me puxando com ele.

— Ainda — disse Theo com um amplo sorriso em seu rosto.

— Folgado... — murmurou Luis, me fazendo rir.

— Vamos brincar — eu disse, soltando-me da sua mão e patinando na sua frente.

— De quê? — perguntou.

— Humm.... — Pensei por um momento. — Vamos apostar uma corrida.

— Apostar? — perguntou, engolindo seco.

— É, quem chegar primeiro na outra margem ganha.

— E qual será o prêmio?

— Se você ganhar, eu lhe dou um beijo.

— E se você ganhar?

— Você me dá um beijo.

— Acho justo — disse com um sorriso maroto nos lábios, me fazendo sorrir também.

Nós nos aproximamos da margem do lado, um pouco longe de Matt, Theo e Arthur para que não houvesse um acidente. Olhei para Luis que olhava para frente, com certeza, estava olhando seu objetivo. Sua expressão era muito séria, podia jurar que ele estava em outro mundo naquele momento. Olhei na mesma direção que ele olhava e contamos juntos.

Um.

Dois.

Três.

Empurrei meus patins para que me aproximasse o mais rápido da margem e o vi passar na minha frente. Ouvir sua gargalhada forte, como se já estivesse atravessado a faixa recebendo a vitória. Encurvei meu corpo e tentei acelerar meus movimentos para que pudesse alcançá-lo. Quando senti meu pé deslizando sobre o gelo, fazendo com que meu corpo caísse e a minha cabeça atingisse o gelo duro, causando um choque inexplicável, abri a boca em um grito silencioso e tentei amenizar a dor latejante que sentia no momento. A minha visão tornou-se turva e o som de patins deslizando de maneira rápida podia ser ouvida, mas tudo se tornou escuro antes mesmo que eu pudesse ver quem estava se aproximando.

Capítulo 26

LUIS BROWN

Bruna fazia sua oração silenciosa próximo ao leito hospitalar onde Melissa estava deitada. Podia vê-la tocar a mão da amiga com carinho atrás do vidro que nos separava. Odiava vê-la naquele estado, ela estava em coma há praticamente um mês e não mostrava melhoras. Fui imprudente ao não cuidar devidamente dela, como prometi para Alberto e para mim mesmo.

No dia eu apenas pensei em conquistar a vitória, não consegui olhar para nada a não ser a margem do lado que eu precisava chegar para sentir a tão almejada sensação de conquista alcançada, mas nada fez sentido quando a ouvir caindo no chão causando um som assustador.

Lembro-me de vê-la tornar-se pálida em instantes após ter caído, ver o medo nos olhos de Alberto quando viu sua filha em meus braços desacordada e me lembro de ver, pela primeira vez, a família Crawford se desmoronar na minha frente com a notícia do estado de coma de Melissa.

Não houve ameaças ou discussões no dia. Alberto apenas abraçou o filho e a esposa enquanto choravam. Eu vi meu mundo se abrir. A mulher que tanto demorei para conquistar estava naquele estado por minha culpa, mas Alberto me surpreendeu quando me puxou para o meio deles e me abraçou junto.

Não era desta maneira que gostaria de receber o tão famoso abraço em família, não sem ela, mas no dia não me importei. Estávamos dividindo a mesma dor e angústia naquele momento.

E quando o tempo foi passando, levando o inverno e trazendo a

primavera, fez com que meu corpo se sentisse machucado por vê-la naquela situação constante.

Nathan me apoiou, sabia que ele não me abandonaria nesse momento, meu irmão sempre segurou a família nos braços, e agora sinto a mesma dor que ele sentiu com a Jessica e com Bruna.

Minha mãe se manteve presente comigo no hospital, já que eu me recusava a sair do lado dela, assim como Alberto. Dona Cloe não falava muito, ela apenas trazia roupas limpas e ficava sentada ao meu lado, segurando a minha mão. Era apenas de que eu precisava.

Não posso dizer que meus laços com Alberto se firmaram depois do acidente da Melissa, mas estavam se fortalecendo, não tínhamos brigas nem provocações. Ele sempre ia vê-la primeiro e sempre retornava com a expressão pior do que quando entrou. Tentava entender sua dor, porém nunca consegui me colocar em seu lugar.

Visitei Paola pela primeira vez depois da internação. Não mencionei sobre o estado médico da Melissa, apenas tentei disfarçar minha aparência e transmitir a ela um pouco de carinho. Theodoro foi comigo no dia e me surpreendi ao vê-la aparentemente bem. Ela estava mais magra e seus cabelos, antes pintados de pink, agora estavam desbotados. Não me importei com a aproximação entre Theo e minha filha, sabia que ele estava com saudade dela e pensei que não poderia privar a minha filha de ter um pouco de felicidade.



— Nathan está esperando na recepção com Austin, acha que devo avisar?
— perguntou Alberto, se posicionado ao meu lado para ver a filha atrás do vidro.

— Não, ela precisa de um tempo com a irmã, tenho certeza de que Austin está bem com o pai.

— Você devia ir para casa.

— Não vou sair daqui, Alberto.

— Sabe que, talvez, pode ser que ela não acorde.

Olhei para ele indignado e o vi com a mesma postura.

— Como você pode falar...

— Eu sou o pai dela, Luis, me machuca todas as vezes que a vejo nesse estado, porém nunca deixarei de amá-la, mas você tem uma vida pela frente, tem que pensar na realidade...

— A minha realidade é ela! Não importa o quanto demore, ela é como o ar para mim, é impossível viver sem ela.

— Minha filha...

— Ela vai acordar Alberto, e quando isso acontecer, estarei aqui esperando por ela, não importa o quanto demore.

Ele me deu um sorriso tímido e se afastou. As batidas no vidro me fizeram olhar para Bruna, que me chamava, suspirei calmamente e entrei no quarto, vendo minha princesa deitada em uma cama hospitalar com alguns fios ligados ao seu corpo pálido. Aproximei-me de Bruna e beijei sua testa com carinho.

— Vou deixar vocês sozinhos, tenho certeza de que Nathan deve estar me esperando.

— Obrigado por te vindo.

— Não precisa agradecer, o acidente pegou todos de surpresa e me sinto mal por não vir visitá-la constantemente.

— Não se preocupe, sei que ela entenderia. Austin, Arthur e Nathan precisam de você.

Ela deu um sorriso tímido, afastou os cabelos dourados do rosto e olhou para a amiga novamente.

— Prometo vir com mais frequência.

— Obrigada, loirinha.

Quando ela saiu do quarto, fechando a porta, olhei para Melissa. Seu peito se levantava e abaixava lentamente e em sua boca um turbo a auxiliava. Toquei em seus cabelos e beijei sua testa.

— Oi, amor! Tente voltar logo, já estou começando a me esquecer de quão doce é sua voz. — Dei um sorriso sem graça e continuei: — Disse que estava disposto a mudar, mas com todos os acontecimentos acho que todos mudaram. Estou em um nível a mais que Nathan, depois que seu pai me deu o abraço, só faltou você, princesa. Trate de acordar logo, pois a vida sem provocar seu pai não tem graça, e está cada vez mais entediante. — Dei uma risada, e quando não ouvi a sua resposta, meu sorriso desapareceu e me calei. — Estou com saudades, princesa.

Capítulo 27

LUIS BROWN

Deixei o quarto depois da insistência da minha mãe para que eu me alimentasse, Anne havia convencido Alberto a ir para casa para dormir em algum lugar confortável, que não fosse uma das cadeiras da recepção onde ficávamos, porém me recusei a sair do hospital fosse qual fosse o motivo.

— Me diga que irá comer algo diferente e não apenas alguns Donuts acompanhados por um copo de café gelado — disse minha mãe andando ao meu lado até o refeitório do hospital.

— Não, não vou. Na verdade, estou muito interessado em experimentar uma bomba de creme com um suco por acompanhamento — disse empurrando a porta e dando espaço para que ela entrasse.

— Sem piadinhas, Luis, você precisa se alimentar devidamente, não essas porcarias que vendem aqui.

Lancei um sorriso de lado e toquei em suas costas, a direcionado até uma mesa vaga no refeitório. Ela colocou a bolsa sobre a mesa e sentou me lançando um olhar de aborrecimento.

— Quer alguma coisa? — falei ignorando sua expressão.

— Quero uma xícara de chá de maçã.

Coloquei as mãos no bolso e seguir até a cafeteria, pedi o que gostaria e esperei que a atendente terminasse tudo.

— Luis... — Essa voz me fez tremer e apertar as mãos em punho.

Whitney estava parada com um sorriso lisonjeiro nos lábios sempre avermelhados. Ela estava com um uniforme branco e suas mãos estavam dentro dos bolsos do jaleco. Virei o rosto, esperando que a moça terminasse rápido o que eu havia pedido.

— Nossa, desde quanto se tornou mal-educado? — perguntou ela, encostando-se ao balcão ficando ao meu lado.

— O que faz aqui, Whitney?

— Como lhe disse, estou estagiando na cidade, bom, tecnicamente estou fazendo residência aqui.

Dei um sorriso de deboche e a encarei.

— Que engraçado uma pessoa que tem coragem para tirar uma vida escolher a profissão cujo dever é salvar vidas.

— Luis... — ela me repreendeu, olhando para os lados para ter certeza de que ninguém escutava a nossa conversa. — Você sabe que um filho naquela época seria...

— Um incômodo, eu sei, você jogou isso na minha cara um milhão de vezes quando matou meu filho — disse pagando a atendente e pegando a bandeja com os meus pedidos. — Boa noite, Whitney.

— Ele era meu filho também, mas não era o tempo certo, era o meu corpo, minha vida, meu futuro...

— E meu filho — eu disse, me virando para encará-la com a mesma expressão, ela não havia se arrependido do que fez. — Não era apenas você que ia perder, Whitney, eu também tinha uma vida, porém isso não ia me impedir de criá-lo e amá-lo.

— Você nunca vai entender.

— Não, nunca vou entender. Nunca terei coragem de matar uma vida tão inocente como você teve. — Dei-lhe as costas e caminhei até onde a minha mãe estava.

Coloquei a bandeja sobre a mesa, me sentei colocando os cotovelos sobre a mesa e apoiei minha cabeça em minhas mãos.

— Está se sentindo bem, filho?

— Estou — disse, arrumando minha postura e adicionando adoçante ao meu suco. — Estou apenas com uma dor de cabeça — disse enquanto mexia o suco com um canudo.

— Quem era a médica com quem você conversava? — perguntou, me fazendo parar para encará-la.

— Não era ninguém.

— Não parecia ser ninguém — disse, experimentando seu chá.

— Não era ninguém importante — falei por fim, querendo que ela não

retornasse ao assunto.

— Talvez seja melhor você ir para a fazenda, sua aparência não está das melhores, assim talvez possa descansar.

— Não tente me convencer, dona Cloe, não vou sair daqui e não acho que minha aparência esteja tão terrível assim.

— Me chame de dona Cloe novamente que lhe darei umas palmadas aqui mesmo.

— É um jeito doce de lhe chamar, mãe.

— Me sinto uma idosa quando você e Nathan me chamam assim.

— Você nunca será considerada uma idosa, mãe, qualquer coisa sempre haverá a boa e velha cirurgia plástica para isso.

— Espero que esteja brincando, Luis Brown, esse tempo todo no hospital está te afetando.

— Estou ficando sincero?

— Não preciso e nunca precisarei de cirurgia plástica, e acho que está amadurecendo. Apesar de tudo, te vejo diferente hoje.

— Me sinto diferente no fundo — disse, dando uma mordida em na minha bomba de creme.

Ficamos em silêncio até que terminei de comer e me senti melhor. Segurei forte a mão da minha mãe enquanto andávamos até a recepção

novamente, já estava tarde e eu sabia que ela estava cansada por ter passado esse tempo comigo.

— Promete que amanhã irá para casa descansar nem que seja um pouco e que se alimentará devidamente. — Ela me olhava preocupada.

— Prometo, mãe — disse, beijando sua mão. — Amanhã irei para o apartamento me cuidar um pouco.

— Nada de apartamento, Matt virá buscá-lo pela manhã, eu o esperarei para o café.

Lancei um sorriso e a abracei forte, antes que ela entrasse no carro e fosse para a fazenda.

Entrei novamente no hospital após ter respirado fundo e caminhei até o quarto onde minha princesa estava. Abri a porta, vendo uma enfermeira terminando de arrumar Melissa devidamente na cama. Com um sorriso tímido, ela se retirou do quarto, fechando lentamente a porta. Aproximei-me da minha namorada, toquei sua mão fria e beijei sua testa.

— Boa noite, princesa.



Entrei na fazenda acompanhado por Matt, me senti mal por ter deixado Melissa, porém Alberto, Anne e Diogo me prometeram que qualquer coisa me ligaria. Entramos na sala de jantar onde todos estavam sentados esperando, provavelmente, apenas nós dois para iniciarem o desjejum, então apenas beijei a bochecha da minha mãe carinhosamente e me sentei após te cumprimentado todos que estavam à mesa.

Comi apenas o necessário para não discordar da minha mãe e tomei um banho rápido, retirei toda a minha barba e fui ver os meus sobrinhos, que não via há algum tempo. Entrei no quarto de Austin e vi Bruna colocando uma fralda no pequeno, enquanto Alysson brincava com Arthur no chão, com alguns navios de madeira.

— Ei, Capitão América, não vai dar um abraço no tio? — perguntei, me ajoelhado no chão e abrindo os braços para receber o pequeno, que corria ao meu encontro.

— Eu sou o Batman, tio — murmurou em meu colo.

— O que aconteceu com o capitão América? — perguntei.

— Eu fui ele amanhã, tio.

— Se diz ontem, filho — corrigiu Bruna com Austin em seus braços.

— Ontem — ele repetiu com um sorriso.

— Então posso ser o Thor?

— Não, o papai é ele, você pode ser o homi formiga.

— Tudo bem — disse bagunçando seus cabelos. — Hoje eu sou o homem formiga.

— Vai brinca comigo, tio?

— Hoje não, outro dia, campeão — disse me levantando e pegando Austin dos braços da loirinha. — Ele está tão diferente — disse encarando o

pequeno, que me olhava com atenção e mexia as mãozinhas.

— Para mim todos os dias vejo algo diferente nele — ela disse, olhando para o filho com admiração. — Vai voltar para o hospital?

— Vou, já estou longe dela há muito tempo.

— Ela tem sorte de ter você.

— Obrigada, loirinha, mas eu que me sinto com sorte em tê-la.

— Já disse para não chamar minha mulher assim, Luis — esbravejou Nathan atrás de mim.

— Eu sei, mas não costumo obedecer muitas regras.

— Bastardo — murmurou me fazendo rir baixinho para não assustar meu sobrinho.

Firmei seu pequeno corpo em meu braço e passei a mão em seus cabelinhos úmidos, o fazendo murmurar baixinho.

— O tio logo voltar pra brincar com você. — Beijeí sua testa e o entreguei ao meu irmão.

Abracei novamente Arthur e me despedi de Alysson com um sorriso. Peguei algumas mudas de roupas e alguns produtos de higiene, não pretendia sair do hospital por algum tempo, mesmo sabendo que a empresa precisava dos meus auxílios, já que Nathan estava cuidando da família. Tinha certeza de que conseguiria manter a ordem na empresa utilizando o computador enquanto estivesse no hospital.



Peguei meu crachá de acompanhante e subi até o andar em que minha amada estava. Entrei no quarto com um abraço de Anne e um cumprimento de Diogo, que estava sentado em um sofá olhando para o pai próximo da cama murmurando algo baixinho no ouvido da filha.

— Levarei Alberto para fazer um exame agora, Diogo ficará aqui — disse Anne tocando em meu ombro, enquanto eu colocava minhas roupas sobre o sofá, ao lado de Diogo.

— Não preciso ir ao médico — murmurou irritado.

— Já conversamos sobre isso, Alberto.

— Estou ótimo, todo mundo tem dor.

— Quer discutir isso aqui mesmo? — perguntou ela, dobrando os braços e encarando o marido.

— Não — murmurou com desgosto. — Vamos logo, tenho que trabalhar à noite e ainda quero ficar um pouquinho com a minha filha.

— Pensei que havia trocado de turno com um amigo — Diogo disse.

— Eu ia trocar, porém estamos investigando um racha que vem acontecendo próximo da antiga fábrica de eletrônicos e quero estar presente quando prenderem esses caras.

— Não é nessa rua que tem uma ponte inacabada? — perguntou Anne prendendo seus cabelos em um rabo de cavalo.

— Exatamente, Allan está envolvido nisso e quero ter o prazer de prender esse bandido — falou Alberto com uma expressão de raiva. — E juntamente aqueles que estiverem com ele — falou ele, olhando diretamente para mim.

Capítulo 28

LUIS BROWN

Já havia desistido das apostas.

O acidente de Melissa me fez pensar sobre o que eu estava me tornado.

Um viciado.

Era exatamente a palavra que me definia naquele momento, porém passar todo esse tempo no hospital olhando para minha amada me machucava e imaginei quão humilhante seria para ela descobrir que tinha um namorado viciado em algo tão insignificante.

Alberto continuou me frisando e fazendo meu estômago ganhar uma estranha sensação congelante. Engoli em seco com o pensamento de ele saber sobre a parte da minha vida que ninguém sabia.

Anne arrumou sua bolsa no ombro, beijou a testa do filho e saiu do quarto após ter me dado um abraço apertado. Alberto passou as mãos sobre os cabelos da filha e saiu do quarto sem dizer nenhuma palavra. Assim que a porta foi fechada, relaxei meu corpo e tornei a respirar normalmente.

— Ele sabe...

— O quê? — perguntei.

— Ele sabe do seu segredo, acredite, já vi várias vezes aquela expressão, e sempre que a via, sabia quão ferrado eu estava. Seja lá o que você fez, foi bom te conhecer — disse, me lançando um sorriso.

Engoli em seco novamente e me aproximei de Melissa, tentando não demonstrar nenhuma reação em minha face.

— Não tenho segredo algum.

— Claro que não — ironizou ele. — Talvez ele esteja perdendo a prática da profissão e não saiba quando alguém está mentindo realmente. Quer uma dica?

Levantei o olhar para fitá-lo bem e ainda o vi com aquele sorriso nos lábios.

— Quando ele o chamar pra conversar, corra — disse, por fim, gargalhando e deitando-se no sofá.

Merda.

Conversei baixinho com Melissa, tentando ignorar Diogo, que observava cada gesto que eu fazia, beijei a mão fria da minha amada e saí do quarto levando meu computador móvel. Fui até o refeitório tentando encontrar algum sossego longe dos olhares de Diogo.

Abri meu computador e conversei com Megan para ficar atualizado sobre os assuntos da empresa. Mandeí alguns e-mails e tive algumas reuniões pelo Skype, quando percebi, já estava na frente do computador fazia algumas horas. Ouvi o som irritante do metal da cadeira sendo arrastada e percebi que alguém havia se sentado à minha frente, o que me fez levantar o olhar e ver Whitney me encarando.

— O que ela é sua? — perguntou, me olhando seriamente.

— Quem? — perguntei voltando a atenção para o computador.

— A garota que está em coma.

Senti um frio atravessar minha espinha fazendo com que eu parasse de digitar e olhasse para ela novamente.

— Não te interessa — disse, por fim, fechando o computador e tentando me levantar.

— Ela é sua namorada? A moça da qual todos os jornais estão falando? — perguntou, se pondo na minha frente impedindo que eu passasse.

— Minha vida pessoal não lhe diz respeito, Whitney — disparei estressado, tentando passar por ela, porém ela, novamente, não permitiu.

— O estado clínico dela é grave, Luis, talvez ela passe a vida toda como um vegetal. Você não pode se prender a ela dessa maneira, você...

Segurei forte seu braço, o apertado cada vez mais.

— Você está provando ser cada vez mais fria e sem coração. Não importa quanto tempo demore para que ela acorde, eu a esperarei até o último dia da minha vida, pois o meu amor por ela é maior que qualquer doença. — Apertei mais um pouco o seu braço, fazendo com que ela soltasse um gemido de dor, e a empurrei para o lado para que eu pudesse passar.

Eu sabia o quanto o caso de Melissa era grave, porém não queria acreditar que ela passaria a vida toda em uma cama de hospital, como uma droga

de vegetal, cheia de fios em seu corpo. Ainda tinha fé que ela despertaria do seu sono profundo e voltaria para meus braços, e quando isso acontecesse, eu não a soltaria. Não importava o que Whitney falasse, Melissa acordaria. Eu creia nisso.

Caminhei apressadamente pelo corredor, tentando chegar o mais rápido possível ao quarto, virei-me no corredor que levava até o quarto, quando esbarrei acidentalmente com Alberto.

— Desculpa-me, estou um pouco apressado.

— Tudo bem. Pra que a pressa? Está tentando fugir? — perguntou me olhando.

— O-o quê? — gaguejei.

— Foi uma pergunta simples, Luis. Está tentando fugir de algo?

Engoli em seco novamente e disse tentando não hesitar:

— Não.

— Ótimo, precisamos conversar — disse, passando por mim indo em direção ao refeitório.

Pensei no que Diogo disse e imaginei quão patético seria se eu comesse a correr pelo corredor do hospital para o mais longe possível do meu sogro, porém nunca fui o tipo de fugir de algo ou de alguém, e não começaria nesse momento. Então apenas caminhei logo atrás de Alberto determinado a encarar tudo que ele fosse dizer e assumir as consequências dos meus atos.

Afinal, qual a possibilidade de Alberto prender o próprio genro?



A garçonete se retirou após ter deixado o café puro de Alberto sobre a mesa e novamente verifiquei se Whitney estava por perto, me sentindo mais aliviado. Seria menos um problema para lidar.

— Sabe que Allan não é um grande exemplo de amizade, não é mesmo? — perguntou, tomando um gole do café e me olhando por cima da xícara, fazendo com que me sentisse em uma minúscula sala de interrogatório.

— Nunca pensei que fosse. — Fui sincero. — Geralmente quando nos envolvemos com pessoas como ele, sabemos sobre o mundo que adentramos. Desde quando você sabe?

— Faz alguns meses — respondeu, elevando os ombros.

— Mesmo assim deixou que eu me aproximasse da sua filha e permitiu que ela me namorasse. Por quê?

— Ela te ama, infelizmente — murmurou. — Estava determinado a te afastar dela assim que te vi no Club, mas quando vi que você apenas fazia algumas apostas e ingeria algumas bebidas, percebi que talvez pudéssemos entrar em um acordo.

— Acordo?

— Mesmo que a ideia de te prender me atraia muito, não o farei, se você me ajudar.

— Que tipo de ajuda?

— Quero que ajude meu departamento a incriminar Allan.

— Pensei que a polícia tivesse agentes especializados para esse tipo de trabalho.

— Temos, mas ele sofreu um suposto assalto essa semana.

— Por que um suposto assalto?

— Os assaltantes o espancaram e levaram apenas o relógio dele.

— O que tem de tão suspeito nisso?

— Ele havia acabado de sair do Banco. Seria burrice dos ladrões não levar nem um centavo, apenas um relógio.

— Acha que Allan tem dedo nisso?

— Acredito que tem a mão inteira de Allan nisso, ele apenas nos deu um recado tirando o Ben da jogada.

— Não posso te ajudar.

— Como?

— Não posso te ajudar. Desde o acidente da Melissa, decidi que não me envolveria novamente com o Club.

— Estamos muito perto de desmascará-lo, preciso apenas que entre nas sujeiras dele pra que possamos ter provas suficientes.

— O que quer tanto saber? Todos que entram no segundo andar do Club veem as drogas.

— Não é tão fácil assim, quero descobrir quem são os fornecedores.

— E o que eu ganho com isso? Pois, pelo que sei, ninguém pode ser preso por apostar ou participar de um Club.

— Não, mas... — Ele suspirou com desgosto e completou: — Preciso da sua ajuda.

Lancei um sorriso para ele, o fazendo bufar de raiva.

— Alberto Crawford precisa da minha ajuda? Howw! Isso é impressionante.

— Não vamos retornar às piadinhas, Luis, não vou arriscar nenhum dos meus homens, e se acontecer algo com você, pelo ao menos a Melissa poderá arrumar outra pessoa.

— Assim você me ofende, sogrão, pensei que eu fosse o genro ideal.

— Ainda não — falou, tomando outro gole do café. — Vai me ajudar?

Encostei-me à cadeira, peguei um pequeno pacote de adoçante e o girei entre os dedos enquanto encarava Alberto.

— Vou — disse, soltando o adoçante. — Porém quero um favor.

— Prossiga.

— Quero que encontre uma pessoa para mim, especificamente. Uma mulher.

— Tenho cara de detetive, Luis?

— Não, mas deve conhecer um muito bom para que possa encontrar essa pessoa.

— Diga de uma vez, quem você tanto quer encontrar? — perguntou impaciente.

— Quero encontrar a mãe da Paola.

Ele elevou uma das sobrancelhas e, por fim, confirmou com a cabeça, sem dizer qualquer palavra. Ele esticou o braço sobre a mesa e perguntou:

— Temos um acordo?

— Sim, temos um acordo — confirmei, segurando firme a sua mão.

— Ótimo — disse, soltando minha mão e se levantando. — Agora vamos, acho que você vai gostar de ver o sorriso dela — disse, deixando alguns dólares sobre a mesa e me lançando um sorriso. — Esqueci de dizer... Ela acordou!



Finalmente eu corria.

Corria o mais rápido possível até o quarto onde ela estava. Meu peito

queimava, eu sentia o fogo nascendo no fundo do meu peito apenas por saber que em poucos segundos veria seu sorriso, seus olhos e ouviria sua doce voz.

Alberto jogou sujo ao esconder de mim que ela havia acordado, apenas para que eu aceitasse sua proposta. Ele não pensou no quanto eu esperei por esse momento, no quanto a imaginei despertando ao meu lado. Pensei que seria o primeiro a vê-la, e ele, simplesmente, não me contou. A vontade de iniciar uma discussão no refeito se passou em minha cabeça, porém apenas o deixei para trás e corri pelo corredor. Diminui os passos quando me aproximei da porta do seu quarto e tentei amenizar minha respiração enquanto chegava ainda mais perto da porta verde-clara. O medo de abrir aquela porta e ainda vê-la naquele estado me assuntou. Alberto não brincaria comigo dessa maneira, ele sabia o quanto eu amava sua filha e que não suportaria vê-la do mesmo jeito que a vi horas atrás.

Girei a maçaneta, empurrei a porta lentamente e aos poucos entrei no quarto. Um sorriso surgiu em meus lábios quando fixei meu olhar no seu, castanho, cor de mel. Ela estava sentada com alguns travesseiros nas suas costas e seus cabelos estavam presos em uma grande trança lateral, me dando a visão completa do seu rosto levemente avermelhado nas bochechas. Agora seu corpo não possuía tantos fios quanto antes e ela parecia estar um pouco mais corada, o que me fez pensar em quanto tempo ela já estava acordada. Caminhei até seu leito e a vi me lançar um sorriso tímido.

— Me diga que não é um sonho — eu disse enquanto me aproximava ainda mais dela.

— Por quê? É tão ruim assim sonhar comigo em uma cama? — perguntou, me dando o sorriso sensual que eu tanto amava.

Ah, Diaba!

O seu sorriso logo sumiu quando tentou se arrumar na cama, fazendo com que ela soltasse um pequeno gemido.

— Ei! Calma aí, princesa. Você não pode ficar se movendo assim — disse, ajudando-a a ficar mais confortável na cama.

— Estava um pouco desconfortável naquela posição — falou, encostando a cabeça no travesseiro com uma cara de cansada.

— Agora está melhor? — perguntei, me sentando na lateral da cama.

— Sim — respondeu, me lançando um sorriso. Ela levantou a mão e tocou meu rosto com delicadeza. — Por que retirou a barba?

— Digamos que minha aparência não era das melhores quando eu estava com ela.

— Eu gostava dela — falou acariciando minha bochecha com o polegar.

— Só dela?

— Bom... agora consigo ver seu rosto melhor, e com a barba você era sexy, então digamos que estou em dúvida sobre qual Luis me agrada mais. — Ela entortou os lábios e pensou por alguns instantes. — Posso me acostumar com o Luis sem a barba.

— Posso lhe mostrar os atrativos de cada um e você pode escolher — disse me encurvando e a beije.

O beijo foi calmo e lento, fazendo com que sentisse cada gosto do seu lábio carnudos. Sua mão tocou em meu rosto carinhosamente, um gemido reprimido saiu entre seus lábios, me fazendo segurar sua cintura levemente e interromper o beijo com apenas um selinho.

— O que achou desse? — perguntei ainda próximo ao seu rosto.

— Muito bom — respondi, me lançando um sorriso de satisfação.

— Então me diga o que acha desse.

Selei meus lábios nos dela com lascívia e urgência. Apertei minhas mãos em torno da sua cintura, a fazendo gemer instantaneamente, enquanto a minha língua entrava na sua boca, a explorava e saboreava o que tanto senti saudade. Era exatamente disso que eu estava sentindo falta, do toque delicado das suas mãos enquanto se afundavam no meio dos meus cabelos, fazendo com que toda a minha sanidade sumisse e eu me tornasse totalmente louco por ela. Coloquei minha mão por baixo da sua coluna a levantando, para que ela ficasse ainda mais perto de mim. Afastei nossos lábios quando meus pulmões suplicaram por oxigênio e me senti orgulhoso em ver seus lábios, agora, avermelhados e levemente inchados. Ela tomou um longo fôlego e um sorriso logo surgiu em seus lábios.

Um sorriso tentador.

Contagiante.

Belo.

Um sorriso unicamente seu, e nesse momento era exclusivamente para mim. Era como se ela soubesse do que eu tanto necessitava: de cada toque seu.

— Eu prefiro esse — disse me fazendo rir.

— Olá! — A voz de Whitney foi ouvida junto com suas batidas na porta. Virei meu rosto para lançar um olhar de reprovação, porém ela continuava na porta com um sorriso amigável. — Espero não estar atrapalhando, mas é que

preciso verificar a paciente.

— Ah, pode entrar — Melissa disse devolvendo o mesmo sorriso para Whitney. — Não está atrapalhando nada, não é mesmo, amor?

Gostaria de dizer o quanto a presença dela me incomodava, gostaria de dizer a verdade, porém agora não era o momento certo. Melissa havia acabado de acordar e eu ainda não tinha ideia do seu estado clínico, então apenas me forcei a lançar um sorriso para minha amada e tentei ignorar Whitney.

— Fico feliz que tenha voltado, Srta. Crawford, afinal, são poucos os que têm a mesma sorte de acordar sem qualquer sequela — disse Whitney, enquanto verificava os monitores e fazia algumas anotações

— É, acho que tenho sorte — disse Melissa com um sorriso entusiasmado.

— Ah, sim! — exclamou ela, me olhando. — Você é uma menina de sorte. Não é mesmo, Sr. Brown?

Tentei entender qual seria a sua jogada, por que ela estava aqui na minha frente como a droga de uma pedra que precisava ser retirada da minha vida. Seus cabelos loiros estavam presos em coque alto e o estetoscópio estava por trás do seu pescoço, caindo sobre seu peito, ela me lançou o seu sorriso provocador, o que me fez voltar a atenção para Melissa.

— Sim, ela é uma garota de sorte — eu disse, beijando a testa da minha namorada. — Minha garota de sorte.

Capítulo 29

MELISSA CRAWFORD

Eu me sentia estranha, algumas partes do meu corpo doíam juntamente com a minha cabeça. Demorei a abrir meus olhos, e quando os abri, avistei a imagem levemente embaçada da minha mãe. Não entendia o fato de ela me olhar daquele jeito assustado nem o porquê de eu não conseguir falar ou me mover. Ela soltou um grito abafado pelas mãos e se postou a chorar na minha frente, me deixando confusa. Diogo surgiu à lateral da cama com um sorriso meigo e depois sumiu da minha frente gritando por um médico. Segundos depois, algumas pessoas surgiram na minha frente carregando o mesmo sorriso que meu irmão, eles me davam parabéns e boas-vindas, porém minhas pálpebras se fecharam, me deixando novamente na escuridão.

Senti o toque das mãos do meu pai quando despertei novamente, ele me olhava estático e eu o vi derramar algumas lágrimas em meio ao um sorriso que ele me lançava. Tentei pronunciar algumas palavras, mas minha garganta estava dolorida e os esforços fizeram com que doesse mais.

Diogo foi paciente em me explicar tudo e eu me assustei ao saber de toda a situação. Um mês em coma... foi o que ficou martelando na minha cabeça depois que ele me disse.

Era estranho imaginar que perdi dias da minha vida deitada em uma cama, quão louco era pensar que a primavera já estava a pleno vapor, a estação de que eu tanto gostava estava brotando do lado de fora e eu a estava perdendo. Ele me disse que Luis ficou arrasado e o quanto esteve presente, passou praticamente cada segundo ao meu lado. Meu irmão me falou que Bruna, Noemi, Theo, Matt, Nathan e Vivian faziam visitas menos frequentes, já que o hospital não permitia muitas visitas no meu quarto.

Eu me senti amada de certa forma ao saber que todos ajudaram a minha família e que tiveram o carinho de me visitar mesmo eu estando inconsciente. Isso me fez sentir muito bem.

Minha mãe, mais calma, me explicou o quanto Cloe esteve presente, apoiando o filho praticamente todos os dias. Não esperava outra atitude de Cloe, ela tinha um jeito doce e carinhoso de lidar com os filhos e eu tinha certeza de que ela se sentiu tão abalada com essa situação quanto o filho.

Agradei por Luis não ter estado presente quando acordei, não gostaria que ele visse todos os procedimentos que os médicos realizaram ao retirar os fios que estavam presos ao meu corpo. Queria que ele me olhasse diferente, que pudesse ver que tudo que passou foi apenas um susto e que, finalmente, eu estava de volta para ele e para minha família.

Pedi à minha mãe para fazer uma trança nos meus cabelos e depois agradei a ela por me deixar sozinha no quarto quando o Luis entrou. Ele estava diferente. Seu rosto antigamente tinha uma barba desleixada, que trazia a delirante sensação de formigamento em meu pescoço quando ele beijava o local, e agora ela não estava presente. Suas olheiras fizeram com que meu coração ficasse apertado ao perceber o quanto ele havia estado sem dormir apenas para ficar ao meu lado, e isso me fez lançar um sorriso tímido.

Ele estava um pouco acanhado no início, se aproximando aos poucos, fazendo com que eu me contorcesse por dentro. Eu necessitava do seu toque, do tom delirante da sua voz, de tocar a sua pele e sentir o cheiro do seu perfume.

Após ele ter me dado um beijo, um beijo faminto, me senti bem, apesar de a enfermeira atrapalhar nosso momento.

Luis estava com um sorriso diferente no rosto quando disse que eu era sua garota de sorte, devolvi o sorriso e encostei-me em seu rosto, fazendo com que ele fechasse os olhos e apreciasse a pequena sensação que meu toque lhe dava.

— Ai, vocês são tão fofos juntos — disse a enfermeira, me fazendo desviar o olhar de Luis e olhar para ela com um sorriso bem aberto.

— Obrigada, senhora...?

— Moore, na verdade, senhorita Whitney Moore — falou verificando meu soro. — Bom, vou deixá-los sozinhos — disse, encarando-nos com um sorriso simpático.

— Obrigada, Srta. Moore.

— Não precisa agradecer, afinal, somos quase amigas depois desse longo mês, então me chame apenas de Whitney.

— Bom, sendo assim. Obrigada, Whitney.

Senti um aperto em minha mão e encarei Luis, que olhava tudo em silêncio. Ele me olhava normalmente, o que era estranho, já que ele sempre tinha com um brilho no olhar e sempre sorria ao me ver, porém, agora, ele simplesmente me olhava preocupado.

— Bom — disse Whitney, me fazendo olhar para ela em pé segurando sua prancheta próximo ao peito. — Estou indo.

— Você já disse isso — disparou ele, olhando furiosamente para a enfermeira.

— Luis? — eu o repreendi.

— Não, tudo bem, já entendi. Licença — disse ela, se afastando com a cabeça baixa.

Soltei minha mão da sua e bati em seu braço quando ouvi o som da porta se fechando.

— Isso foi grosseiro — eu disse dobrando os braços e o encarando com raiva.

— Não, não foi. Ela estava fingindo que se importa com você — disse ele se levantando da cama e passou as mãos nos cabelos.

— Não pira, Luis. — Bufeí sem paciência. — Ela foi gentil e você novamente agiu como um brutamonte.

Ele soltou uma risada alta de deboche jogando a cabeça para trás, me fazendo ficar com mais raiva ainda.

— Eu sou um brutamonte? Apenas a tratei como ela merecia.

— Você acabou de ofendê-la.

— E você? Amigas? Sério? Você mal acordou e já ficou amiguinha de alguém que acabou de conhecer?

— Ela cuidou de mim, Luis, eu apenas gostaria de retribuir de alguma forma.

— Ela não cuidou de você — disse se sentando em um pequeno sofá e massageando as pálpebras. — Eu não deixaria que ela chegasse perto de você, não seria tão louco assim. Acredite em mim, aquilo era apenas fingimento.

— Por que ela iria fingir?

— Porque ela está agindo como uma ex-namorada irritante.

— E-ela é sua ex? — perguntei surpresa. — Eu nunca soube que você...

— Ninguém sabe, nem mesmo a minha família. Pensei em dizer para todos na época e tornar nosso relacionamento real, mas ela sempre se esquivava e inventava algo, até que chegou ao ponto em que não deu mais. Whitney não é uma pessoa confiável e eu sei que ela veio aqui apenas para me afrontar.

— Por que não deu certo? — perguntei.

Nunca pensei que Luis já houvesse namorado. Na verdade, eu pensei que fosse sua primeira namorada, e agora, com essa revelação, eu me senti insegura.

Ele não se mostrou interessado nela, mas já existiu um sentimento, e eu tinha medo que pudesse perdê-lo um dia.

— Ela abordou um filho meu e com isso ela acabou matando todo o sentimento que eu tinha por ela — disse friamente.

— Que... crueldade. — disse espantada.

Ele gargalhou baixinho, me fazendo olhá-lo com dúvida.

— O que é engraçado?

— Você a estava defendendo há alguns minutos e de repente começou a xingá-la. Pensei que fossem “quase amigas”.

— Isso foi antes de eu saber que ela teve coragem de matar um ser tão inocente e que é sua ex. Aquela mulher ainda teve coragem de me chamar de

amiga.

— Vejo que sua impressão sobre ela mudou — disse ele, me lançando um sorriso.

— Completamente — concordei. — Se eu soubesse disso antes, teria tirado aquele sorrisinho do rosto dela.

— Não tenho dúvida — disse, se levantando do sofá e caminhando novamente na minha direção. — Vamos mudar de assunto, tudo bem? Falar sobre a Whitney não fazia parte dos assuntos que eu gostaria de falar com você.

— Ah, é? E sobre quais assuntos você gostaria de falar comigo?

— Bom, um deles é sobre como você fica quente nesse vestido hospitalar — disse com um sorriso malicioso.

— Sério que me achou atraente em um vestido de papel, descartável? — perguntou passando a mão no tecido fino verde-claro que estava usando.

— Com certeza, principalmente pelo fato de você não estar usando nada além dele.

— Você tem uma mente pervertida, Luis Brown.

— Apenas com você, Melissa Crawford.

Meu estômago ganhou um bater de asas estranho, um sentimento gostoso e inexplicável. Não percebi o quanto senti sua falta, e essa sensação estava provando que meu corpo e minha mente necessitavam dele e eu não estava disposta lutar contra esse sentimento, o desejo, seria loucura negá-lo, como fiz

desde o começo.

Assim como o sol e a lua eram perfeitos um para o outro, eu estava predestinada a Luis Brown, nada mudaria isso.

Capítulo 30

MELISSA CRAWFORD

— Vocês três vão me deixar louca. Eu estou bem.

— Você acabou de sair do hospital, não pode sair assim — falou Diogo.

— Faz três dias que saí do hospital, três dias, e não vou perder mais nenhuma aula na faculdade. Está decidido, eu vou para a aula!

— Vivian pode lhe passar a matéria — argumentou meu pai.

— Não adianta, eu vou e pronto.

— E se acontecer algo com você? — minha mãe perguntou.

Eu entendia perfeitamente o fato de meu pai e meu irmão agirem como guarda-costas desde que saí do hospital, mas a minha mãe? Isso já era demais. Nunca imaginei dona Anne agindo como meu pai. Ela sempre me apoiou, me encorajou... Nunca a imaginei me tratando como um bebê. Sabia que o acidente pegou todos de surpresa, mas não tinha a necessidade de eles cuidarem de mim 24 horas por dia, já bastava Luis e Nathan me proibindo de ir trabalhar, como se eu fosse uma inútil.

Bruna e Cloe eram as únicas sensatas nessa grande família, e mesmo com elas ao meu lado, não foi suficiente para quebrar a grande barreira dos Brown juntamente aos Crawford.

O tempo livre me fazia pensar em tudo que Luis confessou. O fato de ele quase ter sido pai me assustava. Eu o conhecia bem e tinha certeza de que, se a Whitney não tivesse abortado, Luis ficaria com ela, apenas para dar ao filho uma família.

Luis Brown seria pai, e eu sabia que ele seria ótimo, assim como estava sendo um tio incrível e um grande exemplo para a Paola. Balancei minha cabeça para que desaparecessem todos os pensamentos e voltei a atenção para o que estava fazendo.

Tentei ignorar os três dentro do meu quarto, fechei minha bolsa e a coloquei sobre o ombro. Beije o rosto da minha mãe, carinhosamente, e fiz o mesmo com meu pai, me aproximei de Diogo e apenas lhe dei um soco no braço.

— Ei! O que foi que eu fiz? — falou alisando o lugar em que eu havia batido.

— Você deveria me apoiar. Irmão desnaturado.

— Você não pode simplesmente sair andando por aí depois de ter ficado um mês em coma — explicou ele.

— Eu estou bem e não vou andando, vou pegar a caminhonete — disse e passei por eles, andando em direção à sala.

— Você não pode dirigir. — Ouvi a voz do meu pai logo atrás de mim, o que me fez revirar os olhos e continuar a caminhar.

— Que diabos eu posso fazer? Não posso trabalhar nem ir à faculdade, mal posso limpar a casa ou ir ao mercado — gritei para todos que me olhavam surpresos. — Pelo que sei, esse país ainda é livre. — Peguei a chave da caminhonete e olhei novamente para a minha família. — Sei que estão preocupados comigo e que o acidente foi assustador, mas não é por que estou

saindo de casa que vou cair e ficar novamente em coma. Quero continuar com a minha vida normalmente.

Minha mãe me lançou um sorriso, desceu o restante dos degraus que faltavam e me abraçou, logo senti os braços de Diogo e meu pai. Todos pediram desculpas em uníssono, me apertando no meio entre eles. O abraço me deixou mais relaxada, sabia que ninguém teria coragem de enfrentar minha mãe, afinal, foi ela quem iniciou o abraço, e todos respeitavam isso.

Ouvi o som da porta se abrindo e o cheiro de Luis invadiu a pequena sala, olhei para ele de relance e o vi abrir os braços para se juntar ao abraço.

— Também amo vocês, família.

— Ok, ele estragou tudo — disse meu pai, se afastando do abraço, fazendo todos se afastarem também.

— Poxa, só porque cheguei? — falou Luis com um tom magoado.

Lancei um sorriso para ele e o abracei afundando meu rosto em seu peito firme e quente, sentindo seu cheiro.

— Você estragou o momento em família — disse meu pai, se sentando no sofá e ligando a televisão.

— Pensei que eu fosse da família — disse ele, envolvendo seus braços em torno do meu corpo.

— Você é, querido — disse minha mãe tocando no braço de Luis brevemente e se sentou ao lado do meu pai.

— Viu? Já conquistei minha lindíssima sogra e meu cunhado, só falta você se juntar ao time, sogrão.

— Não me coloque no meio, Luis, se vira sozinho — disse Diogo, antes que eu entrasse na cozinha.

— Sem brincadeiras, Brown, me diga o que veio fazer aqui — disse meu pai olhando fixamente para a televisão.

— Vim buscar Melissa, vamos para a faculdade juntos.

— Vamos? — perguntei, me afastando e o encarando.

— Vamos — afirmou, beijando minha testa.

— Então vão de uma vez, antes que eu a leve — disse ele nos olhando rapidamente e se aproximou da minha mãe, trazendo-a para mais perto de si no sofá.

Luis se despediu de todos com apenas um grito e me puxou para fora de casa, provavelmente com medo que meu pai cumprisse o que disse.



Todos nos olhavam, não sei se era pelo fato de todos saberem de acidente ou por eu estar de mãos dadas com Luis andando pelo campus. Com certeza era pela segunda opção, a maior parte dos que nos olhavam eram mulheres, elas encaravam nossas mãos unidas e me lançavam um olhar de raiva.

— Acho que estou sendo odiada pela faculdade inteira — disse, olhando para Luis, que andava como se não tivesse acontecendo nada.

— Apenas ignore.

— Fácil falar, não é você que está ganhando vários olhares mortais.

— Será apenas no início, logo eles vão se acostumar com o nosso relacionamento. — Apertei minha mão na sua e me mantive quieta, tentando ao máximo olhar para baixo.

Odiava me sentir o centro das atenções, sempre preferi ficar sozinha sem me importar com o que pensavam ou falavam de mim, mas quando se está com um Brown, parece que tudo muda. Eu estava sendo o assunto mais falado em toda a cidade, principalmente depois que saí do hospital. Talvez com o decorrer do tempo eu me acostumasse com a situação de ser o centro das atenções ou talvez todos acabassem se esquecendo de mim. Sinceramente, esperava que todos se esquecessem.

— LISSA! — A voz de Vivian gritando me fez levantar a cabeça e olhar para minha amiga, que andava em passos rápidos na minha direção, me fazendo rir.

— Oi, Vivian — disse alegremente quando senti seus braços em volta do meu corpo, o que fez Luis se afastar.

— Desculpe por eu não ter ido à sua casa depois que saí do hospital, meu pai tem pegado no meu pé ultimamente — disse, se afastando do meu corpo e arrumando os cabelos cacheados.

— Não se preocupe, eu entendo. Então Hugo finalmente está lhe colocando nos eixos? — perguntei.

— Bom, ele tenta — disse dando de ombros. — Ah! Oi, Luis.

— Oi, Srta. Micallef — cumprimentou-a Luis, formalmente.

— Parece meu pai me chamando assim. — Bufou com desgosto.

— Desculpe, Srta. Micallef.

— Você era mais bonito quieto — falou Vivian, me puxando e andando na sua frente. — Vemos você no intervalo — gritou ela sem olhar para ele.

Acenei um tchau para meu namorado e continuei caminhando ao lado da minha amiga.

— Quer dizer que acha meu namorado bonito? — perguntei arrumando minha bolsa no ombro.

— Não achar um Brown bonito é tolice.

— Preciso me preocupar com isso?

— Ah, não. Afinal, tenho o Drew.

— Voltaram?

— Mais ou menos. — Suspirou.

— Vocês nunca vão se cansar desse vai e volta?

— Não — respondeu sorrindo.



Peguei, como sempre, um pequeno pote de salada de frutas e me sentei a uma das mesas afastadas do refeitório. Vivian havia ido procurar Drew. Depois de olhar para todos no grande refeitório, percebi que Luis não estava. Então apenas me concentrei em comer silenciosamente enquanto passava a matéria para o meu caderno.

— Ei, Melina! — A voz de Paoll me fez soltar um suspiro de frustração.

— Oi, Paoll! — respondi com um sorriso, tentando ignorar o fato de ele ter errado meu nome.

Ele se sentou na minha frente e acenou para que alguns dos jogadores de futebol nos deixassem sozinhos. Assim que todos saíram, ele me lançou um sorriso simpático e apoiou os braços sobre a mesa.

— Fiquei sabendo que está namorado o Luis Brown.

— Humm... murmurei voltando a estudar.

— Ele veio falar comigo — disse, me fazendo olhar para ele.

— Ele...

— É, ele veio desmentir a história de vocês serem casados e terem cinco filhos — me interrompeu. — E me ameaçou dizendo para eu ficar longe de você, pois logo você será sua mulher e mãe dos filhos deles.

— Ele disse tudo isso? — perguntei confusa.

— Sim, loucura, né? Me ameaçar por...

— Não! Ele realmente desmentiu a história toda?

— Sim, ele desmentiu, gatinha.

— Não sou a sua gatinha, Paoll! — exclamei alto.

Levantei-me e comecei a guardar meus materiais com rapidez, tentando ignorar o Paoll, que me olhava.

— Melina, espera, podemos conversar, marcar outro encontro...

— É Melissa, idiota. MELISSA! E não terá outro encontro, acredite, aquele foi desagradável o suficiente — eu disse, me afastando, porém me virei para encará-lo novamente. — E antes que eu me esqueça, fique longe de mim, Luis costuma cumprir suas promessas.



Saí do refeitório me desviando de todos e andei apressadamente pelos corredores. Quando vi Luis conversando com um estudante qualquer, corri até ele e o beijei ignorando completamente o cara com quem ele estava falando.

— A que devo a prazerosa surpresa? — perguntou ele quando interrompeu o beijo.

— Queria apenas agradecer por ter falando toda a verdade sobre as crianças e o bebê.

— Apenas gostaria de começar nossa história da maneira certa, e creio que você não demorará a se tornar minha esposa — disse carinhosamente, afastando meus cabelos e os colocando atrás da orelha.

Capítulo 31

LUIS BROWN

Cheguei cedo na empresa, não tenho dúvida de que Melissa virá trabalhar essa manhã, mesmo discordando do seu pai ou até mesmo de Diogo. Saí do elevador, arrumei minha gravata e avistei Megan arrumando sua mesa. Ela sempre chegava mais cedo que a maioria dos funcionários e fazia tudo com eficiência. Na época de sua contratação, não me agradou muito ter uma mulher da sua idade como secretária enquanto Nathan tinha Melissa, mas Megan se mostrou ser muito mais capacitada que qualquer outra secretária que já tive.

Ela elevou os olhos por cima dos óculos e me lançou um sorriso gentil.

— Bom dia, Sr. Brown.

— Bom dia, Megan. Já falamos sobre isso. Sem formalidades — eu disse, deixando um envelope com um laço médio sobre sua mesa.

— O que significa isso? — perguntou, se sentando na sua cadeira e ligando seu computador.

— Seu presente atrasado de Natal.

— Você já me deu um presente de Natal, ou se esqueceu da viagem que deu para mim e meu marido? — Ela juntou ambas as mãos e me olhou por alguns segundos.

— Presente não se recusa, Megan. Apenas aceite.

Ela me olhou com desconfiança e pegou o envelope, desfez o laço, o abriu e leu o papel que tinha dentro.

— Parece que ganhei um dia inteiro em um SPA — disse, guardando novamente o papel dentro do envelope.

— E é apenas para hoje, não é fantástico? — perguntei lançando um sorriso amplo.

— Isso, por um acaso, não é uma desculpa para se livrar de mim e ficar sozinho com a Srta. Crawford nesse andar, né?

— Isso nem se passou pela minha cabeça — tentei me defender.

Ela murmurou algo e voltou a atenção para o computador, desligando-o.

— Bom, então vou aproveitar meu dia no SPA — disse, se levantando para pegar sua bolsa e se aproximando de mim. — Não faça nada para magoar a Srta. Crawford, Luis.

— Você sabe que sou o namorado dela, não é mesmo? — perguntei formalmente.

— O que não o impede de machucá-la, não é mesmo? — repetiu minha pergunta com uma das sobrancelhas elevadas.

Suspirei lentamente.

— Não vou machucá-la, Megan.

— Acho bom — disse, por fim, dando alguns tapinhas em meu peito, e caminhou em direção ao elevador. — Até amanhã — disse, acenando um tchauzinho.



Estava em uma ligação importante quando vi Melissa através do vidro da porta e fiz sinal para que ela entrasse na minha sala.

Inferno.

Ela estava usando uma blusa rosa de seda com uma saia lápis preta e saltos médios pretos. Seus cabelos estavam amarrados em um rabo de cavalo alto, e isso foi o suficiente para levar toda a minha sanidade embora.

Apressei-me para me despedir de Carter e desliguei o telefone, me recostei na cadeira, uni minhas mãos e a olhei atentamente, antes de perguntar:

— Tudo bem?

— Vi que Megan não estava na frente da sua sala e estranhei, afinal, ela sempre está lá. Aconteceu algo? — perguntou passando a mão em seu braço.

— Ah... Infelizmente ela me ligou para me informar que está indisposta essa manhã.

— Algo grave? — perguntou preocupada.

— Não, apenas uma enxaqueca. Tenho certeza de que amanhã ela estará

ótima.

Levantei-me abotoando meu blazer e me aproximei dela.

— Precisa de ajuda? Não tenho muito que fazer agora que Nathan está em casa, apenas mandar alguns e-mails — disse, tocando meu abdômen e afrouxando um pouco minha gravata, puxando-a para me dar um selinho.

— Não quero atrapalhar, amor — disse beijando sua testa. — Posso chamar Lenny para me ajudar.

— Não vai me incomodar. Preciso trabalhar, estou cansada de mandar e receber e-mails, e Lenny não precisa te ajudar.

— Agradeço a ajuda então — disse sorrindo e a beijando carinhosamente.

— Então qualquer coisa você me chama — disse ela arrumando minha gravata.

— Na verdade... Megan ia me ajudar com alguns relatórios importantes que estão atrasados, eu preciso entregá-los até o final do dia.

— Não posso deixar a recepção sem ninguém.

— Podemos pedir para Lenny, ela não vai se incomodar.

Ela ficou pensativa por um momento.

— Tudo bem, você liga para ela enquanto pego a minha bolsa lá fora —

disse, indo em direção da porta.

Assim que a porta se fechou, um sorriso vitorioso surgiu aos poucos em meu rosto, quando percebi que meu plano havia dado perfeitamente certo.



O dia foi razoavelmente cansativo, Melissa esteve ao meu lado relendo alguns relatórios, e tenho que admitir, isso me ajudou muito. Olhei para meu relógio de pulso e vi que estava na hora do almoço, minha namorada provavelmente estaria com fome. Soltei um suspiro de cansaço e me reclinei na cadeira.

— Cansado? — disse Melissa, me fazendo olhar para ela, que ainda lia atentamente o papel em mãos.

— Um pouco — confessei. — Almoça comigo?

Ela pegou o celular e fez uma cara de surpresa.

— Nossa. Não imaginei que fosse tão tarde — mencionou ela, deixando o celular sobre a mesa novamente. — Quer que eu peça o de sempre no restaurante ao lado?

— Não.

— Não?

— Já fiz reservas para o nosso almoço — disse, desfazendo o nó da minha gravata e a deixando sobre a mesa.

— Acha que, se sairmos do escritório para almoçar, conseguiremos terminar isso hoje?

— Não sei, mas acho que mereço um almoço decente com a minha namorada. — Aproximei-me dela, peguei sua mão e a puxei para que ela ficasse de pé, coloquei uma das minhas mãos em sua cintura, a trazendo para mais perto do meu corpo, enquanto a outra estava sentindo a maciez da pele de trás do seu pescoço.

— Humm — gemeu baixinho. Seus olhos fechados estavam como se gravassem cada sensação que meu toque lhe dava.

Beijei seu ombro e fui subindo, passando pelo pescoço, mordiscando o lóbulo da sua orelha e, finalmente, chegando à sua boca, que estava entreaberta. Dei um pequeno selinho em sua boca e me afastei, vendo seus olhos fechados.

— Luis... — murmurou com a voz cheia de desejo.

— Sim, princesa — disse retornando a beijar seu pescoço.

— Por favor, me beija. — Sua foz estava baixa, me fazendo sorrir orgulhosamente por fazê-la sentir desejo apenas com meus toques e beijos carinhosos.

— Com todo prazer, princesa — disse, tomando sua boca com anseio querendo diminuir seu pequeno sofrimento.

Afastei-me dos seus lábios carnudos, dando-lhe um rápido selinho e vi seu corpo se recuperar e a respiração se regular aos poucos.

— Estou começando a querer desistir do almoço — disse, passando minhas mãos pelas suas costas.

Ela soltou um sorriso belíssimo e finalmente abriu os olhos, me fazendo ver finalmente sua íris, agora, em um tom caramelado.

— E perder a reserva?

— Tem razão, podemos terminar isso depois — disse, afastando-me dela e pegando minha carteira. Segurei sua mão entrelaçando nossos dedos e saímos da sala.

Lenny não estava mais à mesa da recepção e eu agradei mentalmente por isso. Melissa continuou a caminhar em direção ao elevador quando apertei sua mão levemente, fazendo-a parar e me olhar duvidosa.

— Desistiu do almoço? — perguntou maliciosamente.

Ah, Diaba!

Respirei profundamente tentando achar meu controle e falei:

— É pecado tentar um homem inocente, princesa.

— Posso viver com esse pecado — disse, piscando um dos olhos para mim.

Inferno!

Essa mulher será a mãe dos meus filhos.

— Apenas me siga, princesa — disse, guiando ela até a sala de Nathan.

— Luis, na sala do seu irmão, não — disse, dando um passo para trás.

— O que está pensando que vamos fazer aí dentro, Melissa?

— Almoçar é que não vai ser.

— Pós é exatamente isso que iremos fazer. — Empurrei a porta de vidro e deixei que ela passasse, desconfiadamente, até que visse a mesa redonda forrada com uma toalha branca e arrumada para uma refeição a dois. Ela olhou para cada detalhe do local e caminhou lentamente até a mesa. As taças de vinho, os guardanapos, rosas vermelhas, a porcelana refinada e os talheres de prata me deram a certeza de que Cloe Brown esteve aqui, já que o combinado era apenas algo formal e aconchegante.

— Como fez tudo isso? — perguntou pegando uma das rosas vermelhas do vaso de cristal que estava sobre a mesa.

— Digamos que minha mãe me ajudou muito — disse, me aproximando dela e puxando uma cadeira para que ela se sentasse.

— Lembre-me de agradecer a ela — disse se sentando.

— Tenho certeza de que ela ficará feliz em saber que gostou.

Ela pegou o guardanapo para que pudesse colocar no colo, deixando à mostra a caixinha azul aberta, onde estava um anel de brilhante.

— How! Luis? — Ela me olhou com os olhos cheios de lágrimas.

Ajoelhei-me ao seu lado e peguei sua mão delicadamente.

— Melissa Crawford, você aceitaria se casar comigo?

Capítulo 32

MELISSA CRAWFORD

Não espera por isso agora. Terminar a faculdade e iniciar minha vida profissional eram meus principais pensamentos antes de iniciar uma vida com outra pessoa. Tudo bem que eu estava quase terminado a faculdade, mas tinha que confessar que ele me surpreendeu.

Luis sempre foi simples em demonstração de afeto e toda essa preparação, eu tinha certeza, foi coisa da Cloe. Nunca esperaria uma explosão de romantismo assim, como era Nathan em relação a Bruna. Gostava do jeito simples com que Luis me encantava, eram suas palavras que me conquistavam, e eu não precisava de mais nada para dizer que o amava.

— Me diga que o casamento não é hoje.

— Isso significa que tenho que desmarcar tudo? — perguntou com um sorriso de canto.

— Luis... — eu o chamei como um aviso.

— Não, princesa, o casamento não será hoje. Ainda quero ganhar a aposta antes de pisar no altar.

— Não precisamos ir em frente com a aposta, amor.

Ele não precisava demonstrar que mudou para ganhar meu coração,

desde o início da aposta, meu coração já era dele, continuar com isso seria tolice.

— Quero continuar, falta menos de nove meses e até lá posso te surpreender. Agora me responda de uma vez: quer casar comigo?

— Sim, meu amor, eu aceito me casar com você.

Um sorriso surgiu largo em seu rosto e logo ele pegou a pequena caixinha e retirou o anel, o deslizando pelo meu dedo.

Ajoelhei-me e o abracei forte, fazendo com que caíssemos no chão, soltando uma gargalhada.

— Acha que devemos deixá-los sozinhos. — Ouvi a voz de Theo.

Afastei-me de Luis e vi todos nos olhando com um sorriso, tirando meu pai, que estava bravo, e Bruna, que estava com as bochechas levemente coradas. Diogo se aproximou para me ajudar a levantar, já que a minha saia não ajudava muito, e me abraçou apertado. Todos da fazenda me parabenizam com um abraço forte e admiraram a aliança de brilhantes que estavam em meu dedo.

— Parabéns, filha — disse minha mãe, me abraçando.

— Obrigada, mãe — agradei, me afastei dos seus braços e vi seu rosto repleto de lágrimas, então a abracei novamente. — Vocês já sabiam de tudo?

— Não — disse ela, se afastando dos meus braços e secando o rosto com um lenço de papel que me pai lhe deu.

— Cloe chamou todos nós para comemorarmos juntos com vocês. — explicou meu pai.

— Pare de bobagem, Luis — disse Cloe, se aproximando.

— O que está acontecendo? — perguntei.

— Estou tentando explicar o significado da palavra segredo para a minha mãe.

— Qual é a graça de ficar noivo e não contar para ninguém. Eu sei o que estou fazendo, filho, a festa é a melhor opção.

— Eu amei a ideia, Cloe — disse sinceramente.

— Sabia que ia gostar — disse, me abraçando.

Assim que ela se afastou do meu corpo, me senti bem ao ver um sorriso contagiante no rosto da minha sogra.

— Você não devia incentivá-la — disse Luis, beijando bochecha.

— Gosto dos planos dela.

— Não a deixe ouvir isso — disse Nathan, se aproximando vestido com um dos seus ternos habituais.

— Vocês dois têm que deixar sua mãe em paz — disse Bruna, se aproximando ao lado do marido. — Gosto de vê-la feliz quando todos os planos dão certo.

— Eu também — concordei com a minha amiga.

— Tiooo! — gritou Arthur, correndo na direção de Luis com as mãos e a boca sujas de chocolate.

— Ei, campeão. — Luis se abaixou para abraçar o sobrinho sem se importar com as mãos sujas do pequeno.

— Filho! Assim irá sujar seu tio — Bruna falou.

— Pode deixar, loirinha, tenho roupas limpas aqui no escritório — explicou Luis enquanto brincava com o sobrinho em seu colo.

— Acho que não lhe dei os parabéns. — Virei o rosto para ver meu pai em pé segurando uma taça de champanhe, que todos estavam recebendo.

— Só estava faltando você, pai.

Ele pegou minha mão e me puxou para um canto reservado da sala, onde conseguíamos ver com perfeição New York. Senti o polegar do meu pai tocando a aliança de noivado e me fazendo desviar o olhar da janela para ver meu pai com a cabeça baixa analisando o anel.

— Ele é o único homem merecedor do seu amor — falou, ainda olhando a aliança.

— Pai...

— Tenho que assumir, tentei te afastar dele, fiz muitas orações para que você continuasse sendo aquela menininha elétrica que corria pela casa atrás de Bruna, mas... — Ele soltou um sorriso frouxo e levantou o olhar para que eu visse seus olhos marejados, fazendo meu coração se apertar e sentir uma imensa vontade de abraçá-lo. — Aí você cresceu e tornou-se essa mulher incrível, assim como Bruna também. Estou orgulhoso, filha, por ter se tornado essa mulher

incrível e que agora está prestes a bater as asas e voar para fora do ninho, para formar sua própria família.

— Está orgulhoso mesmo eu estando noiva de um Brown?

— Mesmo prestes a se casar com um Brown, estou orgulhoso — disse, me fazendo rir. Ele me puxou para um abraço apertado e ao mesmo tempo confortável. — Parabéns, filha.

— Obrigada, pai.



Cloe realmente havia pensado em tudo. Logo após o pedido, funcionários de um buffet entraram na sala, montaram uma mesa grande e puseram a comida. Em poucos segundos, a sala de Nathan havia se tornado em uma grande sala de jantar com uma decoração vermelha. Antes de o almoço ser servido, acompanhei Bruna até o banheiro para que ela pudesse trocar Austin.

— Alysson não quis vir? — perguntei olhando para Arthur pela abertura na porta do banheiro, e ele gargalhava com algo que Luis dizia ao seu ouvido.

— Ela tem um encontro — respondeu minha irmã de coração enquanto colocava o filho sobre o trocador.

— Um encontro? — Fechei a porta e me aproximei dela vendo meu sobrinho olhar atentamente para a mãe, que tirava seu macacão. — Não sabia que ela estava interessada em alguém, mas fico feliz, afinal, ela achou alguém mesmo sem sair da fazenda.

— Também fico feliz por ela, Arthur tem um carinho enorme por ela, é

jovem, merece sair e encontrar uma pessoa legal.

— E qual é o nome do sortudo? — perguntei pegando a pequena mão gordinha de Austin, que desviou o olhar da mãe e tentou apertar meu dedo.

— Não sei, ela apenas disse que ele é muito ocupado e que o conheceu na festa de aniversário de três anos do Arthur.

— Uns dos sócios da empresa?

— Talvez — falou retirando a fralda do filho e logo passando um lenço umedecido nele, o que fez o pequeno resmungar. — Matt que está um pouco com o pé atrás, afinal, a família dela é de Yonkers e Matt e Noemi acabaram se apegando a ela. Esse envolvendo está deixando ambos desconfiados.

— Eles se apegaram a ela como a uma filha. Não tiro a razão deles, afinal, ela também é da família.

— Exatamente. — Ela fechou a fralda do filho e beijou a barriguinha branca dele, o fazendo soltar um gritinho animado. — Está quase terminando, filho. Nathan quer conversar com ela assim que chegarmos em casa, ele quer tranquilizar os Grohl.

— Por que não marcamos um jantar? Assim ela apresenta o namorado.

— Podemos pensar nisso.

Depois que Bruna colocou uma roupa limpa em Austin, retornamos para a mesa e almoçamos em família. Meu pai e Luis, por mais surpreendente que parecesse, tiveram uma conversar normalmente durante a refeição, e mesmo com as provocações do meu noivo, meu pai apenas o ignorava e continuava a conversar, me fazendo sentir orgulhosa deles. Algo havia acontecido enquanto

eu estava em coma para aproximá-los e fazer com que se esquecessem das suas desavenças.

Capítulo 33

LUIS BROWN

Ela estava deslumbrante com o anel que a marcava como minha, minha noiva, namorada, futura mulher e mãe dos meus filhos, minha eterna diaba e princesa. Que os jornais anunciassem para todo o mundo! Luis Brown finalmente estava amarrado, preso a uma mulher, e eu me sentia ótimo com essa sensação.

Deixei que Alberto levasse Paola para casa, eu precisava ir ao Club e ele sabia disso. Quanto antes descobrisse o fornecedor de Allan, mais rápido me livraria dele. Ajudar Alberto parecia o certo a fazer, afinal, minha filha se tornou uma das diversas mulheres e homens viciados naquele lugar, então eu estava fazendo isso por Paola.

Travei o carro e coloquei a chave dentro do bolso enquanto caminhava até o Club. Matthew estava conversando com outro segurança na entrada, eu o cumprimentei com apenas um aceno de cabeça e entrei.

Peguei uma bebida no bar e caminhei até onde Edmund estava, Jack e Allan estavam ao redor de uma mesa de poker.

— Finalmente apareceu, Brown — murmurou Edmund.

— Também... depois do vexame de perder para uma mulher na pista, até eu iria sumir — Allan pronunciou. — Ainda me deve, Brown. — Ele elevou o olhar e me fitou friamente.

— Não tenho dinheiro no momento. — Bufeí, puxando uma cadeira para que pudesse me sentar ao redor da mesa. — É por isso que estou aqui.

— O que aconteceu? A mamãe parou de lhe dar mesada? — debochou Jack.

— Problemas familiares. — Dei os ombros. — Tem algum trabalho para mim? — perguntei olhando para Allan e tentando ignorar o idiota do Jack.

— O que você quer exatamente? — perguntou ele, tomando um gole do seu uísque.

— Um trabalho fácil, apenas o suficiente para continuar fazendo as apostas e para te pagar pela corrida que perdi.

— Então você quer dizer que, se eu não lhe der o emprego, você não apostará mais e não pagará sua dívida?

— É exatamente isso — disse, tomando um gole da minha cerveja.

— Posso ver o que tenho para você, — disse pousando o copo sobre a mesa.

Declarar uma falsa falência foi a única ideia que veio à minha mente nesse momento, e, pensando bem, essa foi uma ótima decisão. Não havia parado para pensar em uma desculpa ou planejado algo para essa missão, apenas sabia que meu objetivo era descobrir quem era o fornecedor. Allan não pareceu desconfiar de nada, mas não acho que ele me colocará por dentro dos seus planos logo de cara.

— ... Melissa, não é mesmo? — perguntou Jack, me fazendo olhar para ele.

— O quê?

— O nome da sua namorada. É o que dizem o jornal — explicou Edmund.

— Ela é atraente — disse Jack.

— Cala a boca, Jack — esbravejei.

— O que aconteceu? Cansou da Paola? — ele continuou, sem se dar importância ao meu tom de voz. — Ou as duas topam um lance a três?

— Chega, Jack — Allan disse, ríspido, jogando as cartas sobre a mesa.

Jack se calou a contragosto e jogou suas cartas também. Eu me mantive em silêncio por alguns segundos, apenas tomando longos goles da minha cerveja e os vendo jogar, enquanto tentava ignorar a sensação sufocante que me dava quando os via movendo as fichas.

— Traga ela para que possamos conhecê-la — disse Allan, me lançando um olhar avaliador enquanto uma das meninas enchia seu copo.

— Quem sabe um dia. — Dei os ombros, fingindo não me importar.

— Talvez eu tenha um trabalho para você Brown. — Ele tomou um gole do uísque e prosseguiu. — Mas não sei se você é confiável o suficiente para o trabalho.

— Não sou confiável? — perguntei.

— Ainda estou pensando se um Brown seria útil para mim.

— Pensei que só o fato de eu ser um Brown já seria suficiente.

— Não gosto de piadinhas, e você sabe disso. Se quiser o trabalho, desde agora você tem que entender que eu sou o chefe e você apenas um funcionário qualquer. Aqui não damos importância ao seu sobrenome.

— Significa que o trabalho é meu?

— Significa que talvez você seja útil para mim. — Ele acendeu um cigarro e o colocou na boca antes de pegar as fichas que havia ganhado. — Quer jogar uma partida?

— Estou sem dinheiro — eu disse tentando não olhar diretamente para a mesa de poker.

— Isso nunca o impediu — comentou Edmund.

— Vamos lá, somos amigos, não somos? Podemos acertar isso depois, com o trabalho, ou você simplesmente pode apostar esse relógio que está usando.

Olhei para o relógio importado que havia comprado fazia alguns dias para a minha coleção e senti meu corpo começando a ceder ao vício. Deixei a garrafa de cerveja sobre a mesa e retirei o relógio do meu pulso, o colocando juntamente às outras apostas, e vi um sorriso de satisfação surgir no rosto de Allan.

Seria somente essa jogada, depois eu pararia.



Allan realmente me deu um serviço. Agora eu era responsável por vigiar uma rua deserta que dava acesso ao galpão que, segundo Alberto, não tinha nada, o que fez meu sogro me incumbir a descobrir o que ele fazia e com quem falava quando estava lá dentro.

Descobri que Alberto estava investigando por conta própria, já que estava afastado temporariamente por atestado médico, assunto que ele não quis comentar comigo.

Não anunciei na mídia o meu noivado com Melissa, o fato de Allan já saber que ela era minha namorada me assustou. Com medo que ele descobrisse que ela era filha de um policial, tive que mentir, dizer que nosso namoro havia acabado. Não poderia correr o risco de que algo acontecesse com ela, vê-la em uma cama hospitalar por um mês já foi suficiente. Então apenas deixei de ir para a casa dela, e com isso Alberto teve que aceitar calado que a filha fosse ao meu apartamento.

Levantei da cama sem acordar Melissa, que dormia tranquilamente, e peguei meu celular que tocava incansavelmente. Sorri ao ver o nome de Alberto na tela e atendi.

— Cadê a minha a Melissa?

— Nossa, nem um bom-dia? — perguntei fazendo voz de ofendido enquanto descia as escadas.

— Onde está a minha filha, Luis?

— Você não vai gostar da resposta — respondi enquanto ligava a cafeteira.

— Quando tudo isso acabar, vou me sentir muito bem ao quebrar a sua cara — disse me, fazendo gargalhar alto.

— Você que me colocou nessa, sogrão, agora assuma as consequências.

— Traga minha filha para casa, antes que vá aí buscá-la.

— Vamos visitar Paola hoje, depois Theodoro a entregará na sua casa.

— Diga que mandei um abraço para sua filha.

— Direi.

— Tenho que desligar, Anne está me chamando. Qualquer notícia de Allan me avise.

— Não se preocupe, Alberto, avisarei se tiver que vigiar a droga de uma rua novamente — falei com ironia enquanto arrumava a bandeja de café da manhã.

— Ótimo, até — disse antes de encerrar a ligação.

Coloquei o aparelho telefônico sobre a bancada e peguei duas xícaras de café, quando senti as pequenas mãos de Melissa passarem pelo meu abdome nu e senti seus lábios beijando minhas costas.

— Por que não me acordou? — perguntou com a voz ainda sonolenta enquanto me abraçava.

— Porque queria levar seu café na cama — respondi, me virando e beijando o topo da sua cabeça. — Bom dia, princesa.

— Bom dia, meu palhaço — disse, ficando na ponta do pé para selar minha boca com um beijo rápido. — A que horas começa o horário de visita na clínica?

— A manhã toda, Theo já deve estar lá apenas para jogar na minha cara que foi o primeiro a chegar. Folgado — murmurei retirando a jarra da cafeteria e colocando um pouco de café na sua xícara.

— Pare de implicar, eles são jovens e apaixonados — disse, experimentando o café.

— Paola é jovem, o Theo é um velhinho de 60 anos atrás da minha filha.

— Exagerado — disse colocando a xícara sobre o balcão e foi em direção ao quarto. — Vou me arrumar — gritou subindo as escadas.

— E o café da manhã?

— Tomaremos com a Paola. Vamos logo. — Ouvi sua voz no andar de cima, o que me fez soltar um bufo de frustração.

Subi correndo as escadas atrás dela, finalmente veria minha filha, e isso de alguma maneira me animou.

BÔNUS PAOLA BRINTTENCOURT

A abstinência me sufocava aos poucos, odiava o fato de estar aqui dentro, me sentia uma múmia, uma maluca presa em um sarcófago ou em um manicômio com essas roupas, mas apesar das dores e de o meu corpo implorar por drogas, estava satisfeita com os resultados.

O anoitecer sempre fazia com que eu me sentisse um lixo por ter entrado nessa vida, as noites em claro me traziam lembranças do meu passado e isso me deixava infeliz por saber que nesse momento eu estava sozinha.

As visitas ao psicólogo da clínica me traziam conforto e me faziam lembrar Luis, que de certa forma, se tornou meu pai. Um pai paciente, amoroso, verdadeiro e ciumento.

Finalmente tinha uma família! Uma de verdade, que me protegeria e me amaria.

Não estava sozinha afinal.

As atividades oferecidas na clínica não chamavam minha atenção, e as terapias em grupo me faziam ouvir histórias parecidas com as minhas, os jogos, ou até mesmo as refeições, me irritavam. Quase nada parava em meu estômago, o que fez com que eu perdesse peso facilmente, fiquei agradecida porque na clínica não tinha espelho para eu encarar meu próprio reflexo.

Para não ficar no quarto sofrendo calada, escolhi a pintura para passar o tempo.

— Elas são lindas — comentou Theodoro olhando algumas das minhas telas.

— Não precisa mentir para mim, tá legal? — falei revirando os olhos.

— Não estou mentindo, são... interessantes — falou, pegando uma delas nas mãos e a analisando. — A paisagem é... digamos... encantadora.

Eu o encarei e tentei imaginar o que ele achava encantador em uma árvore seca, provavelmente morta, pintada em tons de cinza. O preto ao fundo me dava a sensação de algo sombrio.

— Eles estão demorando — disse enquanto olhava novamente para o portão de entrada, por onde uma mulher entrava segurando uma vasilha envolvida por papel filme.

— Está cedo ainda, fique calma, Pérola rosa.

— Você já está aqui — disse, ainda encarando a entrada.

— Não perderia nem um segundo de ter o privilégio de estar ao seu lado — disse deixando a tela novamente no lugar e se sentou ao meu lado, pegando a minha mão e a beijando. — Tenta relaxar.

Theodoro Grohl tinha uma maneira gozada de ver a vida. Ele era totalmente o meu oposto, e assim eu me sentia completa. Ele não ligava para minha história ou com meu modo de ser. Era como se ele enxergasse a Paola inocente e doce que existiu anos atrás e que eu tranquei no fundo do meu peito, em diversas camadas.

— Paola! — Theo me chamou e eu percebi que, sem notar, o estava olhando fixamente. Ele sorriu com minha reação e eu senti minhas bochechas aquecerem violentamente” — Amo vê-la envergonhada — disse, beijando minha bochecha.

— O-obrigada — agradei.

— Veja, eles chegaram — disse, me fazendo olhar novamente para o portão e ver meu pai com roupas casuais, de mãos dadas a Melissa, que estava com os longos cabelos soltos e carregava algo em uma sacola.

Eu me levantei, caminhei até meu pai e o abracei forte.

— Ei, maluquinha, senti saudades — admitiu, me apertando levemente.

— Eu também, pai.

Eu me afastei dos seus braços e abracei Melissa, a pegando de surpresa.

— É muito bom te ver novamente, Paola — disse ela baixinho. — Me desculpe por não ter vindo à primeira visita.

— Não se preocupe com isso, sei que devia estar ocupada — disse, me afastando dela.

— É, tive um imprevisto — confessou timidamente. — Para você — disse, me entregando a sacola plástica.

— O que é? — perguntei animada.

— Torta de nozes — respondeu meu pai. — Sua avó praticamente implorou para que eu esperasse o Matt levar a torta ao apartamento, já que o folgado do Theodoro não esperou — meu pai reclamou.

— Sou inocente — disse Theo levantando os braços.

— Vem, vamos comer. — Voltei para a mesa no meio do jardim e retirei a forma da torta da sacola.

— Como você se sente? — perguntou Melissa enquanto me ajudava a servir as fatias da torta já cortadas em um prato de papel.

— Bem.

— Não fisicamente. Quero saber... mentalmente.

— Não sei, me sinto esquisita às vezes — assumi. — Meu corpo ainda implora pela sensação alucinante que a droga me proporcionava, mas no fundo sei que posso viver perfeitamente bem sem ela na minha vida — respondi olhando para ela, que tinha um sorriso meigo nos lábios, o que me fazia retribuir seu gesto de carinho.

— Fico feliz em saber disso. Acha que devemos chamá-los? — perguntou, me fazendo olhar para Theodoro, que mostrava minhas telas para meu pai, que fazia algumas caretas. Senti muita vontade de gargalhar da sua cara.

— Não. Vamos apreciar a torta sozinhas.

— Ótima ideia — falou, pegando o prato juntamente com um garfo de plástico e experimentando a torta.



— Até a próxima, Pérola rosa — disse Theodoro, beijando meus lábios rapidamente. — Vai pensar em mim? — perguntou segurando meu rosto com as duas mãos.

— Vou sim — respondi vendo um sorriso surgir nos lábios do meu quase

namorado.

— Já chega, Theodoro — disse meu pai, o afastando de mim. — Você já se despediu dela umas quinhentas vezes.

— Por que a presa, sendo que sou eu que vou levar a Melissa para casa?

— Não lhe interessa, apenas tente ficar um minuto longe da minha filha.

— Posso tentar — disse ele, me lançando uma piscadela, me fazendo sorrir. Meu pai bufou.

— Vou contar os dias para te ver novamente, maluquinha — disse enquanto me abraçava apertado. — Um mês passa rápido, e se continuar melhorando assim, as visitas serão mais frequentes.

— Eu sei, pai, vou pintar mais algumas telas para colocar lá na sala de casa.

Ele se afastou e segurou meus ombros espantado.

— Não! Nada de pinturas apavorantes ou que possam assustar os convidados.

— Você devia me apoiar, sabia?

— Faça borboletas, unicórnios, arco-íris e flores.

Fiz uma careta apenas por imaginar o mundo cor-de-rosa que ele estava pensando.

— Ok, então faça algumas paisagens mais iluminadas — falou após ter visto minha expressão.

— Posso fazer isso — fui sincera.

— Ótimo. — Beijou minha testa docemente. — Antes que eu me esqueça, Alberto lhe mandou um abraço.

No começo, me senti envergonhada pelo fato de o meu pai ter contando partes da minha história a todos, afinal, não seria normal eu sumir assim depois de Luis ter me assumido como filha. Apenas tinha medo de encarar todos sabendo que sabiam da verdade.

— ... ouviu? — ouvi a voz do meu pai.

— Oi? — perguntei.

— Minha mãe gostaria de vir te ver na próxima visita, você se importa?

— Não, acho que é uma boa ideia. Não estou apresentável para receber Cloe Brown.

— Como deseja recebê-la?

— Com uma roupa decente, não parecendo uma múmia.

— Sua avó não liga para isso, e aposto dez dólares que ela irá lhe encher de mimos.

Dei um sorriso tímido ao me lembrar de como Cloe se entusiasmou ao saber que tinha uma neta.

— Vou gostar de vê-la novamente.

— E ela também, maluquinha — disse, me abraçando novamente.

Quando eles foram embora, senti o vazio assumir meu corpo novamente e torci mentalmente para não demorar a vê-los novamente.

Capítulo 34

MELISSA CRAWFORD

— Já pensou em falar com ele? — falei fechando o zíper da minha bolsa.

— Não vou falar com aquele otário. — Bufou ela próximo à porta da sala.

Coloquei minha bolsa no ombro e caminhamos juntas.

— Você o chamou disso na semana passada.

— Não. Eu o chamei de imbecil, agora é diferente.

— Qual foi o motivo da separação desta vez? — perguntei enquanto passávamos pelo corredor da faculdade.

— Ele me traiu com a Alyce — disse ela enfurecida.

— Como assim? — perguntei assustada, conhecia muito bem Drew e sabia o quanto ele gosta de Vivian, mesmo ela sempre brigando por motivos supérfluos com ele. — Acho que você está equivocada.

— Eu não estou equivocada, ele estava na biblioteca com ela.

— Já pensou que talvez eles estivessem estudando? Afinal, eles cursam a

mesma matéria.

— Ele não me disse que ficaria com aquela biscate na biblioteca, onde todos podem ver o casal perfeito que eles formam.

Suspirei lentamente em busca de calma e disse:

— Você está exagerando. Vocês têm que parar e conversar.

— Quero que Drew vá para o inferno, e já estou saindo com outra pessoa — disse, descendo rápido os degraus da escadaria que levava ao estacionamento.

— O quê? — falei tentando acompanhá-la. — Não faz nem uma semana que você se separou do Drew e já está com outro?

— Eu gostei dele — disse dando de ombros e pegando a chave do carro dentro da sua bolsa.

— Quem é ele?

— Você, com certeza, não o conhece.

— E como você o conheceu?

Ela se virou, ficando na minha frente, e um sorriso surgiu em seus lábios.

— Aqui no estacionamento. Meu pneu estava furado, ele gentilmente me ajudou e acabei o convidando para beber algo no bar próximo daqui.

— Ele estuda aqui?

— Para de me interrogar, Lissa, está parecendo o seu pai.

— Estou apenas preocupada com você.

— Sou grandinha, tá bom? Não precisa se preocupar. — Ela destravou o carro e caminhou até o lado do motorista.

— Mas eu me preocupo.

— Olha, eu até te entendo. Então, porque não o conhece e depois me diz o que achou? — disse ela, parando próximo ao carro.

— Podemos marcar algo — eu disse arrumando minha bolsa, que escorregava do ombro.

— Legal! Entra no carro e manda uma mensagem para seu pai dizendo que vai demorar um pouquinho.

— Onde vamos?

— Ver o meu namorado — disse sem paciência, entrando no carro.

Caminhei até o carro, me encurvei à janela e perguntei:

— Agora?

— É, Lissa. Vamos, ele já me mandou o endereço de uma festinha.

Pensei rapidamente nas minhas opções e entrei no carro sem dizer qualquer palavra.



Mandeí uma mensagem para a minha mãe, já sabendo que certamente ela saberia controlar meu pai. Mesmo que ele estivesse mais liberal a ponto de me deixar dormir na casa do meu noivo, eu não podia me arriscar a receber um grosso e sonoro não dele.

Vivian seguiu pelas ruas de New York dizendo as coisas que faria e eu cismava em responder apenas um longo “hummm”.

Confesso que não estava nem um pouco animada em conhecer o novo namorado dela, apesar de estar preocupada com as pessoas com que ela se misturava, sabia que ela não seria burra o suficiente para se deixar levar, e que provavelmente esse “novo namorado” servia apenas para enciumar Drew.

Esses dias estavam sendo corridos, estava prestes a me formar em Direito e ainda tinha muitas coisas para estudar, a empresa estava ficando uma loucura com os casos acumulados de Nathan, que não podiam ser transferidos para outros advogados, já que os clientes faziam questão de que fosse ele o advogado. E ainda tinha meu relacionamento com Luis, que estava estranho, afinal, ele sempre saía misteriosamente, me deixando totalmente surtada. Já a relação dele com meu pai se mostrava cada vez mais forte, eles passavam minutos a fio dentro do escritório e até mesmo ao celular. Claro que eu preferia que eles estivessem pacificados, porém o segredo entre os dois me deixava totalmente estressada. Sempre odiei segredos.

— Você sabe para onde está indo? — perguntei olhando pela janela, o bairro totalmente deserto.

— Sim. Ele me deu o endereço de um Club. Já vim aqui uma vez com o

Drew, é bem pesado.

— O que você considera pesado?

— Ah! — ela exclamou, dando uma pausa como se estivesse pensando. Você vai ver. — disse por fim.



Black Hole. O nome em neon sobre o prédio de três andares deixou bem explicado o que Vivian achava do termo pesado. Senti um arrepio passar pela minha espinha me fazendo engolir seco. Esse lugar não era nada parecido com as festas das fraternidades ou as baladas que eu pegava com alguns amigos.

— Acho que devemos voltar — disse, encarando Vivian, que já desprendia o cinto.

— Larga de ser fresca, Lissa. — Ela retirou a chave da ignição e abriu a porta. — Vem, ele disse que me esperaria na entrada.

Soltei um xingando enquanto retirava o meu cinto e bati forte a porta do carro caminhando ao lado dela. Alguns motoqueiros nos encaravam enquanto andávamos até o prédio, e o sorriso de Vivian estava me dando nos nervos. Olhei na direção em que ela olhava e vi que ela olhava para um homem que fumava encostado na parede, seus braços demonstrava uma boa quantidade de tatuagens e ele carregava um sorriso vitorioso no rosto. Assim que nos aproximamos, ele jogou o cigarro no chão e Vivian se jogou em seus braços, o beijando.

Desviei o olhar para os dois seguranças da porta e esperei que o novo casal se afastasse.

— Não vai me apresentar a sua amiga, gata? — a voz grave fez com que olhasse novamente para eles e observei Vivian limpar os lábios de modo sensual.

— Lissa, esse é Jack, meu novo namorado.

— É um prazer finalmente conhecê-la, Melissa — disse ele, se aproximando e pegando minha mão como cumprimento.

Ele estava tão próximo que me fez sentir seu hálito de fumo. Lancei um sorriso sem graça para ele e puxei minha mão para que pudesse me afastar, coloquei meu cabelo para trás da orelha, tentando ignorar o homem que me encarava.

— Vamos entrar? — perguntou ele sem desviar o olhar.

— Acho melhor irmos embora Vivian — falei olhando para a minha amiga, que segurava o braço todo tatuado de Jack.

— E desde quando Melissa Crawford perde uma boa festa?

“Desde agora”, pensei

— Qual é? Não vai nem entrar? — perguntou Jack.

— Ela vai, sim — Vivian respondeu por mim. — Anda, Lissa, pare de bobagem. — Ela segurou meu braço e me puxou para adentrar no prédio, enquanto Jack nos acompanhava logo atrás.

A música eletrônica estava espalhada pelo primeiro piso do prédio. Vivian me fez passar pelo meio da pista até um bar, onde ela pediu algo para beber.

— Vai querer algo, Lissa? — perguntou ela.

— Quero ir embora — falei com desgosto, para que ela pudesse ouvir.

— Deixe de ser chata e aproveite.

Soltei um suspiro longo e olhei para frente para ver algumas pessoas que dançavam na pista. Nunca me senti tão desfocada em uma festa tanto quanto nesse momento, certamente era assim que Bruna se sentia eu quando a arrastava para algumas festas.

— Toma. — Vivian me entregou um pequeno copo de tequila. — Para se soltar um pouco. — Ela virou o conteúdo do copo de uma só vez e fez uma breve careta. — Uhu! Sua vez.

Tomei a bebida em apenas um gole e senti o líquido amargo descer queimando minha garganta, o que me fez soltar um grito para tentar aliviar a queimação.

— Ótimo, agora vamos nos divertir — disse ela pegando o copo da minha mão e me puxando para a pista.

Capítulo 35

LUIS BROWN

Meus pulmões já não tinham forças para gritar o seu nome, mesmo sabendo que era impossível de ela me ouvir ou me ver, quão desesperado eu estava naquele momento, enquanto batia no vidro do camarote e gritava freneticamente seu nome. Depois que Allan e Edmund me jogaram aqui dentro com alguns hematomas no corpo, depois de uma pequena briga no depósito com a emboscada que Allan armou quando descobriu toda a verdade. Mas nenhum hematoma foi tão doloroso quanto vê-la entrar no Club sendo praticamente arrastada por Vivian e Jack logo atrás.

Uma sensação apavorante tomou conta do meu corpo, acompanhada pela angústia de não poder tirar daqui e salvar minha doce princesa dos diversos perigos que esse lugar oferecia.

O medo que eu sentia que ela pudesse ser ferida nessa história toda me consumia. Allan sabia que ela era meu calcanhar de Aquiles, ela era a minha vida, e agora eu sentia que ele poderia tirá-la de mim.

Ela estava solta, dançava animadamente na pista, diferente da mulher que havia entrado totalmente assustada. Agora ela dançava no ritmo de uma música que eu não conseguia ouvir, já que o camarote não deixava que nenhum som entrasse. Soquei o vidro novamente na tentativa de quebrá-lo, porém foi uma tentativa frustrada, nada que eu fizesse adiantaria, dessa vez não poderia fazer exatamente nada.

Avistei Allan atravessando o amontoado de pessoas e, aos poucos, se aproximando dela com um sorriso atrevido dos lábios.

Gritei o mais alto possível, machucando minha garganta, e soltei um xingamento em meu pensamento, o que me fez perceber o quanto eu ficava vulnerável quando o assunto era ela.

As lágrimas quentes escorriam pelas minhas bochechas e eu soquei novamente o vidro quando vi que Allan já tocava na cintura dela.

Ela não interrompeu a dança ou tentou afastá-lo, ela apenas esboçou um sorrisinho tímido e disse algo em seu ouvido. Eles estavam dançando e Allan, algumas vezes, olhava para a minha direção sorrindo e me fazendo sentir ainda mais ódio por ele.

Por que ela não se afastou?

Fechei meus olhos encostando a testa no vidro gelado e tentei ignorar a dor forte que se espalhava em meu corpo. Tornei a abrir os olhos depois de alguns instantes e tentei encontrá-los por todo o local lotado, porém não os encontrei. Corri até a porta e tentei abri-la de alguma maneira, o medo do que Allan poderia fazer com ela me deixava desesperado. O barulho de passos se aproximando fizeram com que eu me mantivesse próximo à porta, esperando que alguém entrasse. Escutei atento ao som da chave destravando a fechadura, quando a porta foi se abrindo, eu vi Edmund, claramente, e lhe dei um soco, o fazendo cair no chão e segurar o queixo. Ajoelhei-me ao seu lado e segurei sua camiseta para socá-lo novamente.

— Onde está ela? — esbravejei. — Vamos, me diga.

— O solte, Brown, A branca de Neve está comigo. — A voz de Allan me fez olhar para trás e ver Melissa desacordada em seus braços, soltei Edmund e me levantei pegando-a com cuidado.

Ajoelhei-me no chão e tirei seu cabelo do rosto para que pudesse vê-la com clareza. Analisei seu corpo em busca de algum ferimento ou algo do

gênero, porém não encontrei nada, ela continuava perfeita.

— Ela está apenas dormindo, não se preocupe o efeito da droga é passageiro. — Levantei minha cabeça e encarei Allan sentado em uma cadeira observando tudo, enquanto Edmund se levantava do chão.

— Você a drogou?

— Como disse, o efeito é passageiro e ela se lembrará de pouquíssima coisa. Uma pena, pois eu gostaria que ela se lembrasse da nossa dança — disse com um sorriso folgado. — A doce Melissa me contou muitas coisas, e sempre reforçava dizendo que era noiva. Pensei que vocês não tivessem um relacionamento, Brown. Sua sorte é que eu sempre soube de tudo, você e seu sogro patético nunca vão conseguir o que querem.

— Deixe-a fora disso.

— Desculpe-me, mas você mesmo a colocou nessa — disse, se ajeitando na cadeira. — Não posso discordar de você, pois deve ser terrível se manter longe dela.

— Não fale dela! — eu me exaltei. — Não ouse falar dela como se fosse qualquer uma.

— Sei que ela não é, pesquisei muito para ter essa certeza. Mas vamos ser sinceros, Brown, seria terrível se acontecesse algo com ela e com a família dela, não seria? Ou até mesmo com seus sobrinhos. Imagina como seu irmão se sentiria ao descobrir que aconteceu algo com aquele bebezinho e que você foi o culpado.

Apertei Melissa em meus braços e soltei um longo suspiro. Aceitar a proposta do pai dela foi idiotice, não poderia arriscar a vida da família do meu irmão, não agora que ele tinha tudo que tanto desejou. E eu não suportaria vê-la

sofrendo por algo que ela não fez, do qual era inocente, assim como Austin também era.

— O que você quer? — perguntei sem olhá-lo.

— Quero paz, assim como todos. Fale para seu sogro me deixar em paz. Já aturei você por dois meses vigiando meu galpão apenas para descobrir tudo sobre você e a sua família, então quero que me deixe em paz, e se eu desconfiar que algo prejudicará meus negócios, não será apenas seu sobrinho quem irá sofrer e quero que se afaste dela.

Levantei minha cabeça e o encarei, incrédulo.

— Quero que fique longe dela, isso será dor suficiente para você. E não tente bancar o esperto, afinal, Jack agora estava próximo.

— Você não pode pedir isso.

— Sim, eu posso. Ela é apenas mais uma, Brown, logo você arrumará outra mulher, afinal, você tem aquela merdinha da Paola. Seria muito triste machucar a pele delicada dela por causa do pai dela e do noivo. Vá para longe, viaje, não quero ver sua cara novamente. — Ele se levantou da cadeira e me deu as costas indo em direção à porta. — Se sinta com sorte, Brown, poderia ter sido pior.

Ficar longe dela já seria o suficiente para que sentisse a pior dor do mundo.



Liguei para Alberto e contei parcialmente o que havia acontecido. Levei

Melissa para casa no banco de trás do meu carro, enquanto ela ainda estava desacordada. Quando estacionei na frente da sua casa, Alberto já estava me esperando. Ele pegou a filha no banco de trás com cuidado, com a minha ajuda, e eu beijei o topo da testa da minha princesa.

— O que aconteceu? — perguntou ele tentando controlar as emoções, que eu tinha certeza de que ele estava segurando.

— Apenas cuide dela — disse me afastando e entrando no carro para dar a partida, mas deixando com ela toda a minha vida.

Capítulo 36

LUIS BROWN

Mais um dia que eu olhava a paisagem através da janela do quarto do hotel em que estava. Tentei ignorar o fato de eu já ter passado cinco dias sem ela e sem qualquer tipo contato. Menti para todos dizendo que estava fazendo uma viagem importante, durante a qual me manteria totalmente sem comunicação. Eu me tranquei em um quarto de hotel, já que ela tinha a chave do meu apartamento. Então apenas passava os meus tediosos dias olhando a mesma paisagem monótona de New York, enquanto bebia qualquer bebida alcoólica que tivesse.

Vi meu aparelho móvel acender, me mostrando que provavelmente ela me mandava mais uma mensagem que eu teria que excluir sem nem mesmo poder lê-la. Talvez eu devesse falar com ela, explicar tudo que estava me atormentando, em vez de simplesmente sumir da sua vida.

O problema é que eu era um covarde e preferia que ela sofresse com meu sumiço a vê-la na minha frente e não ter coragem de mentir, dizendo que não a amava mais.

Tomei mais um gole do meu uísque e me afastei da janela em busca de uma garrafa cheia entre a bagunça do quarto. Cheguei ao pequeno bar e procurei algo para beber, quando percebi que não havia nada, bufei desgostoso. Tirei o celular do gancho e tentei ligar para a recepção para que pedir mais algumas garrafas, porém ninguém me atendeu.

Vesti uma camiseta que estava jogada pelo chão, ignorando o odor que ela exalava, abri a porta e vi Alberto pestes a apertar a campainha. Ele me olhou

de cima a baixo e torceu os lábios para o lado, como se essa fosse a única expressão para que pudesse esconder sua surpresa por me ver nesse estado.

— Você está horrível — disse ele, como se não fosse óbvio.

— O que quer, Alberto? Como pode ver, estou de saída — tentei ser firme.

— Encontrei a mãe de Paola — disse, me empurrando para que pudesse adentrar no meu quarto de hotel.

— Fique à vontade — eu disse com ironia, fechando a porta. — Quer alguma coisa? Água... água ou... água? — perguntei ao perceber que era só o que poderia lhe oferecer.

— Não. Estou muito bem — disse, ainda olhando o local.

— Como soube que eu estava aqui, sendo que eu disse...

— Que estava viajando? — completou ele, me olhando finalmente. — Sua mãe me disse — respondeu, voltando a andar pela pequena sala do quarto.

Revirei os olhos ao perceber que nada faria Cloe Brown manter um segredo sendo um segredo. Ela tinha me feito uma visita há dois dias, me jogando na cara quão tolo fui ao abrir mão da mulher da minha vida. O problema era que eu nunca abriria mão dela, estava apenas a protegendo, e se para isso eu tivesse que sofrer com a dor constante em meu peito por não vê-la sofrer nas mãos de Allan, então seria exatamente esse o sacrifício que eu faria.

— Onde a mãe da Paola está? — perguntei.

— Pensei que gostaria de saber como minha filha está.

— Apenas responda minha pergunta, Alberto, como disse, tenho que sair.

Ele me olhou brevemente e se aproximou entregando um papel em que provavelmente estaria o endereço dela.

— O nome dela é Abilly, está presa por furtar uma joalheria faz dois anos.

— Obrigado, Alberto — agradei, segurando firme o papel que continha o endereço para iniciar um futuro para minha filha.

Ele novamente passou por mim e abriu a porta, antes de sair, virou o rosto e disse:

— Ela está sofrendo, Luis. Mesmo que não se lembre de nada do que aconteceu ou por que está sendo ignorada, minha filha é forte e tenta esconder os sentimentos de dor por não ter uma notícia sua. Sei que está fazendo tudo isso por ela, mas, se for para fazê-la sofrer com sua ausência, seja rápido, não faça ela pensar que vocês ainda têm algo.

— Farei isso.

Quando a porta foi fechada, senti novamente a dor aguda atravessar o meu peito, como uma faca afiada prestes a arrancar meu coração.



Abotoei meu terno, olhei o relógio digital sobre a minha mesa de escritório e vi que estava próximo do seu horário de chegada na empresa,

provavelmente Megan diria a ela que eu já havia “chegado de viagem” e gostaria de vê-la. O som de seus saltos batendo no chão fez com que eu respirasse fundo e me virasse para poder vê-la atrás da porta de vidro da minha sala. Seu cabelo estava todo jogado para um lado do rosto e sua boca carregava um batom vermelho sangue, deixando à mostra um sorriso reprimido ao me ver. Ela passou a mão nos cabelos de maneira sensual e empurrou a porta para que pudesse entrar, me inundando com seu perfume delirante.

Ela encostou a porta, ainda me olhando, e seu sorriso se alargou, me fazendo retribuir com um sorriso tímido. Ela iniciou uma caminhada até minha direção, e apenas me controlei todas as minhas emoções e a deixei se aproximar.

— Senti tanta saudade — disse antes de me dar um selinho demorado.

Segurei sua cintura quanto senti que ela ia se afastar do meu corpo e aprofundei o beijo. Era um beijo faminto, cheio de saudade e desejo.

Era o nosso beijo de despedida.

Levantei umas das mãos e passei docemente pelas suas costas sentindo a maciez do tecido do seu vestido e desejando que fosse sua pele. Toquei nos fios dos seus cabelos e finalmente toquei atrás da sua nuca, que apertei lentamente e a beijei com mais desejo enquanto minha outra mão continuava na sua cintura. Afastei-me dos seus lábios, tornando a lhe dar um selinho.

— Uau! — exclamou ela enquanto se afastava do meu corpo. — Podemos ir almoçar fora hoje, o que acha? Afinal, você ficou...

— Acho que devemos dar um tempo — fui direto.

Ela me olhou com um sorriso nos lábios e logo pegou seu celular para que pudesse arrumar o batom borrado.

— Sem brincadeiras, amor.

— Não estou brincando. Quero dar um tempo, esses dias que passei longe me fizeram pensar que talvez seja cedo demais para eu me prender a alguém. Tipo, até a morte nos separe.

— Não estou achando graça, Luis, então pare de fazer piadas — avisou ela, me olhando seriamente.

— Não estou brincando, Melissa — disse seu nome sabendo que ela perceberia que eu não estava apenas brincando com ela.

— Não, não. Você só pode estar brincando — gritou histérica. — Droga, Luis, estamos noivos! — Ela ergueu a mão para que eu pudesse ver a aliança que havia lhe dado. — Me diga que isso é apenas uma das suas apostas com Theo.

— Não tem aposta nenhuma, Melissa. Na verdade, tem sim... a nossa. Meus parabéns, você venceu. Provou para mim mesmo que não sou capaz de mudar para ficar somente com uma mulher.

— O quê? — perguntou desacreditada. — Mas... e o beijo, o noivado, o pedido de namoro, as promessas e os nossos planos?

— Planos mudam, Srta. Crawford, e vamos ser sinceros, foi muito bom enquanto brincávamos de ser um casal.

— Brincávamos? BRINCÁVAMOS? Foi uma brincadeira para você?

— Pra você não? — perguntei desabotoando meu terno e me sentando na minha cadeira, vendo seus olhos se tornarem marejados.

— Eu não acredito — murmurou deixando uma lágrima descer em sua bochecha, e logo a limpou. — O que significou esse beijo então?

— Apenas aproveitei a oportunidade. Foi você quem chegou me beijando, não queria que eu simplesmente a afastasse, né?

Ela não podia mais controlar as lágrimas que desciam pelo seu rosto, fazendo com que eu me sentisse o pior homem da terra. E de certa forma, eu estava sendo. Porém eu era um Brown, e proteger minha família sempre viria em primeiro lugar, mesmo que para isso eu fosse obrigado a me afastar dela. Saí dos meus pensamentos quando senti o ardor na minha bochecha, me fazendo olhar para ela, que estava perto da minha cadeira.

Ela havia me dado um tapa?

— Eu pedi para você não brincar com meus sentimentos, eu me mantive longe o máximo possível, pois sabia que sairia machucada de alguma maneira e, parabéns, você conseguiu derrubar a barreira anti Luis Brown para quê? Para que a dor fosse maior? — Ela bateu palmas de uma forma gozada e completou: — Parabéns, Luis! Finalmente virei uma das mulheres com quem, você brincou, machucou e jogou fora. Espero que cumpra com sua palavra e que eu nunca mais o veja na minha frente, já que você estará em Londres — disse, cuspiu na minha cara e saiu da sala batendo a porta com força.

Limpei sua saliva quente do meu rosto com um lenço de tecido e tentei lutar contra minha vontade de correr até ela e desmentir tudo que havia dito, mas seria tarde demais, pois agora despertei o ódio dela por mim.

Capítulo 37

MELISSA CRAWFORD

A dor em meu peito era lancinante e inexplicável. Era como se alguém tivesse atingido o meu coração, o deixando destruído em milhares de pedaços. Ele havia feito isso, depois de tanta reluta para me manter afastada dele, para não cair em seu papo doce e conquistador, acabei exatamente da maneira que pensei que ficaria.

Machucada.

Humilhada.

Usada.

Um verdadeiro lixo.

A dor rasgava minha alma completamente, me deixando praticamente sem ar, enquanto chorava inconformada com suas palavras. Quão direto e grosso ele havia sido horas atrás, sem qualquer demonstração de arrependimento.

Uma brincadeira. Era exatamente essa palavra que me machucava. Eu apenas servi como um brinquedo de parque de diversão do qual ele enjoou e não queria mais brincar, fez comigo assim como com todas as outras mulheres.

Havia entregado meu coração totalmente confiante de que ele me trataria diferente de todas com as quais ele já havia saído ou ficado, porém ele apenas me iludiu, devolvendo meu coração totalmente machucado.

Soltei um soluço entre o choro e coloquei minhas mãos sobre a boca para que ninguém que entrasse no banheiro da boate escutasse meu choro desesperado.

Vivian havia feito com que eu matasse aula para irmos a qualquer lugar onde eu pudesse dançar, beber e esquecer Luis. Porém a mistura de bebida com meu psicológico machucado fez apenas com que eu chorasse e contasse toda a minha história para uma menina que estava no bar.

Como ele teve a coragem de mentir para mim? Depois de eu pedir tanto para que ele não me fizesse um brinquedo em suas mãos. Porém foi exatamente o que ele me tornou, mais um dos seus troféus de corações partidos.

Quão tola fui? Ele devia gargalhar da minha cara quando eu não estava por perto, me achando uma garotinha que acreditava no amor verdadeiro entre nós dois.

Tola.

Tola.

Tola.

Afinal, o que houve com a mulher determinada que aconselhava Bruna nos seus conflitos sentimentais em relação ao Nathan? Desapareceu?

Parecia tão fácil aconselhá-la, fazê-la se entregar ao amor pelo Nathan, que simplesmente me joguei sem qualquer segurança em seus braços, esperando que ele me pegasse e me aconchegasse em seus braços, porém ele simplesmente me deixou cair até que eu conseguisse me quebrar completamente no chão.

Abri a tampa do sanitário em que estava sentada quando senti o enjoo

subir pelo meu estômago e vomitei fortemente. Quando meu estômago deu uma pontada forte de dor, me esforcei para levantar e percebi que não havia mais nada que eu pudesse vomitar.

— Ei. — A garota que conheci no bar, da qual eu não lembrava o nome, bateu na porta com uma voz preocupada. — Está tudo bem?

“Não! Acabei de despejar a minha alma dentro de um sanitário, aumentando ainda mais o vazio dentro de mim”, pensei enquanto voltava a vomitar.

— Ai, droga! — exclamou ela. — Vou chamar a sua amiga.

Ouvi o som dos seus sapatos de salto fino batendo no chão e causando um barulho irritante, logo não ouvir mais nada. Limpei minha boca com as costas da minha mão e saí do boxe do banheiro caminhando de maneira desajeitada até a pia.

A água que joguei no rosto e na nuca me ajudou um pouco. Apoiei minhas mãos no mármore gelado da pia e encarei o reflexo da mulher pálida com o rosto molhado, olhos avermelhados e ombros caídos. Suspirei profundamente, puxei algumas folhas de papel toalha do suporte, sequei meu rosto e joguei o papel na lixeira.

— Já deu por hoje, Lissa, vamos embora.

Dei um sorriso sem graça e olhei para o reflexo da minha amiga no espelho, com seus cabelos cacheados volumosos e seu corpo em um vestido branco justo.

— Vo-você me chamou — disse com a voz meio arrastada. — Eu quero dan-dançar.

— Não — disse, se aproximando e segurando meu braço, me puxando até a porta do banheiro. — Vamos para casa agora, já liguei para um táxi.

— O que aconteceu com... com o Jack?

— Teve que sair para resolver algumas coisas.

Passamos pela saída do banheiro e eu dei um tchauzinho para a mulher com quem eu havia feito amizade no bar. Depois que bebi um pouco de água para me hidratar, Vivian me guiou até saída da boate, em meio a tropeções e pedidos de desculpas, e finalmente conseguimos chegar até a calçada. Apoiei-me em uma parede e retirei meus saltos enquanto esperava o táxi.

— O que ele tanto faz? — perguntei encostando minha cabeça na parede e fechando os olhos.

— Quem? Jack?

— Não. O Obama — fui irônica. — Lógico que é o Jack.

— Ah! Ele não fala muito sobre isso, para ser sincera, não sei nada sobre a vida dele.

Abri meus olhos e a vi suspirar levemente enquanto se encostava à parede, ao meu lado.

— Então, por que está com ele?

— Ele é misterioso, toda mulher gosta de homens misteriosos — explicou ela.

— Ele me assusta — confessei.

— Isso é por que você não o conhece.

— Falou a garota que acabou de confessar que não o conhece.

— É diferente — falou ela.

— Não sente falta de Drew?

— Talvez. — Deu os ombros. — Jack é misterioso, às vezes é grosso, mas ele tem suas fases de gentilezas.

— Isso não me parece atraente.

Ela me olhou por alguns segundos, em busca de algumas respostas, e por fim perguntou:

— Você não estava bêbada?

— Acho que a água foi um antídoto. — Fiz os mesmos movimentos de elevar os ombros.

Ficamos em silêncio por um tempo, até que o táxi chegou e nos levou para casa.



Acordar essa manhã foi difícil, não gostaria de encarar Luis como se

nada tivesse acontecido, mas queria provar para ele que não derramaria mais nenhuma lágrima por ele, pelo menos não na sua frente. Nathan me enviou uma mensagem dizendo que eu não precisaria ir ao escritório hoje, o que me fez ter certeza de que Luis não me queria na empresa, então apenas fiquei na cama olhando a pulseira que ele havia me dado.

Meu pai e minha mãe às vezes entravam em meu quarto e perguntavam se eu estava bem, eu respondia apenas que gostaria de ficar sozinha por um tempo. Estava me sentindo horrível, a ressaca estava me dando enjoos e uma terrível dor de cabeça. À tarde me esforcei para levantar da cama e tentar recuperar a matéria que havia perdido.



— Vai continuar com essa cara o dia todo? — perguntou meu irmão enquanto dirigia a caminhonete do meu pai a caminho da faculdade.

— É a única que tenho — disse sem olhar para ele.

— Não deve ficar assim por causa do Luis, nanica — falou tocando meu ombro.

— Não quero falar sobre ele — disse enquanto enxugava a lágrima que insistiu em cair apenas por eu ouvir o nome dele.

— Ótimo, então se esforce.

— Estou tentando.

— O que você acha de irmos ao lago no fim de semana?

Olhei para ele, que tinha um sorriso em seu rosto enquanto olhava para a estrada.

— Qual? O que costumávamos ir quando éramos pequenos?

— É. Vamos ter um dia de irmãos.

— Não sei não, Diogo. Não estou a fim de sair.

— É por esse motivo que você vai, sim — disse firme.

— Se já decidiu por mim, por qual motivo me perguntou?

— Anne Crawford criou um homem educado — disse, desviando o seu olhar da rua para me encarar com um sorriso.

— Bobo — murmurei, devolvendo o sorriso.

Ele entrou no estacionamento da faculdade e me deu um beijo na testa carinhosamente.

— Boa aula, nanica — disse, e eu lhe dei um tapa no peito.

Peguei minha bolsa, que estava aos meus pés, e olhei para frente, vendo Luis em frente ao seu carro com Whitney ao seu lado com um sorriso vitorioso. Uma dor aguda entrou tão forte em peito que instantaneamente fiquei sem ar. Ele acabara de provar que realmente havia me tornado uma brincadeira para ele. Luis estava novamente com a ex e isso me machucava ainda mais, ele foi tão frio ao citar sua história com ela, e mesmo assim estava com ela aqui, na minha frente, para provar a todo mundo que eu não havia significado nada para ele.

— Eu vou quebrar a cara desse idiota — disse meu irmão desprendendo o cinto e descendo do carro.

— DIOGO! — gritei enquanto descia do carro na tentativa de pará-lo.

Apressei meus passos quando vi que meu irmão dava passos largos até Luis e o acertava com um soco em cheio no nariz.

— Pensei que você cuidaria dela, que o seu amor por ela era verdadeiro, mas você é apenas mais um idiota que saberá tarde demais a mulher incrível da qual abriu mão por uma rapariga qualquer — gritou meu irmão, apontando o dedo para Luis, que estava no chão com uma das mãos no nariz sangrando.

— Chega, Diogo — disse, tocando as mãos no peito do meu irmão e o afastando.

— Controle sua família, sua louca — disse Whitney, se ajoelhando ao lado de Luis para o ajudar.

— Acho melhor você controlar a língua, sua vaca, senão será você quem terá um nariz quebrado — esbravejei com ela. — Vamos embora, Diogo, já deu para mim.

Nesse momento Luis Brown estava morto para mim.

BÔNUS BRUNA BROWN

Ele estava apenas com uma calça de moletom preta e suas costas estavam nuas, me dando uma ótima visão das suas costas largas levemente bronzeadas graças aos banhos de piscina com Arthur.

Os gritos histéricos de Austin diziam que o pai estava demorando a colocar uma roupa no pequeno que provavelmente estava com fome novamente, o que me fez soltar um riso baixinho.

— Ei, paciência aí, garotão — disse meu marido enquanto continuava a colocar a roupa em nosso filho.

— Ouvir dizer que paciência não é umas das virtudes dos Brown — disse, me encostando ao batente da porta com os braços dobrados na altura do peito.

Ele virou o rosto, me deixando ver seus olhos azuis que me encararam e logo um sorriso contagiante surgiu em seus lábios, me fazendo perder brevemente ar. Senti minhas bochechas queimarem levemente de vergonha.

— Não lhe disseram que é feio cercar uma pessoa, Sra. Brown? — perguntou me lançando um sorriso maroto.

— Talvez já tenha ouvido falar sobre isso — disse entrando em seu jogo de sedução.

— Não me atente, Bruna Brown. Não quando o nosso filho estiver por perto.

Dei um sorriso e me aproximei do trocador onde Austin balançava os braços e soltava gritinhos de irritação. Nathan segurou em minha cintura com firmeza e me puxou para um beijo carinhoso, logo se tornando mais faminto e apertando minha cintura. Nós nos separamos quando um choro agudo de Austin foi ouvido e meu marido soltou um bufo baixinho.

— Ei, mocinho, ela é minha mulher — disse ele tentando soar sério ao falar com o filho. — Tantas coisas pra puxar do seu irmão e teve que puxar logo o lado possessivo.

Austin olhou para o pai, ainda choroso, e logo tornou a olhar para mim resmungando, me fazendo pegá-lo e o aninhá-lo em meu colo.

— Ele é um Brown, o que queria que fizesse? — perguntei.

— Gostaria que deixasse que eu a beijasse — resmungou, me fazendo sorrir.

Austin procurou meu seio entre o tecido da blusa e eu me sentei na poltrona de amamentação para que pudesse alimentar meu filho, que já resmungava por não ter achado meu peito para sugar.

— Calma, filho — disse carinhosamente.

— Tenho que colocar uma calça nele, amor — disse meu marido, Austin estava apenas com um body branco com a inscrição “Sou da vovó”.

— Quando ele se sentir satisfeito, estará mais calmo e você poderá terminar de colocar uma roupa nele.

Coloquei Austin de uma maneira confortável na amamentação e vi meu marido se sentar ao meu lado, como sempre fazia enquanto eu estava amamentando.

— Daqui a alguns dias voltarei a trabalhar na empresa — disse ele olhando o filho.

Já haviam se passado quase três meses desde que Austin nascera, e apesar de não gostar da ideia de ter Nathan 24 horas não me deixando nem descer da cama sozinha, ele foi melhorando com o passar dos dias, e depois de muitas broncas minhas e de Cloe. Digamos que não foi fácil lidar com um Nathan totalmente preocupado com a mulher que acabara de dar à luz e seu filho

recém-nascido em casa.

Arthur se mostrava exatamente igual ao pai quando o assunto era o irmão, eu certamente não podia reclamar, estava sendo mimada de muitas maneiras, porém não aguentaria muito tempo nessa casa sem ir a clínica ou até mesmo para a faculdade. Austin já estava grande o suficiente para que eu pudesse ir à faculdade de manhã, o deixando aos cuidados de Alysson e Noemi, mas não poderia discutir esse assunto agora com meu marido, já sabendo que ele provavelmente não me deixaria ir trabalhar ou até mesmo ir à faculdade por agora.

— Você sabe que já deveria ter voltado, estamos muito bem e a casa nunca está vazia.

— Está me dispensando? — perguntou arqueando uma das sobrancelhas.

— Não! — exclamei baixinho. — Apenas acho que o escritório e a empresa precisam de você.

— Luis pode cuidar disso.

— Da empresa, sim, mas do escritório, não, afinal, pelo o que a Mel me diz, você tem milhões de casos.

— Melissa não deveria dizer essas coisas para você.

— E por que não?

— Porque não quero que você se preocupe.

— Nathan, não será isso que me deixará preocupada. Apenas acho que

você deve voltar à sua rotina de antes.

— Voltarei, aos poucos — disse por fim.

Dei-lhe um selinho rápido e senti que a pressão em meu seio havia diminuído, olhei Austin e o vi praticamente dormindo em meu colo.

— Parece que ele não estava com tanta fome assim — disse enquanto Nathan pegava o nosso filho dos meus braços e o vestia com uma calça fina, sem acordá-lo.

Ele beijou a testa do pequeno antes de colocá-lo no berço. Aproximei-me dele e toquei em seu ombro.

— Agora vamos — disse ele, me puxando para fora do quarto a caminho do corredor.

— Para onde? — perguntei, gargalhando quando ele me pegou no colo, me fazendo entrelaçar minhas pernas em sua cintura e segurar forte em seus ombros enquanto ele caminhava para o nosso quarto.

— Para o quarto. Vou provar que você não pode provocar um Brown.

— Mas eu não fiz nada — tentei soar inocente.

— Apenas seu sorriso já é o suficiente para me provocar, meu amor — disse ele sensualmente enquanto beijava meu pescoço.



Entrei no quarto e um sorriso surgiu em meus lábios ao ver Arthur segurando Austin com os olhos atentos de Alysson o vigiando para que nenhum acidente acontecesse.

Peguei minha bolsa, coloquei sua alça em meu ombro e me aproximei deles.

— Por que não posso ir com você, mamãe?

Eu me agachei próximo a Arthur e dei um beijo em sua bochecha.

— Porque você tem que ir para a escolinha — disse docemente. Mesmo não gostando de ficar longe dele, não poderia levá-lo comigo hoje. Apenas aproveitei que Nathan teve que resolver um assunto de emergência na empresa e resolvi passar na clínica rapidamente com Austin.

— Mamãe promete pegá-lo na escola para irmos a uma sorveteria.

— Sorvete do chocolate? — perguntou entusiasmado.

— Sim, meu amor. Sorvete de chocolate. — Seu sorriso se alargou ainda mais e eu peguei Austin dos seus braços, então o vi correndo para pegar sua bolsa da escola.

— Você irá para a clínica? — perguntou Alysson.

— Sim, mas não irei demorar.

Ela me olhou por alguns segundos, como se quisesse falar algo, mas logo Arthur chegou, a puxando para fora do quarto e me fazendo sorrir.

Verifiquei se Austin estava preso devidamente na sua cadeirinha e me sentei ao seu lado enquanto Matt olhava tudo com atenção.

— Tem certeza de que quer fazer isso? — perguntou ele.

— Tenho, Matt, e não se preocupe com o que Nathan irá falar, vou lidar com ele mais tarde.

Ele apenas se arrumou no banco de motorista, manobrou e seguiu em frente, até que estivéssemos fora da fazenda e, em alguns minutos, nas ruas movimentadas de New York.



Cheguei à clínica e fui recepcionada por Elizabeth, que me disse algumas coisas sobre a clínica e logo pegou Austin e foi andar com ele, para que pudesse mostrar pequeno Brown aos funcionários. Caminhei até minha sala e vi Gabby olhando o site sobre a marinha.

— Desde quanto se interessa pela Marinha Americana? — perguntei, fazendo com que ela se assuntasse e fechasse o site.

— Meu Deus, Bruna. Não se chaga de fininho desde jeito — disse ela colocando a mão sobre o peito.

— Apenas fiz uma pergunta — disse, fechando a porta e me sentando em uma poltrona. — Que você não respondeu.

— Estava mexendo na internet e o site simplesmente abriu — explicou ela sem graça.

— Entendo — murmurei. — Como estão as coisas por aqui?

— Normal. Nathan finalmente deixou que você saísse de casa?

— Bom, não exatamente. Digamos que ele ainda não sabe.

— Você fugiu? — Ela me olhou surpresa — Uau!

— Apenas saí para tomar um ar.

— Austin...

— Está com Elizabeth, sendo mimado por todos da clínica.

— Estou com saudades daquele pequeno encantador Brown.

Dei um sorriso ao pensar no quando meu filho era amado por todos que estavam por perto.

— Com licença — a voz de Laird fez com que eu saísse dos meus pensamentos e o visse próximo à porta com um sorriso tímido. — Posso entrar?

— Claro — eu disse.

— Gostaria de conversar com você. — disse ele ao entrar na sala e olhou para Gabby, que via tudo em silêncio. — A sós.

— Ok — disse ela levantando as mãos. — Estou saindo, vou procurar o Austin antes que Elizabeth o mime demais.

Depois que ela saiu, Laird se sentou na minha frente e ficamos em silêncio por alguns segundos.

— É um assunto sério? — perguntei tentando decifrar sua expressão.

— Alysson achou melhor que falássemos com você primeiro.

— Alysson? Oh! Você é o namorado...

— Ainda estamos nos conhecendo — explicou. — Mas quero oficializar. Não existe o termo ficar em meu país, e esse segredo está incomodando a ambos.

— E por que não me disseram?

— Alysson não sabe como contar que está namorando o ex-namorado da chefe, ela pensa que o seu marido pode não aceitar muito bem, e ela não quer ficar longe de Arthur. Parece que o garotinho ganhou o coração dela.

— Nathan nunca se incomodaria com isso, afinal, o que tivemos ficou para trás, ele não pode simplesmente impedir que vocês sejam felizes.

— Fico feliz em saber disso. Ela apenas não sabe como dizer.

— Vou conversar com ela e com Nathan.

— Então está tudo bem? — perguntou.

— Está ótimo, fico feliz que ela esteja saindo com você, todos da fazenda estávamos imaginando milhões de coisas. Alysson é uma menina incrível, Laird, tanto você quanto ela merecem ser felizes.

— Obrigado, Bruna. Direi isso a ela. — Ele se levantou me abraçou gentilmente, como uma maneira de agradecer.

Fiquei mais alguns minutos conversando com Laird sobre a clínica e ele acabou me dando uma pequena ideia sobre como ficaram as coisas desde o nascimento de Austin. Confesso que estava com saudade da rotina que tinha quando estava trabalhando e o convívio com todos que mereciam minha atenção, mesmo com as suas dificuldades. Eu me despedi de Laird e andei pelos corredores da clínica em busca de Gabby, já que Elizabeth disse que ela estava com o meu filho. Vi Gabby na recepção com uma prancheta na mão.

— Gabby, onde está o Austin? — perguntei me aproximando dela.

Ela me lançou um olhar de surpresa e simplesmente apontou para algo atrás de mim. Engoli em seco, já sabendo para quem ela apontava, e me virei encarando meu marido com nosso filho em seus braços.

— Tem algo para me dizer, Bruna?

— Já disse que você fica sexy de terno, amor? — perguntei, me aproximando dele para lhe dar um beijo rápido em seus lábios e pegar Austin, para que não babasse em seu terno.

— O que faço com você?

— Me ame. Apenas me ame, Nathan.

Ele sorriu malandramente e me puxou pela cintura sussurrando em meu ouvido:

— Todos os dias da minha vida.

Capítulo 38

LUIS BROWN

— Fique quieto — Whitney pediu mais uma vez, enquanto fazia um curativo em meu nariz.

— Você está me machucando, tente ser mais gentil.

— Estou em uma lanchonete tentando fazer um curativo em um homem grande e teimoso que não quis ir ao hospital.

— Você é médica, não tem necessidades de ir a um hospital.

— O irmão daquela garota fez um belo estrago — disse ela enquanto continuava a fazer o curativo.

— Deve ser de família. Daqui a pouco terei que fazer uma cirurgia plástica para arrumar o estrago que os Crawford estão fazendo.

— Ela vale tudo isso?

Segurei sua mão que estava em meu rosto e olhei para ela seriamente.

— Se está me ajudado a pegar Allan com a esperança de que, no final, eu fique com você, então não preciso da sua ajuda. Posso conseguir sozinho.

— E o que você conseguiu sozinho?

— Eu não estava sozinho — murmurei enquanto ela voltava a fazer meu curativo.

— Ah, sim! Seu sogro ajudou muito, ou melhor, seu ex-sogra.

— Não vou ficar longe dela, Whitney, e se o seu pretexto é tentar me conquistar, desista. O que rolou entre nós ficou no passado e será no passado que irá ficar.

Ela se afastou, me olhou por um tempo e logo começou a juntar tudo que havíamos comprado na farmácia.

— Whitney...

— Entendi, Luis. Nada que eu fizer para tentar redimir o que fiz no passado vai mudar o que você sente por ela. — Ela parou de jogar tudo dentro da sacola plástica e me olhou novamente. — Não direi que me arrependi por ter tirado aquela criança, até porque nós dois sabemos que não me arrependi, mas não estou lhe ajudando pra tê-lo novamente, estou fazendo isso para provar para você, e até para mim mesma, que não sou tão cruel assim.

— Não precisa me provar nada, Whitney.

— Talvez para você não, mas preciso fazer isso por mim. — Ela terminou de colocar os produtos na sacola e saiu da lanchonete.

Deixei algumas notas sobre a mesa e passei pela saída ignorando os olhares diretamente para mim, depois do pequeno showzinho de Whitney. Ela estava parada, encostada no meu carro, com seus cabelos loiros tampando seu rosto. Peguei a chave do carro dentro do meu bolso e o destravei. Ela entrou em silêncio para que eu a levasse até próximo ao Club.

— Acha que dará certo? — perguntei olhando o Club ao longe, de onde estávamos.

— Vai. Allan pensa que estou te vigiando e te seduzindo.

— E o que me faz acreditar em você?

— Não sei como te fazer acreditar em mim, acho que terá que se arriscar — disse ela me, olhando diferentemente. — Você seria capaz de se arriscar por ela?

— Sou capaz de fazer tudo por ela.

— Seu lado romântico me enoja. Você se tornou um cachorrinho que anda atrás dela.

— Inveja por eu nunca ter te tratado assim? — provoquei.

— Vai acreditar em mim? — perguntou mudando de assunto.

— Preciso saber apenas quem é o fornecedor, para que Alberto possa prender todos.

— Vou ganhar a confiança de Allan, confiança suficiente para conseguir entrar no novo galpão — disse ela enquanto saía do carro.

— Whitney... — eu a chamei quando ela ia fechar a porta. — Obrigado.

— Não me agradeça ainda, Luis, talvez eu te decepcione.

— Apenas peço que não me decepcione.

— Então me agradeça quando Allan estiver preso — disse ela me lançando uma piscadela e caminhou até o Club.



Não direi que esses dias sem Melissa têm sido fáceis. Vê-la todo os dias andando pelo campus ou pela empresa com um sorriso no rosto me fazia pensar no quanto a minha Diaba era forte. Mesmo eu sabendo que no fundo ela ainda se sentia machucada — mas é claro que ela não demonstraria isso para mim, que estava mal pelo término do nosso noivado —, ela apenas fingia que eu não estava próximo.

Mas esses dias estavam me deixando completamente louco, eu sentia saudade de cada toque, sorriso, do som da sua voz falando meu nome, do seu cheiro e até mesmo da sua maneira de me provocar.

Mas eu esperava que esses dias longe dela estivessem contados, já Whitney estava se aproximando de Allan e logo eu poderia contar toda a verdade para minha princesa, dizer que tudo que eu havia feito fora apenas para protegê-la e que nada do que disse era verdade.

Esperava que ela entendesse.



Olhei novamente para a porta de entrada do presídio feminino e avistei meu irmão entrar vestido com um terno cinza, segurando sua maleta preta.

— Qual o motivo da demora?

— Bruna resolveu visitar a clínica sem me avisar.

— Deixe-me adivinhar. Ela foi sem a escolta.

— A segurança deles é importante para mim.

— Levou ela para a fazenda?

— Eu a deixei com Austin na casa do Alberto, ela prometeu tomar sorvete com Arthur e resolveu ir ver Melissa.

— Você a viu? Melissa?

— Não, mas se quer saber como ela está, por que não pergunta a Anne?

— Diogo me deu um soco no nariz por causa do término, não quero imaginar o que Anne é capaz de fazer.

— Parabéns, irmão, você mal entrou para a família e já levou dois socos, parece que o abraço não tem tantas vantagens assim, não é mesmo? — ele caçoou da minha cara.

— Cale a boca, Nathan — eu disse, caminhando até os agentes penitenciários.

Depois de passar pela revista e ter deixando alguns dos meus objetos “considerados” como armas, finalmente entramos na sala de visita particular do presídio. Sentei-me em uma das quatro cadeiras de ferro, ao lado do meu irmão.

Batia meus dedos sobre a mesa quando a porta foi aberta e uma mulher de cabelos castanho-claros desgrehados, com o rosto pálido e cheio de olheiras,

entrou sendo guiada por uma agente, que retirou suas algemas e a fez se sentar à nossa frente.

— Vocês têm 20 minutos — disse a agente penitenciária antes de sair, fechando a porta.

— Sra. Bittencourt, sou Luis...

— Olha, já disse tudo que sei para seus amigos tiras. Não sei onde estão as joias, joguei tudo dentro do córrego quando percebi que os canas iam me pegar.

— Não estamos interessados na sua versão sobre o furto da joalheria — disse meu irmão seriamente. — Estamos aqui para conversar sobre a sua filha. Paola Bittencourt.

— Seja lá o que a garota aprontou, não estou interessada, não sou obrigada a arcar com os problemas de uma viciada.

— Fico feliz em saber disso — eu disse vendo sua expressão de nojo mudar para surpresa. — Quero a guarda legal da sua filha.

Um sorriso amarelo surgiu em seus lábios e ela se encurvou ficando mais perto de mim.

— E pra que você gostaria de ter responsabilidade por aquela merdinha? A garota é uma grande imbecil, poderíamos ter ganhado muito dinheiro, mas ela preferiu se tornar uma viciada inútil.

— Quero ajudá-la e para isso preciso da guarda dela.

— E o que eu ganho? Afinal, cuidei dela por todos esses anos, não posso simplesmente abrir a mão dela sem ganhar nada.

— Pensei que não estivesse interessada em nada sobre ela.

— Não até saber que um Brown quer ela. Vamos falar sobre preço.

— Não quero comprá-la, quero adotá-la, e digamos que, se eu contar toda a história da Paola, você será prejudicada. Sejam sinceros, violência sexual é muito pior que um simples roubo de joalheria. Mas a decisão é sua.

Ela me olhou e entortou os lábios de uma maneira bruta, logo depois olhou para meu irmão.

— Ela lhe mandou aqui para me ameaçar?

— Ela nem sabe que estamos aqui — disse Nathan.

— Se eu disser não, vocês me deixarão em paz?

— Não — falei.

— Façam o que quiserem, assino qualquer coisa — ela disse, logo se encostando na cadeira e dobrando os braços. — Eu nunca a quis mesmo, de certa maneira, estão me fazendo um favor.

— Ótimo — falou meu irmão se levantando. — Vou apressar os documentos e mandarei um representante vir trazê-los para que a senhora possa assiná-los. Não temos mais nada para conversar — disse ele, batendo na porta fazendo com que um agente aparecesse. — Terminamos.



— Poderia ter me contado — disse Nathan enquanto dirigia pela cidade.

— Não é um assunto que Paola deseja que todos saibam, ela já tem que lidar com muitos problemas.

— Mais alguém sabe?

— Além de nós dois, tem Theodoro e Melissa.

— Na próxima visita iremos todos.

— Não acho que...

— Somos uma família, Luis, e ela fará parte dela. Um Brown sempre tem como base a sua família. Ela é já uma de nós, não precisamos de um papel nos diga isso.

Concordei com ele dando um sorriso e peguei meu celular o quando senti vibrar em meu bolso.

Whitney 17:48 PM

Me encontre no Hospital e traga seu sogro.

Descobri quem é o fornecedor do Allan.

Capítulo 39

MELISSA CRAWFORD

Caminhava lentamente pela calçada levando comigo um teste de gravidez, que estava no fundo da minha bolsa com o resultado negativo. Depois que Vivian colocou em minha cabeça a possibilidade de eu estar grávida — e pensar que poderia ser verdade, que eu poderia estar mesmo gerando um filho de Luis —, resolvi fazer o teste em sigilo. Quando li o resultado, um alívio tomou conta do meu corpo.

Não que eu não quisesse um filho dele, na verdade, eu estava pensando na possibilidade de dar o tão sonhado filho a ele, porém um bebê agora apenas dificultaria a minha situação com ele, eu não teria coragem de esconder a gravidez, não depois de ele deixar claro o quanto gostaria de ter um filho. Mas com a separação e a nossa briga, criar um filho se tornaria difícil.

Talvez fosse melhor assim.

Saí dos meus pensamentos quando ouvi a risada contagiante de Arthur, abri a porta da minha casa e vi todo lambuzado de sorvete de chocolate, sentado ao colo da minha mãe. Bruna olhava com carinho para o filho.

— Filha, você demorou — disse minha mãe me olhando.

— Vim devagar — disse, fechando a porta e pendurando minha bolsa.

— Bruna está aqui já faz algum tempo, te esperando — disse ela, voltando a atenção para o neto.

— Desculpe — eu disse olhando Bruna.

— Não se preocupe, foi bom, eu fiz Austin dormir — disse ela, me abraçando. — Agora venha, comprei sorvete pra todos. — Ela me puxou para a cozinha.

Ela me fez sentar em uma cadeira, abriu o congelador e pegou um pote de sorvete de chocolate.

— Como está? — perguntou ela colocando o pote na minha frente e indo ao armário para pegar duas taças de sorvete.

— Bem — eu disse, me levantando para pegar algumas colheres.

— Sente algo? — Eu sabia que ela estava perguntando sobre ele.

— Seria mais fácil perguntar o que não sinto. Esses dias estão sendo difíceis — confessei.

— Quer conversar sobre isso? — perguntou ela colocando as taças sobre a mesa e se sentou à minha frente.

— O que mais quero é não pronunciar o nome de você sabe quem — eu disse, pegando um pouco de sorvete.

— Sabe, Mel, Luis pode ter suas imperfeições e ser tachado como o “galinha da faculdade”, mas ele nunca negou o que sentia por você. Talvez seja apenas um mal-entendido.

— Bruna, não faça isso — pedi a ela experimentando um pouco do sorvete.

— Isso o quê? — perguntou desentendida.

— Tentar defendê-lo. Também pensei que era verdade, mas nada na vida é como queremos, e Luis Brown nunca irá mudar.

— Ele mudou, Mel. Não quero defendê-lo, mas que tipo de homem que é tachado de mulherengo pediria uma mulher em casamento e até iria anunciar para toda as mídias sobre o relacionamento? Melissa, só você não quer ver, se ele não quisesse algo verdadeiro, depois da primeira noite de vocês em Washington, teria te dispensado.

— Não quero falar sobre isso — disse sem olhar para ela.

— Talvez porque saiba que eu estou certa — murmurou ela, e foi suficiente para que eu a ouvisse.

Tomamos sorvete em silêncio até que meu pai entrou na cozinha e beijou a testa de Bruna com carinho e me olhou atentamente.

— Precisamos conversar — disse ele.

Olhei brevemente para Bruna e tornei a olhar para meu pai.

— Claro, vamos ao escritório — disse sabendo que o assunto era importante. — Não vá antes que coloquemos nossas conversas em dia — eu disse olhando Bruna.

— Te esperarei, Mel — disse ela, me lançando um sorriso.

— Venha, pai — eu o chamei.

Entrei no escritório e me sentei à frente do meu pai, ele me encarava havia alguns segundos.

— Pai...

— Preciso lhe contar uma coisa — disse ele me interrompendo. — Luis...

— Pensei que fosse algo importante, pai — anunciei com desgosto. — Não quero falar sobre ele — disse me levantando e caminhei até a porta.

— A culpa foi minha — disse ele, me fazendo parar. — Eu fui o culpado da separação de vocês.

Virei meu rosto para que pudesse ver sua expressão e engoli em seco ao ver em sua face que ele dizia a verdade.

— Sente-se, minha filha, eu lhe contarei toda a história — pediu ele.

Eu me sentei novamente e olhei para meu pai sem saber o que dizer, apenas o escutei.

Escutei sobre o fato de o meu pai ter colocado Luis em uma enrascada ao fazê-lo investigar sozinho o fornecedor de drogas do Club ao qual Vivian me levou. Descobri que o meu ex-noivo era viciado em jogos de azar, que Jack usou Vivian para poder chegar até mim e ameaçou Luis para que se afastasse de mim.

Como Luis poderia ser viciado em algo depois de tudo que ele presenciou da própria filha? Pensei que as apostas fossem apenas um passatempo com Theo, mas era algo muito maior.

Ele se afastou para me proteger?

Foi estúpido ao terminar comigo sendo que bastava apenas ter dito a

verdade?

Ele me machucou, feriu meus sentimentos a ponto de me fazer odiá-lo para me proteger?

Seria difícil chegar e, simplesmente, dizer que queria terminar o noivado ou me dizer a verdade?

— Pai... — disse em lágrimas.

— Ele não tem culpa, filha — explicou ele.

— Por quê? — perguntei confusa. — Porque não me disse? Você viu como eu estava me sentindo.

— Meli...

— Você viu como estava sofrendo! — gritei a ele. — Luis fez com que eu pensasse que ele não me amava, deixou que eu me sentisse um lixo.

— Eu tentei...

— Quando? Quando você tentou me contar a verdade? — perguntei olhando para ele, e como não tive resposta, apenas me levantei e andei em direção à porta. — Ainda dói, pai — disse sem olhar para ele. — Mas sabe o que dói mais? Saber que ele já seguiu em frente.

Capítulo 40

LUIS BROWN

Eu esperava por Alberto no estacionamento do hospital havia alguns minutos, Whitney já estava estressada ao meu lado, enquanto esperava pacientemente.

— Estamos perdendo tempo, daqui a pouco Allan se encontra com o fornecedor e perderemos a chance de dar o flagrante — resmungou ela.

— Já ouvi esse discurso, Whitney. Tenha paciência.

— Ele já devia ter chegado.

— Eu sei — respondi suspirando cansado.

Encostei a cabeça no banco do meu carro e fechei os olhos na tentativa de abafar o som irritante da voz da Whitney.

Lembrei-me dos meus momentos com Melissa aqui dentro, do seu sorriso quando me provocava e do seu doce perfume grudado no banco do passageiro, que agora minha ex ocupava.

O som das batidas na janela me fez abrir os olhos e ver Alberto. Fiz sinal para que ele entrasse no banco de trás e ele fez o que pedi.

Ele se acomodou, olhou para minha passageira e logo me lançou um olhar desprezível.

— Então é ela?

— Ela? — perguntei

— Melissa me disse que você seguiu em frente. — Ele olhou para Whitney novamente. — Agora entendo por quê.

— Ela disse isso? — perguntou Whitney sorrindo.

— Fique quieta, Whitney — falei estressado. — Por que ela lhe disse isso?

— Depois que contei a verdade, ela me disse que você já havia seguido em frente.

— Você contou a verdade a ela? Contou que Allan a dopou, que Jack a está vigiando e que a vida dela e a de Austin estão em perigo?

— Bom, eu...

— Merda, Alberto — esbravejei batendo forte no volante. — Por que não disse toda a verdade?

— Não é fácil dizer tudo isso a ela.

— Acha que está sendo fácil pra mim ficar sem ela? — perguntei, olhando-o. — Se pensarmos bem, a culpa é sua.

— Sei que tenho culpa em parte, mas foi você quem a ofendeu — disparou ele com raiva.

— Porque fui forçado a me afastar dela graças à sua ideia genial — gritei ainda mais alto.

— PAREM! — gritou Whitney fazendo com que eu olhasse para ela. — Ambos agiram de modo imprudente, causando danos altíssimos, mas o que importa é que estamos prestes a prender o fornecedor.

— O que ela sabe sobre isso? — perguntou Alberto, ainda olhando para Whitney desconfiado.

— Ela está me ajudando — respondi.

— Fiz o serviço que os dois incompetentes não conseguiram fazer — resmungou ela.

— Whitney, chega de provocação. Diga de uma vez quem é o fornecedor.

— Flinn Gately — respondeu ela.

— Esse nome não significa nada — disse.

— Pra você pode ser que não, mas Alberto o conhece muito bem — disse ela, me fazendo olhar Alberto, que estava com uma expressão de surpresa. — Flinn é um policial corrupto — explicou ela.

— Ele é um dos policiais que estão investigando o Club — Alberto finalmente falou. — É lógico, por esse motivo ele me afastou do caso.

— Ele paga suborno a alguns policiais para que se mantenham em silêncio. As drogas apreendidas são desviadas e levadas para o Club. —

Whitney completou. — E como ela soube que Alberto não aceitaria suborno, o afastou.

— Pensei que você estivesse afastado por atestado médico — eu disse olhando Alberto.

— Digamos que minha saúde está ótima, tenho apenas uma enxaqueca.

— Parece que alguém gosta de mentir — Whitney disse sorrindo.

Sentei-me devidamente no banco e coloquei meu cinto de segurança, liguei o carro e finalmente falei:

— Vamos acabar logo com isso. Alberto, ligue para alguém de confiança e vamos ao galpão.

— Pode ser perigoso vocês irem — ele falou.

— Ligue de uma vez Alberto. Quero dar um ponto final a essa bagunça.

— Que seja — disse ele soltando um suspiro e pegou o telefone.

Minha porta se abriu abruptamente, me fazendo olhar para um homem que segurava uma pistola e um segundo homem que ameaçava Alberto no banco traseiro.

— Saíam do carro — o homem disse, firme.

Levantei minha mão mostrando que não havia nada que eu pudesse usar contra o bandido e saí do carro com Whitney e Alberto. Eu não seria louco de reagir a um roubo de carro, mesmo assim, senti muito por entregar a eles, de

mão beijada, meu precioso carro, ainda mais depois da reforma que ele recebeu após o acidente em Washington.

— Podem levar o carro — disse, me afastando do veículo.

— Não queremos o carro, Brown. — disse ele, me fazendo entender que tudo isso era uma emboscada. — Agora vocês dois entrem na droga do porta-malas.

Olhei na direção da minha ex-namorada e a vi sussurrar um simples “sinto muito”

Traidora.

Senti a ponta da pistola em minhas costas me empurrando na direção do porta-malas do carro, que estava ao meu lado. Entrei com dificuldade, já que estava sendo empurrando, e logo Alberto entrou resmungando algo. Uma venda foi colocada em meus olhos, assim como as minhas mãos foram amarradas, e o porta-malas foi fechado brutalmente.

Quando o carro começou a se mover, tentei livrar minhas mãos das amarras, mas foi inútil.

— Droga — falei frustrado.

— Ótimo plano, gênio — ironizou Alberto. — Aquela garota o enganou muito bem.

— Alberto, não começa — pedi. — Vamos tentar sair daqui — falei, tentando novamente soltar minhas mãos.

— Desista. Essas amaras estão fortes, e não é se mexendo desde jeito que você irá se soltar.

— Você também não vai ajudar muito parado aí.

— Estou preso em um porta-malas com um cara que insiste em me chamar de sogrão, indo sei lá aonde e com um celular na mão. Do que você está reclamando?

— Você ainda está com o celular? Como se...

— Tenho meus truques, agora fique quieto e tente não se mexer tanto, já é apertado o suficiente aqui — resmungou.

— Ok. Sogrão.

— Me lembre de lhe dar um soco quando eu sair aqui.

— Vou colocar na minha lista de esquecimento.

Fiquei em silêncio enquanto Alberto fazia algo e de repente senti seu corpo batendo contra o meu quando o carro freou abruptamente. Soltei um pequeno gemido de dor. Quando o carro começou a se mover novamente, Alberto se afastou de mim e tudo ficou quieto. Tentei me localizar enquanto o carro andava, mas era impossível sendo que meu senso de direção era péssimo. Tentei escutar o que o condutor e o passageiro falavam, mas o som do carro estava ligado, e isso apenas dificultou ainda mais a minha audição.

Depois de alguns minutos, o carro finalmente parou e o som das portas se abrindo foi ouvido.

— Deu certo? — perguntei baixinho.

— Vamos torcer que sim. O rastreador já está funcionando — disse ele no mesmo tom. — Logo alguém virá. Eu espero — sussurrou a última frase.

— Vejamos o que temos aqui. — A voz de Allan foi ouvida assim que o porta-malas foi aberto. — Tirem os dois daí, afinal, a festa está apenas começando.

— Vamos, coroa, saia. — Identifiquei perfeitamente a voz de Edmund.

Assim que Alberto deixou o carro, Jack me ajudou a sair e me guiou até um lugar onde eu tive que ficar de joelhos sobre cascalhos. As vendas foram retiradas, Allan estava na minha frente fumando um cigarro.

— Espero que tenha apreciado o passeio — ironizou Allan, jogando o cigarro fora.

— Se queria me chamar para sair, bastava me pedir, Allan.

— Você não está na posição de fazer piadas, Brown. Quero te apresentar a Flinn Gately — disse ele, apontando para o homem sentado em uma cadeira ao seu lado.

Flinn Gately aparentava ser um homem bem mais velho que Alberto, seus cabelos castanhos davam visíveis sinais dos fios brancos ressaltados no topo da sua cabeça e em seu rosto havia uma expressão fechada enquanto ele me encarava.

— Sem apresentação, Allan, eles não vão precisar do meu nome quando estiverem mortos — disse ele em um tom frio, pegando uma 38 e a apontando diretamente para mim. — Não gostaria de chegar até aqui, Brown, mas foi você

quem escolheu antecipar a sua morte. — Ele destravou a arma e olhou para Alberto, que estava ajoelhado ao meu lado. — Desculpe, Alberto, são apenas negócios, mas não se preocupe, vou consolar Anne no seu funeral.

— NÃO OUSE CHEGAR PERTO DA MINHA MULHER! — bradou Alberto.

Flinn jogou a cabeça para trás e gargalhou alto, ainda segurando firme a arma.

— Digamos que você não poderá fazer nada para me impedir — disse ele após ter parado de gargalhar. — Mas, enfim, vamos acabar logo com isso — disse ele impaciente. — Allan, o Brown é exclusivamente seu.

No rosto de Allan um sorriso largo surgiu e eu o vi tirar uma arma que estava entre seu corpo e sua calça e apontá-la em minha direção.

— Levantem-no — pediu Allan. — Quero ver o corpo dele, sem vida, caindo ao chão.

Edmund e Jack me puseram de pé e se afastaram.

— Uma última palavra? — perguntou.

— Vá pro inferno — eu disse em um tom firme.

— Você vai primeiro — respondeu sorrindo e destravando a arma.

O som das sirenes foi ouvido e eu senti um alívio tomar meu corpo, ainda havia esperança de eu ver minha doce Diaba caminhando pelo campus da faculdade, ainda poderia dizer a ela toda a verdade e provar o quanto eu a

amava. Ainda havia esperança.

— Merda, vocês nos enganaram — gritou Flinn nervoso, se levantando da cadeira e apontando a arma na minha direção.

— Vamos embora — disse Allan, se afastando.

— Não! — exclamou Flinn. — Não antes de eu matar o filho da mãe que está estragando meus negócios.

Fechei os olhos no instante em que dois disparos foram ecoados e esperei que a dor atingisse meu corpo, e quando ela chegou, foi insuportável.

Capítulo 41

LUIS BROWN

O som das sirenes soou mais alto e eu pude ouvir os pneus em contato com o cascalho no chão. Os passos apressados anunciavam que todos que estavam aqui saíram correndo e me deixaram no chão pensando provavelmente que havia morrido. A dor em meu ombro era latejante e eu podia sentir o sangue quente saindo de mim. Abri os olhos, me sentei e vi uma grande mancha de sangue sobre a minha camiseta azul, procurei um segundo ferimento mais não achei.

Flinn havia errado.

Soltei um sorriso ao perceber que estava vivo.

— Conseguimos, Alberto — disse olhando para o lado e vendo o corpo dele no chão.

Flinn não havia errado.

Tentei não deixar que o desespero tomasse todo meu corpo e me aproximei de Alberto que estava imóvel, tentei soltar minha mão, mas foi inútil.

— Alberto? — eu o chamei.

Não tive resposta.

Ajoelhei-me ao seu lado e virei seu corpo com dificuldade para que pudesse ver seu rosto, o fazendo soltar um gemido de dor.

“Ele estava vivo”, pensei ao virá-lo e ver que o sangue escorria por um buraco em seu estômago. Ele soltou outro gemido de dor e o vi fazer uma careta dolorosa.

— A ajuda já vem — eu disse confortando-o.

O sangue marchava sua roupa com muita facilidade, me causando o temível desespero. Olhei para todos os lados em busca de ajuda e vi que alguns polícias levavam Flinn e Allan para uma viatura próxima. Vi também Edmund deitado no chão com as mãos na cabeça, enquanto um policial o vigiava com uma arma em punho e outro o revistava. Jack estava no chão a alguns metros, com um furo em sua testa e alguns polícias perto dele.

Senti as amaras em minhas mãos sendo retiradas, olhei para frente e vi Whitney.

— Depois te explico — disse ela, eu estava confuso. — Vou chamar uma ambulância e você tente estancar o sangue — pediu ela, se levantando e correndo para perto dos polícias.

As tosses de Alberto me fizeram voltar a atenção para ele, tirei suas amarras e usei minhas mãos para estancar o sangue que saía.

— Seja forte — pedir.

— Cui-cuide dela — pediu ele com a voz falha.

— Não comece as frases de despedidas, Alberto, iremos cuidar dela juntos, então nem pense em morrer.

Ele esboçou um sorriso sem mostrar os dentes, mas logo tornou a fazer uma careta.

— Sabia que você era o cara certo para ela — disse ele, tomando um pouco de ar. — Só precisava que você mudasse, e não precisei fazer nada para que você virasse um homem diferente por ela. O seu amor o mudou.

— Merda! Alberto, não faça isso, não ouse morrer aqui, senão terei que arrumar alguém para minha sogra, e será um cara novo, que vai vender aquela lata velha que chama de carro.

Ele tossiu por alguns segundos e logo fechou a cara, dizendo:

— Não faça piadas, Luis, e não ouse arrumar ninguém pra minha mulher ou vender minha caminhonete.

— Então viva — eu disse sorrindo. — Afinal, você tem que caminhar ao lado de Melissa pela igreja no nosso casamento pra que eu possa jogar em sua cara que ela é, definitivamente, minha.

— Se eu pudesse, lhe daria um soco — falou ele baixinho.

— Vou adicionar mais um soco em minha lista — disse, o fazendo sorrir.

— Obrigado por proteger minha filha.

— Ela é tudo para mim.

Eu o vi piscar os olhos e senti sua mão sobre a minha, a apertando levemente.

— Obrigado, meu genro — disse fechando os olhos.

— Alberto! — eu o chamei. — ALBERTO! — gritei. — Vamos lá,

sogra, seja forte — pedi choroso.

Uma equipe médica se aproximou e me afastou para verificar meu ombro e fazer os primeiros atendimentos a Alberto.

Afastei-me aos poucos do corpo do meu sogro e senti a sensação de perda.



— Me desculpe — pediu Whitney, enquanto cortava a minha camiseta. — Allan desconfiou, eu tive que contar parcialmente o que sabia e ele planejou a emboscada. Tive que fingir.

— Obrigado pela ajuda — disse sem saber o que falar.

Não queria falar nada, não nesse momento, não com o sangue de Alberto ainda em minhas mãos.

Estava sentadona cama hospitalar de um hospital qualquer, e a única coisa que se passava em minha mente era o que havia acontecido minutos atrás.

— Você teve sorte, a bala atravessou — disse ela, verificando meu ferimento. — Vou limpar, dar uns pontos e poderá ir para casa.

Fiquei em silêncio novamente e deixei que ela terminasse o trabalho.

— Ele está vivo — disse ela.

— O quê? — perguntei olhando finalmente em seus olhos.

— Seu sogro, ele está vivo. Os paramédicos conseguiram reanimá-lo.

Senti meu peito se inflar de esperança e finalmente sorri enquanto as lágrimas banhavam meu rosto.

— Como ele...

— Ele está no centro cirúrgico no momento, mas ainda está instável — ela respondeu me interrompendo.

Fiquei em silêncio novamente e esperei que ela finalmente terminasse. Saí da sala agradecendo a ela novamente, caminhei sem camiseta até a recepção e vi a família Crawford e a minha na sala de espera. Melissa estava ao lado da mãe, assim como Diogo, eu a vi levantar o olhar me dando a visão dos seus olhos inchados e avermelhados. Ela se levantou e caminhou em minha direção, me dando um tapa no rosto.

— Isso é por mentir para mim — disse ela, me dando outro tapa. — Isso é por me humilhar e fazer com que eu me sentisse um lixo. — Outro tapa. — Isso é por me ter feito acreditar que você havia voltado com sua ex. — Outro tapa. — E isso é por ser um palhaço.

Olhei para ela novamente, esperando outro tapa, mas ela estava sem reação no momento e percebi que lágrimas escorriam em seu rosto perfeito.

— Meli...

— Eu odeio amar você! — disse ela, me abraçando.

Eu a envolvi, finalmente, em meus braços, sem me importar com o latejar do meu ombro, afundei meu rosto em seu pescoço e inalei o doce perfume que eu tanto ansiava.

— Perdão, princesa — sussurrei. — Allan...

— Não precisa explicar — ela me interrompeu. — Whitney me explicou tudo.

Eu a apertei em meus braços e senti que finalmente estava no lugar de onde nunca deveria ter saído.

Ao lado dela.

Capítulo 42

LUIS BROWN

— Ai, mãe! — eu disse quando senti o tapa forte da minha mãe em meu ombro não machucado, assim que Melissa se afastou dos meus abraços.

— Não ouse me assustar assim novamente — disse ela apontando o dedo para mim, chorosa. — Nu-nunca — gaguejou deixando que as lágrimas caíssem. — Nunca mais faça isso.

Puxei a primeira mulher da minha vida em meus braços e a apertei tentando amenizar um pouco a dor e o medo que ela sentia. Beije o topo da cabeça de minha mãe sentindo o cheiro do seu shampoo de pêssego e sussurrei um “eu te amo” para ela.

Abri meus olhos ainda apertando minha mãe e vi meu irmão e sua esposa, Matt, Noemi e Theodoro me olhando de um jeito carinhoso. Lancei um sorriso tranquilizador para eles, e minha mãe se afastou dos meus braços secando suas lágrimas.

— Vista uma camiseta, antes que pegue um resfriado — disse ela, pegando um lenço dentro da bolsa.

— Estamos na primavera, mãe, não pegarei um resfriado — disse, puxando Melissa novamente para perto do meu corpo quando a vi se afastando. — Nada da fugir, mocinha.

Melissa apenas concordo e olhou para minha mãe com um sorriso tímido.

— Nathan, entregue sua camiseta a seu irmão — falou ela, sem notar a

expressão confusa do meu irmão.

Nathan não esperou que ela repetisse, apenas tirou a camiseta e a jogou na minha direção, enquanto Theo gargalhava com a frustração do meu irmão ao entregar sua camiseta.

— Valeu, irmão — disse, enquanto Melissa me ajudava a pôr a camiseta.

— Provoque, Luis — falou Nathan, soltou um leve bufar e deu um leve tapa na cabeça do Theo. — Para de rir.

Gemi de dor quando, sem querer, Melissa tocou em meu ferimento. Ela pediu desculpas e continuou a me ajudar.

Noemi me deu um abraço de leve, com medo de me machucar, assim como Matt também o fez. Theo apenas me deu um aperto de mão e disse que seria melhor mantermos isso em sigilo para Paola enquanto ela estivesse internada. Apenas concordei.

Bruna se aproximou lentamente e me surpreendeu com um abraço.

— Fiquei com muito medo — assumiu ela, ainda me abraçando.

— Não se preocupe, loirinha, você ainda terá o privilégio de ver o meu belo rosto, em vez de ver apenas o rosto medonho do meu irmão — eu disse alisando seus cabelos loiros e ela sorriu.

— Chega de abraços — disse Nathan, puxando a esposa e beijando sua testa docemente. — Não escute o que ele diz, meu amor, minha mãe o achou na porta de casa e acabou adotando esse encosto que tenho que aturar.

— Não sou adotado, Nathan — eu disse ao meu irmão.

— É o que você pensa — murmurou ele, beijando a bochecha da esposa.



Fiquei ao lado de Anne e esperei notícias sobre Alberto com a família Crawford e minha mãe. Todos da fazenda já haviam indo embora e dona Cloe se recusou a sair do meu lado até que eu estivesse em casa, em segurança.

Anne e Diogo ficaram em silêncio enquanto Whitney buscava por qualquer notícia sobre Alberto. O barulho de um relógio de parede e os passos dos paramédicos eram os únicos sons da sala de espera. Era madrugada quando soubemos que a bala fora retirada e Alberto estava bem. Deixei que a família o visse e fui para meu apartamento com a minha mãe por companhia.

Matt me deixou no hospital logo após eu ter testemunhado na delegacia sobre o caso de Allan e levou dona Cloe, enquanto ela continuava sua sessão de reclamações, dizendo que eu não poderia ficar andando por aí sem os cuidados dela. Ela me fez prometer que eu ficaria na fazenda até que o curativo fosse retirado.

Peguei o crachá de visitante e me direcionei até o quarto de Alberto. Bati duas vezes na porta e escutei um “entre”, girei a maçaneta e entrei no quarto. Anne estava segurando um prato de mingau perto de Alberto, que estava sentado, recusando receber a colher de mingau da esposa.

— Alberto, você tem que se alimentar — disse Anne, frustrada com a atitude do marido.

— Não vou comer essa papa — resmungou ele. — Me traga algumas rosquinhas com creme.

— Policial comendo rosquinhas? Isso é novidade — falei me aproximando. — Qual é, Alberto? Você é resmungão até com a Anne? Lembra-se o que eu te disse sobre o novinho.

— Não começa, Luis — resmungou ele, me fazendo sorrir.

— Bom, deixarei vocês sozinhos por um tempo enquanto vou ao refeitório comer algo com Melissa e Diogo — disse ela, deixou o prato sobre o suporte na frente de Alberto e beijou a testa do marido. — Coma tudo — disse antes de se afastar.

Recebi um abraço apertado da mulher que admiro e beijei sua bochecha antes que ela saísse do quarto.

— Acho melhor comer tudinho, sogrão — disse, me sentando em uma poltrona próximo dele.

— Não vou comer isso — disse, empurrando o suporte. — O que está fazendo aqui tão cedo?

— Senti saudade — respondi.

— Bom, depois que descobri que você até chorou ao descobrir que eu estava vivo, não me surpreende saber que você sentiu saudade — disse ele, agora, sorrindo.

— Seja lá o que Whitney disse, ela estava mentindo.

— Eu não disse que foi ela que me contou — ele falou com um sorriso ainda maior. — Não sabia que os Brown eram sentimentais.

— Nos importamos com a família, Alberto, e você é da família.

— Sou? — perguntou. — Ser pai de Melissa já me classifica como um membro da família?

— Não — respondi. — Mas se considerado como um pai pra mim, sim — disse, o encarando e vendo seu sorriso sumir ao me encarar surpreso.

— Você me considera como um pai, apesar das provocações?

— Digamos que provoco quem eu amo, menos a sua filha, é ela que me provoca geralmente.

— Sem gracinhas, Luis, estamos nos acertando. E você acabou de dizer que me ama. Estranho — disse ele me olhando.

— Não é estranho, Alberto. Aprendi que não preciso ter vergonha quando o assunto é minha família. Dizer que tenho um laço forte com você, capaz de lhe dizer que o considero como pai, não me fará menos homem. Eu o amo como um pai, Alberto, e isso não é vergonhoso.

Ele olhou para a parede e assim se manteve por alguns segundos, quando finalmente virou a cabeça e me olhou.

— Somos uma família, Luis, desde o momento em que você recebeu o abraço da nossa família, tenho que assumir a muito contragosto. — Ele suspirou e completou: — Também o considero como um filho, mesmo querendo matá-lo na maior parte do tempo.

Dei um sorriso e me encostei na poltrona.

— Está ficando sentimental, sogrão — disse, o fazendo bufar.

— Você não leva nada a sério?

— Geralmente, não, o mundo já é sério o suficiente, digamos que eu gosto de ver o mundo de outro ângulo. — Alberto murmurou algo que não entendi e se encostou nos travesseiros em suas costas. — Mas já que estamos falando de seriedade, temos um assunto sério a ser tratando.

— Pensei que você não travava de assuntos sérios.

— Sou um pouquinho bipolar — disse, erguendo os ombros. — Quero me casar com Melissa.

— Isso eu já sei desde que você planejou aquele pedido ridículo sem um mísero aviso.

— Quero oficializar, na igreja — eu disse ignorando, suas provocações. — Quero marcar a data.

— Vai me fazer uma surpresa, assim como Nathan? Achei que você fosse mais criativo.

— Não farei uma surpresa. Quero que ela participe, quero vê-la entusiasmada com os preparativos e quero te provocar, contando os dias até que ela seja oficialmente minha. Uma Brown.

— Abusado — murmurou ele alto o suficiente para que eu ouvisse. — Que seja. Como se dizer algo contrário fosse o impedir.

Sorri ao perceber que ele estava certo e o vi fechar os olhos e soltar um

suspiro de frustração.

Levantei-me e caminhei até a porta do quarto e a abrindo, dizendo a ele, que ainda mantinha os olhos fechados:

— É bom saber que me dá a sua bênção. O casamento será daqui a cinco meses.

Fechei a porta do quarto e dei uma gargalhada ao ouvi-lo gritar vários xingamentos.

Capítulo 43

MELISSA CRAWFORD

Cinco meses haviam se passado e tantas coisas aconteceram.

Allan e Flinn foram condenados à pena máxima depois que Nathan ganhou a causa com sucesso.

Meu pai saiu do hospital depois de alguns dias internado, deixando minha mãe mais tranquila. Finalmente ele estava em casa para que ela pudesse cuidar dele.

Concluí meu curso de direito, finalmente, e me tornei a mais nova advogada do escritório Brown. Meus dias como secretária foram deixados de lado e eu me senti lisonjeada ao receber o convite de Nathan para que me juntasse ao time de advogados da empresa.

Diogo não retornou à Marinha, já que serviu com louvor à grande pátria americana por mais de cinco anos, sem qualquer intervalo. E agora que Gabby havia terminado misteriosamente o seu namoro, meu irmão pareceu mais interessado em nossa linda vizinha ruiva.

Austin completou seus oito meses, e tenho que assumir que ele ficava cada vez mais esperto e ciumento quando o assunto era sua mãe ou Cloe. Não esperava outra reação dele em relação à avó, já que ela fazia questão de mimar o pequeno de todas as maneiras.

Luis começou a acompanhar um grupo de ajuda a pessoas viciadas em

jogos de azar, e apesar de ele ter me prometido que nunca mais apostaria, eu ainda me sentia com um pé atrás sabendo que a qualquer momento ele poderia apostar novamente.

O Club em que Allan Comandava foi fechado, assim como a pista estava sendo vigiada pela polícia e uma empresa privada estava terminando a ponte para que pessoas comuns pudessem usar a estrada.

Paola finalmente saiu da clínica, e apesar de estar visivelmente mais magra e um pouco cabisbaixa, ela se mostrava forte e sempre tinha um sorriso tímido quando o assunto era Theo.

Os últimos meses tem foram corridos, já que eu estava focada nos preparativos do casamento e ainda tentava me acostumar com a nova rotina corrida do escritório.

— Melissa, sai daí logo — disse minha mãe do lado de fora do grande provador da loja de vestidos de noivas.

— Estou saindo — disse.

Passei minhas mãos no tecido rendado do corpete que ia até as mangas médias do vestido, o simples decote e os detalhes em renda nas bordas do vestido estilo princesa me encantavam. Dei uma volta e vi a pequena abertura na parte de trás, deixando minhas costas levemente expostas. Soltei meu cabelo e sua cor negra se misturou ao branco puro do vestido. Sorri ao perceber que, finalmente, depois de cinco vestidos frustrantes, acabei de encontrar o vestido perfeito para meu casamento.

Dei um suspiro longo e torci mentalmente para que a minha mãe, Bruna, Paola e Cloe o aprovassem.

Empurrei a porta dupla com um sorriso no rosto e vi as quatro sentadas em um sofá branco à minha frente. Todas abriram um amplo sorriso e eu soube,

no mesmo instante, que elas haviam aprovado.

— Então vocês gostaram? — perguntei, já sabendo a resposta.

— Você está linda Melissa! — disse Cloe, me olhando com atenção.

— Concordo com Cloe. Esse é o seu vestido, Mel — afirmou Bruna.

— Você parece uma princesa — Paola disse sorrindo.

Olhei para minha mãe, esperando que ela dissesse algo e me impressionei ao ver que ela chorava, me olhando com admiração.

— Mãe... — eu a chamei sentindo meus olhos lacrimejar.

— Vo-você está magnífica, filha — disse ela deixando as lágrimas caírem.

— Oh! Mãe, não chore — pedi me agachando na sua frente e segurando suas mãos.

— Estou chorando de alegria, querida — falou ela tocando em meu rosto.
— Dio! Minha menininha irá se casar.

Sorrimos juntas e eu a abracei bem apertado.

Afastei-me dos seus braços e me levantei secando as minhas lágrimas.

— Então esse é o vestido — falei olhando para todas.



Estava sentada na cama de Paola, observando-a ao pentear os cabelos com delicadeza, enquanto ela estava sentada na frente de sua penteadeira.

— Onde vocês vão? — perguntei a ela.

— Theodoro não me disse, ele quer fazer uma surpresa — respondeu ela pousando a escova sobre a penteadeira e soltou um longo suspiro.

— O que te aflige? — perguntei, vendo sua feição preocupada.

— Será que ele vai gostar de me ver assim? — perguntou ela, se levantando me deixando ver o vestido rosa bebê em seu corpo. — Me sinto esquisita — assumiu ela tocando no tecido do vestido, que ia até a altura de seus joelhos, levemente rodado.

— Bobagem — eu disse, me levantando e indo até ela. — Você está linda! Theo concordará comigo.

— Meu pai não vai achar a mesma coisa — disse ela, me fazendo rir.

— De Luis Brown cuido eu. Ele tem fugido de mim desde que eu disse que precisava de ajuda com a decoração e as posições de cada pessoa nas mesas durante o jantar. Faltam dez dias para o casamento, ele terá que ajudar.

— Empolgada? — perguntou ela.

— Ansiosa. Mas hoje o dia é seu — eu disse tentando esquecer um pouco dos preparativos do casamento.

— Irá distraí-lo enquanto Theodoro me leva para o nosso primeiro jantar fora?

— Vou sim!

— Obrigada, Melissa — disse ela, me surpreendendo com um abraço. — Nunca tive uma mãe de verdade, mas sinto que você é um ótimo exemplo de mãe para mim. Obrigada de verdade.

Fiquei por um momento sem reação, e depois de alguns minutos digerindo o que ela disse, eu a abracei ainda mais forte, sentindo meu coração se encher de felicidade e amor.

Ela se afastou com a cabeça baixa e fungou um pouco.

— Estou patética chorando — assumiu ela. — Tenho que manter meu lado durão firme.

— Ah, sim! Com certeza. Especialmente agora, que vamos descer e encarar os dois, impacientes, lá em baixo.

Ela sorriu, pegou uma pequena bolsa preta e saímos do quarto.

Capítulo 44

LUIS BROWN

— Pare quieto — pediu Theo parado ao pé da escada do meu apartamento esperando Melissa e Paola descerem e acabarem logo com minha agonia.

— Elas estão demorando?

— Estão se arrumando — respondeu ele, como se não fosse óbvio.

— Esse é o problema. Na última vez em que Paola falou que gostaria de fazer uma mudança, desceu esses degraus com os cabelos pintados de rosa.

— Eu gostava do cabelo rosa, pena que desbotou e ela deixou que o loiro ressurgisse.

— Sem rasgar seda pra Paola na minha frente, Theodoro — disse impaciente, voltando a andar de um lado para o outro próximo aos pés da escada.

Ouvi o batucar de saltos contra o piso de madeira e olhei para o topo da escada, vendo minha noiva com um sorriso divino nos lábios. Desviei o olhar dela e fitei em minha filha ao ouvir um xingamento baixinho de Theo.

Ela estava com vestido rosa-claro de decote quadrado, seus cabelos loiros tinham as pontas pintadas de rosa, num tom forte, e em seus pés nada daquela bota militar. Agora ela usava uma sandália baixa em um tom nude. Ela desceu lentamente as escadas, juntamente com Melissa, e eu quis matar Theo por ter subido as escadas para beijar minha filha com vontade.

Folgado.

Melissa terminou de descer os degraus e me abraçou de maneira que eu ainda pudesse ver o novo casal na metade da escada.

— Ela está linda, não é mesmo? — perguntou Melissa.

— Sim, ela está — concordei.

— Eles fazem um casal muito fofinho, não acha? — perguntou, me olhando.

— Não. — Olhei para cima e vi Theodoro segurando o rosto da minha vida com ambas as mãos e olhando para ela com carinho. — Se afasta da minha filha, Theodoro.

Os dois deram sorrisos bobos e descerem as escadas de mãos dadas.

— Estamos indo — disse Theodoro.

— Ainda não — eu disse, fazendo dos bufarem.

— Luis! — Melissa chamou meu nome com um tom de advertência.

— Preciso apenas de 3 minutos com a Paola em meu escritório — disse olhando para minha noiva e voltei a olhar para minha filha. — Podemos?

Paola apenas afirmou e eu lhe ofereci meu braço. Ela entrelaçou o seu no meu e andamos até o escritório em silêncio.

Abri a porta dando passagem a ela e, logo após ela ter entrado, fechei a porta.

— Está me deixando curiosa — falou ela parada no meio do meu escritório.

— Tenha um pouco de paciência.

— Não tenho isso, não. Agora ande logo, que Theo está me esperando — disse ela batendo o pé.

Inferno! Uma verdadeira Cloe.

Andei até a minha mesa de escritório, peguei os papéis e lhe entreguei.

— O que é isso? — perguntou confusa.

— Leia.

Ela logo passou os olhos pelo papel e tampou a boca com uma mão, para que o grito de surpresa fosse oprimido ao ler sua certificação de adoção.

— Is-isso é ver-verdade? — perguntou ela emocionada.

— Sim. Agora você é oficialmente uma Brown.

— Oh! Mas como?

— Tenho minhas maneiras. Infelizmente não pude adotá-la, algumas leis me impediram, mas sua avó teve o prazer de fazer isso. Se quiser parar de me

chamar de pai, eu enten... — Fui interrompido por um abraço forte.

— Obrigada, pai — disse, ainda me abraçando. — Não precisava de um papel para eu te chamar assim, e não será agora que isso será diferente. Você é o meu pai. — Eu a abracei mais forte e, nesse momento, me senti em paz.

Olhei novamente para o relógio em meu pulso e bufei ao ver que fazia exatamente duas horas que eles haviam saindo.

— Se você olhar mais uma vez para esse relógio, eu prometo jogá-lo pela janela.

— E se aconteceu alguma coisa?

— Pare de paranoia, Luis, eles foram jantar. Agora me ajude a terminar de colocar cada convidado em cada mesa.

Suspirei desgostoso, olhando para as várias folhas de papel esparramadas pela mesa de centro da sala de estar.

— Você convidou New York inteira? — perguntei pegando alguns papéis.

— Não. Esses são os papéis da decoração, que você disse que iria me ajudar.

— Não podemos fazer algo divertido? Sei que a decoração já está escolhida, as pessoas podem se sentam onde acharem melhor — disse, retirando os papéis de sua mão e a puxando para o meu colo.

— E qual seria sua definição de divertido? — perguntou ela cheirando meu pescoço.

— Que tal irmos jantar?

— Oh não, Luis! — disse ela, saindo do meu colo e voltando ao seu lugar. — Se a sua pretensão é atrapalhar o encontro de Paola com Theo, pode desistir e me ajudar com o nosso casamento.

— Eles se encontram todos os dias praticamente.

— Pare de ser um pai ciumento.

— Eu não sou ciumento, sou apenas... cuidadoso.

— Então seja cuidadoso com os últimos preparativos para o nosso casamento. Já escolheu o que irá usar?

— Fui junto com seu pai comprar um traje e ele quase me matou enquanto me ajudava com a gravata.

— Você estava o provocando? — perguntou ela, me olhando de uma maneira, como se já soubesse a resposta.

— Apenas perguntei a ele se você já havia escolhido a lingerie para nossa noite de núpcias. Quase recebi um novo soco, além de quase morrer asfixiado.

— Pare de provocar meu pai, já está sendo difícil ele aceitar que eu virei morar aqui depois do casamento.

— É fácil convencer Alberto, meu amor, difícil é convencer minha mãe,

já que ela gostaria que todos os filhos morassem na fazenda.

— Gosto da ideia de construir nossa própria casa. E sempre iremos visitar a fazenda.

— Quero ver quando nascerem os nossos filhos, minha mãe não sairá do nosso apartamento.

— Tem espaço suficiente para ela aqui, e ainda está cedo para termos o nosso filho.

— Quero filhos, princesa — disse, puxando-a para próximo do meu peito.

— Apenas um filho, meu amor.

— Depois mais dois — eu disse, lhe dando um beijo rápido.

— Discutimos isso daqui a uns quatro anos — disse ela passando os braços em volta do meu pescoço. — Uma coisa de cada vez, primeiro o casamento, depois focamos no nosso filho.

— Filho — eu a corriji.

— Que seja. O importante é que daqui a dez dias estaremos casados.

— E você finalmente será Melissa Brown — eu disse orgulhosamente o seu futuro nome. — E será para sempre minha.

— Exclusivamente sua, Luis Brown. — Eu a deitei no tapete e fiquei sobre o seu corpo. Passei minha mão em seu rosto com delicadeza, senti a

maciez da sua pele e olhei no fundo dos seus olhos castanhos cor de mel. — Eu te amo, princesa.

Ela fechou os olhos brevemente sentindo o meu toque em seu rosto e logo tornou a abri-los com um sorriso.

— Eu te amo muito, meu palhaço. Agora chega de conversar e me leve para o quarto.

Ah, Diaba!

Capítulo 45

MELISSA CRAWFORD

“Respira Melissa”, eu disse a mim mesma enquanto terminava de colocar meu vestido com a ajuda de Bruna.

Foquei em meu reflexo no espelho e tornei a respirar profundamente. Analisei meu cabelo preso formando um volumoso coque que seria desfeito no início da festa. Uma tiara com centenas de cristais estava no topo da minha cabeça ajudando a prender o véu simples.

Bruna terminou de fechar o meu vestido e me entregou um buquê de rosas brancas com pequeninas flores do campo do mesmo tom, os talos estavam envolvidos por pérolas brancas.

— Mamãe — Arthur chamou a atenção da mãe mexendo em sua gravata borboleta preta que combinava com seu terno infantil. — Não gosto de gravata — resmungou o pequeno.

Bruna se agachou para ficar da altura do filho e disse carinhosamente:

— Oh, meu pequeno... É só você entrar para entregar as alianças ao tio Luis e o papai vai retirar sua gravata, está bem? Pode fazer isso pela mamãe, amor?

— Posso — afirmou ele, parando de mexer na gravata que o incomodava.

— Quer ir ao casamento com a mamãe ou com sua prima?

— Com a Paola — respondeu ele sorridente.

— Ótimo. Agora vá atrás da sua prima, que ela e o tio Theo levarão você à igreja, mamãe irá com Austin, a vovó, o papai e o Matt.

O pequeno saiu correndo para fora do quarto e Bruna se levantou passando as mãos em seu vestido vermelho-sangue de apenas uma alça.

— Vou na frente para orientar as outras madrinhas e você vai depois — falei para ela. — Aproveite seu dia, Mel.

— Obrigada, Bruna. — Abracei minha irmã de coração e logo a vi deixar o quarto.

Fiquei olhando para a porta, por onde ela havia acabado de sair, e vi meu pai entrar no cômodo boquiaberto.

— Minha princesinha.

— Oi, pai. — Eu me aproximei dele e segurei sua mão firmemente.

— Está pronta?

Suspirei novamente e respondi sorrindo.

— Estou.

— Então vamos. Mesmo que a ideia de deixar aquele abusado esperando pareça tentadora, vou te levar até ele sabendo que ele cuidará de você.

— Vai sim, pai — disse, beijando sua bochecha.

— Agora vamos, antes que eu mude de ideia e resolva me mudar para o Alasca com você.

Dei um sorriso e caminhei com ele para fora do quarto da fazenda, descemos a grande escadaria com cuidado e me surpreendi ao ver a caminhonete do meu pai na frente da casa, toda enfeitada e com algumas latas amarradas na traseira.

— Vamos chegar com grande estilo — disse ele sorridente ao ver seu amado carro. — Venha, filha, vou ajudá-la.



A marcha nupcial começou, fazendo meu coração pular mais rápido. Olhei para meu pai ao meu lado com um sorriso confiante e lhe devolvi o sorriso. A grande porta de madeira da catedral foi empurrada, me dando a visão do imenso local decorado com pilares com rosas brancas e vermelhas e algumas pedrarias, um grande lustre de cristal encerrava a decoração simples da grande igreja clássica. O longo tapete vermelho estava estendido até o altar. Todos os convidados estavam de pé me observando. Dei pequenos passos com meu pai na direção de Luis, que estava com um terno preto, me olhando com admiração.

Seus cabelos estavam devidamente penteados para trás e sua barba modelada em seu rosto, seus olhos fixos em mim tinham um brilho encantador e eu sabia que o olhava da mesma maneira. Seus braços estavam na frente de corpo, como se ele estivesse se segurando para não vir ao meu encontro.

Nathan, Theo e Drew estavam ao lado dele como padrinhos, e Bruna, Paola e Vivian estavam do outro lado, me olhando de maneira carinhosa.

Sorri para cada convidado, e quando finalmente cheguei perto do altar, foquei apenas em Luis. No momento em que caminhava ao seu encontro, me senti a mulher mais sortuda do mundo apenas por tê-lo só para mim.

Meu pai beijou minha testa carinhosamente quando ficamos na frente de Luis, que o cumprimentou com um grande aperto de mão.

— Você está linda — disse Luis segurando meu rosto com ambas as mãos e me dando um beijo.

— Senhor, não está na hora de beijar a noiva — disse o padre fazendo com que ele se afastasse.

— Desculpe, padre, não resisti — respondeu Luis, ainda me olhando e fazendo com que todos gargalhassem.

— Tenha um pouco de paciência, meu filho — disse o padre. — Podemos iniciar a cerimônia?

— Deve, padre — respondeu Luis.

Entreguei o meu buquê a Bruna, passei meu braço em torno do braço de Luis e olhamos para o padre.

— Estamos aqui reunidos para firmar a relação desde casal, que em diante de todos os amigos e familiares está aqui apresentando seu amor, ambos dispostos a selar um relacionamento eterno diante de Deus. — O padre fez uma pausa e olhou para meu noivo. — Luis Walker Brown, você aceita Melissa Crawford como sua esposa, prometendo amá-la e respeitá-la até que a morte os separe?

Senti um aperto em minha mão e logo ele respondeu:

— Aceito.

— Seus votos.

Luis soltou minha mão e eu me virei para que pudesse ficar de frente para ele. Nathan lhe entregou um pedaço de papel, ele pegou um microfone que o padre lhe ofereceu e começou a ler.

— Em um dia chato, dentro da empresa da minha família, avistei uma mulher deslumbrante que me fez sentir algo diferente. Me lembro de ter me sentado na minha cadeira de escritório e pensando: “Quem era aquela mulher que havia me fez perder o ar com um simples sorriso?”. Lembro-me de implorar ao bastardo do meu irmão para que trocássemos de secretarias. E é lógico que ele negou — disse, fazendo todos rirem e Nathan bufar. — Então eu a deixei em paz, pensando que tudo que sentira por ela passaria de uma hora para a outra. Não passou. Tive que engolir meu enorme ego e assumir que não conseguiria viver sem ela. E hoje, aqui nesse altar, vejo que tomei a melhor decisão da minha vida. Não haverá lugar no mundo em que eu deseje estar. Eu vou amar você todos os dias da minha vida, irei zelar pela sua felicidade e nunca deixarei que o mal venha a nos separar. Eu te amo, princesa. — Encerrou ele me olhando com ternura e se aproximando para me beijar novamente.

— Ainda não, meu rapaz. — O padre o repreendeu fazendo com que Luis se afastasse.

— Desculpe — murmurou Luis.

O padre suspirou e continuou com a cerimônia:

— Melissa Crawford, você aceita Luis Walker Brown como seu marido, prometendo amá-lo e respeitá-lo até que a morte os separe?

— Aceito — respondi sorrindo enquanto encarava Luis.

— Os seus votos.

Virei-me para Bruna e peguei a folha de papel em que estavam escritos os meus votos. Luis me entregou o microfone e eu comecei a ler:

— Sempre li contos de fadas e sonhava com meu príncipe encantado montado em um cavalo branco para me salvar de uma terrível torre e assim sermos felizes para sempre. Então, de repente, eu cresci e os contos de fadas foram deixados para trás, assim como os pensamentos bobos de adolescente que pensei que nunca fossem se realizar. Mas, então, quando eu menos esperava, um homem que sempre admirei de longe, não deixando que meu sentimento por ele se revelasse, apareceu na minha vida disposto a mudar para me conquistar. E mesmo sem ele saber que desde o começo ele já era meu, ele mudou. — Respirei fundo para controlar minhas lágrimas e continuei: — Conquistou minha admiração e ganhou meu coração. Descobri que nem todos os príncipes têm cavalos brancos. O meu príncipe usou uma aposta, e desde o início ele já era o vencedor, mesmo sem saber. Eu te amo, meu príncipe.

— As alianças?

Todos olhamos para a entrada da catedral e vimos o pequeno Arthur andando pelo tapete vermelho, enquanto segurava com ambas as mãos uma almofada branca contendo duas alianças de ouro. Quando ele se aproximou do tio, Luis se abaixou e deu um abraço do sobrinho, que logo correu para o pai, ansioso para que Nathan tirasse a tão agonizante gravata.

Luis entregou a pequena almofada para o padre, que abençoou as alianças. Luis a colocou em meu dedo, assim como fiz no seu.

— Sendo assim, eu vos declaro marido e mulher...

Luis me puxou pela cintura, me fazendo soltar um gritinho de surpresa. Senti seu polegar enxugar minhas lágrimas.

— Agora eu posso, padre? — perguntou Luis.

— Pode, meu filho. Pode beijar a noiva.

— Até que fim — murmurou Luis sorridente. — É oficial, sogrão! — gritou ele, antes de me beijar.

E esse seria apenas o início da nossa vida.

Capítulo 46

MELISSA BROWN

Estou casada com Luis há, exatamente, três meses e alguns dias. Depois de uma lua de mel incrível no calor prazeroso das Bahamas, voltamos para o outono de New York. A notícia da adoção de Paola se espalhou pela mídia, seria difícil esconder uma nova Brown dos abutres dos jornalistas. Alguns boatos maliciosos estavam prejudicando a rotina da família, já que todos achavam que Paola era uma amante que eu estava aturando aqui em casa. Depois de um esclarecimento dado por Nathan, Luis e Cloe, todos os boatos, aos poucos, foram deixados de lado.

Agora o inverno havia chegado com toda força e também o primeiro aniversário de Austin, que seria em alguns dias.

O apartamento havia se tornado pequeno desde que me mudei, com Paola e, agora, Theo tendo a liberdade de visitá-la sempre, mesmo a contragosto de Luis. Tinha meu pai que me fazia visitas constantes.

E se minhas suspeitas estivessem certas, a família aumentaria ainda mais.

Todos os sintomas de gravidez vinham se mostrando bastante presentes, e os enjoos matinais sempre me faziam sentir mal no escritório.

Então, depois de todos os sinais estarem praticamente gritando positivo na minha cara, resolvi fazer um teste em uma clínica.

Estava sentada fazia alguns minutos e a ansiedade quase me sufocava. Olhei em meu relógio de pulso, que meu marido me dera para que eu iniciasse minha primeira coleção, e percebi que já estava tarde e que certamente, ao

chegar em casa, ouviria as reclamações de Luis por não tê-lo esperado para que voltássemos juntos.

— Melissa Brown — chamou uma enfermeira, me fazendo levantar da cadeira. — O doutor Irá atendê-la agora.

Eu a segui até o consultório onde entrei e me sentei na frente do médico.

— Primeiramente parabéns, Sra. Brown. Você está realmente grávida — disse ele, me entregando um papel com o resultado positivo bem destacado. — Poderíamos fazer um ultrassom para verificar de quanto tempo.

Afirmiei com a cabeça sem que pudesse falar nada.

Estava chorando. Chorando de felicidade. Eu estava grávida do homem que amava, meu marido, e agora lhe daria o tão desejado filho. Não poderia estar mais feliz. O médico fez a ultrassom e eu me emocionei novamente ao ouvir e ver que realmente tinha alguém crescendo dentro de mim. Pedi ao doutor a foto do exame e deixei a clínica ansiosa para chegar ao apartamento.

Entreí em casa segurando a pequena foto e percebi que Luis não estava na sala nem na cozinha. Paola estava na fazenda, já que havia prometido a Arthur que o colocaria para dormir e dormiria por lá mesmo.

Subi as escadas, entrei em nosso quarto e o encontrei saindo do banheiro com uma toalha enrolada em sua cintura, ele secava os cabelos com uma toalha menor.

Ele me lançou um sorriso safado e começou a secar seu abdômen sensualmente enquanto me olhava.

“Droga”, pensei, já consciente, não conseguiria resistir a ele.

— Onde você estava? — perguntou ele, me fazendo perceber o quanto ele havia se aproximado.

— Tive que resolver algumas coisas — expliquei tocando seu peito quente.

— Poderia me explicar que coisas exatamente? — Neguei com a cabeça. — Não? — perguntou ele, me fazendo negar novamente.

— Não vou dizer, pois prefiro te mostrar — disse, mostrando a foto da ultrassonografia.

Ele pegou a pequena fotografia, e por alguns momentos desviava o olhar da foto e me encarava.

— Isso significa... — Ele fez uma pausa, caminhou até a cama e se sentou, estático, enquanto olhava a foto. — Isso significa o que estou pensando?

Caminhei até ele, me agachando na sua frente tocando em seu joelho, e disse:

— Sim, meu amor. Isso significa que esse pontinho é o nosso filho.

Ele abriu um sorriso largo e logo me puxou para um abraço apertado em seu colo. Ele diminuiu a pressão dos seus braços em meu corpo e se afastou para tocar minha barriga lisa. Ele pegou a foto e colou sobre minha barriga logo levantando uma sobrancelha em uma expressão duvidosa.

— Se esse pontinho significa o nosso filho, o que significa esse outro pontinho?

Dei um sorriso e respondi:

— Segundo o médico, esse pontinho... — Apontei para certo esboço que representava nosso filho. — ... é irmão desde pontinho aqui. — Apontei para o outro ponto ao lado do primeiro.

— Gêmeos? Teremos gêmeos?

— Sim, meu amor, teremos gêmeos.

Ele me deitou na cama gentilmente, levantando minha blusa e beijou minha barriga.

— Eu já amo vocês — sussurrou para minha barriga. — Acha que eles podem me ouvir? — perguntou levantando a cabeça para olhar em meus olhos.

— Se quiser, posso gravar, e assim mostraremos a eles quando estiverem grandes.

— Gostei da ideia — disse ele, beijando meus lábios levemente. — Obrigado por tornar meu sonho real. Eu já quero tê-los em meus braços.

Toquei em seu rosto e disse:

— Eu também meu amor.

— Sabe o quanto estou feliz? Vamos ter dois bebês! Duas provas do nosso amor. Dois meninos!

— Podem ser duas meninas, já que serão gêmeos idênticos.

— Os Brown não sabem fazer meninas, meu amor. Minha mãe teve dois meninos, Nathan tem dois meninos e nós teremos dois meninos. É a lei dos Brown, nada de meninas.

— Isso é ridículo.

— Isso é ser Brown — disse ele, me beijando. — Agora vamos. — Ele se levantou da cama e foi em direção do ao closet.

— Vamos? Pensei que quisesse comemorar.

— Ah! Nós vamos comemorar, mas temos que contar primeiro, antes que o radar Cloe descubra, misteriosamente, sobre a gravidez e conte a todos — gritou ele de dentro do closet.



A reunião foi marcada com urgência, e todos estavam presentes, tanto minha família quanto todos da fazenda. Cloe me olhava de maneira diferente, o que já mostrava que ela sabia de qual assunto se tratava.

Bruna estava atenta aos movimentos de Austin, que estava em pé apoiando-se na mesa de centro da sala de estar da fazenda e soltava pequeno gritos histéricos. Arthur estava sentado entre Paola e Theo. Noemi estava em pé ao lado de Matt, que abraçava a esposa carinhosamente, e meu pai e minha mãe estavam sentados, cada um, em uma poltrona.

— Diga logo o motivo da reunião — disse Nathan pegando o filho que havia se cansado de ficar em pé.

— Está faltando, Diogo — explicou Luis ao irmão.

— Não está faltando mais — anunciou meu irmão entrando na sala de mãos dadas com Gabby. — Me desculpem, pessoal, mas Gabby se atrasou um pouquinho.

Há algumas semanas eles haviam assumido um relacionamento. Fiquei feliz por meu irmão, depois de anos focado no trabalho, finalmente ele tinha iniciado uma vida amorosa, e Gabby era a pessoa certa para isso.

— Bom, já que todos estão aqui, podem dizer de uma vez — Theo insistiu.

Luis segurou minha mão e a apertou levemente. Levantei meu olhar para ver meu marido ansioso para anunciar a novidade a todos e lancei um sorriso para ele.

— Queremos dizer que a família vai aumentar, e que duas pessoinhas estão a caminho.

Cloe foi a primeira a me abraçar forte me dando os parabéns, em seguida, foi a minha mãe, que estava emocionada por saber que seria avó. Bruna me deu um abraço apertando enquanto dizia a maravilha que era estar grávida. Arthur abraçou minhas pernas e ficou empolgado ao saber que teria mais dois primos para brincar com ele.

— Parabéns, Melissa — Paola disse, me apertando levemente. — Finalmente deixarei de ser filha única.

— Obrigada, Paola — eu disse, quando ela se afastou dos meus braços.

— Parabéns, sogrinha — disse Theo, abraçando a namorada por trás e beijando sua bochecha.

— Obrigada, Theo — agradei.

— Ei, Nanica! — A voz do meu irmão fez com que eu me virasse e recebesse um beijo na testa. — Parabéns, maninha.

— Obrigada, Diogo.

— Vixe — Diogo suspirou. — Boa sorte, nosso pai está chegando — disse ele, se afastando com rapidez.

— Filha! — Eu me virei para ver meu pai me encarando surpreso, como se ainda estivesse assimilado o que tinha acabado de ouvir.

Coloquei uma mecha do meu cabelo atrás da orelha e lancei um sorriso. Luis se aproximou, colocou seu braço em volta da minha cintura e me puxou ao seu encontro.

— Você está grávida de gêmeos? — perguntou meu pai, apenas afirmei. — Dois... netos — falou ele, finalmente abrindo o sorriso.

— Dois meninos — respondeu Luis sorridente, beijando minha bochecha.

— Oh, não! Mais dois Luis na minha vida, não vou conseguir aturar.

— Assim ofende, sogrão — disse Luis com uma expressão de magoado que me fazendo rir.

— Essa é a intenção — disse meu pai, me puxando para seu encontro e me afastando do meu marido. — Espero que sejam duas meninas — completou meu pai, beijando minha testa.

— Eu também, pai — concordei com ele e apenas o senti me apertando mais forte.

— Assim esse abusado vai sentir na pele o que sinto todos os dias.

— Droga, sogrão, agora vou ter que acender todo dia algumas velas para que venham dos meninos.

— Não vai adiantar, filho — disse Cloe, tocando o ombro do filho. — Sinto que serão duas meninas.

Luis olhou para a mãe perplexo e se sentou em uma cadeira próxima, como se fosse desmaiar a qualquer momento.

— Eu vou ser pai de duas meninas? — perguntou meu marido ainda confuso.

— É uma grande possibilidade, filho — respondeu Cloe a ele.

— Merda, acho que vou enfartar — respondeu Luis tocando em seu peito.

— Aguenta firme aí, Luis, trate de ficar vivo até minhas netas arrumarem namorados — disse meu pai gargalhando.

Capítulo 47

MELISSA BROWN

Depois de Cloe dizer suas suspeitas, tanto eu quanto Luis decidimos fazer um exame de sangue para descobrirmos o sexo dos nossos filhos, e como Cloe havia dito, realmente as suspeitas eram verdadeiras. Descobrimos que estávamos esperando duas meninas. Luis ficou sem reação por alguns segundos, e tive medo do que ele diria, mas ele me surpreendeu se ajoelhando no meio do consultório e dizendo o quanto já amava as filhas.

Não esperava outra reação dele, e foi idiotice pensar que ele não gostaria das meninas. Luis queria ter filhos, não importava qual fosse o sexo, e isso me emocionou.

Hoje era o dia do aniversário de Austin, e com o inverno rigoroso, não seria possível fazer a festa na fazenda. Nathan alugou um salão e o tema da festa era “piratas”.

Entrei na sala da fazenda e vi o pequeno Austin dando pequenos passos desajeitados em direção a Bruna, que o chamava.

Por um momento, imaginei minhas meninas andando pela casa com vestidos combinados enquanto Luis as chamava.

Austin estava vestido de Peter Pan e retirava, irritado, o chapéu que estava em sua cabeça.

— Filho, você tem que ficar com o chapéu — disse, tentando colocar novamente o chapéu, mas o pequeno negava com a cabeça insistentemente.

— Acho que ele não gostou muito — disse, me aproximei deles e peguei o pequeno do colo de Bruna.

— Arrumo um jeito de colocar pelo menos na hora dos parabéns — disse ela, arrumando os cabelos desarrumados do filho.

Beijei a bochecha de Austin, o fazendo gargalhar, seus olhos azuis se destacaram com um brilho.

— Preciso da sua ajuda — disse ela seria.

— Aconteceu algo? — perguntei preocupada com sua expressão.

— Na verdade, sim — disse Cloe entrando na sala, fazendo Austin praticamente se jogar no colo dela. — Uma das atrações faltou — explicou Cloe dando atenção ao neto.

— E onde eu entro nisso? — perguntei sem entender.

— Bom... — Bruna começou. — Uma vez você me disse que quando Luis gostasse de você, você seria animadora de festa infantil.

— Oh! Não — disse, já sabendo o que se passava em sua cabeça.

— Promessa é promessa, Mel — disse Bruna com um sorriso tão largo quanto ao de Cloe.

— Mas...

— Sem desculpas, Melissa, estamos atrasados, e você tem que colocar o vestido — disse Cloe, praticamente me empurrando para um quarto do

andar de baixo. — Coloque o vestido, esperaremos por você na sala. — E ela simplesmente saiu batendo a porta.

Caminhei até a cama de solteiro que havia no pequeno quarto e peguei o vestido vermelho no estilo princesa. O corpete era cheio de pedrarias pretas, no estilo tomara que caia, e a saia tinha várias camadas de tule. Pus o vestido frustrada sabendo que não conseguiria convencê-las de que eu não pagaria esse mico. O vestido era volumoso graças ao tule e eu me senti prestes a ir ao meu aniversário de 16 anos. Respirei fundo ao perceber quão vergonhoso seria andar pela festa toda com esse vestido e saí do quarto a caminho da sala.

— Podem me explicar o porquê do vestido vermelho? — perguntei chamando a atenção de ambas.

— Era para ser verde, para representar a sininho, mas não encontramos, então você será uma princesa da Terra do Nunca — explicou Bruna.

— Ótima ideia — fui irônica. — Me diga que não fará isso com uma mulher grávida — implorei.

— Gravidez não é doença, Melissa, e você tem uma dívida a ser paga — respondeu Bruna sorrindo.

— Vamos na frente com Austin, pois Nathan já está impaciente e você espera até que Matt venha lhe buscar, porque o vestido é grande demais para você ir conosco — falou Cloe, se afastando com Bruna.

— E nem pense em retirar esse vestido, mocinha — Bruna me avisou enquanto saía com Cloe.

Suspirei de frustração quando as vi saindo da fazenda e me sentei em uma cadeira enquanto espera por Matt.

Depois de alguns segundos de espera, recebi uma mensagem de Matt dizendo que estava me esperando atrás da casa, achei isso estranho, já que provavelmente todo o terreno de trás estava coberto por neve.

Abri a grande porta dos fundos e sentir o vento gelado do inverno sobre em minha face. Pisei na neve fofa do quintal, não havia sinal de Matt nem do carro, e quando eu estava prestes a entrar novamente em casa, ouvi o som de cascos batendo fortemente no chão. Eu vi Luis montado em um cavalo branco, que fungava vapor branco pelas suas narinas enquanto, corria em minha direção. Luis estava vestido como um príncipe e carregava um sorriso em seu rosto.

E nesse momento percebi o que Cloe tinha armado para mim.

O cavalo se aproximou diminuindo os passos e Luis o manteve dando pequenos trotes ao meu redor.

— Ora. Vejo que finalmente encontrei minha princesa — disse ele forçando a voz para que parecesse medieval, me fazendo rir. — Está a zombar de mim, alteza?

— Oh não, meu valente cavalheiro! — eu disse entrando em sua brincadeira.

— E o que uma jovem como você está fazendo andando sozinha por essas bandas?

— Estou em busca de um nobre cavalheiro que possa me aquecer.

— Ah!... — Ele suspirou calmamente e continuou: — Vejo que está com sorte, bela dama. — Ele esticou a mão para mim. Mesmo com medo do cavalo eu a aceitei, e ele gentilmente me levantou até que eu estivesse sentada entre ele e o cavalo. — Não se preocupe, Max é um cavalo manso — disse ele, provavelmente depois de ver minha expressão.

— Você planejou tudo isso? — perguntei enquanto ele direcionava o cavalo pela fazenda.

— Digamos que sim.

— Posso saber por quê?

— No nosso casamento, você, pela primeira vez, me chamou de príncipe em vez de palhaço, eu quis, de alguma maneira, provar a você que sou um verdadeiro Lorde.

— Isso não tem a ver com as meninas, não é mesmo? — perguntei.

— Não. Estou ansioso para vê-las, mas, a partir do nascimento delas, me tornarei o carrasco quanto ao assunto *namorados*. Nathan e seu pai já estão me deixando de cabelos brancos antes mesmo que elas possam fazer isso.

— Para mim você sempre será um príncipe, meu amor, seja maldoso apenas em nosso quarto.

Ele suspirou longamente tentando se acalmar e sussurrou baixinho:

— Ah, Diaba!

— O que você disse? — perguntei, fazendo com que ele parasse o Max e me olhasse surpreso.

— Não disse nada — respondeu ele nervoso. — Você escutou algo?

— Você acabou de me chamar de diaba?

— Oh não. Nunca! — Ele deu um sorriso sem graça e fez com que Max andasse novamente. — Você está imaginado coisas, meu amor.

— Hummm... — murmurei ao encostar minha cabeça em seu peito.

— Precisamos de nomes para elas.

— Você já está pensando em nomes?

— Meu amor, a cada segundo. Desde que me disse sobre a gravidez alguns dias atrás, é nisso somente que penso. Nelas.

— Acha que seremos bons pais?

— Seremos os melhores pais do mundo para elas, princesa. Aprenderemos aos poucos como lidar com duas crianças, mas seremos os melhores para elas.

Eu me senti confortável com suas palavras e disse:

— Eu gosto de Holly.

— Holly é bonito — admitiu ele. — Gosto de Kylie.

— Holly e Kylie — falei logo, dando um sorriso. — Perfeito.

— Viu? Já escolhermos os nomes, agora só falta o colégio interno onde elas vão passar a vida toda.

Dei um tapa em seu peito, fazendo-o gargalhar e senti seus lábios

tocando o topo da minha cabeça.

— Vamos para a festa, princesa — disse ele, fazendo com que Max acelerasse seus trotes e o vento frio batesse em meu rosto.

Capítulo 48

LUIS BROWN

— Melissa, Paola e mais duas meninas. Parabéns, irmão, você está provando que é um verdadeiro bastardo adotado — disse meu irmão se aproximando de mim.

— Holly e Kylie serão lindas freiras — eu disse olhando Melissa, que andava pelo salão com o vestido que eu havia escolhido, especificamente, para minha diaba.

Dei um sorriso ao ver a quantidade de meninas ao seu redor e vi o sorriso da minha esposa ao tentar dar sua atenção para todas elas.

— Minhas netas não serão freiras, Luis — disse Alberto, se posicionado ao meu lado.

Soltei um suspiro ao perceber que estava no meio dos dois, fugir da conversa seria praticamente impossível.

— Gostei dos nomes — Alberto admitiu.

— Também gostei — concordou Nathan. — Qual você acha que vai namorar primeiro, Alberto? Holly ou Kylie?

— Kylie com certeza — disse Alberto, tomando um gole da sua bebida.

— Holly pode arrumar um, não dar certo e arrumar outro.

— Vão ao inferno vocês dois! — esbravejei, ouvindo ambos gargalharem alto.

— Aprenda a brincar, irmão. Cadê seu bom humor? — perguntou Nathan, tocando em meu ombro.

— Não ria, Nathan, o jogo pode virar, você pode acabar tentando uma menina também — disse, vendo o sorriso do meu irmão sumir. Finalmente pude rir.

— Não teremos mais filhos, Arthur e Austin já são suficientes. — disse ele me encarando. — E sua fantasia está ridícula.

— Sou o príncipe encantado que a loirinha contratou. Acho que ela gostou de me ver com essa roupa.

— Seu...

— Vai pro papai, amor. — A voz de Bruna fez com que Nathan não completasse a frase e olhasse para sua esposa, que estava atrás de Austin enquanto o pequeno andava com um sorriso encantador na direção do pai.

Nathan se agachou e incentivou o filho, que soltou um gritinho animado e apressou os passos, fazendo com que Bruna ficasse em alerta, com medo que o filho caísse. Quando Austin finalmente conquistou os braços do pai, Nathan se levantou e, após beijar a esposa, beijou a bochecha do filho.

— Está se imaginado? — perguntou Alberto baixinho.

— É loucura já querer que isso aconteça comigo?

— Não. Senti a mesma coisa quando Anne estava grávida.

— Mamãe, olha um príncipe! — gritou uma menininha que estava segurando a mão da mãe enquanto apontava para mim.

— A mamãe está vendo, filha. Vendo perfeitamente — disse a mulher, me olhando de uma maneira sensual.

— Quero tirar uma foto — disse a garotinha animada, puxando a mãe.

— Calma, filha — pediu a mulher. — Você pode tirar uma foto com a minha filha? — perguntou.

— Claro vai ser um prazer — eu disse, pegando a menina de cabelos dourados no colo e sorrindo ao ver que a mãe dela já estava com a câmera do celular apontada para um selfie. — Qual é o seu nome, princesa?

— Mia — respondeu a menina me mostrando um sorriso tímido. Coloquei-a novamente no chão e a vi correr para alguma das direções do salão.

— O meu é Lent — falou a mulher.

— Amor, você pode ir ver os trigêmeos? Kairan derrubou suco no Can e Luke quer um pedaço de bolo — disse Melissa se aproximando e tocando meu braço.

— Você é pai de trigêmeos? — perguntei Lent.

— Tem a caçula de três anos e eu estou grávida de gêmeas. A fábrica aqui está difícil de fechar — falou minha esposa, antes que eu pudesse falar qualquer coisa. — Né, amor? — perguntou ela, me olhando seriamente.

— Sim, verdade — concordei. — Que venham muito mais! — disse, puxando-a pela cintura e beijando sua bochecha.

— Bom. Acho melhor eu ir atrás da Mia.

— Também acho, querida — Melissa foi irônica, me fazendo rir ao ver Lent sair jogando os cabelos de lado, indo atrás da filha.

— Trigêmeos e uma caçula de três anos? — perguntei olhando Melissa.

— Não me venha com gracinhas, Luis, essa mulher praticamente beijou seus pés. E se está pensando em me deixar com as meninas para correr atrás de rapariga, pode tirar seu cavalinho da chuva. — Ela se afastou dos meus braços e saiu pisando duro.

— O que fiz? — perguntei a Alberto, confuso, ainda vendo Melissa se afastar.

— Mulheres... Não tente entendê-las e nunca ouse falar que elas estão erradas. Com o tempo você aprende.



Desci as escadas da nova casa que havíamos comprado fazia alguns dias, as gêmeas precisariam de espaço e, infelizmente, o apartamento não seria grande o suficiente para acomodar três adultos e duas crianças.

O relógio sobre a lareira marcava duas da manhã e Melissa estava sentada no sofá enquanto alisava a barriga de quatro meses de gravidez. Sua pele havia ganhado um dourado graças ao fogo da lareira, seus cabelos longos estavam divididos em dois lados do seu corpo e em seu rosto havia um sorriso

tímido, que me fez desejar que essa visão nunca acabasse.

Sentei-me em um degrau da escada e observei minha esposa passar a mão sobre o pijama de seda que cobria sua barriga, onde se abrigava nossas filhas.

— Vai ficar me admirando por quanto tempo? — perguntou esposa, me fazendo perceber que ela me olhava.

— Pensei que não tinha me ouvido chegar — disse, me levantando para caminhar até ela e me sentei ao seu lado, tocando sua barriga.

— Seu perfume sempre me avisa quando está por perto.

— Qual é o motivo para você estar aqui acordada?

— É difícil dormir com esse barrigão, principalmente com elas se mexendo.

— Elas se mexem?

— São uns movimentos pequenos. Não acho que seja forte o suficiente para você sentir.

— É uma pena, gostaria de sentir.

— Ainda é muito cedo — disse ela colocando sua mão sobre a minha. — Conversei com sua mãe ontem.

— Se o assunto foi, novamente, ela tentando te convencer de que devemos ir morar na fazenda, minha resposta continuar sendo a mesma.

— Eu sei — falou ela, dando um suspiro. — Por isso eu disse a ela que pode ficar aqui quando as meninas nascerem.

— Você o quê?! — perguntei olhando ela.

— Ela quer ficar perto das netas.

— Melissa, minha mãe quer que todos fiquemos onde seus olhos nos podem ver e cuidar.

— Ela se sente solitária. Nathan tem a Bruna, Matt a Noemi, Theo a Paola, você me tem, e ela, depois que seu pai faleceu, se dedicou apenas à família. Agora que todos têm alguém para cuidar, só restaram os netos para ela. — Senti sua mão tocar meu rosto e ela abriu um sorriso conquistador. — Ela ficará apenas alguns dias.

Fechei os olhos respirando fundo e disse:

— Tudo bem.

— Sabia que você concordaria — disse ela animada, pulando em meu colo e me abraçando.

— Agora vamos para o quarto, vou fazer uma massagem em seus pés e por minhas princesinhas para dormir.

Ela soltou um gemido de satisfação e me apertou ainda mais em seus braços.

— É tudo que preciso. Uma boa e relaxante massagem em meus pés.

Eu a peguei em meus braços dando um beijo em sua cabeça e a levei para nosso quarto. Depois de colocá-la na cama, peguei um creme massagador de pêssago e passei em seus pés, gentilmente, pegando nos pontos que sabia que ela sentia dor.

Quando terminei, puxei-a para que se encostasse ao meu corpo e dormi sentindo seu doce perfume.

Capítulo 49

MELISSA BROWN

Sinceramente não consegui encontrar as maravilhas da gravidez que Bruna havia citado. Estava, literalmente, ENORME! As meninas não me deixavam dormir chutando minhas costelas, meus pés estavam sempre inchados e pesados, minhas costas me matavam e eu chorava por qualquer motivo. E não citarei minhas inúmeras idas ao banheiro.

Luis tentavam ser paciente e sempre me ajudava quando eu precisava, mas gostaria de fazer alguma coisa sem precisar de ajuda. Paola havia começado a faculdade de psicologia e Luis, depois de ter terminado a faculdade, estava em meu lugar no escritório, já que ele não me deixava fazer nada.

Estava com sete meses e, apesar de me sentir uma baleia, estava com medo de quando tivesse as duas em meus braços. Ser mãe de primeira viagem seria difícil, mas ser mãe de gêmeas me assustava. Ser responsável por duas pessoinhas tão minúsculas e dependentes de você... Temos que admitir, era assustador.

Luis, há algumas semanas, havia me levado até uma aula de pais de primeira viagem e digamos que, apesar de usarmos uma boneca representando um bebê, o curso foi útil para eu perceber que Luis seria um ótimo pai. Até em trocar fraldas ele se destacava em relação aos outros pais. Também, após ter ajudado Nathan com Arthur, ele já havia aprendido alguns truques.

O quarto delas já estava pronto, o tema princesinhas foi exigido por Luis e não quis discordar. O tom rosa-claro estava por todas as paredes e coroas douradas se espalhavam pela decoração. Decidimos que, por enquanto, seria melhor ter as duas em um quarto só, e quando elas estivessem maiores, poderíamos montar um quarto para cada uma.

Meu pai, apesar das provocações com Luis, se mostrou presente na minha gestação. Apesar de eu achar um exagero que ele estivesse até nas consultas mensais com a minha médica.

— Precisamos mesmo de tantos negócios para a cabeça? — perguntou Luis segurando uma tiara branca de tecido na loja de bebês.

— Sim. Precisamos — eu disse, tirando dele a tiara. — E isso se chama tiara, não negócio.

— Ok — respondeu ainda mexendo no carrinho de compras. — Para que prendedor de cabelo? Elas precisam mesmo sair tão arrumadas assim?

— Luis, meninas precisam de acessórios. E pare de ser resmungão.

— Estou apenas fazendo perguntas.

— Se fosse por você, nem vestidos elas teriam.

— Elas podem usar calças.

Olhei para ele mostrando minha feição e voltei a olhar as roupinhas para gêmeos.

— Pare de discussão, amor, e me ajude a achar uma roupinha para elas.

— Gostei desse — disse ele, me fazendo olhar e sorrir ao ler o que estava escrito em um vestido: “SOU EXCLUSIVAMENTE DO PAPAI”.

— Sim, esse é perfeito.

— Vamos levar dois iguais, assim poderemos colar nelas sempre que sairmos.

Dei uma gargalhada e o beijei rapidamente.

— Amor, entenda uma coisa, até os 15 anos elas não irão namorar ninguém.

— Como assim 15?

— Tive meu primeiro namorado aos 15.

— Oh! Não. Elas não vão namorar até que estejam com 30 anos.

— E como você será avô? — perguntei cruzando meus braços.

— Não serei — respondeu deixando a roupinha dentro do carrinho de compras.

— Theo, com certeza, quer ter filhos — eu disse, fazendo com que ele parasse e me olhasse como se eu tivesse feito algo errado.

— Nem comece, Melissa, Paola é muito jovem para ficar grávida ou se casar. E o lance entre eles não vai durar.

— Eles estão namorando, Luis, e mesmo sem você apreciar muito a ideia, um dia a nossa filha mais velha se casará.

— Droga. Já é difícil ver aquele folgado tocando na minha filha, e ainda terei que passar por isso mais duas vezes.

— Não se preocupe com isso agora — eu disse me aproximando dele e passando meus braços sobre o seu pescoço para beijá-lo. — Elas serão suas menininhas por muito tempo.

— Assim espero — disse ele, após te devolvido o beijo.



Paola se sentou ao meu lado, passou brevemente a mão sobre a minha barriga e se arrumou para que pudéssemos assistir a um filme em família.

Luis se aproximou com um balde grande de pipoca, depois de beijar a testa da filha, que mexia no celular, e se sentou ao meu lado.

— Paola, deixe esse celular e fique por algum momento com a sua família — pediu Luis, enquanto iniciava o filme.

— Estava dando boa noite para o Theodoro — explicou ela, deixando o celular sobre o sofá e pegando um pouco de pipoca.

— Ele não quis vir? — perguntei.

— Eu quis passar um tempo apenas com vocês e ele compreendeu.

— Hummm... — resmungou Luis. — Fico feliz que queira passar um tempo com os seus velhos.

— Eu sempre fico com vocês, pai.

— Não implica com ela, Luis. Conciliar a faculdade, o namoro e a

família é difícil — falei.

Luis entregou o balde de pipoca para Paola, aproximando o rosto da minha barriga.

— Ei, minhas pequenas! — chamou ele, fazendo com que elas instantaneamente se movessem para o pai. — Quando vocês crescerem, não esqueçam o papai nem a mamãe, como faz sua irmã.

— Pai! — exclamou Paola.

— Luis?

— Deixarei vocês namorarem, pois quero ver vocês felizes, mas eu vou escolher os pretendentes — disse ele fazendo as meninas se mexerem novamente. — Não adianta reclamarem — resmungou ele. — Já basta eu deixar que vocês namorem. Sei que irão crescer e, assim como sua irmã, encontrarão a felicidade em outra pessoa, mas quero que entendam que, antes de vocês amarem outras pessoas, eu já amo cada uma, e esse amor será eterno.

— Pai — Paola o chamou com os olhos marejados. — Eu... Eu amo você, assim como amo a mamãe, e vocês sempre terão um lugar em meu peito, então pare de fazer as meninas me acharem uma vilã.

— Não estou te tachando como uma vilã. Apenas é difícil entender que, depois de tudo que fiz para cuidar de você, vem o folgado do Theodoro e a retira de mim.

— Pai...

— Eu não terminei... Vocês quatro são tudo para mim, e mesmo que eu tenha uma maneira bruta de interpretar isso, tenho medo de que algo possa

machucar vocês, é por isso que eu as protejo. Pra que nenhum mal possa machucar as pessoas que eu amo.

— Oh... Você está me fazendo chorar — eu disse, puxando os dois para um abraço. — Eu amo vocês.

— Eu amo você, meu amor — disse Luis.

— Mesmo achando isso melancólico e fora dos meus padrões, eu amo vocês, mãe e pai — disse Paola nos fazendo rir.

— Tem que mesmo manter seu lado durão? — perguntei a ela quando ambos se afastaram dos meus braços.

— Ah, sim! Com certeza — disse ela enxugando as lágrimas. — Mas tenho que confessar, de um tempo para cá, meu lado durão tem se desfeito aos poucos.

— Você se tornou uma Brown, querida, somos emotivas — eu disse enquanto secava minhas lágrimas.

— De um tempo para cá, você tem chorado muito mais — falou Luis, se sentando devidamente e beijando minha bochecha.

— Os hormônios da gravidez têm me deixado emotiva — expliquei a ele.

Luis encarou Paola assustado e, mesmo ressentido, ele perguntou:

— Paola... vo-você...

— Não termine a frase pai. Não tive relações ainda, e você sabe que o

Theo é todo certinho, ele não vai avançar o sinal antes do casamento pai.

Luis suspirou aliviado e sussurrou um “ufa”.

— Você o ofende assim, ele nem toma refrigerante... Infelizmente ainda não rolou nada.

— Como assim *infelizmente*, Paola Brown?! Oh inferno! Esqueçam o que eu disse, meninas, não sei lidar com isso, vocês vão morrer solteiras.

— Luis?!

— Melissa, é muita pressão.

Paola gargalhou alto e disse ao pai furioso:

— Estou brincando, pai. Ambos decidimos esperar.

— Paola, não faça isso com seu pai — eu a repreendi.

— A cara dele foi hilária — disse ela ainda rindo.

— Você ainda me matará do coração — disse ele para ela e se encurvou para alisar minha barriga, dizendo baixinho: — Espero que vocês sejam mais compreensivas com o papai, pois, se não forem, terei cabelos brancos antes dos 40.

Capítulo 50

MELISSA BROWN

Fechei a bolsa da Holly e parei brevemente quando senti uma pequena dor no meu ventre, que me fez respirar fundo. Toquei minha barriga e sorri ao saber que logo veria o rosto delas. Esses nove meses foram cheios de novidades.

A descoberta da gravidez juntamente com a revelação do sexo das meninas, o jeito com que Luis lidou com a situação, a preparação para a chegada das duas e as mudanças ocorridas.

Estávamos indo para o hospital, eu ficaria internada até o nascimento das meninas, já que estava tendo algumas contrações fracas desde a madrugada. Luis quase me arrastou para o hospital com medo de que eu tivesse um parto em casa, como Bruna teve. Ele certamente não saberia lidar com toda a tensão sem ter toda uma equipe para me atender e atender as meninas.

Cloe estava na nossa casa fazia algumas semanas, e com isso eu me sentia confortável, mesmo que Luis quase enlouquecesse com sua mãe e Paola o estressasse com qualquer coisa.

— Você está sentindo algo? — perguntou Luis entrando no quarto das meninas e me olhando preocupado.

— Estou bem — admiti. — Terminei de verificar as malas da Holly e da Kylie.

— Então podemos ir?

Respirei fundo e olhei para o quarto todo arrumado, os dois berços

brancos com um mosquiteiro da mesma cor, com detalhes dourados nas pontas, estavam sobre cada berço. Duas placas redondas em tons de rosa com coroas brancas indicavam os nomes das meninas, cada uma sobre seu berço. Uma cadeira de amamentação branca estava no meio dos berços e alguns ursinhos de pelúcia vestidos de princesas encerravam a decoração.

— Sim, podemos — respondi sorrindo.

— Na próxima vez que formos entrar aqui, teremos elas em nossos braços — disse ele, beijando minha testa transmitindo um pouquinho de tranquilidade.

Não via a hora de vê-las e sabia que ele estava tão ansioso quanto eu. Dei um sorriso, ele retribuiu o gesto e pegou as malas das meninas.

— Vou deixar as malas no carro e você me espera para que eu possa te ajudar a descer as escadas.

— Posso descer sozinha. Estou bem.

— Não quero que desça sem minha ajuda, Melissa. Mesmo que as contrações estejam fracas, pode ocorrer algo e eu não quero que você arrisque a sua vida ou as das meninas. Estamos entendidos? — perguntou de maneira firme, me olhando no fundo dos meus olhos.

— Estamos — afirmei.

— Ótimo. — Ele tornou a me beijar rapidamente. — Não irei demorar. — Ele saiu do quarto e, logo após, Cloe e Paola entraram.

— Como se sente, querida? — perguntou Cloe docemente.

— Estou bem — disse a ela.

— Deveria se sentir assim? — perguntou Paola, me olhando de maneira assustada.

— Sim, filha, é definitivamente normal. Ainda não estou sentindo as contrações forte — eu a tranquilizei.

— Quer que eu te ajude a descer as escadas? — perguntou Cloe tocando meu ombro.

— Ficaria grata.

— Então vamos, querida — disse ela, me guiando para fora do quarto.

Segurei forte a mão de Cloe e o corrimão e descemos cada degrau lentamente enquanto Paola ia na frente com um travesseiro e minha bolsa, que continha meus documentos. Quando chegamos à metade das escadas, Luis segurou minha outra mão e me ajudou a terminar de descer.

Respirei fundo quando outra dor pequena surgiu, fazendo ambos pararem e me olharem preocupados.

— Podemos continuar? — perguntou Cloe quando percebeu que a contratação havia terminado.

— Podemos — afirmei a ela.

Paola havia colocado o travesseiro nas minhas costas quando me sentei no banco do carro e soltei um gemido de dor ao sentir as meninas se mexerem. Cloe entrou no carro, na frente, e Paola foi atrás comigo segurando minha mão.

Ao chegar ao hospital, a médica verificou os batimentos cardíacos das meninas e se retiraram dizendo que voltariam para me examinar novamente.

Enquanto as horas iam se passando, as dores se tornavam mais fortes e com intervalos menores, mas ainda não havia muita dilatação e a bolsa não havia estourado.

Cloe havia levado Paola para casa, eu não queria que ela perdesse a aula na faculdade. Bruna havia me ligado perguntando como eu estava e pedindo desculpas por não poder vir me ver, já que Austin estava gripado. Nathan passou brevemente para dar uma força ao irmão e me tranquilizou me dando um beijo na testa e me desejando boa sorte.

Diogo estava com a minha mãe em algum lugar do hospital, já que cansaram de ficar no quarto. Meu pai se mantinha firme ao lado da minha cama, assim como Luis, que estava do outro segurando minha mão.

Tentei me levantar da cama, mas por qualquer esforço minha pélvis doía. Luis se aproximou notando que eu não conseguiria descer sozinha da cama e me ajudou.

— Onde gostaria de ir, amor? — perguntou ele quando, finalmente, eu estava em pé.

— Só preciso caminhar um pouquinho — respondi, já me afastando dele.

— Não seria melhor ficar deitada? Vai que elas nascem...

— Oh, meu amor, vai demorar para elas nascerem. Uma caminhada alivia um pouco a dor. Não se preocupe, nossas filhas não vão nascer de repente ou facilmente, isso vai demorar.

— Concordo com o Luis, filha, talvez seja melhor se deitar — meu pai pronunciou me olhando enquanto dava algumas voltas pelo quarto.

— Viu, princesa? Melhor você se deitar — reforçou Luis.

— Irei me deitar assim que acha que devo, até lá, me deixem em paz — eu disse, sem paciência para os dois.

Eles se mantiveram em silêncio por um tempo, e isso me deixou aliviada, não queria receber ordens nesse momento, precisava apenas de um pouco de paz.

Firmei-me na parede quando uma dor forte avançou meu útero e me fez gritar, ambos vim na minha direção. Luis fez uma massagem nas minhas costas enquanto eu sentia a dor e meu pai segurou minhas mãos. Quando a dor passou, meu pai deu um beijo na ponta do meu nariz e retornou ao seu lugar, enquanto Luis se manteve ao meu lado.

— Essa foi mais forte que as outras? — perguntou ele preocupado, apenas confirmei.

Toquei na minha barriga quando senti uma pequena físgada e uma grande quantidade de líquido escolheu pelas minhas pernas.

— Oh! — exclamei. — A minha bolsa estourou.

— Vou chamar uma enfermeira — disse meu pai, já saindo do quarto.

— Vamos para a cama agora, princesa — disse meu marido me guinchando em direção à cama.

Ele me ajudou a me deitar e carinhosamente me beijou.

— Elas estão chegando — eu disse emocionada.

Ele abriu um sorriso charmoso e disse:

— Sim, amor, nossas meninas estão chegando.



Uma médica verificava sempre a minha dilatação, e mesmo com o passar do tempo, eu ainda não tinha dilatado o suficiente. Tentava me acalmar e regular a respiração quando uma contração vinha, mas era inevitável gritar. A dor praticamente me rasgava pelo meio. Luis aliviava pouquíssimo a dor com as massagens nas minhas costas, mas já era um alívio saber que ele tentava, de alguma maneira, aliviar meu sofrimento.

Alguns minutos se tornaram horas de tortura, eu me sentia cansada e suada. Quando finalmente havia dilatação o suficiente para o parto, Luis segurou forte a minha mão enquanto eu fazia as primeiras forças.

— Isso, Melissa, já consigo ver a primeira chegando. Só mais um pouquinho de força e Holly nascerá — disse a médica animada.

— Você está indo muito bem, meu amor — incentivou Luis beijando minha testa.

— Dói muito — gemi dolorosamente.

— Eu sei, meu amor, logo você não se lembrará mais das dores quando estiver com suas miniaturas nos braços — disse ele calmamente, enquanto passava as mãos em meus cabelos molhados pelo suor.

Outra contração me impediu de dizer qualquer coisa a ele e me vi na obrigação de empurrar novamente, segurando forte a mão do meu marido.

Deixei minha cabeça encostasse no travesseiro e suspirei cansada de empurrar, aparentemente, para nada.

O som da porta sendo aberta foi ouvida e meu pai logo apareceu ao meu lado segurando minha outra mão.

— Senhor, não pode ficar aqui — disse a enfermeira que auxiliava a médica.

— Uma ova que não posso ficar! — esbravejou meu pai. — Não vou perder o nascimento das minhas netas.

— Deixe que ele fique — pediu Luis.

— Obrigado — agradeceu meu pai, olhando com gratidão para meu marido.

— Não agradeça, sogrão — respondeu Luis, fazendo meu pai bufar.

— Ei, princesinha! — meu pai falou comigo gentilmente. — Essas menininhas estão dando trabalho. Venham, meus amores, venham conhecer o vovô.

Deixei que as lágrimas caíssem por meu rosto e novamente fiz força, juntamente ao meu grito, um choro irritado foi ouvido e me fez respirar de alívio.

— Olha que princesinha, mamãe, só precisava do avô para nascer —

disse a médica, levando Holly que chorava forte, totalmente suja de sangue. — Vem, pai, cortar o cordão umbilical.

Olhei para meu marido que via nossa filha ser limpa e vi que lágrimas escorriam por seu rosto, ele estava fascinado com a visão. E mesmo com medo, ele foi até ela e cortou o cordão umbilical, a trazendo para mais perto enrolada em um pano hospitalar. Holly já havia parado de chorar, apenas resmungava enquanto Luis tentava acalmá-la. Ela era minúscula, seus olhinhos estavam fechados, mas sua boquinha rosada se abria e fechava várias vezes, seus cabelos negros, aparentemente ralos, cobriam a sua cabecinha. Holly foi retirada dos braços de Luis para ser examinada e novamente fiz força segurando a mão do meu pai e a do meu marido.

Oito minutos depois, o choro de Kylie foi ouvido alto no quarto e gentilmente Luis deixou que meu pai cortasse o cordão da neta, meu pai segurava Kylie gentilmente, enquanto olhava para ela com amor. Elas eram exatamente iguais, mas Kylie estava com os olhos abertos, piscando para que pudesse se acostumar com a luz, me dando a visão dos seus olhos azuis, assim como os do pai.

Uma legítima Brown.

Chorei de alívio e de alegria ao vê-las saudáveis e fortes, como havia pedido. Meu peito se encheu de um sentimento amoroso, cuidadoso e prazeroso. O sentimento de mãe. Depois de limpas e pesadas, Holly e Kylie vieram para o quarto onde eu estava e novamente me emocionei ao vê-las com as roupinhas cor-de-rosa que Cloe e minha mãe haviam dado.

Peguei Kylie com cuidado e beijei sua cabeça, fazendo-a se mexer em meus braços, Luis segurava Holly e se sentou ao meu lado para que eu pudesse vê-la melhor.

— Elas são lindas — disse meu pai.

— Sim. São belíssimas — afirmei.

— Teremos problemas em manter os meninos longe delas, Luis.

— Pensei que não se importasse com os futuros namorados delas, sogrão — disse Luis.

— Esqueça as piadas, elas são minhas netas e nenhum menininho sujo chegará perto delas — respondeu meu pai olhando para as netas. — Nada de namoro, meninas — disse ele, firme, fazendo ambas se mexerem. — Abusadas igual ao pai — resmungou ele.



Paola entrou no quarto ressentida e aos poucos se aproximou da cama enquanto eu alimentava Holly. Ela sussurrou um “oi” tímido e olhou para Kylie dormindo tranquilamente depois de ter sido alimentada, nos braços do pai, que estava sentado ao meu lado.

— Como se sente? — perguntou minha filha.

— Cansada, porém feliz — admiti, passando o polegar na bochecha de Holly.

Paola beijou minha testa me lançando um sorriso e sussurrou às irmãs:

— Bem-vindas à família Brown.

Capítulo 51

LUIS BROWN

Frágil.

Era esse aviso que eu gostaria de colocar em Kylie e Holly ao vê-las praticamente pular de colo em colo, enquanto eram paparicadas por todos os familiares.

Minha vontade era pegá-las e nunca mais soltá-las, não tinha nem dez horas que eu havia, definitivamente, me tornado pai ao pegar cada uma nos braços e já as arrancaram de mim.

Elas eram minhas princesinhas e eu gostaria de mantê-las na minha zona de proteção, não de mão em mão. Melissa, após tê-las alimentado pela terceira vez, havia dormido. Ela estava cansada, fiquei mais aliviado ao ver que ela finalmente estava descansando.

O parto foi assustador. Ver minha esposa se contorcer de dor fez com que eu me sentisse um inútil, sem poder fazer nada para aliviar sua dor ao não ser as massagens. Pensei que seu parto seria rápido, assim como foi de Bruna, mas me enganei. Ao ver o sofrimento de Melissa com o passar das horas, quase gritei para todo mundo que tirassem as meninas de uma vez.

E agora todas estavam bem, e era isso o que importava.

— Como se sentiu ao vê-las? — perguntou meu irmão ao meu lado.

— É impossível explicar, eu já as amava, agora o sentimento simplesmente se multiplicou — tentei explicar, enquanto olhava Bruna

sentada em uma poltrona segurando Kylie, mostrando-a a Austin, que olhava para minha pequena filha com atenção.

— Aproveite, irmão — disse ele tocando meu ombro e se afastou juntando-se à sua mulher.

Puxei Paola fazendo-a se afastar de Theodoro e a envolvi em meus braços.

— Pai...

— Shiuu... Você e Theodoro parecem que nunca se viram, só ficam grudados.

— Quer que eu o abrace também Luis? — debochou Theo.

— Não abusa da nossa amizade, Theodoro, ainda posso levar Paola para a Ásia e deixá-la trancada em um templo budista.

— Pai! Pare de brincadeira — disse minha filha, me abraçando ainda mais apertado.

— Quem disse que estou brincando? — perguntei, fazendo com que ela me olhasse espantada.

— Não se preocupe, Pérola rosa, me casarei com você antes que ele possa fazer qualquer coisa — Theodoro a tranquilizou.

— Minha filha não irá se casar com você, Theo — eu disse, firme.

— Isso é ela quem decide — ele disse com um sorriso nos lábios.

— Folgado — murmurei, mantendo Paola perto do meu corpo.

— Acho que essa pequena se cansou de dormir — disse Noemi, me entregando Holly, que agora estava com os olhos azuis abertos e se mexia nos braços dela.

Paola se afastou dos meus braços, me fazendo bufar ao ver que ela fora novamente para Theo. Peguei Holly com cuidado e beijei sua cabeça sobre a tiara branca com bolinhas douradas. Ela fechou os olhos e fez uma careta, estava claro iria chorar.

— Nem pensar em chorar, mocinha — falei baixinho a ela, enquanto a ninava. — A mamãe está cansada, então coopere, Holly.

Ela resmungou irritada, e logo tornou a abrir olhos. Ela ficou assim por um tempo, até que bocejou e ficou quietinha em meu colo.

Depois de um tempo, todos foram embora, ficaram somente a família da minha esposa e minha mãe. Melissa havia acordado fazia alguns minutos e as enfermeiras a ajudaram a tomar um banho, enquanto outra dava banho nas meninas.

Holly estava nos braços da avó materna depois de ter se irritado com o primeiro banho e Kylie resmungava enquanto eu tentava terminar de vestir uma roupa quente nela.

Arrumei seu cabelo da maneira que achei melhor e ouvi a gargalhada alta de Alberto.

Olhei para ele duvidoso e o perguntei:

— O que é tão engraçado?

— Você penteou os cabelos dela como se fosse um menino.

Olhei para Kylie com atenção e não vi nada de incomum.

— Não acho que ela esteja com um penteado de menino, sendo que está totalmente de rosa.

— Há diferenças. Arthur e Austin, com certeza, ficaram lindos com esse penteado, mas Kylie está muito engraçada.

— Como faria? — perguntei ao meu sogro.

Ele pegou a escova que estava em minha mão e arrumou o cabelo de Kylie somente de um lado. Depois colocou um adereço lilás no topo da cabeça da minha filha.

— Com o tempo você aprende — disse ele com um sorriso satisfeito nos lábios e me entregou Kylie.



— Luis! — gritaram as três enquanto eu descia as escadas com Kylie e Holly.

— Minha resposta é não — disse firme novamente à minha mãe, Paola e Melissa. — Agora parem de insistir, vocês vão acordar as meninas.

— Por que ela não pode ir? — perguntou minha mãe.

— Porque eu disse não — tentei ser convincente enquanto andava pela sala com as minhas filhas.

— Pai, eu prometo me comportar — disse Paola gentilmente, mas eu a ignorei.

— Não prometa nada, Paola, você não é uma criança — pediu Melissa.

— Luis está sendo o único infantil aqui — reforçou a minha mãe.

— Deixe ele, filha. Você pode, sim, ir à festa com o Theo — disse Melissa, dessa vez, me fazendo olhar para ela com indignação. — Não adianta me olhar assim, Luis Brown, ela é minha filha tanto quanto é sua e posso deixar que ela faça o que quiser.

— Melissa, eu disse que ela não poderia ir.

— Mas eu disse que pode, sim. Ela tem 20 anos, Luis, não é uma criança. E eu prefiro saber onde ela está a pensar que ela pode estar fazendo algo escondido de mim.

— Concordo com Melissa — pronunciou minha mãe.

— Vocês estão passando por cima da minha autoridade de pai.

— Estou apenas tentando abrir sua cabeça dura e mostrar que ir a uma festa não vai matá-la.

— Merda — murmurei sabendo que não poderia debater com Melissa e que certamente, se o fizesse, perderia.

As meninas acordaram choramingando. Minha mãe pegou Holly dos meus braços e Melissa pegou Kylie. Todas ficaram paradas me olhando e tive que suspirar diversas vezes para não surtar com as cinco mulheres da minha vida bem na minha frente.

— Tudo bem — disse baixinho.

— O que ele disse? — perguntou minha mãe.

— Não escutei nada — falou Melissa. — Você escutou algo, Paola?

— Não, não ouvi nada — reforçou minha filha.

Suspirei novamente sabendo que todas haviam ouvido muito bem o que tinha dito e que estavam fazendo isso apenas para me irritar.

— Tudo bem — falei novamente. — Paola pode ir à festa com Theo.

Todas gritaram animadas assustando as minhas filhinhas, que começaram a chorar. Melissa e minha mãe as acalmaram rapidamente e subiram as escadas entusiasmadas, empurrando Paola.

Joguei-me no sofá desanimado e soltei o ar lentamente. Fazia um mês que as meninas nasceram, desde esse dia eu quase enlouquecia e me assustava sempre ao perceber o quanto elas tinham poder na minha vida.

Kylie era a mais calma se comprada à irmã, era raro quando ela se exaltava ou se irritava. Já Holly herdou um gênio forte, o que a fazia chorar e se irritar por qualquer coisa. Com o tempo fomos descobrimos como acalmar a pequena Holly, e apenas era necessário que a Paola se aproximasse. A irmã mais velha era a única que acalmava Holly quando todos já haviam desistido.

Fechei meus olhos por um momento, o silêncio era assustador. Levantei-me do sofá, subi as escadas, entrei no quarto das minhas princesinhas e vi Melissa alimentando a ambas. Dei um sorriso ao vê-las assim, juntas, e me aproximei da minha esposa.

— Ainda está bravo comigo? — perguntou ela, meio ressentida.

— Não estava bravo com você, amor.

— Pensei que estivesse depois do que aconteceu na sala.

— Não se preocupe com isso, ainda não consigo entender que Paola já não precisa dos meus cuidados como antes.

— Ela precisa, sim, de você, mas do meu amor e carinho. Nossa filha sabe lidar com esse mundo cruel, ela é forte para se afastar de qualquer coisa que possa machucá-la.

— Mudarei aos poucos — fui sincero.

— Fico feliz em ouvir isso.

Beijei sua testa com carinho e ficamos assim até as meninas dormirem e a colocarmos no berço.



Fazia alguns minutos que Paola havia saído de casa para jantar e seguir para uma festa com Theodoro, e eu tive que engolir meu orgulho ao deixá-la ir livremente.

Melissa desceu as escadas com um vestido esverdeado na altura dos joelhos e, enquanto ela descia, carregava um sorriso lisonjeiro nos lábios. Ela se aproximou tocando meu abdômen e foi subindo aos poucos, até que seus braços estavam em volta do meu pescoço, então me beijou carinhosamente.

— Prometa que não surtará — sussurrou ela com sensualidade ao meu ouvido.

— Por que eu surtaria com seus carinhos quentes? — disse eu, puxando-a para mais próximo do meu corpo. — Sabe que não podemos ainda... — Eu a afastei.

— Eu sei, estou apenas tentando deixá-lo relaxado — disse ela, me fazendo olhá-la de maneira duvidosa.

— Seja lá o que quer dizer, seja breve.

— Vamos sair.

— Vamos? Mas e as meninas?

— Vão conosco, assim como todos da família.

— Alguma reunião de última hora na fazenda?

— Não, vamos comemorar um noivado.

— Diogo pediu Gabby, finalmente, em casamento? — ela negou. — Bom, se não é o Diogo, só sobra a... — Não completei a frase e me afastei de Melissa quando o seu sorriso aumentou.

— Theo vai pedir a Paola em casamento — disse ela, me fazendo estremecer.

Aquele folgado ia pedir a minha filha em casamento e não teve a capacidade de vir me informar!

BÔNUS PAOLA BROWN

Theodoro me ajudou a descer do carro e entrelaçou nossos dedos para caminhamos de mãos dadas até a recepção do restaurante, após ele ter dado a chaves ao manobrista. A recepcionista nos direcionou até uma mesa reservada do restaurante japonês, me sentei na pequena almofada que estava no chão e Theodoro se sentou na minha frente com um sorriso encantador.

— O que foi? — perguntei sorrindo também.

— Nada. Estou apenas olhando para minha belíssima namorada — respondeu ele, me fazendo sorrir ainda mais.

— Você é um bobo — disse, pegando o cardápio para analisá-lo.

— Talvez seja — disse ele, também pegando o cardápio. — Já comeu comida japonesa?

Olhei para ele por cima do cardápio e neguei.

— Não sei nem o que pedir — fui sincera, me sentindo envergonhada ao

assumir isso.

— Quer que eu escolha por você? — perguntou ele, me fazendo afirmar timidamente.

Ele fechou o cardápio e fez o pedido para o garçom. Quando a comida chegou, pequei os dois pauzinhos que estavam sobre a mesa e tentei imitar os movimentos do meu namorado.

— Isso é impossível — falei frustrada ao perceber que não conseguiria pegar nada com apenas dois pedaços pequenos de madeira inúteis.

Theo prensou os lábios impedindo que um sorriso surgisse e eu revirei os olhos ao perceber que ele estava achando graça do meu jeito desajeitado.

— Eu te ajudo — disse ele, se levantando e se sentando atrás de mim. — É apenas uma questão de prática, Pérola rosa.

Ele afundou o seu nariz em meu pescoço sentindo o meu perfume e ali depositou um beijo. Fechei os olhos por um instante e aproveitei cada sensação que esse gesto me proporcionava.

— Não faça isso — sussurrou ele baixinho em meu ouvido.

— Fazer o quê? — perguntei assim que abri os olhos e o vi suspirar longamente.

— Morder o lábio inferior.

— Não mordi — respondi sem saber se havia ou não mordido.

— Ah, sim! Você mordeu, e acho que fui capaz de ouvir um gemido baixinho.

— Eu...

— Você fez sem perceber, achei sexy te ver mordendo o lábio apenas por sentir meu toque — disse com um sorriso vencedor.

— E quem te disse que fiz isso por você?

Ele gargalhou baixinho e logo disse:

— Sou o único que pode fazer você morder os lábios.

— Você é um convencido.

— Sou charmoso e irresistível — completou ele, me fazendo gargalhar.

— Quem diria que eu acabaria me apaixonado por um playboy?

— O que você disse?

— Disse que você é um playboy.

— Não. Você disse que é apaixonada por mim.

— Não me lembro disso — disse mordendo o lábio inferior e o vi abrir um amplo sorriso.

Ele segurou meu rosto e acariciou minhas bochechas com os polegares, me lançando um sorriso completamente perfeito.

— Eu te amo — sussurrou ele e me beijou.

O beijo era profundo, desejado por nós dois. Um beijo quente e apaixonante. Sua língua travessa explorava minha boca com vontade e desejo. Sua mão afundou-se em meu cabelo, o puxando lentamente, eu fiz o mesmo. Meus dedos mergulharam em seus cabelos loiros sedosos. Afastei-me dos seus lábios ofegante e o vi ainda com um sorriso no rosto.

— Eu também te amo, Theodoro Grohl — disse tocando seu rosto.

— Agora vamos comer, não quero chegar tarde à festa.

— Fico envergonhada de ir a uma festa para a qual não fui convidada.

— Você foi convidada — disse ele me entregando o hashi.

— Fui, por você.

— Então não diga que não foi convidada — disse ele, beijando minha testa. — Agora irei te mostrar como usa o hashi.



O garçom se retirou lavando consigo a conta já paga e deixou dois biscoitos da sorte sobre a mesa.

Theo pegou um dos biscoitos e ficou me encarando.

— Não vai ler sua sorte? — perguntou ele.

— Não acredito nisso.

— Não quer nem ver o que está escrito.

— O que está escrito no seu? — perguntei pegando o meu biscoito.

Ele quebrou o biscoito, desenrolou o pequeno papel e leu.

— Desfrute da pessoa que ama, ela será para a vida toda. — Ele dobrou o papel com um sorriso e voltou a me encarar. — Sua vez.

Soltei o ar lentamente, quebrei o pequeno biscoito, desenrolei o papel e li:

“Quer casar comigo?”

Levantei minha cabeça para encará-lo e o vi empurrar uma caixinha vermelha em formato de coração com um anel solitário de prata trabalhado com um trançado simples e uma linda pedra rosada no centro.

— Theo...

— Você aceita?

Minha vida deu uma reviravolta inimaginável. O que a menina de 11 anos pensaria ao ver onde cheguei? Os meus medos... os pavores de infância e o temor por qualquer homem haviam desaparecido. Finalmente eu tinha uma família de verdade: uma mãe amorosa, duas irmãs que eram a minha vida, uma avó com quem eu me identificava, um tio e uma tia que me aceitaram do jeito

que eu era, dois primos fofos, principalmente Arthur, que se apegou a mim assim como me apeguei a ele, e um pai. O pai que enfrentou comigo meu mundo de sofrimento e solidão, que enxergou uma pessoa melhor dentro de mim, mesmo sem eu querer acreditá-lo, o cara ciumento e bobo que amo e adoro.

E Theodoro, que completava totalmente a minha vida, de maneira perfeita. Justo eu, que nunca me imaginei com alguém, agora não conseguia me ver sem ele.

— Aceito — sussurrei, sentindo meu peito inflar com um sentimento maravilhoso.

Ele se levantou e me ajudou a levantar, sua mão tocou a minha e eu o vi encaixar perfeitamente o anel.

— Estou me tornando o homem mais feliz desse momento — ele me puxou pela cintura e selou meus lábios com um beijo.

THEODORO GROHL

Ela andava pela sala da fazenda enquanto era parabenizada pelo noivado, Arthur estava ao seu lado, entusiasmado, e me fez sorrir ao ver sua expressão quando a prima pegou Holly nos braços. Como todo Brown, o pequeno já nasceu com o lado possessivo da família.

— Não tem nada para me dizer? — perguntou Luis, se aproximando de mim enquanto olhava a filha de longe.

— Não que eu me lembre — eu disse, desviando o olhar para não ver sua expressão.

— Deveria ter me avisado que pediria minha filha em casamento.

— Você deixaria se eu te avisasse?

— Claro que não! — bradou ele.

— Por esse motivo não te avisei — expliquei, o fazendo bufar.

— Espero que o casamento demore cinco anos.

— Não vou esperar tudo isso, Luis.

— Quero que ela termine a faculdade.

— Ela pode terminar casada comigo.

— Minha filha é jovem demais para se casar.

— Daqui a um ano — disse olhando para ele.

— Três anos — rebateu.

— Um ano e meio.

— Dois anos, e não falamos mais nisso — ele disse firme.

— Fechado — falei, selando nosso acordo com um aperto de mãos.

— O que vocês estão fazendo? — perguntou Melissa se aproximando do marido.

— Apenas conversando amigavelmente.

— Nunca mais me chamará de Theo?

— Não com você pegando minha filha — respondeu ele, beijando a esposa.

— Vocês estão brigando novamente? — perguntou Paola se aproximando com a irmã, que dormia em seus braços.

— Não, meu amor, estão apenas conversando —, beijando a testa dela.

Melissa se aproximou dela e pegou a pequena Holly dos braços da Paola.

— Obrigada por tê-la acalmado, filha.

— Não precisa agradecer, mãe.

— Vou colocá-la ao lado de Kylie — explicou Melissa, se afastando.

— Vou com você — disse Paola, indo na direção da mãe.

Vi Cloe com Austin nos braços enquanto Bruna tentava dar papinha para o pequeno, que se recusava a comer.

— Sabe que ela não vai sair da sua casa tão cedo, não sabe? — perguntei a Luis.

— Já estou ciente disso, ela se apegou às netas — respondeu ele, tomando um gole da sua bebida.

— Boa sorte. Não sei o que faria em seu lugar — confessei.

— Nem eu — disse Nathan, se aproximando com Alberto. — Imagine quando todas estiverem na TPM.

— Elas provavelmente vão atormentá-lo e descontar tudo nele — falou Alberto.

— Boa sorte, irmão — Nathan disse tocando o ombro de Luis, que ignorava todos.

— Espero que todos venham a ter meninas a partir de hoje — ameaçou Luis.

— Já tenho a minha — Alberto disse levantando os braços com um sorriso satisfatório.

— Não terei mais filhos — explicou Nathan.

E assim todos olharam para mim, e vi um sorriso surgir no rosto de cada um, o que me fez estremecer.

— Boa sorte, Theodoro — disseram todos.

Capítulo 52

LUIS BROWN

Dois anos depois...

O carro ia em direção ao local da cerimônia de casamento enquanto Paola olhava atentamente pela janela e que segurava forte o belo buquê de rosas vermelhas.

O tempo havia se passado muito rápido. Eu pensei que estivesse preparado para esse dia, mas não estava. Não tive muito tempo com Paola, não o tempo que acho que seria necessário para me preparar para deixá-la seguir sua vida.

Ainda me lembro do dia em que a conheci no Club e a retirei de lá, o dia em que a chamei de filha. Eu me lembro da felicidade que senti quando a vi totalmente longe do seu vício. E agora ela estava vestida de noiva, prestes a se casar.

Tentei evitar que esse dia chegasse, mas ela mudou com o decorrer dos dias e se tornou a mulher incrível que estava ao meu lado. Ela havia entrado em um projeto que ajudava adolescentes que sofreram violência sexual e a vi lutar com outras pessoas que passaram pelo mesmo que minha filha passou. Ela estava dedicada à faculdade e conseguia administrar muito bem sua vida entre tantos compromissos.

Ela se tornou uma mulher que me enchia de orgulho.

Ela desviou o olhar da janela e me fitou com seus olhos azuis, lançou um sorriso tímido e tocou a minha mão.

— Você está tão calado — falou ela.

— Estou apenas pensando — disse, fazendo-a me olhar espantada.

— Você não está pensando em nada que possa prejudicar meu casamento, né?

— Nunca faria isso.

Ela me olhou com deboche e disse:

— Você levou Theodoro para passar o carnaval no Brasil com propósito de ele fazer uma loucura.

— E não adiantou nada, ele ficou os três dias dentro do hotel e nem curtiu a despedida de solteiro. E ainda contou tudo para Melissa, estou até hoje dormindo no quarto de hóspedes.

— Acho pouco — murmurou ela, olhando novamente pela janela.

— Não entendo por que ela ou ele ficaram bravos, eu estava apenas lhe mostrando a cultura de outro país.

— As dançarinas que invadiram o quarto dele também eram uma demonstração de cultura?

— Exatamente! — exclamei, fazendo-a revirar os olhos e bufar.

— Sua tentativa foi falha — disse ela. — E não acredito que tenha levado, Matt e Alberto com você.

— Nathan não quis ir, qual seria a graça de ficar sozinho lá? Anne e Noemi são compreensivas.

— Agora está conformado que irei me casar?

— A resposta é não. Aliás, se quiser desistir, tem um avião que sai em quinze minutos para a Austrália. Se estiver...

— Pai!

— Ok, entendi — falei, após ver sua expressão. Toquei sua mão que segurava forte o buquê e disse a ela: — Você vai ser muito feliz, filha.

Ela me deu um sorriso de lado e falou:

— Sei que vou, pai. — O carro parou na casa de praia que havíamos locado e a senti apertar a minha mão.



Ela entrelaçou seu braço no meu e deu um sorriso enquanto caminhávamos em direção a Theodoro, que olhava com admiração para minha filha.

Ela usava um vestido tão lindo que eu quis cobri-la com meu blazer para que ninguém a visse daquele jeito. Por mais que estivesse coberta até os punhos, para cobrir as marcas em seus pulsos, o vestido era transparente, mostrava muito de sua pele, o que me deixava ainda mais enciumado. E seus cabelos, totalmente

loiros, estavam diferentes, presos, mas com cachos nas pontas. Realmente, ela estava magnífica!

Ela sorriu timidamente e eu voltei minha atenção para o altar. Theodoro estava com um terno branco simples. As poucas pessoas estavam em pé olhando para minha filha, que se aproximava aos poucos do altar, montado em baixo de uma tenda branca com várias aplicações de flores. Algumas cortinas balançavam com a brisa do mar.

Beijei a testa da minha filha quando nos aproximamos de Theodoro e, após ter apertado a mão dele fortemente, me afastei e fui para o lado de Melissa para que a cerimônia começasse.

— Podem se sentar — disse o padre.

Peguei na mão da minha esposa e a beijei enquanto me sentava ao seu lado.

— Você está bem? — perguntou ela enquanto afastava a mecha do cabelo que o vento havia levado para a frente do seu rosto.

— Estou — falei vendo um sorriso em seu rosto.



O padre pediu as alianças e vi minhas filhas, agora com dois anos, entrando com vestidos brancos idênticos, com uma fita rosa na cintura. Arthur, que havia completado seis anos, guiava as primas pela areia, de mãos dadas com elas, para que não caíssem enquanto cada uma levava uma cestinha branca.

Holly entregou sua pequena cesta à irmã, que lhe deu um abraço apertando, e Kylie entregou a outra a Theodoro, que beijou a testa dela com carinho. Elas correram em nossa direção e eu as peguei no colo.

— Viu, papai, eu fui uma princesa — Kylie disse enrolado, me fazendo rir.

— Foi sim, querida, uma linda princesinha. — Beije sua bochecha e me virei para Holly, que certamente gostaria de falar algo.

— Eu também fui uma princesa, papai? — perguntou ela meio ressentida.

— Foi sim, filha. Uma princesinha igual à sua irmã — falei vendo o sorriso surgir no rosto dela.

Holly foi para o colo da mãe e vimos quando o padre os declarou, finalmente, casados.

Após o casamento, todos fomos para a área de festa da casa que locamos e iniciamos a comemoração. Quando o sol foi embora e a lua cheia iluminava o céu, todas as pequenas lâmpadas espalhadas na decoração foram acesas. Kylie e Holly brincavam com Austin próximo a Noemi e a minha mãe.

Bruna tirava a gravata de Arthur, enquanto ele comia uma sobremesa de chocolate. Nathan conversava com Alberto e Matt e minha esposa se aproximavam com uma taça de champanhe. Eu a admirei com seu vestido rose simples.

— Já disseram que você é a mulher mais linda dessa festa? — perguntei, puxando minha esposa pela cintura.

— Acabei de ouvir Nathan dizer o mesmo a Bruna.

— Aos olhos dele, ela certamente é a mais bonita, mas, aos meus, você é a vencedora entre todas.

— Amo seu lado romântico — disse ela, entrelaçando os braços no meu pescoço e me beijando.

— Eu te amo, princesa — eu disse, assim que havíamos interrompido o beijo.

— Senhoras e senhores — disse a organizadora da festa ao microfone chamando a atenção de todos. — Chegou a hora da dança do pai com a filha.

Melissa se afastou e vi Paola se aproximar lentamente, com um sorriso divino nos lábios. Ela me estendeu sua mão e eu a levei até o centro da pista de dança, enquanto a música tocava lentamente.

— Estou feliz por você — falei baixinho. — Sei que ele cuidará bem de você.

— Mesmo que ele seja um folgado?

Dei um breve sorriso e respondi:

— Sim. Mesmo ele sendo um folgado, afinal, ele é da família.

— Somos uma família nada normal.

— Não. Não somos, mas qual seria a graça se fôssemos como todas as famílias?

— Nenhuma, pai — respondeu ela, depositando a cabeça em meu ombro.

— Sabe que te amo, não sabe, filha?

— Sei.

— E mesmo que agora você carregue o sobrenome Grohl, para mim você sempre será uma legítima Brown.

— Sei disso também, você me ensinou o significado de família, pai, na verdade, todos me ensinaram, mas foi você quem iniciou tudo isso, e mesmo que as pessoas achem louco eu te chamar de pai, eu não me importo. Não importo com a nossa idade ou com nossa estranha convivência. Sou uma eterna Brown e sempre serei sua filha mais velha que te ama muito.

Apertei Paola em meus braços e beijei o topo da sua cabeça enquanto continuávamos a dança.

— Posso dançar com ela agora? — perguntou Theodoro, se aproximando.

— Cuida dela, Theo — eu disse quando Paola pegou na mão do marido.

— Vou cuidar. Ela é minha vida agora. — Ele beijou a bochecha dela e eu me afastei deles.

— PAPAI! — gritou minhas filhas, que corriam na minha direção.

Eu me abaixei e as envolvi em um abraço, beijei a bochecha de cada uma e as fiz gargalhar em meu colo.

— Eu amo vocês, meninas — disse beijando-as novamente.

— Eu amo o papai — Kylie disse, passando seus pequenos bracinhos em meu pescoço e me abraçando.

— Eu amo também, papai — Holly pronunciou, imitando o gesto da irmã.

— Sobrou algum espacinho aí para mim? — perguntou Melissa, se aproximando.

— Vem, mamãe, o papai consegue abraçar todo mundo. Né, papai? — Holly perguntou.

— Sim. Sempre cabe mais uma — respondi.

— E se forem dois? — perguntou Melissa, com um sorriso nos lábios.

Olhei para minha esposa por um breve momento, e antes que eu pudesse perguntar algo, ela disse:

— Estou grávida.

As meninas gritaram no meu colo de entusiasmo e eu as coloquei no chão para que elas pudessem abraçar as pernas de Melissa. Eu me aproximei da minha esposa, que passava as mãos pelos cabelos das meninas, que diziam um monte de coisas juntas, e eu a vi sorrindo para as meninas sem saber o que responder às filhas.

Ela levantou o olhar e me lançou um sorriso.

— Grávida? — perguntei a ela.

— Sim, meu amor, teremos mais um filho.

Eu me ajoelhei e toquei na sua barriga plana, fazendo as meninas me

imitarem e colocarem suas pequenas mãozinhas na barriga da mãe.

— Ei, pessoinha aí dentro, não importa qual seja o seu sexo, eu já amo você.

Capítulo 53

MELISSA BROWN

Três anos depois....

Terminei de amarrar os cabelos de Holly e beijei sua testa por cima da franja reta, que estava quase alcançando seus olhos azuis. Ela e Kylie precisavam ir ao cabeleireiro para cortar o cabelo urgentemente.

— Prontinho, filha, vá pegar sua mochila e me espere na sala com sua irmã, sua avó levará vocês hoje para a escola.

Ela saiu correndo e gritando “Tchau, mãe” e a vi desaparecendo pelo corredor da nossa casa. Caminhei até o quarto de Nick, empurrei a porta e vi meu filho e meu marido tentando construir algo com as peças de montar esparramadas pelo tapete do quarto de Nicolau.

Quando descobri que teria um menino, Luis ficou totalmente extasiado. Finalmente ele teria um menino para amenizar o mar de mulheres que o rodeava. Mesmo com Holly e Kylie desejando uma irmãzinha para fazer a pequena de boneca, elas ficaram animadas quando Luis falou sobre as vantagens de se ter um irmão e de elas serem as mais velhas.

Nicolau nasceu identico ao pai, era até uma afronta, depois de nove meses o carregando e de dar à luz meu filho, ele não herdou nada meu. Nick era um mini Luis, para a alegria do meu marido. Seus cabelos negros eram volumosos e seus olhos azuis eram tão chamativos quanto aos das meninas, seu sorriso me conquistava todos os dias.

Meu pai e minha mãe se encantaram com o neto logo de cara. Assim como Arthur e Austin, Nicolau é apaixonante e encantador. Meu filho, mesmo não tendo nada meu fisicamente, é muito apegado a mim e isso faz com que as meninas tenham um bom tempo com o pai, já que elas se sentiam um pouco excluídas quando o assunto era o irmão com o pai.

Nick tentou colocar uma peça no topo do grande forte que eles estavam montando, mas acabou derrubando tudo sem querer. Ele ficou olhando para as peças esparramadas, e mesmo de costas para mim, eu sabia que meu filho iniciaria um choro. Luis acabou o pegando e enxugando as lágrimas do nosso filho de 3 anos e 3 mês e dizendo a ele que depois montaria tudo novamente. Nicolau concordou com o pai, levantou a cabeça e um sorriso surgiu no rosto tristonho do meu filho. Depois eu o vi correndo na minha direção para que pudesse me abraçar.

— Mamãe! — Abracei meu filho e beijei sua bochecha.

— Está pronto para ir à escolinha, amor? — perguntei ao meu filho, mas ele negou e se emburrou em meu colo. — Nicolau, você tem que ir.

— Quelo ficar com você — disse ele, me abraçando novamente.

Também não queria que ele fosse tão cedo para a creche, mas tinha que trabalhar, assim como Luis, e Cloe gerenciava sua loja. Mesmo sabendo que meu pai teria o prazer de ficar com ele, não poderia abusar da bondade dele. Nicolau era um amor de criança, mas quando queria aprontar ganhava o primeiro em lugar juntamente às irmãs.

— Já conversamos sobre isso filho — Luis disse alisando as costas do filho.

— Não quelo — resmungou Nick com sua cabeça no meu pescoço.

— Depois da escola vamos para a fazenda — tentei convencer meu filho.
— Vamos descobrir se é um menininho ou uma menininha que a tia Bruna está esperando.

Ele se afastou dos meus braços e segurou meus ombros com um sorriso em seu rosto. Sabia que ele ficaria animado se o assunto fosse o novo primo ou prima que Bruna estava esperando.

— Austin vai brincar comigo?

— Claro, filho — respondeu meu marido.

Nicolau se mexeu em meu colo até que eu o colocasse no chão e correu para pegar sua pequena mochila dos Transformers.

— Vamos, papai — disse meu filho, puxando o pai pelas mãos para fora do quarto.

— Tchau, amor — disse Luis me dando um beijo rápido e saiu com nosso filho.



— Você deveria ter virado à direita duas ruas atrás — eu disse ao Luis enquanto ele dirigia.

— Não começa, Melissa — disse ele, concentrado no trânsito.

— Começar o quê?

— Você vive dando palpite enquanto estou dirigido. Você sabe que eu sei dirigir muito bem e que não virei aquela rua, pois certamente ela irá direto a um engarrafamento. Estamos na primavera e todos acabaram de sair da escola, então estou evitando ficar parado por horas no trânsito com uma minivan.

— Ok, você sabe o que está fazendo — disse e me virei para a janela o ignorando.

— Vocês estão brigando? — perguntou Kylie. Olhei para minha filha pelo retrovisor do carro e vi que todas as crianças estavam nos olhando atentamente.

— Não, querida — respondeu Luis, me olhando brevemente. — Estamos apenas entrando em acordo sobre qual seria o melhor caminho para chegarmos na fazenda.

— Será que a tia Bruna já descobriu que vai ter uma menina? — perguntou Holly.

— Vai ser um menino — Austin e Arthur disseram juntos.

— Vai ser a Ivy — Kylie falou brava.

— Vai ser o Christopher — respondeu Austin, no mesmo tom que a prima havia usando.

— Parem vocês quatro! — exclamei chamando a atenção deles. — Vão acordar o Nicolau, e não importa o que seja, se ele ou ela, pois será bem-vindo à família.

Todos ficaram quietos e eu me endireitei no banco, olhando para meu marido.

— E você queria mais filhos...

— Ainda quero — disse ele com um sorriso.

— Se tivermos mais filhos, vamos ter que comprar um ônibus.

— Só mais dois e declaramos a fábrica fechada.

— Se a fábrica à que está se referindo sou eu, ela já está fechada desde que o Nick nasceu.

— Nem pensar, quero a casa cheia.

— Compraremos um cachorro e teremos a casa cheia.

Ele me olhou sério e lancei um beijo para ele.

Nunca quis uma grande família e ele sabia disso, mais depois das meninas e do Nicolau não via minha vida sem eles. O amor de mãe é algo inexplicável, agora eu entendia o porquê de a Bruna falar mil e umas maravilhas sobre o que era ser mãe. Um filho muda a vida de toda mulher, só agora eu sabia disso, tinha três pequenos amores que me amariam eternamente. Independentemente do que acontecesse, eu sempre os teria na minha vida. E com Luis não seria diferente, ele se dedicava aos filhos, e mesmo tendo que lidar com o escritório e a empresa, sempre tinha um tempo para passar com os nossos filhos.

Diogo tinha se casado com Gabby havia dois anos, eles se mudaram para próximo da costa que a marinha trabalhava, há um ano Gabby deu à luz o filho Thomas.

Depois de quatro anos de casamento, Paola e Theo tentaram a gravidez, mas, após várias tentativas frustradas, descobriram que, infelizmente, Paola teria dificuldades para engravidar. Ela fingia não se importar, mas todos sabíamos que a gravidez da Bruna fez com que ela se sentisse fragilizada. Theo tentava convencê-la a entrar na fila de adoção, mas não estava tendo muito sucesso. Eu sabia que ela queria ter a sensação de ter seu filho crescendo dentro do seu ventre, e que ela se sentia culpada por não conseguir engravidar.

— Amor... — a voz do meu marido e seu toque em minha perna fizeram com que eu despertasse dos meus pensamentos. — Chegamos.

Olhei para frente e avistei o canteiro de Hortênsias azuis ao lado da casa grande, então vi as gêmeas, Arthur e Austin passando pelo Hall de entrada.

Desci do carro e Luis pegou Nicolau no colo, sem que ele acordasse. Entramos e vi que as crianças já estavam esparramadas pela casa, Arthur conversava com Paola e Noemi, Austin abraçava Matt e as gêmeas estavam perto dos meus pais. Luis colocou Nick no quarto no andar de baixo, enquanto eu segui até Theodoro, que via de longe a esposa falando com Arthur.

— Como ela está?

— Bem — respondeu ele sem desviar o olhar dela. — O trabalho tem ocupado a mente dela.

— Conseguiu convencê-la a adotar?

Ele me olhou e negou a com a cabeça, dando um longo suspiro depois.

— Talvez seja muito cedo.

— Sim, talvez seja — eu disse a ele.

Ele me puxou para um abraço e beijou minha testa com carinho.

— Theo, se afasta da minha mulher, seu folgado — bradou Luis e me puxou para seus braços. — Já não basta ficar abraçando minha filha, tem que abraçar minha mulher?

— Abraço Holly e Kylie também.

— Folgado — murmurou meu marido, me abraçando.

— Mãe! — Paola me chamou, fazendo com que eu me afastasse de Luis e a abraçasse.

— Não recebo um abraço? — perguntou Luis, fazendo Paola o abraçar também.

— Tá, agora pode se afastar da minha mulher — Theodoro falou, me fazendo gargalhar e Luis bufar ao ver que a filha estava nos braços do marido.

Todos estavam na sala encarando Bruna e Nathan à nossa frente, enquanto esperávamos que eles revelassem qual era o sexo do próximo Brown.

— Digam de uma vez — exigiu Noemi, impaciente com demora dos dois.

Eles se entreolharam e sorriram, Nathan colocou a mão sobre a barriga de quatro meses de Bruna e disse a todos:

— É uma menina.

Ouve um grito alto de todas as mulheres da família e eu corri para abraçar minha irmã de coração.

— Sabia que você me daria uma sobrinha linda — disse a ela. — Parabéns, irmã!

— Obrigada, Mel.

Eu me afastei dos seus braços e, sorrindo, disse a Nathan:

— Parece que a lenda de que os Brown não sabem fazer meninas está indo por água abaixo, não é mesmo?

Capítulo 54

LUIS BROWN

— Pai! — gritaram Holly e Kylie em algum lugar da casa.

Olhei para a porta do meu escritório e vi as duas entrarem com carinhas inocentes. Sabia que elas haviam aprontado algo, elas tentavam usar seus rostinhos bonitos para me conquistar, talento que herdaram da Melissa, o que me fazia ter certeza de que não viria coisa boa quando ambas usavam aquela expressão.

— Digam, meninas — falei respirando fundo.

— O Nick brigou com a gente — disse Holly fazendo Kylie concordar.

— E por que ele brigou com vocês?

Elas trocaram olhares e ficaram quietas. Eu me levantei da cadeira e dei a volta na mesa, ainda olhando para elas.

— Não vão responder?

— Estávamos brincando... — começou Holly.

— E ele não gostou do que fizemos — completou Kylie.

— E o que vocês fizeram? — perguntei, sério, sabendo que elas estavam me enrolando.

No momento em que Kylie ia responder, vi Nicolau adentrando no escritório com o rosto repleto de maquiagem borrada pelas lágrimas do meu filho.

— Vocês passaram maquiagem no seu irmão? — perguntei perplexo.

— Papai... — choramingou Nicolau, me fazendo pegá-lo no colo.

— Onde vocês acharam maquiagem?

Elas abaixaram a cabeça envergonhadas e responderam baixinho:

— Nas coisas da mamãe.

Fechei os olhos e suspirei rapidamente, e logo tornei a abri-los encarando minhas filhas seriamente.

— Quero vocês duas no quarto, sentadas em suas camas, e depois de limparmos o Nicolau, eu e sua mãe falaremos com vocês.

Elas apenas concordaram e saíram do escritório. Nicolau passou suas pequenas mãozinhas sobre os olhos tirando uma boa quantidade de maquiagem e as limpou em minha camiseta branca.

— Vamos limpar seu rosto, filho.

Subi as escadas com Nicolau em meus braços e entrei no meu quarto indo em direção ao meu banheiro, quase tendo um ataque cardíaco ao ver a situação do banheiro. A maleta de maquiagem de Melissa estava jogada no chão com alguns itens esparramados no chão. O balcão da pia dupla estava suja de batom, sombra, corretivo, base, hidratante e espuma de barbear.

Coloquei Nick em uma parte limpa da pia e peguei um lenço umedecido para que pudesse limpar o rosto do meu filho. Quando estava quase terminando de retirar toda a maquiagem de Nicolau, o som dos saltos da Melissa batendo no chão do nosso quarto chamou minha atenção.

— Amor? — chamou ela.

— Aqui no banheiro — gritei de volta.

Ela entrou no cômodo e, por sua expressão, ficou por um tempo tentando assimilar o que provavelmente havia acontecido aqui. Ela olhou para Nicolau e viu o filho com o rosto meio avermelhado olhando para ela com uma carinha do choro.

— O-o que aconteceu aqui? — perguntou pela pegando o filho nos braços.

— Olly e Ky — murmurou Nicolau.

— Elas fizeram tudo isso?

— Aparentemente sim — eu disse, jogando fora os lenços na lata de lixo juntamente aos frascos de hidratante e espuma de barbear, totalmente vazios.

— Co-como? Elas têm cinco anos! Pensei que não fizesse mais... — Ela suspirou e não terminou a frase.

— Bagunça? — tentei adivinhar o que ela ia falar. — Parece que elas exageraram desde vez, Nicolau foi usado enquanto estava dormindo.

— Já conversou com elas?

— Não. Acho melhor irmos juntos, sei que elas queriam brincar, mas não explica o motivo de mexerem nas suas coisas e estragarem tudo.

— Concorde. Vou colocar Nick na cama e iremos falar com elas. — Ela saiu do banheiro com Nicolau nos braços e eu me esforcei para tentar terminar de arrumar toda a bagunça.



— Vocês entenderam? — perguntei às meninas, que estavam com a cabeça baixa, sentadas no sofá da sala de estar.

— Vocês ficarão uma semana sem sobremesa — disse minha esposa, fazendo Kylie e Holly olharem surpresas para ela.

— Mas, mãe...

— Sem desculpas, Holly — eu disse. — Sua mãe tem razão, vocês já são grandes o suficiente para entenderem que algumas atividades têm consequências. Agora peçam desculpas para sua mãe, e assim que Nicolau acordar, vão pedir para ele também.

Elas se levantaram do sofá e caminharam até Melissa, abraçando-a apertado e pedindo desculpas.

— Agora vamos lá para cima, meninas, tomar um banho e depois cama — disse minha mãe, direcionando as gêmeas pelas escadas.

— Será que fomos muitos rígidos com elas? — perguntou Melissa olhando as filhas subindo nas escadas.

— Não, amor. Elas vão entender.

— Odeio ser má com elas.

— Amo quando você é má comigo. — Puxei-a para o meu encontro e a prendi em meus braços.

— Luis...

— Diga, querida, estou aqui — eu disse fazendo um caminho de beijos do seu queixo ao seu pescoço, prendendo seus cabelos em meus dedos.

— Amo quando você me faz esquecer de tudo — murmurou ela com voz de satisfação.

— Vou querer que você se lembre disso, princesa — falei, fazendo-a entrelaçar as penas na minha cintura e a levando ao nosso quarto.



Segurei forte a mão da minha esposa enquanto caminhávamos pelo corredor da maternidade. Bruna entrou em trabalho de parto de madrugada e, para total desespero do meu irmão, Ivy não teve nem um pouco de pressa ao nascer. A pequena Brown veio ao mundo às nove da manhã, fazendo Nathan quase enfartar decorrente da demora e vendo o sofrimento da esposa.

Infelizmente as crianças teriam que esperar um pouquinho para ver a nova priminha, mas, segundo os médicos, Bruna poderia ir para casa amanhã de manhã com a filha.

Melissa girou a maçaneta do quarto, adentramos e vimos Paola, Theo,

minha mãe, Noemi, Matt, Alberto e Anne. Todos decidimos fazer uma visita de manhã, enquanto as crianças estavam na escola. Cumprimentei cada um e, por fim, beijei a testa da minha sogra, apenas para provocar Alberto.

Bruna estava sentada na cama hospitalar e Nathan estava ao seu lado segurando o pequeno corpinho da filha em uma manta rosa.

— Ei, loirinha, como está? — perguntei quando me aproximei de Bruna, que estava com a cabeça encostada no braço do marido.

— Estou bem — respondeu ela com um sorriso singelo, apesar da sua expressão de cansaço.

— Ivy já chegou dando trabalho. Não se preocupe, loirinha, a partir de hoje o trabalho será todo de Nathan.

— Cale a boca, Luis — murmurou meu irmão, irritado. — E pare de chamar minha mulher com esse apelido.

— Já está estressado, irmão? Acalme-se, isso não faz bem na sua idade — falei, fazendo-o revirar os olhos.

Melissa se aproximou dele e pegou a pequena Ivy dos braços do meu irmão com cuidado. Minha esposa soltou um pequeno “howww” ao olhar a sobrinha com amor. Eu me aproximei dela e vi sua pele branca envolvida por uma roupinha rosa-clara, seus lábios e suas bochechas tinham um tom avermelhado e no topo da sua cabeça os poucos fios dourados se destacavam. Ivy se mexeu nos braços de Melissa e logo abriu a pequena boquinha em um bocejo, foi piscando seus olhos aos poucos, até que os abriu, revelando o verde intenso, como os olhos de Bruna.

— Boa sorte, irmão, outra loirinha entrou na sua vida, e essa com certeza o deixará com os cabelos brancos.

Nathan bufou e abraçou a esposa com carinho, ignorando o que eu havia acabado de falar. Vi minha esposa indo em direção aos pais com a pequena Ivy. Matt e Noemi se aproximaram de Bruna e eu olhei para minha filha. Talvez esse momento mexesse com ela, sabia que ela gostaria de ser mãe, o convívio com Arthur e as irmãs havia despertado isso nela, e a descoberta de não poder ter um bebê, com certeza, mexeu com ela.

Theo segurava a mão dela com força, e os dois tinham um sorriso no rosto enquanto me olhavam. Paola deixou que uma lágrima rolasse de seus olhos azuis e a vi tocar em seu ventre por sobre a roupa.

Oh, meu Deus!

Todos estavam ocupados e somente eu os olhava, como se eles quisessem que eu fosse o primeiro a descobrir. Eu me apoiei na barra da cama e tentei me sustentar da grande tontura que estava sentindo.

— Amor, você está bem? — perguntou Melissa preocupada.

— Pa-Paola tá grávida — murmurei baixinho, ainda encarando minha filha que sorria em meio ao choro.

Melissa olhou para a nossa filha, assim como todos, e começou a encará-la. Ela somente confirmou o que eu havia dito.

— Eu estou grávida.

Senti a tontura me invadir novamente, minha visão ficou turva quando minha filha falou, e a última coisa de que me lembro foi dos gritos de Melissa chamando meu nome.

Capítulo 55

MELISSA BROWN

A notícia da gravidez da Paola animou toda a família, mas quando vi Luis batendo a cabeça na lateral da cama ao desmaiar com a notícia, fiquei preocupada. Nunca imaginei que ele fosse desmaiar ao saber que nossa filha estava grávida. Tranquilei Bruna dizendo que Luis estava bem, apesar de ter levado cinco pontos na testa, ela não poderia se preocupar com Luis, não agora que também precisava de cuidados e estar bem para cuidar de Ivy.

Fazia quinze minutos que ele estava desacordado e sedado pela equipe do hospital, após realizarem uma tomografia computadorizada, não detectaram nada que pudesse ser preocupante. Com muita persistência, Theo conseguiu levar Paola para casa. Meus pais buscaram as crianças na escola e Cloe ficou cuidando de Austin e Arthur para Nathan.

— Mamãe, o papai morreu? — perguntou Kylie.

— Não, Kylie, seu pai não morreu — disse, olhando o para meu marido desmaiado no leito hospitalar.

— Viu, Kylie? Eu falei, o papai tá dormindo igual à Branca de Neve — disse Holly para a irmã.

— Beija ele, mamãe! — Kylie disse animada.

E quando eu estava prestes a tentar explicar o que havia acontecido, elas começaram a bater palmas e gritarem “Beija, beija, beija...”.

— Meninas? —minha mãe chamou a atenção das gêmeas. — O papai

está cansado e a mamãe também, quando ele acordar, vai contar tudo a vocês, até lá vocês e o Nicolau vão ficar brincando um pouquinho na casa do vovô e da vovó.

— Podemos ver a Ivy antes de ir? — perguntou Holly.

— Podemos. Agora deem um beijinho na mamãe e vamos.

Elas me abraçaram apertado e eu beijei as bochechas das duas.

— Se a tia Bruna estiver dormindo, fiquem quietinhas. Ela está cansada e Ivy também.

— Tá bom, mamãe — disseram as duas, juntas.

— Ótimo. Eu amo vocês, meninas, se comportem na casa do vovô e da vovó.

Elas saíram de mãos dadas com minha mãe e meu pai se aproximou com Nicolau dormindo com a cabeça apoiada no ombro dele.

— O campeão cansou — falou meu pai.

— A creche tem deixado ele bem animado, ele sempre chega assim, cansado — disse alisando as costas do meu filho.

— Tem certeza de que não quer que eu fique aqui com você? Posso ficar até a *princesinha* acordar — disse ele com ironia enquanto olhava para Luis.

— Pai!

— Ok, entendi. Acho que a notícia de que ele seria avô o pegou desprevenido.

— Paola não pensou que ele fosse desmaiar, ela queria fazer uma surpresa.

— Eu gostei da surpresa, vou zoar da cara dele eternamente.

— Pai! — chamei a atenção dele novamente.

— O quê? É engraçado saber que ele desmaiou ao saber que vai ser avô. Filha, ele é um frouxo.

— A notícia o pegou desprevenido, como o senhor mesmo disse.

— Vamos torcer para não ser uma menina, pois, se for, é capaz de ele desmaiar novamente.

— Não quero imaginar isso no momento, pai. A gravidez é de risco, e mesmo sabendo que ela fará de tudo para não colocar sua vida nem a vida do bebê em risco, tenho medo do que possa acontecer.

— Vai ficar tudo bem.

É o que espero.

Ganhei um beijo do meu pai na testa e ele me deixou no quarto com Luis. Eu me aproximei do meu marido e beijei seus lábios, o sentindo retribuir o beijo. Afastei-me e o vi de olhos abertos e com o um sorriso nos lábios.

— Você estava acordado desde quando?

— Desde que seu pai me chamou de frouxo, e tenho que dizer que me senti magoado com o sogrão.

— Luis Walker Brown, você quase me matou de susto minutos atrás, e agora vem fazer piadinhas?

— Desculpa, princesa — disse ele se sentando na cama e me puxando para seu colo.

— Não, amor. — Tentei sair dos seus braços. — Você acabou de acordar, não pode pegar peso.

— Bobagem — murmurou ele, me apertando em seus braços. — Aliás, aproveite seu tempo comigo, pois eu só posso ter uma doença muito grave para explicar o desmaio.

Apertei meus lábios para que a minha vontade de gargalhar fosse reprimida.

— Sinto lhe informar, querido, mas você só desmaiou porque descumpriu que seremos avós.

Ele suspirou, passou a mão na frente do rosto e disse:

— Não imaginei que fosse ser tão rápido. Gostaria de ter tido mais tempo para poder lidar com essa situação. Estou feliz por ela, mas acho que foi muito para mim naquele momento.

— Essa é sua desculpa por ter caído no chão igual a uma garotinha? — perguntou Nathan entrando no quarto com Ivy nos braços.

Tentei sair do colo de Luis, porém ele apenas me manteve firme no mesmo lugar, me fazendo ficar quieta e apenas observar meu cunhado se aproximando.

— Não foi desta vez que ficou com a minha na herança, irmão. Ainda verá meu rostinho por muito tempo.

— Você nunca perderá esse seu senso de humor irritante?

— Não — respondeu Luis com um sorriso nos lábios.

— Tá vendo, Ivy? O vovô ali se acha o bonzão.

— Vocês dois são duas crianças algumas vezes — eu disse, saindo dos braços de Luis e ignorando seus protestos, e caminhei até Nathan pegando Ivy com cuidado.

Ela estava dormindo serenamente com sua boquinha entreaberta. Seus cabelinhos loiros estavam molhados, o que os deixava praticamente transparentes sobre seu coró cabeludo rosado. Toquei na sua mãozinha envolvida por uma luva branca e dourada e a retirei sentindo a maciez da sua pele de recém-nascida.

Olhei novamente para os dois, que me observavam em silêncio, e me sentei em uma poltrona fazendo Ivy se mexer por um momento e apertar os olhinhos, logo tornando a ficar quieta nos meus braços.

— Não quero nenhuma implicância ou piadinha sobre esse assunto. A gravidez pode ser de risco, e Paola precisa do nosso apoio, Theo também. Então chega de gracinhas — disse olhando para eles.

— Acha que a gravidez é de risco? — a voz de Nathan saiu arrastada,

como se temesse pela minha resposta.

Levantei minha cabeça para encará-lo e o vi respirar pesadamente, seus músculos pareciam tensos. Não convivi com a falecida esposa de Nathan, e sabia que era nela que ele estava pensando. Sabia que ele protegeu Bruna de qualquer risco durante sua gravidez, mesmo que ela não necessitasse de cuidados, mas, agora, com o possível risco de Paola ter uma gravidez complicada, os medos dele poderiam ressurgir.

Não queria pensar nos riscos que ela poderia vir a ter, apenas pensar nisso me assustava. E agora, olhando para Luis, sabia que nós três carregávamos o medo de algo nos tirasse aquilo que tanto amávamos e que entrou nas nossas vidas em pouco tempo: Paola e o bebê.

Capítulo 56

LUIS BROWN

— Como assim vocês não querem saber o sexo? — eu disse, vendo minha filha se sentar em uma cadeira confortável, com uma almofada nas costas, Theo a ajudando a colocar os pés sobre um pufe.

— Queremos que seja uma surpresa, pai — respondeu ela, agradecendo ao marido com sorriso singelo.

— E como vou presentear ele ou ela? — perguntei.

— Compre coisas com cores unissex — respondeu Theo se sentando ao lado da esposa e tocando sua barriga relativamente grande de sete meses.

— Mas...

— Luis, é a decisão deles — Melissa me interrompeu enquanto entrava na sala da casa da nossa filha, que Theo construiu antes do casamento deles, no terreno que Nathan deu de presente ao casal, próximo à casa grande da fazenda. — Toma, querida, fiz um bom chocolate quente para você e meu genro maravilhoso. — Ela entregou as canecas a eles.

— Obrigada, mãe — agradeceu Paola, enquanto soprava o conteúdo quente da caneca.

— Não precisa agradecer, querida. — Melissa beijou o topo da testa dela e se aproximou para que ficasse ao meu lado.

— Não ganho chocolate quente? — perguntei, puxando-a pela cintura e lhe dando um beijo nos lábios.

— Meninos maus não ganham chocolate quente — disse ela, entrelaçando seus braços em meu pescoço e devolvendo o beijo.

— Não estou sendo mau.

— Está sim. É decisão deles não saber o sexo do bebê — respondeu ela se afastando para se sentar no sofá e me puxando para que eu me sentasse ao seu lado.

— Ele escondeu o sexo por sete meses, e quando o meu neto finalmente decide revelar se é uma Brown ou um Brown, eles decidem não contar.

— Ele ou ela será Grohl, sogrão — provocou Theo, me lançando um sorriso vitorioso.

— Esse folgado ainda abusa na minha cara.

— Você querendo ou não, tanto a Paola quanto o bebê são Grohl agora.

— Mas todos saberão que ele é um Brown.

— Parem de implicância vocês dois, o bebê levará o nome dos dois de qualquer maneira — disse Paola nervosa. — Vocês estão me deixando com dor de cabeça. Pai, não quero saber o sexo do bebê e você terá que aceitar isso.

— Ok — falei por fim, sabendo que ela não daria o braço a torcer, e eu não quero que minha filha sentisse qualquer dor.

Quando as suspeitas sobre uma gravidez de risco foram dizimadas, todos da família se tranquilizaram. Não queríamos que ela sofresse qualquer risco, mesmo sabendo que ela provavelmente escolheria a vida da criança. O risco estava presente como em qualquer gravidez, e no decorrer dos meses ela tinha se mostrado tranquila, assim como Melissa ou Bruna estiveram nas gestações delas. Mas Paola não era como elas, e o fato de ela ter sido uma viciada poderia reverter tudo.

Talvez eu estivesse sendo meio bipolar quando o assunto era meu neto, mas toda essa situação fazia com que eu sentisse a necessidade de proteger os dois, ela e o bebê, já que para mim o filho dela seria como meu segundo filho, nesse caso, o quarto.

Beijei o topo da cabeça da minha esposa trazendo-a para mais perto do meu corpo e fiquei observando minha filha ser paparicada pelo marido. Enquanto ela tomava o chocolate quente, ele tocava em sua barriga e lhe dava pequenos sorrisos supostamente com o mover do pequeno que estava lá dentro.

Amava ver o sorriso no rosto dela. Eu a conheci com uma expressão dolorosa e machucada com os monstros do seu passado, mas hoje via que ela era outra pessoa, Paola realmente se tornara a mulher incrível que eu sabia que era ela, e ver sua felicidade transbordar fazia com que eu me sentisse feliz por ela. Ela não era mais a minha maluquinha.



— Luis, se acalma — pediu Melissa ao me ver andando de um lado para o outro na maternidade.

— Não me peça calma, Melissa, não agora — falei enquanto andava de um lado do outro novamente, sem qualquer notícia da minha filha.

— Luis... — a voz da minha mãe fez com que eu parasse e olhasse para

ela, que me lançava um olhar de aviso e apontava para minha esposa, que estava com a cabeça baixa enquanto fungava.

Eu me senti um idiota por ter falado daquela maneira com ela, sabia que ela também estava preocupada, assim como eu. O rompimento da bolsa de Paola assustou a todos que estavam jantando na fazenda.

Vimos todos à maternidade, lotando praticamente toda a recepção. As gêmeas brincavam sentadas no chão com Nicolau e Austin, Arthur estava sentado ao lado de Bruna, vigiando Ivy que se entendia em chupar suas mãos gordinhas enquanto dava alguns sorrisos para Nathan.

Matt estava abraçado a Noemi, assim como Alberto abraçava Anne. Eu me sentei entre minha esposa e minha mãe e as abracei logo após de ter dado um beijo na testa de cada uma. Pedi desculpas a Melissa e me mantive ao lado delas até que o médico veio ao nosso encontro.

— Parentes de Paola Grohl.

— Somos nós — eu disse, me levantando de mãos dadas com minha esposa.

O médico olhou para todos que haviam ficado em pé na recepção.

— Diga algo, doutor — pediu Noemi impaciente.

— Bom... — ele começou. — O parto foi tranquilo e mãe e bebê estão muito bem.

Abracei Melissa me sentindo aliviado pela notícia e toda a família se tranquilizou. Fomos juntos ao quarto, mesmo sob os protestos da equipe médica. Fui na frente com Melissa e abri a porta do quarto para que todos pudessem

passar.

Paola tinha os cabelos amarrados de maneira qualquer, e ela estava levemente pálida enquanto olhava com amor para o pequeno corpinho em seus braços. Theo foi cumprimentar os pais enquanto eu caminhava até minha filha e beijava sua testa.

— Quer pegar sua neta?

— Neta? — perguntei olhando para o bebê em seus braços, com os cabelos loiros destacados e olhos azuis que piscavam enquanto ela se acostumava com a luz.

— Cuidado pra ele não desmaiar, Melissa — disse Nathan enquanto olhava a cena com atenção.

— Uma menina? — perguntei, pegando minha neta nos braços com cuidado.

— Sim, pai, uma menina — respondeu Paola com um sorriso.

— Já escolheu um nome? — perguntou Melissa enquanto beijava a testa da nova integrante da família.

— Pensamos em Gertrudes — disse Theo, me fazendo olhar para ele espantado.

— Minha neta não se chamará assim — protestei alto, o fazendo gargalhar.

— Ele está brincando, pai — disse Paola.

— E qual nome escolheram?

Ela olhou para o marido e, sorrindo, respondeu:

— Pérola, o nome dela é Pérola, pai.

— Lindo nome — eu disse, olhando para a Pérola em meus braços. — Bem-vinda à família Brown.

Capítulo 57

LUIS BROWN

Anos depois...

Caminhei até minha esposa, que estava deslumbrante em um longo vestido azul de alças finas.

Com o decorrer do tempo, seus cabelos, antes longos, agora estavam curtos, na altura dos ombros. Não me importava com as mudanças de visual, ela continuava linda, o corte de cabelo apenas a deixava ainda mais perfeita.

Peguei em sua mão dando-lhe um beijo e a trouxe para mais próximo do meu corpo, para que pudéssemos dançar a música que a pequena orquestra tocava.

— Você está deslumbrante — sussurrei em seu ouvido.

— Obrigada! Tenho que admitir que você também está muito bonitinho.

— Bonitinho? — perguntei, afastando um pouco o seu corpo do meu para que pudesse ver seu rosto com um sorriso. — Sou muito mais que um rostinho bonito, querida.

— Ah, sim! Com certeza, você é mais que um rosto bonito, amor. Primeiramente pelo fato de ter alugado um salão de festa somente para nós dois.

— Merecemos um momento a sós para começar nossos dez anos de casados — falei, a abraçando novamente e dançando com ela em silêncio por um tempo.

Senti sua mão alisando meu abraço e a ouvi sussurrar:

— Prometa não ficar bravo.

Eu me afastei novamente e a vi morder o lábio.

— O que você fez? — perguntei com medo de saber a resposta.

— Digamos que não estejamos sozinhos aqui.

Eu a encarei sem reação, desviei o olhar para seu ventre e voltei a olhá-la novamente.

— Você está grávida? — perguntei, sentindo um sorriso se formar em meus lábios.

— Não, amor — respondeu ela, fazendo com que meu sorriso sumisse.

— Não entendi. Se não for um novo bebê ou a orquestra, estamos sozinhos aqui.

— Bom...

— Você contou para minha mãe... — suspirei, adivinhando o que ela gostaria de dizer.

— Não consigo esconder nada dela — respondeu ela.

— E ela não consegue esconder nada da família inteira.

— Estou ouvindo Luis Walker Brown, me respeite! Não sou uma velha fofoqueira — disse minha mãe, me fazendo olhar para o salão, antes vazio, e agora cheio com a nossa família.

Recebi um abraço da minha mãe e olhei para Melissa, que me lançava um sorriso de desculpas, enquanto arrumava a gravata borboleta de Nicolau.

— Parabéns pelo aniversário de casamento, filho.

— Obrigado, mãe — agradei, me afastando dos seus braços.

— Não me olhe assim, sua mania de fazer tudo sozinho é ridícula. Com a família é tudo melhor.

— Queria um tempo sozinho com a minha mulher.

— Deixamos vocês por dois minutos sozinhos, já foi o suficiente — respondeu ela sorrindo e se afastou para ir na direção de Noemi e Matt.

— Não fique bravo com ela — pediu Melissa, tocando meu peito e apoiando sua cabeça. — Ela estava tão animada que eu não pude dizer não.

— Não estou brava com ela — respondi, beijando o topo da sua cabeça. — Eu amo a nossa família, só que momentos a sós com você são raros.

— Foi você quem quis ter centenas de filhos, e podemos ficar sozinhos na nossa casa.

— Com as crianças? Impossível.

— Quem disse que as crianças vão estar em casa? — Olhei para ela sem entender e logo ela respondeu: — Meus pais vão ficar com eles e a casa será só nossa.

— Não me tente, Melissa Brown.

— Estou apenas o deixando avisado, Sr. Brown. — Ela ficou na ponta dos pés e sussurrou em meu ouvido: — Comprei uma coisinha especial pra essa noite. — E se afastou após falar.

— Melissa...

— Só de noite, querido. — Sorriu e se afastou.

Ah, Diaba!

Peguei um champanhe dos garçons que passeavam pelo local e tomei um gole enquanto a pequena orquestra tocava para todos.

— Pérola! — gritou Paola chamando a filha que corria na minha direção com os bracinhos abertos.

— Ei, princesinha. — Eu me abaixei para receber um abraço da minha neta e a peguei no colo. — Saudades do vovô? — perguntei, fazendo com que ela confirmasse e afastasse a mecha de cabelo loiro que estava na frente do seu rosto.

— Filha, o que já conversamos sobre correr? Você poderia ter caído.

— Vovô! — falou a pequena abraçando meu pescoço e escondendo o rosto da mãe.

— Deixa ela, filha, acho que ela quer uma dança com o vovô, não é mesmo querida? — Pérola afastou seu rosto do meu pescoço e concordou. — Então vamos dançar.

Direcionei-me à pista vazia e abracei minha neta nos braços enquanto seguia a melodia clássica. Quando estava no meio da música sentir algumas mãozinhas em minhas pernas, olhei para baixo e vi Kylie e Holly sorrindo para mim.

— Dança com a gente também, papai — disseram as duas, juntas.

— Eu fico com ela agora, Luis — disse Theo pegando a filha dos meus braços e se afastou caminhando até a esposa, que o esperava.

Dancei com as gêmeas enquanto Melissa dançava com Nicolau, Bruna com Austin e Arthur, Nathan com Ivy, Theo com a filha e a Paola, Matt com Noemi e Alberto com Anne. Olhei para a lateral da pista de dança e vi minha mãe observando tudo em silêncio.

— Que tal vocês irem brincar um pouquinho? — perguntei às meninas.

— Tá bom! — gritaram elas, saindo correndo pelo salão.

Caminhei até minha mãe e estendi minha mão para ela.

— Me daria a honra?

— Quer dançar comigo? — perguntou ela surpresa.

— Se não quiser, entenderei, mas fique você sabendo que sou o mais bonitão daqui.

— Quem lhe disse isso? — perguntou ela sorrindo.

— Não precisa falar, sei que sou — respondi arrumando minha gravata e lançando para ela uma piscadela.

— Tão modesto — murmurou ela, pegando em minha mão. Eu a levei até o centro da pista.

— Obrigado, mãe.

— Está me agradecendo pelo que exatamente?

— Por ter cuidado de mim e do Nathan com garra e sem qualquer ajuda. Você nos ensinou o exemplo de família. Acho que nunca te agradei por ter criado em mim o homem que sou hoje.

— Oh, querido! — ela disse chorosa, me abraçando apertado.

— Mesmo te achando uma velha fofqueira, eu te amo, mãe.

Ela me deu um tapa no peito e disse enquanto secava as lágrimas:

— Eu não sou velha nem fofqueira, Luis — protestou. — Apenas não sou baú para esconder nada.

— É uma ótima desculpa.

— Mesmo você estragando nosso momento mãe e filho. Eu também te amo.

Beijei sua testa e a conduzi na dança em silêncio.



Havia várias maneiras de se explicar o significado da palavra família, mas nenhuma delas era capaz de explicar a família Brown. Não éramos uma família normal, e acho que nunca seríamos, mas, apesar de tudo, continuávamos sendo uma família.

Éramos mais que uma ligação de sangue e afeto. Éramos unidos, apesar das diferenças e dificuldades. Sentíamos as dores e os amores dos outros membros da família e sempre ajudávamos àqueles que precisavam, não importava de que fosse, nossa família era úmida em qualquer situação. Éramos uma só família, e essa família não tinha explicação para ser como era. Ela simplesmente era, e isso bastava.

Éramos Brown, e ser um Brown era ser inexplicável.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente, lógico, a Deus, que me proporcionou um dom tão maravilhoso, e não poderia me esquecer dos meus amados leitores do Wattpad, os quais tenho o carinho imenso de chamar de “MEUS AMORES”, afinal, são eles que me fazem sentir inspirada a escrever cada vez mais e mais. Eles que torceram muito para o casal #MeLU, sem nem mesmo saberem que haveria um livro exclusivo para eles. Agradeço também à Editora Angel, maravilhosa, que acreditou nas minhas obras e me acolheu como parte de uma grande família.

Biografia

Andressa Raquel nasceu em Alvorada do Oeste – RO, onde vive até hoje. Vinte e um anos e solteira, sempre gostou de escrever peças de teatros para o colégio. Apaixonada por livros desde sua vida estudantil, se encantou por romances e em 2015 começou a escrever, assim descobrindo sua paixão.

Editora Angel
VISITE O NOSSO SITE

WWW.EDITORAAANGEL.COM.BR

Table of Contents

<u>Capítulo 1</u>
<u>Capítulo 2</u>
<u>Capítulo 3</u>
<u>Capítulo 4</u>
<u>Capítulo 5</u>
<u>Capítulo 6</u>
<u>Capítulo 7</u>
<u>Capítulo 8</u>
<u>Capítulo 9</u>
<u>Capítulo 10</u>
<u>Capítulo 11</u>
<u>Capítulo 12</u>
<u>Capítulo 13</u>
<u>Capítulo 14</u>
<u>Capítulo 15</u>
<u>Capítulo 16</u>
<u>Capítulo 17</u>
<u>Capítulo 18</u>
<u>Capítulo 19</u>
<u>Capítulo 20</u>
<u>Capítulo 21</u>
<u>Capítulo 22</u>
<u>Capítulo 23</u>
<u>Capítulo 24</u>
<u>Capítulo 25</u>
<u>Capítulo 26</u>
<u>Capítulo 27</u>
<u>Capítulo 28</u>
<u>Capítulo 29</u>
<u>Capítulo 30</u>
<u>Capítulo 31</u>
<u>Capítulo 32</u>
<u>Capítulo 33</u>
<u>Capítulo 34</u>
<u>Capítulo 35</u>

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Capítulo 54](#)

[Capítulo 55](#)

[Capítulo 56](#)

[Capítulo 57](#)

[Agradecimientos](#)

[Biografía](#)

[Editora Angel](#)